



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - MESTRADO E DOUTORADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

LEILA SILVANA PONTES

“NÃO HÁ RITUAL SEM FALHAS”: LAMENTAÇÕES, DENÚNCIAS E
RESISTÊNCIA - RELAÇÃO MATRIMONIAL NO DISCURSO DE MULHERES
EVANGÉLICAS

CASCADEL - PR
2023

LEILA SILVANA PONTES

“NÃO HÁ RITUAL SEM FALHAS”: LAMENTAÇÕES, DENÚNCIAS E
RESISTÊNCIA - RELAÇÃO MATRIMONIAL NO DISCURSO DE MULHERES
EVANGÉLICAS

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - para obtenção do título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Letras - nível de Mestrado e Doutorado - área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos Discursivos: Memória, Sujeito e Sentido.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Cattelan

CASCADEL - PR
2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste

Pontes, Leila Silvana
?NÃO HÁ RITUAL SEM FALHAS?: lamentos, denúncias e
resistência no discurso de mulheres evangélicas / Leila
Silvana Pontes; orientador JOÃO CARLOS CATTELAN. --
Cascavel, 2023.
234 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade
Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Letras, 2023.

1. Discourse Analysis. 2. Evangelical Woman?. 3.
Matrimonial Relationship?. 4. Resistance. I. CATTELAN, JOÃO
CARLOS , orient. II. Título.

LEILA SILVANA PONTES

“NÃO HÁ RITUAL SEM FALHAS”: Lamentações, denúncias e resistência - relação matrimonial no discurso de mulheres evangélicas

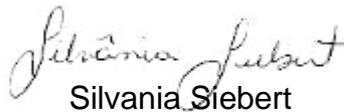
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade, APROVADA pela seguinte banca examinadora:



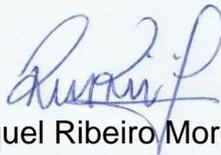
Orientador(a) - João Carlos Cattelan



Giovanna Gertrudes Benedetto Flores



Sylvania Siebert



Raquel Ribeiro Moreira



Luciane Thomé Schröder

Cascavel, 03 de março de 2023

Com amor, que me move e me inspira, ao meu primeiro e mais significativo exemplo de resistência e de ruptura, Maria José Pontes, minha “Mãe Mazé”, a mulher que me ensinou a vencer o mundo.

AGRADECIMENTOS

Ao sobrenatural, a quem eu significo “Deus”.

A Michel Pêcheux, por me (nos) apresentar a Análise de Discurso, um divisor de águas em minha vida, um encontro de identificação e de (auto) conhecimento.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIOESTE, pela oportunidade de crescimento intelectual, por me abrir novas janelas e, sobretudo, pelo acolhimento generoso em momentos tão difíceis.

A meu orientador, Prof. Dr. João Carlos Cattelan, por sua generosidade, profissionalismo, prontidão e paciência e, por, apesar de todo seu conhecimento, orientar-me com humildade, de maneira sempre esclarecedora, calma e gentil.

À banca composta por grandes mulheres: as professoras Dra. Giovanna Benedetto Flores, Dra. Silvânia Siebert, Dra. Luciane Thomé Schröder, Dra. Raquel Ribeiro Moreira, pela gentileza de contribuírem com leituras e apontamentos valiosos para a tessitura desta tese.

Às secretárias, Tatiana de Oliveira Borges e Magaly Lindbeck Guimarães, pelo excelente trabalho e exímio suporte dedicados; fui, sempre, prontamente, atendida em meus requerimentos, em minhas necessidades e dúvidas.

Aos amigos Alex Lourenço, Eliana Santos, Eliane Kirst, Marcelo Nicomedes, Márcia Serschon, Sandra Dalbello e Rafael Fortes pelo amparo em muitos momentos significativos e relevantes.

Aos amigos do projeto de extensão “Divulgação do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) nas mídias digitais”: professora Dra. Dantielli Garcia, Alcemar Araújo, Leidiane Marques, Leila Gonzáles, Paulo Henrique, Ralph Willians e Jorge Berndt, pelo acolhimento, conhecimento e alegrias compartilhados.

À estimada Karla Martins, mais que amiga, irmã de alma e de coração, por ser um presente e por estar presente; por me acompanhar e me amparar nesta jornada, sempre com palavras de apoio, mãos estendidas e um sorriso de otimismo e de verdade; por inúmeros motivos que não cabem aqui.

Ao amigo Adenilson Albuquerque, pelo exemplo; pelo apoio sempre; por, em momentos de desânimo, ser, para mim, inspiração e parceria.

Ao meu amigo Marcelo Rodrigues, pelo incentivo que me impulsionou a estar aqui neste momento; pelas idas e vindas carregadas de afeto e cumplicidade.

Aos meus avós, Maria Benigna Pontes e Joel Cassiano Pontes (in memoriam), “pelo pão de cada dia”, pelo amor incondicional, pela consciência de luta de classes.

À minha mãe Maria José Pontes, pela luta incansável; pelas manhãs que se levantou e trabalhou por mim; pelos passos dados sozinha em direção ao meu futuro; pelas “mínimas” conquistas, que fizeram diferença em nossas vidas; pelos obstáculos vencidos; por ser a razão de tudo.

Ao meu esposo Rodrigo Fernandes Pereira, pelo amor, pela cumplicidade, pela ternura, pela amizade; por ser um lugar de cura e de conforto; por ser, num lugar de dominância masculina, o deslize, a ruptura, a parceria.

“As rosas da resistência nascem no
asfalto” (Marielle Franco).

PONTES, Leila Silvana. “**Não há ritual sem falhas**”: lamentações, denúncias e resistência - relação matrimonial no discurso de mulheres evangélicas. 234 f. Tese. (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2023.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Cattelan

RESUMO

A pesquisa que se apresenta, amparada em estudos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, cunhada pelo filósofo Michel Pêcheux, analisa o discurso de mulheres evangélicas sobre relações familiares e matrimoniais. O *corpus* do trabalho consiste em recortes de pregações da pastora Helena Tannure (vídeos), veiculadas pelo *Youtube*, e em depoimentos referentes a essas pregações, enunciados por mulheres evangélicas que têm dificuldades em seus relacionamentos. Em relação à seleção do *corpus*, o critério para a escolha das pregações se deu pelo interesse da analista sobre as temáticas e, quanto aos depoimentos, o critério foi o fato de as mulheres abordarem a relação familiar e matrimonial e depoimentos sobre seus companheiros. O estudo parte do postulado de Pêcheux (2014, p. 281) de que “não há dominação sem resistência” e, portanto, defende a tese de que as mulheres do *corpus*, mesmo perpassadas por uma ideologia religiosa de base patriarcal, que impõe a elas submissão ao homem, instaurando um relacionamento hierárquico no qual elas são consideradas inferiores a eles, além de limitá-las ao espaço privado, contradizem e confrontam a ideologia dominante e fazem ouvir a sua voz, uma voz de insubmissão, portanto de resistência. Diante disso, o objetivo central da pesquisa é observar, no *corpus*, onde o ritual falha, a fim de desconstruir as evidências produzidas pela ideologia dominante de que a mulher, no enquadramento singular delimitado para este estudo, seja, genuinamente, passiva e conformada com a situação de submissão. O objetivo geral encaminhou a análise para objetivos específicos, haja vista entender, discursivamente, como funciona a resistência dessas mulheres e como a resistência resulta em ruptura, fato que direcionou a pesquisa para lapsos de linguagem, memória discursiva e negação presentes no *corpus*. A partir disso, buscou-se entender como essas mulheres significam sua posição-sujeito dentro dos relacionamentos familiares e matrimoniais e como o homem é discursivizado. Para auxiliar este estudo, junto a conceitos da Análise de Discurso, o *corpus* levou a acionar saberes sobre termos religiosos e, também, sobre conceitos da Psicanálise. Assim, destacaram-se o termo ‘evangélico’ e o conceito de Lapsos de Linguagem/Ato Falho; de Memória Discursiva e de Negação. Dentre os principais nomes que embasam esta pesquisa, estão: Pêcheux (1999, 2014, 2015), Freud (2014, 1966 [1901]), Orlandi (2015, 2017), Cunha (2007), Lerner (2019), Muraro (1995) e Anderson (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Mulher Evangélica; Relação Matrimonial; Resistência; Ruptura Ideológica.

PONTES, Leila Silvana. “**There is no ritual without flaws**”: lamentations, denunciations and resistance - marriage relationship in the words of evangelical women. 234 f. Thesis. (Doctorate in Letters) State University of Western of Parana – UNIOESTE, 2023.

Advisor: Prof. Dr. João Carlos Cattelan

ABSTRACT

The present research, supported by theoretical and methodological studies of the French Discourse Analysis coined by the philosopher Michel Pêcheux, analyzes the discourse of evangelical women about family and marriage relationships. The corpus of the work consists of clippings of sermons by Pastor Helena Tannure (videos) broadcast on *Youtube* and testimonial referring to these sermons, enunciated by evangelical women who have difficulties in their relationships. Regarding the selection of the corpus, the criterion for choosing the sermons was due to the interest of the analyst in the themes and, about the testimonies, the criterion was the fact that the women approached about their family and marriage relationship and comments about your companions. The study departs from the postulate of Pêcheux (2014, p. 281) that “there is no domination without resistance” and, therefore, defends the thesis that the women of the corpus, even permeated by a religious ideology of patriarchal basis, which imposes them submission to man, establishing a hierarchical relationship, in which they are considered inferior to them, in addition to limiting them to the private space. They contradict and confront the dominant ideology and make their voice heard, a voice of insubmission, therefore of resistance. In view of this, the central objective of the research is to observe, in the corpus, where the ritual fails, in order to deconstruct the evidence produced by the dominant ideology that the woman, in the singular framework delimited for this study, is genuinely passive and conformed to the submission status. The main objective directs the analysis towards specific objectives, considering that understand discursively how these resistance works of these women and how the resistance results in rupture, a fact that directed the research to language lapses, discursive memory and denial present in the corpus. From this, It was sought to understand how these women signify their subject position within family and marriage relationships and how men are discoursed. To help this study, along with concepts of Discourse analysis, the corpus led to trigger knowledge about some religious terms and also about Psychoanalysis concepts. Thus, the term 'evangelical' and the concept of Language Lapses/ Failure were highlighted; of Discursive Memory and Negation. Among the main names that support this research are: Pêcheux (1999, 2014, 2015), Freud (2014, 1966 [1901]), Orlandi (2015, 2017), Cunha (2007), Lerner (2019), Muraro (1995), e Anderson (2019).

KEYWORDS: Discourse Analysis; Evangelical Woman; Matrimonial Relationship; Resistance; Ideological rupture.

PONTES, Leila Silvana. “No hay ritual sin fallas”: lamentaciones, denuncias y resistencia en el decir de mujeres evangélicas. 234 f. Tesis. (Doctorado en Letras). Universidad Estatal del Oeste de Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2023.

Director: Prof. Dr. João Carlos Cattelan

RESUMEN

La investigación que se presenta, respaldada en estudios teóricos y metodológicos del Análisis de Discurso de línea francesa, acuñado por el filósofo Michel Pêcheux, analiza el discurso de mujeres evangélicas sobre relaciones familiares y matrimoniales. El *corpus* del trabajo consiste en recortes de predicaciones de la predicadora Helena Tannure (videos), vehiculizadas por el *Youtube*, y en deposiciones referentes a esas predicaciones, enunciadas por mujeres evangélicas que tienen dificultades en sus relaciones. Con relación a la selección del *corpus*, el criterio para la elección de las predicaciones se dio por el interés de la investigadora sobre las temáticas y, en cuanto a las deposiciones, el criterio fue el hecho de las mujeres abordar la relación familiar y matrimonial y declaraciones sobre sus parejas. El estudio parte del postulado de Pêcheux (2014, p. 281) de que “no hay dominación sin resistencia” y, por lo tanto, defiende la tesis de que las mujeres del *corpus*, aunque permeadas por una ideología religiosa de base patriarcal, que impone a ellas sumisión al hombre, instaurando una relación jerárquica, en que ellas son consideradas inferiores a ellos, además de limitarlas al espacio privado, contradicen y confrontan la ideología dominante y hacen oír a su voz, una voz de insumisión, por lo tanto de resistencia. Delante de eso, el objetivo central de la investigación es observar, en el *corpus*, dónde el ritual falla, a fin de deconstruir las evidencias producidas por la ideología dominante de que la mujer, el encuadramiento singular delimitado para este estudio, sea, genuinamente, pasiva y conformada con la situación de sumisión. El objetivo general encaminó el análisis para objetivos específicos, en vista de entender, discursivamente, cómo funciona la resistencia de esas mujeres y cómo la resistencia resulta en ruptura, hecho que encaminó la investigación para lapsos de lenguaje, memoria discursiva y negación presentes en el *corpus*. A partir de eso, se buscó entender cómo esas mujeres significan su posición-sujeto dentro de las relaciones familiares y matrimoniales y cómo el hombre es discursivizado. Para auxiliar este estudio, junto a conceptos del Análisis de Discurso, el *corpus* llevó a accionar saberes sobre términos religiosos y, también, sobre conceptos del Psicoanálisis. Así, se destacaron el término ‘evangélico’ y el concepto de Lapsos de Lenguaje/Acto Fallido; de Memoria Discursiva y de Negación. Entre los principales nombres que basan esta investigación, están: Pêcheux (1999, 2014, 2015), Freud (2014, 1966 [1901]), Orlandi (2015, 2017), Cunha (2007), Lerner (2019), Muraro (1995), y Anderson (2019).

PALABRAS CLAVE: Análisis de Discurso; Mujer Evangélica; Relación Matrimonial; Resistencia; Ruptura Ideológica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O CORPUS NA INTERFACE DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: DESCRIÇÃO DO MÉTODO E ALGUNS PRÉ-CONSTRUÍDOS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MULHER EVANGÉLICA	22
1.1 O SUJEITO DO <i>CORPUS</i> E O ATRAVESSAMENTO DO DISCURSO RELIGIOSO.....	23
1.2 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA: DESCRIÇÃO E PROCEDIMENTOS.....	26
1.3 PRÉ-CONSTRUÍDOS: O 'SEMPRE-JÁ-AÍ' DA INTERPELAÇÃO IDEOLÓGICA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MULHER EVANGÉLICA.....	31
1.3.1 NARRATIVAS BÍBLICAS E CAÇA ÀS BRUXAS - PRÉ-CONSTRUÍDOS DE DOMINAÇÃO MASCULINA.....	37
1.3.2 NARRATIVAS BÍBLICAS E CAÇA ÀS BRUXAS - VIOLÊNCIA, MEDO E CULPA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO FEMININO.....	51
1.3.3 CURSO MULHER ÚNICA - DISCURSO DE SUBMISSÃO COMO ORDEM DIVINA: A ANULAÇÃO DA MULHER EVANGÉLICA.....	55
1.4 EFEITO DE SENTIDO DE EMPODERAMENTO DA MULHER EVANGÉLICA, DISCURSO RELIGIOSO E INTERESSES FINANCEIROS - A IDEOLOGIA QUE "SUSTENTA" TANNURE.....	69
1.5 FORMA-SUJEITO: IDENTIFICAÇÃO, CONTRAIDENTIFICAÇÃO, DESIDENTIFICAÇÃO - O INELUTÁVEL ASSUJEITAMENTO IDEOLÓGICO.....	76
2 LAPSOS DE LINGUAGEM - CONTRIBUIÇÕES DE FREUD PARA UMA ESCUTA DISCURSIVA	81
2.1 LAPSOS DE LINGUAGEM PARA ALÉM DE ASPECTOS FONÉTICOS E ESTRUTURAIS: O INCONSCIENTE QUE ESCAPA - FATORES EXTERNOS E TRAÇOS EMOTIVOS DO SUJEITO.....	83
2.2 LAPSOS: O INCONSCIENTE QUE SE REBELA - RECALQUE COMO FORMA DE PROTESTO.....	90
3 MEMÓRIA DISCURSIVA: O PONTO ENTRE O MESMO E A METÁFORA	119
3.1 MEMÓRIA DISCURSIVA: REPETIÇÃO, REGULARIDADE E DESLOCAMENTO - LAMENTO, VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA NO ENLACE MATRIMONIAL.....	125
3.2 MEMÓRIA DISCURSIVA: REPETIÇÃO, REGULARIDADE, RESISTÊNCIA E LAMENTO - UM RECORTE DE RELAÇÃO MATRIMONIAL.....	145
4 NEGAÇÃO: DISCURSO OUTRO E ESFACELAMENTO IDEOLÓGICO	154
4.1 IDEOLOGIA E RESISTÊNCIA: UMA RELAÇÃO PARADOXAL.....	161
4.2 NEGAÇÃO E ESFACELAMENTO IDEOLÓGICO: DISCURSO DE REVOLTA, INSATISFAÇÃO E DENÚNCIA - UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E DE RUPTURA	163
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	209
REFERÊNCIAS	218

INTRODUÇÃO

Esta tese possui como tema o discurso de mulheres evangélicas sobre relações matrimoniais e familiares em condições de produção determinadas. No século XXI, no meio religioso evangélico¹, ainda é comum, ao se falar sobre enlace matrimonial, estabelecerem-se funções bem definidas para homens e mulheres, significando-os por antigos parâmetros renitentes no tempo e na história, pelo “efeito de *pré-construído como modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito... ao mesmo tempo em que ‘é sempre-já-sujeito’*” (PÊCHEUX, 2014, p. 142). Esses parâmetros polarizam normativas de gênero e regras de comportamento, sugerindo uma memória de que sujeitos masculinos são fortes e aptos para os negócios; enquanto mulheres, seres frágeis, criadas, essencialmente, para a maternidade e para se dedicar ao lar (BARBOSA; SILVA, 2016).

Sobre esses parâmetros, em muitas religiões, segundo Pimenta, Santos e Santos (2020, p. 93), há “uma tendência à predominância da subserviência feminina, de modo que algumas são privadas de mostrar a face, ignoradas, menosprezadas ou completamente silenciadas”. Entende-se, portanto, a necessidade de olhar para essas mulheres que ocupam bancos de templos evangélicos e observar se os discursos dos quais elas se alimentam não se configuram como muros, capazes de lhes impedir o avanço para terrenos que representem ameaças ao conforto do domínio masculino. Discursos esses reproduzidos tanto por homens quanto por mulheres que sinalizam sujeição da mulher ao homem, significando-as como sujeitos passivos e conformados com essa condição de suposta inferioridade em relação à figura masculina. Discursos esses que parecem naturalizados por sujeitos cristãos evangélicos, como mostram os recortes abaixo, enunciados por diferentes lideranças evangélicas e por cristãos comuns. Em

¹ O termo ‘evangélico’ tem um efeito de sentido sectário, pois, segundo Cunha (2007), foi utilizado por missionários que firmavam forte laços com o evangelho (textos bíblicos) e utilizado para definir a identidade das igrejas protestantes em território brasileiro a fim de marcar distinção em relação a outros cristãos, os quais professavam a fé católica. Era utilizado por missionários norte-americanos, conservadores protestantes, que se colocavam como fiéis ao evangelho e que se distanciavam da Ciência e da razão humana, identificavam-se como “*evangelicals* ou evangélicos” e tinham o objetivo de promover “o movimento das Alianças Evangélicas em todo o mundo” (CUNHA, 2007, p. 13), visando à unificação dos protestantes para uma luta contra a fé católica, considerada por eles como obstáculo para a ascensão do projeto missionário protestante, que se deu na segunda metade do século XVIII. Esse movimento teve, no século XX, forte impacto sobre o Brasil e, por influência, “Muitas denominações brasileiras acrescentaram aos seus nomes a expressão ‘evangélico’ para designar adeptos das igrejas não-católicas” (CUNHA, 2007, p. 14).

Então você tá vendo mulheres galgando posições na sociedade que não lhes pertencem, a liderança do lar, a liderança do Estado, a liderança de repartições que cabem ao homem e não à mulher [...] Ela é mais que ele. Ela estudou, tem diploma que ele não tem. E o homem tá perdido no seu papel. Ele não sabe se ele manda, se ele tem condição de mandar, de dirigir, de presidir, é uma das coisas horrorosas desse pós-modernismo... é tirar a voz ativa do homem, a virilidade do homem, a macheza do homem e o governo do homem (JÚNIOR, 2021, s. p.)²,

tem-se o enunciado do pastor evangélico Paulo Júnior³, o qual ministra a pregação com o tema “O Papel da mulher” para uma igreja batista. Segundo o que enuncia, não cabe ao gênero feminino, nesse “papel”, qualquer tipo de liderança, nem civil nem política, nem mesmo do lar, além de que crescer socialmente não é um direito da mulher e uma conquista profissional, como um diploma, por exemplo, significa afronta ao gênero masculino, significa erro, algo que desestrutura o homem, por afetar sua virilidade e autoridade. O pastor diz, embora esteja silenciado, que o lugar destinado à mulher é a invisibilidade da esfera privada e que, de preferência (ou por imposição), a mulher não supere, intelectualmente, o marido, a quem cabe a esfera pública.

Na mesma linha, o líder evangélico Edir Macedo⁴, fundador da igreja Universal do Reino de Deus, declarou, em uma de suas reuniões, na presença de sua família e de inúmeros fiéis, que a mulher não deve estudar mais que o marido, pois, caso ela tenha maior formação, mais conhecimento que o cônjuge, pode se tornar o “cabeça” da relação e tirar a autoridade dele:

Entendeu o que estou falando? Não estou contra você estudar e se formar não, mas no caso delas, eu não as criei pra servirem a si mesmas, eu as criei para servir ao Senhor. Então você vai fazer até o

² JÚNIOR, Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N-wpKpwzaPY>. Youtube (29m21s): 13 abr. 2021. Acesso em: 21 jun. 2021.

³ “Paulo Junior é pastor, escritor e conferencista. É pastor titular da Igreja Aliança do Calvário, localizada em Franca, estado de São Paulo. Atualmente, estuda no London Reformed Baptist Seminary, presidido pelo Tabernáculo Metropolitano de Charles Spurgeon, em Londres. Já pregou o Evangelho de Cristo em países da América do Sul, América do Norte, Europa, Leste Europeu e África. É fundador e presidente da Sociedade Missionária Defesa do Evangelho, que tem como objetivo dar suporte a missões no Brasil, África e Europa, editar e publicar livros, cursos e material online”. DEFESA DO EVANGELHO SOCIEDADE MISSIONÁRIA. Pr. Paulo Júnior. Disponível em: <https://defesadoevangelho.com.br/sobre/pastor-paulo-junior/>. Acesso em: 27 jun. 2021.

⁴ “Edir Macedo (1945) é um líder religioso e empresário brasileiro, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. É também escritor religioso [...] em 2014 o bispo inaugurou a sede mundial da Igreja Universal do Reino de Deus, construída em São Paulo, no bairro do Brás. O templo é o maior espaço religioso do país, é uma réplica do Templo de Salomão, citado na Bíblia [...] A Igreja Universal do Reino de Deus possui 08 milhões de fiéis pelo mundo, e igrejas em mais de 170 países”. E-BIOGRAFIA. Disponível em: https://www.ebiografia.com/edir_macedo/. Acesso em: 23 de jun. 2021.

ensino médio, depois você vai, se você quiser fazer a Faculdade, você... cê que sabe, mas até o seu casamento você vai ser apenas uma de... uma pessoa de ensino médio. Porque... deixa eu falar pra você... se a Cristiane, venha cá Cristiane, se ela fosse, presta atenção! Na minha visão, se ela fosse doutora e tivesse um grau de conhecimento elevado e encontrasse um rapaz que tivesse conhecimento, um grau de conhecimento baixo, ele não seria o cabeça, ela seria o cabeça, não é isso? (YOUTUBE, 2021, s. p.)⁵

Para Fachin e Rosa (2020), é a educação plena que confere o primeiro passo para a emancipação feminina, para a igualdade material, para a proteção da mulher e para seu acesso a direitos. Porém, segundo o que o bispo enuncia, cabe à mulher se retrair, colocar limites a si mesma, abrir mão do que poderia conquistar para não correr o risco de estar em um relacionamento no qual ela seja superior. O líder religioso expõe aos fiéis esse posicionamento como uma regra, um preceito divino a ser seguido, pois ele afirma para os membros da igreja que ‘eu não as [as filhas] criei pra servirem a si mesmas, eu as criei para servir ao Senhor’. Com o homem equivalendo a “Senhor”, os parâmetros de hierarquia são reiterados, desse modo, o homem surge como liderança no casamento e a mulher é colocada em posição de negação de si mesma, submissa ao outro, e essa situação é apresentada como ideal.

A ideologia de dominação masculina também é reproduzida em vozes femininas. Nesse caso, por exemplo, quanto ao relacionamento conjugal, a cantora e também pastora evangélica Ana Paula Valadão⁶, filha do pastor Márcio Valadão, que ficou mais de 50 anos na liderança da Batista da Lagoinha⁷, abdicando da direção da igreja somente em dezembro de 2022, reproduz discursos de submissão feminina, de anulação da mulher em prol da ideia de soberania do marido, significando essa

⁵ YOUTUBE. Edir Macedo diz que a mulher não deve estudar mais do que o marido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EZs59KInUnQ>. Acesso em: 27 jun. 2021.

⁶ “Nascida em 16 de maio de 1976 em Belo Horizonte, ela é uma das mais influentes cantoras de música gospel do Brasil. Filha do pastor Márcio Valadão e da pastora Renata Valadão, líderes da Igreja Batista da Lagoinha. A cantora começou sua carreira no grupo que surgiu dentro de sua igreja denominado Diante do Trono. Além de cantora Ana Paula Valadão é compositora, instrumentista, escritora, pastora, apresentadora e personalidade gospel internacional, sendo, inclusive, participante como pastora e ministra de louvor na *Gateway Church*. A cantora é casada com o pastor e advogado, Gustavo Bessa e tem dois filhos sendo eles Isaque Valadão Bessa e Benjamin Valadão Bessa. O sucesso como cantora gospel de Ana Paula Valadão não é apenas pelo Ministério de Louvor Diante do Trono, mas também pela sua carreira solo. Um dos momentos mais importantes da carreira da cantora ocorreu em 2003 quando Ana Paula Valadão com o Diante do Trono levou mais de 2 milhões de expectadores no Campo de Marte em São Paulo, inclusive, com ampla divulgação dos jornais e tv’s do país”. BIOGRAFIARESUMIDA.COM.BR. Biografia de Ana Paula Valadão. Disponível em: <https://biografiaresumida.com.br/ana-paula-valadao/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

⁷ Igreja a que pertence a pastora Helena Tannure.

postura como algo fácil, tranquilo e natural. Ao falar de seu casamento, enquanto modelo a ser seguido por outras mulheres, ela afirma:

dentro dessa parceria, do casamento, nós conversamos, quando ele tem uma opinião diferente da minha, é muito fácil, para mim, fazer que... abrir mão da minha vontade, abrir mão da minha posição para honrá-lo, porque a palavra dele é a palavra final⁸ (VALADÃO, 2017, s. p.).

O que a pastora/cantora Ana Paula Valadão chama de ‘parceira’ corresponde a um casamento em que apenas um dos cônjuges, o homem, tem seus desejos e pontos de vista prontamente atendidos, priorizados. O esposo não é confrontado, conforme ela mesma enuncia, a vontade dele reina e ela parece confortável com isso.

No enunciado abaixo, um fiel sustenta:

Uma vez ouvi um pastor dizer o seguinte: ‘Como você tem coragem de cantar REINA SOBRE MIM para um macho chamado Jesus, que você não vê; e não tem coragem de dizer REINA SOBRE MIM para o seu marido, que você abraça, que você vê, e que se esforça para te amar do mesmo jeito que Jesus ama a igreja?’ (LIMA, 2017, s. p.)⁹.

Esse sujeito reporta a voz de um pastor para argumentar, em concordância com ele, que o homem deve “reinar” sobre a mulher. Além de o significativo produzir efeitos de sentido de dominância e de governo do homem sobre a mulher, no discurso reportado, há um deslize, pois o pastor coloca o marido em situação mais elevada que a do próprio Jesus, o ícone maior das igrejas evangélicas, isso porque o marido está presente, é tangível e Jesus não. Neste sentido, o aspecto humano de um ser carnal se sobrepõe ao de nível espiritual, reiterando a hierarquia.

Na defesa da altivez masculina, é exigido que a submissão não seja entendida apenas como respeito e obediência, mas como o comportamento próprio de alguém declarado, biblicamente, inferior, conforme o enunciado abaixo, em que o fiel replica, como um princípio bíblico, uma lei considerada divina que sustenta a concepção de que o homem tem mais autoridade que a mulher:

Que meigo! Ser submissa é apenas uma expressão que na verdade significa respeitar. Já o amar a mulher como Cristo ama a igreja e dar

⁸ TEM DE TUDO. Ministração sobre casamento: Ana Paula Valadão e Gustavo. 2017. *Youtube* (01h03m). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x3C9eF_OwJE. Acesso em: 27 de jun. 2021.

⁹ TANNURE, Helena. Pílulas para Elas: “Submissão... a necessidade dos homens”. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz-9-fBiGW8>. Acesso em: 03 jul. 2021.

a vida por essa mulher é isso aí mesmo, literalmente. Que lindo... Gostaria de lembrá-la que nem a língua grega e nem a linguística de Paulo sofriam de carência de palavras. Já existia o verbo respeitar e se nesse texto ele escreveu sede submissa é porque o que ele quis dizer nesse texto é sede submissa! Inclusive, respeitar é papel de todo o ser humano para com todos e tudo, o não fazê-lo pode ser até crime. Infelizmente, o cristianismo contemporâneo, acuado pela falácia feminista, passou a fazer pausa toda vez que lê esse texto para mudar o termo submissa por meio de uma resignificação e suavização terminológica. E, quase sempre, justificando que é porque 'tem muito homem que confunde'. Conversa! Apenas parte do processo de secularização da igreja, feminismo gospel pós-moderno.

[...]

Óbvio que não deve ser submissa a um tirano! Óbvio que não deve maltratar, oprimir, tratá-la como objeto, empregada e quase escrava, né?! Mas, isso não dá direito de mudar o versículo e dizer que submissão é só 'respeitar'. Aí ela faz de conta que é submissa só para o homem cumprir a outra parte do versículo, que é 'amá-la como Cristo ama a Igreja e dar a vida por ela'. Submissão não é opressão, mas também não é igualdadezinha. Submissão fala de autoridade. Se o homem não desrespeitá-la, ele tem sim mais autoridade no casamento do que ela! A Bíblia diz que ele é o cabeça da mulher, como Cristo é o cabeça da Igreja. Cristo zela pela Igreja e a Igreja se submete à autoridade de Cristo! (WILKER, 2017, s. p.)¹⁰.

Esses posicionamentos discursivos reverberam em enunciados de sujeitos evangélicos e moldam comportamentos. Bourdieu (2012, p. 7) considera surpreendente que “a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente”. No discurso a seguir, transcrito textualmente,

Nossa isso é pura verdade depois que eu tive filho não conseguia a parte de ser esposa e a nova parte de ser mãe sofri muito meu relacionamento estava indo ao caos. E eu não percebi meu esposo estava pedindo atenção. E o diabo começou a colocar coisas na mente dele, não falo de separação, mas de olhar e desejar outras mulheres. Às vezes achamos que a culpa é sempre do homem, mas nós que somos esposas temos que estar atenta a tudo. Pois como na palavra de Deus fala nós mulheres somos a conciliadora da casa. Isso é muito difícil lidar com um marido e filhos em casa e responsabilidades na casa de Deus com a obra de Deus. Acredito que muitas mulheres já passaram por isso. E eu agora estou ouvindo de novo as dicas da Helena Tannure é muito importante praticar. Pois o que ela fala está tudo na palavra de Deus (FRANÇA, 2017, s. p.)¹¹,

¹⁰ TANNURE, Helena. Pílulas para Elas: “Submissão... a necessidade dos homens”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz-9-fBiGW8>. Acesso em: 03 jul. 2021.

¹¹ TANNURE, Helena. Pílulas para Elas: “Submissão... a necessidade dos homens”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz-9-fBiGW8>. Acesso em: 03 jul. 2021.

um sujeito feminino evangélico é interpelado por essa ideologia religiosa e cativo da dominação masculina. Mesmo com a chegada de um filho, que muda a rotina de um casal, esse sujeito feminino se cobra por não dar ao marido a atenção que ele “precisa”, o que sugere que o homem não compartilha com a mulher os cuidados com a criança. A postura de servidão parece estar tão inculcada que ela não cobra a participação dele nesta nova fase e se culpa por, ocupada com muitos afazeres, criar oportunidade para que o ‘diabo’ leve o marido a cobiçar outras mulheres. A mulher, nesse enunciado, terceiriza a atitude reprovável do homem e, dessa maneira, seu enunciado não coloca em questão o caráter do marido; enquanto mulher atravessada por discursos que impõem a submissão, ela não o confronta de forma que a “honra” masculina permaneça intocável.

Discursos assim, enunciados por autoridades religiosas ou não, privilegiam o homem e a dominação masculina. Intriga, sobretudo, com relação a esses casos, reconhecer o efeito dessa dominação no enunciado das mulheres: a cantora e pastora Ana Paula Valadão diz abrir mão de suas opiniões para acatar as do marido; o outro sujeito feminino parece desconsiderar o fato de estar sobrecarregada devido à chegada do filho e à não cooperação do marido na rotina familiar e se culpa por o marido se interessar por outras mulheres, justificando que isso resulta do fato de ela não dar a devida atenção a ele.

Esses enunciados criam o efeito de sentido de que essas mulheres, além de reproduzirem o discurso de quem as domina, são sujeitos que aceitam passivamente a condição de mulheres subjugadas, que se conformam e se acomodam a uma ordem já pré-estabelecida. São enunciados que circulam em um momento no qual há discursos produzidos em defesa do poder de escolha da mulher, em defesa de sua liberdade, ou seja, em defesa de sua autonomia.

Este é um ponto relevante para esta pesquisa, que, a partir da análise de enunciados de mulheres evangélicas sobre relações matrimoniais e familiares, ou seja, a partir do *corpus* e amparada no postulado de Michel Pêcheux de que “Não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 2014, p. 281), propõe defender a tese de que, apesar das interdições a que estão sujeitas, estas mulheres contradizem e resistem à ideologia dominante e fazem, nos interstícios do discurso, aparecer uma voz de resistência, que trabalha a contradição. Segundo Pruinelli (2020, p. 253),

Pode-se atrelar a resistência ao seu necessário enlace com a subjetividade, instaurando-se nos meandros discursivos por sua obrigatória inscrição na/pela língua. Por esse viés o sujeito com o qual trabalha a AD¹² se configura a partir de contornos particulares, quais sejam: a fusão entre o sujeito desejante, advindo da ação do inconsciente e do sujeito da ideologia.

É nesse sentido que esta tese procura dedicar um olhar atencioso para o sujeito desejante, ou seja, sujeito do inconsciente, e para seus conflitos; assim, ela investiga a interpretação outra: se há insubmissão dessas mulheres, se essas mulheres acatam, de fato e passivamente, a condição a que são submetidas e a maneira como são significadas ou se resistem à ideologia dominante, pois,

Se todo ritual comporta a possibilidade de falha, eis a resistência a se instalar aí, rompendo com os saberes muitas vezes dominantes/hegemônicos e anteriormente instituídos. Ao contarmos com a probabilidade da falha, da falta e do furo se materializarem no fio do discurso, consideramos que tanto a contradição como o equívoco podem estar presentes pelo uso de determinadas palavras em detrimento de outras, fazendo com que a falha no ritual ocorra por meio da linguagem e possa se materializar na língua (PRUINELLI, 2020, p. 255).

O sujeito deste estudo, que corresponde ao 'sujeito desejante', conforme Pruinelli, é perpassado pela ideologia religiosa e corresponde à pastora evangélica Helena Tannure e a mulheres que ouvem suas pregações (ver capítulo1). Enunciados desses sujeitos constituem o objeto desta pesquisa, ou melhor, o *corpus* de análise: recortes/SDs sobre relações matrimoniais e familiares produzidos por esses sujeitos.

O interesse por observar enunciados de mulheres evangélicas sobre sua relação matrimonial, familiar, visa investigar, portanto, se há outro modo de funcionamento do discurso, isto é, momentos de resistência e até mesmo de ruptura em relação à ideologia dominante. Nesse sentido, amparada na ideia de que dominação implica resistência e de que todo ritual falha (PÊCHEUX, 2014), há uma hipótese de que essas mulheres, de alguma forma resistem a essa ideologia de dominação masculina dominante. Assim, o olhar analítico/interpretativo tem como objetivo principal observar, no *corpus*, onde isso ocorre, na tentativa de atravessar a opacidade do discurso e observar “traços inconscientes do significante”, os quais “não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’” (PÊCHEUX, 2014, p. 277), a fim de

¹² Análise de Discurso.

desconstruir as evidências produzidas pela ideologia dominante de que a mulher, no enquadramento singular delimitado para esse estudo, seja, mesmo, passiva e conformada com uma situação de submissão, uma vez “que resistir é aproveitar todas as brechas, rachaduras, abertas pela discursividade e, nesses espaços, tecer sentidos/discursos outros possíveis” (PRUINELLI, 2020, p. 255).

O objetivo principal da pesquisa direcionou a análise para objetivos específicos, pois, ao buscar perceber, em termos discursivos, como funciona a falha (resistência e possível ruptura), o estudo dirigiu o foco da análise para os lapsos de linguagem, para a memória discursiva e para a negação presentes no *corpus*; e também para entender, a partir disso, como essas mulheres significam sua posição-sujeito nos relacionamentos matrimoniais e familiares e como o homem é discursivizado.

Com vistas a embasar a tese que aqui se defende, a análise do *corpus* se ampara, preponderantemente, em estudos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa (doravante, AD), desenvolvida por Michel Pêcheux. Sendo assim, o trabalho é de natureza interpretativa¹³, orientada pelo *corpus*, que, uma vez definido, orienta os caminhos da análise: “a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas” (ORLANDI, 2015, p. 61). O próprio material estudado apresenta o que, dentro do quadro teórico da AD, é pertinente para sua análise, de maneira que o analista “constrói finalmente seu dispositivo analítico, que ele

¹³ Ao se escolher um *corpus*, cabe ressaltar que, em AD, a análise considera que o analista de discurso não busca o sentido literal de uma SD, pois se entende que

A Análise do Discurso não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo. Todo enunciado, dirá M. Pêcheux (idem) é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação (ORLANDI, 2015, p. 57).

Para a AD, a mesma palavra ou o mesmo enunciado podem ter sentidos diferentes, se pertencerem a formações discursivas diferentes” (POSSENTI, 2004, p. 361). No gesto de interpretação, o analista considera que

o sentido das palavras em um discurso remete sempre a ocorrências anteriores. Ou ainda, qualquer enunciação supõe uma posição, e é a partir dessa posição que os enunciados (palavras) recebem seu sentido. Melhor ainda: qualquer uma dessas posições implica uma memória discursiva, de modo que as formulações não nascem de um sujeito que apenas segue as regras de uma língua, mas do interdiscurso, vale dizer, as formulações estão sempre relacionadas a outras formulações, sendo que a relação metafórica que funciona como matriz do sentido é historicamente dada (POSSENTI, 2004, p. 373).

particulariza” (ORLANDI, 2015, p. 60). Como em AD, “não há análise de discurso sem mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que constituem, ambas, o processo de compreensão do analista” (ORLANDI, 2015, p. 60), a mediação entre o *corpus* e a teoria fez movimentar conceitos basais como formação discursiva (doravante, FD), sujeito, inconsciente, esquecimento, interdiscurso e memória. A fim de alcançar estas metas, dentre os principais autores que embasam esta pesquisa, tem-se Pêcheux (1999, 2014, 2015), Orlandi (2015, 2017), Freud (2014, 1966 [1901]), Cunha (2007), Lerner (2019), Muraro (1995) e Anderson (2019).

As discussões e reflexões em torno do tema geraram quatro capítulos. No primeiro capítulo, “O *corpus* na interface das condições de produção: descrição do método e alguns pré-construídos na constituição do sujeito mulher evangélica”, buscou-se minudenciar aspectos do *corpus*, nesse sentido, considerou-se necessário aprofundar informações sobre os sujeitos envolvidos na produção dos enunciados que vieram para a pesquisa e aprofundar detalhes da metodologia de análise adotada. Além disso, fez-se um resgate de pré-construídos para tecer um breve panorama que melhor explicasse a constituição da identidade do sujeito mulher evangélica, propiciando maior percepção de seu perfil para se entender o que dizem sobre ela e para ela e por que essas mulheres enunciam o que enunciam. Os pré-construídos resgatados, considerados relevantes para a análise, circulam em narrativas bíblicas, utilizadas para reforçar a dominação masculina na FD religiosa, no caso, a narrativa que aborda a criação divina do homem e da mulher e a narrativa da desobediência a Deus, ou seja, da queda da humanidade, momento em que Eva (a “primeira” mulher) rompe uma ordem divina do Deus do Cristianismo (figura masculina) e age por sua própria vontade; além disso, o capítulo resgata também a caça às bruxas, por entender o seu impacto sobre a imagem do gênero feminino. Nos entremeios da discussão, pontuam-se questões de sistemas econômicos que sustentaram as narrativas bíblicas e a caça às bruxas e fomentaram a dominação masculina. A discussão busca observar os interesses mercadológicos da pastora Tannure. Aborda-se ainda o curso *Mulher Única*, ministrado pela igreja Batista da Lagoinha, à qual pertence a pastora Helena Tannure. Este curso é baseado no livro de Cole e Cole (2017), que traz o capítulo “Submissão: plano de Deus”, o qual orienta como deve ser o papel da mulher para esses sujeitos. A obra de Cole e Cole (2017) é um manual sobre relação matrimonial, usado pela igreja para, dentre outras coisas, disciplinar

mulheres a serem submissas ao marido. Este capítulo aborda também os efeitos de sentido de empoderamento feminino dentro da FD religiosa e como discursos de medo, de ameaça e de culpa participam da constituição do sujeito feminino evangélico, servindo à ideologia de dominação que interpela essas mulheres e as constitui, subjugando-as e as orientando submissas. No entanto, apesar da dominação masculina, a análise busca a falha e o deslize e, nesse caso, o capítulo discute, a partir de base teórica da AD, que o sujeito pode se identificar com a ideologia que o interpela, mas pode também se contraidentificar e se desidentificar, não que isso venha de um ato de vontade ou de tomada de consciência crítica. Em outras palavras, a análise observa se esse sujeito resiste à realidade que lhe é imposta por meio do “sempre-já-aí” (PÊCHEUX, 2014, p. 151) da interpelação ideológica.

No segundo capítulo, “Lapsos de linguagem - contribuições de Freud para uma escuta discursiva”, propõe-se uma análise a partir da intersecção teórica entre Freud e AD ao se debruçar sobre enunciados inesperados produzidos pelos sujeitos do *corpus*; com isso, propõe-se, inclusive, observar se esses sujeitos, ao deixarem escapar traços do inconsciente, contrariam a ideologia dominante, expondo mais do que a condição de submissão lhes permite; observa-se, a partir de lapsos encontrados nos enunciados dessas mulheres, se há crítica ao matrimônio, ao homem, ou seja, se há postura que contrarie preceitos patriarcais que elas deveriam reverenciar. Ao contrário de abordagens que consideram lapsos como desvios de linguagem, na análise que se tece, eles são considerados manifestação do inconsciente e exposição de recalques que não se identificam com a ideologia dominante, a qual tenta constranger o sujeito.

No terceiro capítulo, “Memória discursiva: o ponto entre o mesmo e a metáfora”, abordam-se aspectos conceituais de memória e como ela está representada nos estudos de Pêcheux (FRANÇA, 2015), desde as suas primeiras obras. A análise, neste momento, procura, via a memória que constitui os sujeitos do *corpus*, observar se a mulher ratifica a imagem de matrimônio proposta pela ideologia dominante ou se, na movência dos sentidos e dos sujeitos, ocorre um processo metafórico, evocando efeitos de sentido avessos ao que determina a ideologia dominante. Para isso, a partir da perspectiva teórica de memória discursiva de Michel Pêcheux (1999), são analisados dois recortes discursivos: um em que o sujeito almeja o matrimônio; outro em que vivencia essa relação.

No quarto capítulo, “Negação: discurso outro e esfacelamento ideológico”, aborda-se o fato de que um discurso, necessariamente, sempre pressupõe um outro (ORLANDI, 2015, p. 81; CATTELAN, 2019). Neste sentido, analisa-se a negação produzida pelos sujeitos do *corpus* com vistas a observar o movimentar de discursos outros, que não pertençam à ideologia dominante. O estudo, neste momento, destaca as contribuições de Freud (2014) pelo fato de o psicanalista entender a linguagem como opaca e histórica e não atentar para o óbvio ou para a negação em si, ou seja, para o conteúdo materializado no intradiscurso, mas sim para o que está reprimido. Dessa forma, a análise, neste capítulo, compreende a negação enquanto tentativa de explicitar o que de fato o sujeito pensa e sente e se há, a partir do que se nega, revolta, insatisfação, denúncia, resistência e ruptura em relação à ideologia religiosa dominante.

Esta análise consiste em um gesto interpretativo, que não intenciona nem objetiva exaurir o objeto (e não conseguiria), uma vez que ele é inesgotável e não fechado em si, pois um discurso tem relação com sua anterioridade e sempre aponta para outro (ORLANDI, 2015).

1. O *CORPUS* NA INTERFACE DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: DESCRIÇÃO DO MÉTODO E ALGUNS PRÉ-CONSTRUÍDOS NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MULHER EVANGÉLICA

O *corpus* desta pesquisa, enunciados produzidos por mulheres evangélicas, compreende a três recortes da pregação “O Papel das Mulheres em tempos modernos” (ver 1.2) da pastora Helena Tannure e a sete depoimentos produzidos por suas seguidoras, motivados por suas pregações. A intenção aqui é delinear melhor aspectos relacionados ao *corpus* da pesquisa, para isso, detalham-se os caminhos da análise, ou seja, a metodologia trilhada com vistas a alcançar os objetivos propostos; discorre-se também sobre a constituição ideológica do sujeito do *corpus*, atravessado por discurso religioso. Nesse caso, destaca-se a importância de determinados pré-construídos, cujos discursos e crenças perpassam esse sujeito feminino evangélico.

1.1 O SUJEITO DO *CORPUS* E O ATRAVESSAMENTO DO DISCURSO RELIGIOSO

Os sujeitos do *corpus* correspondem, conforme já mencionado anteriormente, à pastora Helena Tannure e a suas seguidoras. A partir de sequências discursivas

(doravante, SDs)¹⁴ de depoimentos das seguidoras, identificados no trabalho como E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7, que correspondem à parte do *corpus* em análise, é possível perceber esse atravessamento religioso; por exemplo: E1: “Amo suas verdades nas prestações, mas ser cansada com um **diácono** que desde o nosso início”; E2: “Amo a submissão é tirar um fardo que não é nosso ...**agradeço a Deus** porque estou aprendendo !!”; E3: “**Sempre fui da igreja, mas nunca fui de Jesus** como sou hoje”; E4: “mesmo ele sendo cristão sempre põe obstáculos que me impedem **de servir a Deus**”; E5: “Eu sei que não é ele mas sim o que está nele, **Deus tem algo grande** na vida dele e por isso **o diabo tenta em todas** as maneiras acabar com ele”; E6: Depois q fui mãe, eu quis ser a mulher virtuosa, e ao **ler o versículo**, pude ver o quão longe dela eu estava... MTA coisa Deus mudou” e E7: “**Que o Senhor tenha misericórdia de mim** pq não tenho pensado em outra coisa a não ser o divórcio... **sei que o Pai odeia o divórcio**, eu sei que **tem pessoas que morrem pelo evangelho**, o Pai nos pede para amar” (grifos nossos).

Quanto à pastora Helena Tannure, ela é uma influenciadora religiosa que possui significativa representatividade no meio evangélico, sobretudo, junto ao público feminino, e prioriza temáticas relacionadas à família, principalmente, no que se refere ao comportamento das mulheres. Iniciou sua caminhada como evangélica em 1983 e, atualmente, é membro da igreja Batista da Lagoinha, de Belo Horizonte, Minas Gerais. Antes de se tornar pastora, participou, como *Backing Vocal*, do Diante do Trono, um dos mais conhecidos grupos de música evangélica do país. O grupo se apresenta no Brasil e no exterior e já alcançou mais de 6 milhões de fãs. Produziu mais de 50 CDs e vendeu mais de 15 milhões de cópias (DIANTE DO TRONDO, 2020)¹⁵. Ela também ajudou a criar o Ministério¹⁶ Crianças Diante do Trono, cujo objetivo é, por meio de

¹⁴ “uma FD não é ‘um único discurso para todos’, nem é ‘a cada um o seu discurso’, mas deve ser pensada como ‘dois (ou vários) discursos em um só.’ Duas modalidades diferentes de um mesmo esquecimento: aquele da contradição como princípio constitutivo de toda FD. Consideramos assim uma FD como uma unidade dividida, uma heterogeneidade em relação a si mesma: o encerramento de uma FD é fundamentalmente instável, ele não consiste em um limite traçado separando de uma vez por todas um interior e um exterior do seu saber, mas se inscreve entre diversas FD como uma fronteira que se desloca em função das questões da luta ideológica” (COURTINE, 2016, p. 18-19).

¹⁵ DIANTE DO TRONO. História. Disponível em: <http://diantedotrono.com/historia/>. Acesso em: 9 nov. 2020.

¹⁶ ‘Ministério’ aparece no decorrer deste trabalho, sendo que “A palavra **Ministério** significa, de acordo com o dicionário: ‘1. Execução de uma tarefa, de uma obra; atividade, trabalho. 2. Ocupação exercida por alguém; cargo, função, profissão’. [...] A Bíblia preserva esse significado, por isso quando falamos em Ministérios devemos ter essa definição sempre em mente, principalmente em relação ao fato de ser uma ‘execução de tarefa’ (PROJETO GOSPEL). Disponível em: <https://projetogospel.com/o-que-significa-ministerio/>. Acesso em: 19 out. 2022. “Hoje é bem comum ouvirmos muitas igrejas e pessoas usarem a palavra ministério. Dentre os vários usos, temos o exemplo do ministério de louvor, da

uma linguagem “adequada” à criança, aliar personagens infantis à música com o fim de passar ensinamentos bíblicos (DIANTE DO TRONDO, 2020)¹⁷.

Além do envolvimento com a música, comprometida com o universo evangélico, a pastora atuou na Rede Super de Televisão como apresentadora de programas, dentre eles: Chá das Quatro, Bate Papo e Diante do Trono; ministrou, como professora, as disciplinas: O Coração do Artista e Arte na Adoração, no Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono (CTMDT). É Autora de vários livros, dentre eles: Casados & Felizes, Reflexos da Alma, Seja Feliz Hoje, A Filha Amada, De Clara a Sofia e Reflexos da Alma. A pastora faz conferências dentro e fora do país, abordando vários temas, dentre eles: caráter cristão e família. Atuante nas mídias digitais, Tannure possui página no *Facebook*¹⁸ e perfil no *Instagram* (onde tem mais de um milhão de seguidores); neles, além de mensagens, divulga seus produtos: *e-books* e cursos online como o “Escola Fémininas”, por exemplo, cujo objetivo, segundo a pastora, é orientar mulheres a controlar anseios, superar traumas, medos e cumprir o que Deus deseja¹⁹; possui também canal no *Youtube*, no qual constam mais de 900 vídeos de suas pregações²⁰. Convicta de sua crença, ela assim se define: “*Sou filha, esposa e mãe, uma mulher comum que crê em um Deus extraordinário*”²¹. Tannure relaciona sua vida religiosa ao empreendedorismo. Pastora e empresária, sua realidade nem sempre corresponde à de outras mulheres do meio evangélico, que consomem suas pregações e produtos: a pastora conta com uma ampla assessoria

pregação, de oração, de ação social, infantil, de dança e muitos outros. Essa palavra, na Bíblia, na maioria das vezes em que aparece, significa **serviço**. No Novo Testamento a palavra grega para ministério é ‘**diakonia**’ e indica a prestação de algum tipo serviço ou trabalho. Como, por exemplo, nesse texto: **‘e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério [diakonia] da palavra’ (Atos 6. 4 - acréscimo meu)**. Ou seja, eles [os discípulos de Cristo] se dedicariam ao trabalho, ao serviço da pregação da palavra de Deus” (ESBOÇANDOIDEIAS). Disponível em: <https://www.esbocandoideias.com/2012/02/o-que-significa-ministerio.html>. Acesso em: 20 out. 2021. Na FD religiosa sustentada por Tannure, o significante possui o efeito de função, serviço, ocupação, pois a pastora usa essa palavra para se referir a diferentes atuações suas, como quando se ocupava da música, ou seja, do ministério de louvor: “eu atuava no ministério Diante do Trono”, visto que ‘Diante do Trono’ refere-se a um grupo musical gospel e, para se referir a sua atual ocupação como pregadora da “palavra de Deus”, conforme “sem o João Lúcio, num tem o ministério da Helena” (ER1).

¹⁷ DIANTE DO TRONO. Crianças diante do trono: Disponível em: https://cutt.ly/SxluHTn_ Acesso em: 07 jul. 2019.

¹⁸ TANNURE, Helena. Facebook. Disponível em: <https://url.gratis/zGBb9>. Acesso em: 06 abr. 2021.

¹⁹ WATCH. Escola feminina. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace /produtos/comunidade-premium-dra-brizia-lacerda/N7593442B>. Acesso em: 06 abr. 2021. https://www.facebook.com/HTannure/videos/18360619_0017607. Acesso em: 06 abr. 2021.

²¹ Disponível em: TANNURE, Helena. Facebook. Disponível em: <https://url.gratis/zGBb9>. Acesso em: 06 abr. 2021.

técnica e financeira, sem a qual não lhe seria possível administrar e atender à demanda de suas ações. Como é possível perceber, os trabalhos de Tannure, apesar de centrados no ambiente religioso, ramificam-se em diferentes áreas.

Tannure frequenta a igreja evangélica Batista da Lagoinha, que surgiu em Belo Horizonte (MG) em 1957. Em 1958, seus participantes convidaram José Rego do Nascimento para pastoreá-la. Esse pastor possuía orientação “pentecostal”²² e, por isso, acreditava em sinais e prodígios. Ele pregava que, com o recebimento do Espírito Santo, as pessoas teriam dons, poderiam profetizar, falar em línguas estranhas, curar, exorcizar demônios, ter visões, sonhos proféticos e vidas santificadas: “de modo geral, o Espírito dirige a vida e o culto dessas igrejas e é o ‘líder’ de todas as suas atividades” (ANDERSON, 2019, p. 210). Uma vez que a Batista tem suas raízes na Reforma, conforme afirmam Gonçalves e Pedra (2017, p. 72), “As igrejas protestantes históricas são aquelas consideradas como herdeiras mais diretas da Reforma como, por exemplo, os luteranos, metodistas, presbiterianos e batistas” e, segundo Anderson (2019, p. 35), na Reforma, manifestações de dons do Espírito relatados na igreja primitiva foram praticamente esquecidos ou desacreditados: “Martinho Lutero (1483-1546) disse que as línguas foram dadas como um sinal para os judeus e cessaram, e que os cristãos não precisavam mais de milagres” e, ainda, que “Deus havia removido isso da igreja e os milagres havia muito tinham deixado de acontecer” (ANDERSON, 2019, p. 35). A postura de Rego desagradou os membros mais tradicionais, pois ia de encontro aos princípios da igreja. Devido ao discurso diferente, Rego e alguns participantes que concordavam com sua maneira de liderar os cultos tiveram que desocupar o templo²³; e, em 1964, a Batista da Lagoinha, por seu perfil pentecostal, foi excluída da Convenção Batista Brasileira²⁴.

A igreja de Tannure, que, portanto, é a base de seu ministério, tem sua sede em Belo Horizonte e conta com mais de noventa e dois mil participantes espalhados

²² O termo ‘pentecostal’ faz referência à palavra pentecostes, que se encontra no livro bíblico Atos dos apóstolos: 2,1-13. Refere-se ao momento em que, segundo o evangelho, “o Espírito Santo desceu e se manifestou através do dom de línguas estranhas, exorcizando demônios e dando o dom de cura aos discípulos de Cristo. Este episódio é o referencial dos pentecostais na experiência cotidiana das suas liturgias (BIANCHETTI, s.d, p. 2). O evento bíblico é citado por Passos (2005 p. 55) como narrativa fundamental dos cristãos pentecostais. Segundo esse autor, “A origem das igrejas pentecostais vem dessa fonte permanente que afirma a efusão do espírito Santo sobre os apóstolos, transformando-os em um grupo eclesial destemido e proclamador do Cristo vivo”.

²³ IGREJA Batista da Lagoinha Eletrônica. Letras. Disponível em: <https://cutt.ly/wxKWMJI>. Acesso em: 06 jun. 2019.

²⁴ Disponível em: <https://portalgospel.com.br/como-surgiu-igreja-batista-da-lagoinha/>. Acesso em: 06 jul. 2019.

em outras cidades de Minas Gerais, em cidades de outros estados brasileiros e no exterior, como Argentina, Alemanha, Portugal, Inglaterra, Japão e Espanha²⁵, contabilizando mais de quinhentas igrejas. Ela foi presidida pelo pastor Márcio Roberto Vieira Valadão, de 31 de julho de 1972²⁶ até, conforme já mencionado, final de 2022. Além de investir na evangelização de crianças, jovens e adultos, no que se refere à área matrimonial, é comum a igreja oferecer cursos que orientam a vida a dois, como *Mulher Única*²⁷, *Pais e Filhos* e *Curso de Noivos*²⁸.

1.2 CORPUS DA PESQUISA: DESCRIÇÃO E PROCEDIMENTOS

A escolha do *corpus* para esta pesquisa se deu da seguinte maneira: no site de busca *Google*, escreveu-se “Pregações de Helena Tannure”; dentre inúmeras pregações que o *Google* disponibiliza, por despertarem o interesse da analista em relação às temáticas, foram selecionadas cinco: “O papel da mulher em tempos modernos”, “Construindo um casamento saudável”, “Palavra para a mulher que sofre abuso do marido”, “Quando devo pedir o divórcio?” e “Haja o que houver, perdoe”. Dessas pregações, foram selecionados para o *corpus* da tese três recortes de “O papel da mulher em tempos modernos” e sete comentários de mulheres que ouviram as pregações de Tannure e se manifestaram com seus depoimentos.

As cinco pregações citadas foram ministradas por Tannure em cultos realizados em igrejas evangélicas entre os anos de 2016 e 2018 e disponibilizadas no *Youtube*, o que permite o acesso dos internautas aos vídeos a qualquer momento. Essas pregações têm por finalidade, primordialmente, orientar mulheres a como se comportarem de acordo com a FD a que a pastora pertence e promove.

A título de exemplificação, segue transcrição do vídeo, ou seja, de parte de uma das pregações de Tannure selecionada para o *corpus*:

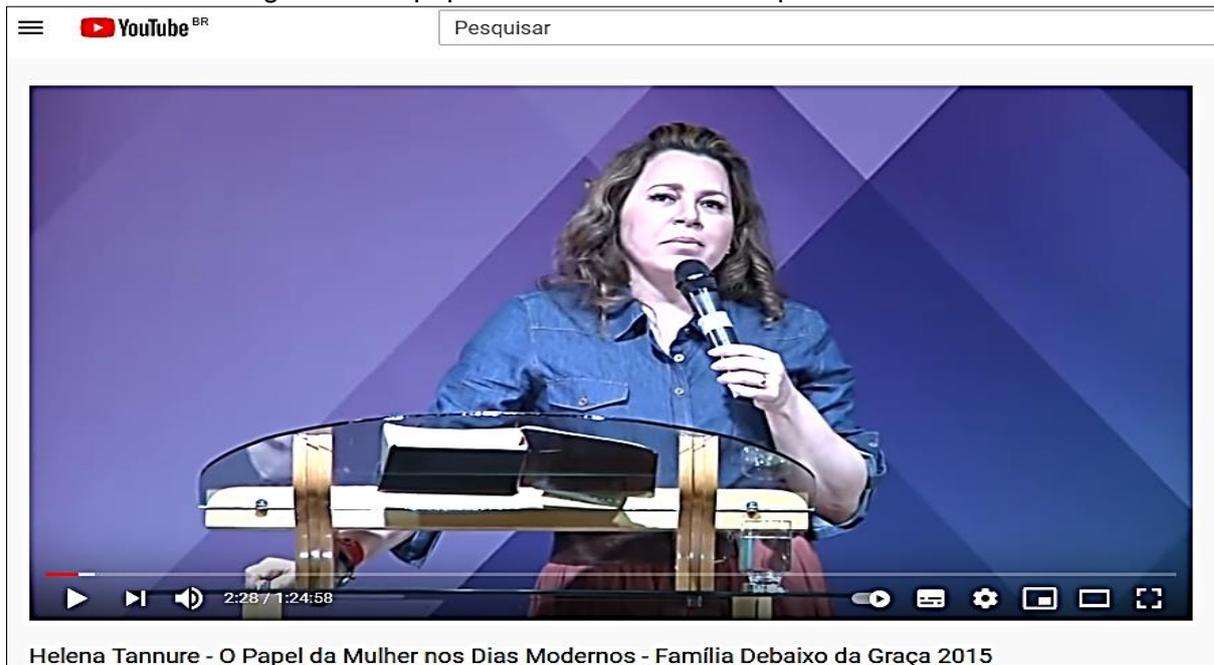
²⁵ Disponível em: <https://cutt.ly/YxKEcbH>. Acesso em: 06 jul. 2019.

²⁶ Disponível em: <https://cutt.ly/bxKEAph>. Acesso em: 5 jun. 2019.

²⁷ Ver 1.3.3

²⁸ Disponível em: < <https://cutt.ly/uxKEJ65>. Acesso em: 6 jul. 2019.

Figura 1 - “O papel das mulheres em tempos modernos”.



Fonte: Helena Tannure, *Youtube*, 2018.

Abra sua Bíblia comigo em Gênesis, capítulo 2. Gênesis 2. O papel da mulher como mãe, esposa, mulher, cidadã é um desafio. Sempre perguntam pra mim 'Helena, como você consegue conciliar? Como é que você consegue ser esposa, cuidar de 4 filhos ser dona de casa e ainda viajar todo final de semana ministrando?' De uma maneira bem simplista eu respondo: eu não consigo pela minha própria força, eu consigo porque eu estou fazendo a vontade de Deus. Quando a gente está fazendo a vontade de Deus, Ele nos capacita de uma maneira sobrenatural. Quando eu olho pra trás e vejo a jornada que eu tive com meus filhos pequenos, que hoje minha caçula tem 12, a minha primogênita tem 20, o Miguel tem 17 e o Arthur tem 15. Então hoje eles estão mais resolvidos. Mas quando eles eram pequenininhos, eu atuava no ministério Diante do Trono e as pessoas faziam a mesma pergunta. 'Como é que você consegue conciliar, Helena?' Eu tinha convicção, eu consigo conciliar não sei como não! É porque Deus tem um propósito, quando ele tem um propósito ele faz, né?

Mas um dia o Senhor falou que meu ciclo Diante do Trono tinha se fechado. E eu pensei meus filhos adolescentes precisam ainda mais de minha presença. A gente pensa que os filhos ficam adolescentes e que a gente já fez a... o trabalho mais pesado...Não! Tá só começando. E eu acreditei que era pra eu me dedicar mais aos meus filhos, mas na verdade, o Senhor estava abrindo um novo caminho. É claro que, de segunda a segunda, eu sou mãe tempo integral, mesmo quando eu estou longe, a minha prioridade é a minha família. Eu não estaria aqui se eu não estivesse debaixo da liderança de um homem que entende que esse é o chamado de Deus pra minha vida, me abençoa, me libera pra desempenhar esse chamado. Uma vez

uma pessoa me perguntou: ‘Como que é ser... estar em mais ênfase do que o marido?’ Eu falei assim... ‘Você não entendeu nada, eu não estou mais em ênfase, eu estou debaixo da liderança dele, ou seja, sem o João Lúcio, num tem o ministério da Helena. E eu estou aqui, sou uma com ele, então ele está aqui comigo também. Eu só vou nos lugares que ele deixa eu ir, ele que cuida da minha agenda, onde ele fala você vai, eu venho; onde ele fala num vai, eu num vou, eu não sou doida nem nada’. Então é uma alegria estar debaixo de um homem sábio, um homem temente a Deus e um homem obediente a Deus (ER1)²⁹.

Esse trecho da pregação apresenta, de início, características do ministério de Tannure: ela aborda temas como ser mulher, mãe, esposa e se dedicar a trabalhos voltados à religião e a Deus, desafios que, segundo a pastora, podem ser vencidos a partir do momento em que a mulher faz o que Deus ordena a ela: regras, preceitos registrados no Livro Sagrado, a Bíblia. Quando questionada como consegue cuidar dos filhos, da casa, do esposo e, ainda, viajar para suas palestras, a pastora afirma: ‘De uma maneira bem simplista eu respondo: eu não consigo pela minha própria força, eu consigo porque eu estou fazendo a vontade de Deus’. Veicula-se o efeito de que quaisquer problemas vivenciados se resolvem a partir do momento que a obediência a Deus é praticada. Outra característica das ministrações de Tannure, não menos importante, é pregar a submissão das mulheres aos maridos em conformidade com o discurso da FD religiosa patriarcal à qual pertence.

A pastora insiste em disseminar essa crença e em se apresentar como exemplo dessa submissão. Levando em consideração as condições de produção, essa postura de Tannure tem efeitos de sentido significativos: sua insistência silencia o quanto lhe é conveniente passar essa imagem e influenciar mulheres a se manterem na fé e na submissão, mesmo que, apesar de ser representante da FD religiosa, principalmente, na posição-sujeito de pastora, Tannure acene para a resistência e para a ruptura: a pastora desliza para outras FDs, opondo-se ao que prega. Esses deslizamentos de Tannure são de interesse neste percurso iniciado.

Os depoimentos dos outros sujeitos da pesquisa, das seguidoras de Tannure, aparecem dispostos logo após as pregações da pastora. Segue, abaixo, ilustração de como são postados os comentários das demais mulheres:

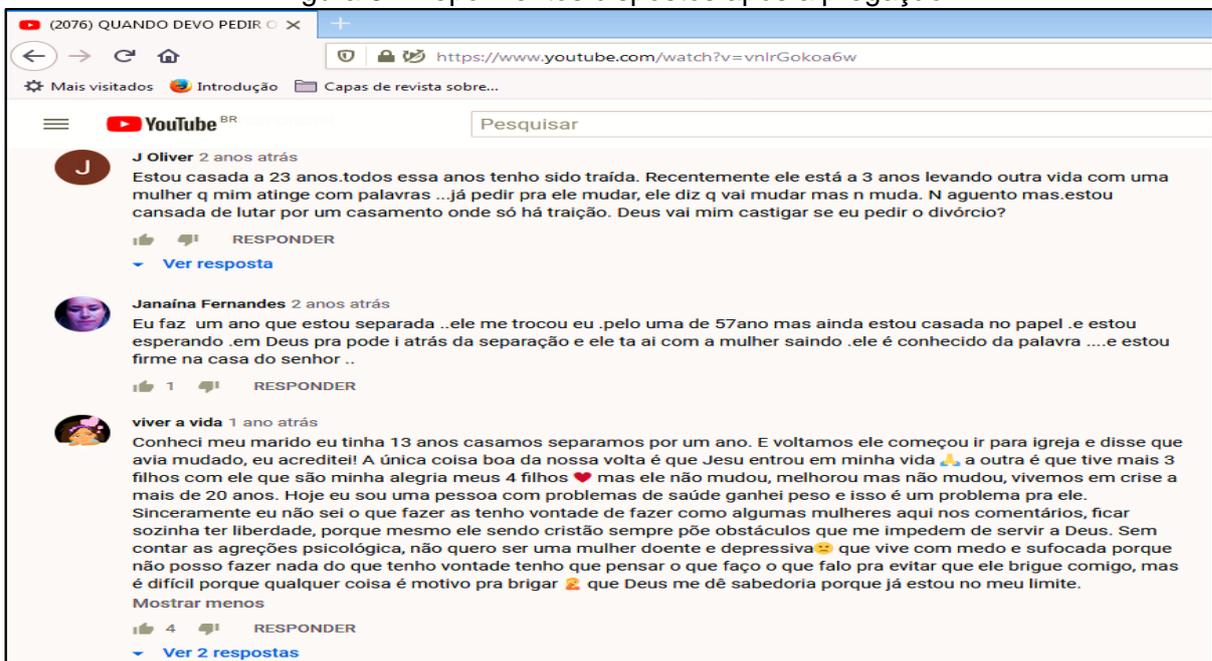
²⁹ Definição de ER (Enunciado de Referência) a seguir.

Figura 2 - Pregação “Quando devo pedir o divórcio”



Fonte: Léo e Lau Palestra Casal, *Youtube*, 2018³⁰.

Figura 3 - Depoimentos dispostos após a pregação



Fonte: Léo e Lau Palestra Casal, *Youtube*, 2018

Em termos gerais, o *corpus* é composto pelas SDs E1, E2, E3 E4, E5, E6 e E7, que correspondem aos depoimentos das ouvintes de Tannure, e pelas SDs da própria pastora, E8, E9 e E10, que correspondem aos recortes de sua pregação. Quanto aos depoimentos, E1, E2 e E6 aparecem nos comentários apresentados após a pregação “O papel da mulher em tempos modernos”; E3, após “Construindo um

³⁰ TANNURE, Helena. Programas de televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vnlrGokoa6w>. Acesso em: 11 fev. 2020.

casamento saudável”; E4 e E5, após “Palavra para a mulher que sofre abuso do marido”; e E7, após “Quando devo pedir o divórcio?”³¹.

Das cinco pregações de Tannure, a partir das quais o *corpus* foi organizado, quatro são usadas ao longo do texto funcionando como contraponto, ou melhor, como ancoragem da análise do *corpus*. Por questões metodológicas, a fim de alocar essas pregações no movimento analítico com o objetivo de perceber sua função no discurso aqui observado, elas são identificadas como enunciados de referência (doravante, ER). Essa designação atribuída às pregações se baseou na teoria de Courtine (2016), sobre formação discursiva de referência (FDR). O autor entende que uma FD é delineada pelo “domínio de saber de uma FD”; segundo ele,

O domínio do saber de uma FD funciona como princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações (ele determina ‘o que pode e deve ser dito’) ao mesmo tempo em que como o princípio da exclusão do não formatável. Ele realiza assim o fechamento de uma FD (COURTINE, 2016, p. 22-23).

Esse ‘fechamento’ da FD, no entanto, é marcado por instabilidade, visto que, para Courtine, a FD é sujeita a um incessante processo de reconfiguração causado pelo interdiscurso, o qual, “como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber daquela FD, pode ser referido como aquele que rege o deslocamento de suas fronteiras” (COURTINE, 2016, p. 23). Nesse sentido, portanto, não se pode falar em estabilidade e em homogeneização: “A contradição é primária, constitutiva da FD” (COURTINE, 2016, p. 22).

O descrito ocorre, nesta tese, quando se fala de FD religiosa com relação aos significantes “evangélico” e “pentecostal”, pois não é possível traçar um perfil exato e homogêneo nem dos sujeitos que carregam essa denominação nem de suas crenças e comportamentos, uma vez que suas características são diversas (CUNHA, 2007 e (ANDERSON, 2019). Diante disso, traz-se a definição de FD de referência (FDR) de Courtine, de que “A configuração em sequência de formulações no intradiscurso da sequência discursiva de referência se realiza de fato sob a dependência do processo

³¹ É preciso ressaltar que as pregações de Tannure são apresentadas não para, necessariamente, estabelecer uma relação direta entre as pregações e comentários que delas derivam; elas servem, sobretudo, para melhor entender os discursos e a ideologia que perpassam esses sujeitos na FD na qual se encontram e que os constituem. Por isso, as afirmações de Tannure de uma pregação serão retomadas, sempre que necessário, para analisar comentários presentes em outra pregação, ou seja, um recorte presente, por exemplo, em “Quando devo pedir o divórcio?”, pode ser usado para contribuir para a análise de um comentário presente em outra pregação das elencadas para a pesquisa.

discursivo inerente à FD que a domina, de formação discursiva de referência” (COURTINE, 2016, p. 25). Neste estudo, portanto, “elege-se uma posição discursiva que servirá de parâmetro de observação e discussão para as questões levantadas” (MOREIRA, 2011, p. 123), a qual se refere à FD religiosa de Tannure (FDR). Quando, aqui, falar-se em FD religiosa, estarão sendo trazidos para o trabalho apenas aspectos (dentro da diversidade de efeitos de sentido sobre ‘evangélico’ e ‘pentecostal’) que têm relação com a FDR de que Tannure é suporte, com SDs identificadas a ela, que serão chamados enunciados de referência (ER). Em outras palavras, neste trabalho, ao se mencionar ‘FD religiosa’, intenciona-se explicitar preceitos e crenças que, nesse complexo religioso evangélico pentecostal, coaduna com a FDR, ou seja, com a FD na qual se encontra determinada a pastora.

Além disso, tomando como base a “grade referencial” de instrumentalização de Indursky (2013, p. 83) sobre como organizar diferentes discursos, identificam-se as quatro pregações de Tannure que são contraponto de análise, da seguinte maneira:

Grade Referencial	
Enunciado de Referência (ER)	Pregações
ER1	O papel da mulher em tempos modernos.
ER2	Construindo um casamento saudável.
ER3	Palavra para a mulher que sofre abuso do marido.
ER4	Haja o que houver, perdoe.

Quanto à seleção do *corpus*, no que se refere à escolha dos depoimentos (E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7), o critério foi o fato de as mulheres explicitarem o modo da sua relação familiar e matrimonial e comentários sobre os companheiros; o critério para a escolha dos recortes da pregação de Tannure (E8, E9 e E10) foi o objetivo de mostrar como, no discurso da pastora, além do que é enunciado, os não-ditos funcionam e significam e expõem “contradições” desse sujeito.

1.3 PRÉ-CONSTRUÍDOS: O ‘SEMPRE-JÁ-AÍ’ DA INTERPELAÇÃO IDEOLÓGICA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO MULHER EVANGÉLICA

O recorte “O homem não te define/Sua casa não te define/Sua carne não te define/Você é seu próprio lar” refere-se ao refrão da música “Triste, Louca ou Má”³².

Nele, ao fazer um chamado para o despertar da voz e da autonomia femininas, o eu-poético sugere que elementos exteriores não devem ter o poder de ‘definir’ a mulher, sua identidade e seu comportamento. Esse poder só caberia, segundo ele, à própria mulher, efeito de sentido sugerido pela SD ‘Você é seu próprio lar’. Entretanto, quando o sujeito significa algo, ele o faz como sujeito perpassado por muitos discursos, os quais são ideologicamente marcados, não é algo *sui generis*, como se ele fosse origem do que pensa, dono de sua palavra e responsável pelo significado. Em AD, não há um “eu” que fale por si mesmo, origem do discurso; há, na verdade, um “sempre-já-sujeito” interpelado pela ideologia (PÊCHEUX, 2014, p. 141).

Com isso, a definição de si mesma que o eu-poético espera que a mulher se dê não está livre de concepções prévias existentes em outros processos discursivos. Traçando um paralelo com esta tese, da mesma maneira, entende-se que os sujeitos do *corpus* enunciam ancorados em pré-construídos, que estão relacionados com “a eficácia própria à linguagem, quer dizer, uma eficácia que não possa ser atribuída à ação ou às intenções de um locutor” (MARANDIN, 2014, p. 138), pois, ao entrar na linguagem, a mulher evangélica o faz interpelada pela ideologia religiosa dominante (o que não significa que não possa ser chamada por outras ideologias).

O pré-construído, para Pêcheux (2014, p. 151), “corresponde ao ‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece-impõe ao sujeito a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade (o ‘mundo das coisas’)”. Marandin (2014), por seu lado, postula que o pré-construído impõe uma realidade, limita o sentido e a interpretação. Para Garbin (2020, p. 243), por fim, o pré-construído “retoma no intradiscurso algo exterior/interior que fornece impõe a realidade ao sujeito”.

A fim de apresentar uma noção de pré-construído, Marandin (2014) usa como exemplo os encadeamentos “(5)a. Os alunos entraram. Os *bons* sentaram na 1ª fila. / b. Os alunos entraram. Os *melhores* sentaram na 1ª fila” (MARANDIN, 2014, p. 135). Nestas SDs, os grupos nominais adjetivos (GNa) ‘Os *bons*’ e ‘Os *melhores*’ entram numa relação de *todo pela parte* com o grupo nominal (GN) do qual são origem: ‘os alunos’. Com relação a 5.a, é possível defender que, dentre o grupo de alunos, há os que são bons e estes sentaram na primeira fila; portanto o GNa tem um efeito de

³² A música foi composta por Ju Strassacapa, vocalista da banda *Francisco el Hombre*. Disponível em: <https://sapatista.com.br/a-historia-da-musica-triste-louca-ou-ma/>. Acesso em: 21 dez. 2021.

sentido partitivo: outros alunos não são bons e sentaram em outros lugares. Em 5.b., o GNa ‘*ser bom*’ alcança todos os alunos. Todos possuem essa característica e os melhores, dentre eles, sentaram na primeira fila. De acordo com o autor:

Situados em um contexto, os enunciados (5.a) e (5.b) apresentam o grupo de alunos em questão de modo bem diferente. Essa diferença não remete a um conteúdo implícito ou explícito: em nenhuma parte é dito ou pressuposto que certos alunos são bons ou que todos os alunos são bons. A diferença que se deixa captar em termos de qualificação, é forçada pelo cálculo anafórico que liga um GNa a um GN-origem. Esse efeito de sentido me parece depender da categoria de pré-construído ainda que não seja criado por uma forma sintática. De fato, a relação anafórica não tem por domínio a frase [...] é preciso estender a definição de pré-construído, considerando outros planos além do plano sintático (MARANDIN, 2014, p. 137-138).

Segundo o autor, o pré-construído não se prende apenas à sintaxe ou a um plano organizacional, já que ele alcança ‘outros planos’. Ao se aceitar a noção de pré-construído, deve-se considerar a relação entre língua, subjetivação e ideologia: “Essa articulação do sujeito da/na história é o que faz a costura de sentidos dispersos no interdiscurso, os quais são linearizados no intradiscurso” (GARBIN, 2020, p. 243). Desse modo, a SD “aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu” (PÊCHEUX, 2014, p. 88) seria absurda, pois a visão ateuista nega a existência que é confirmada na própria estrutura sintática ‘que salvou o mundo’. É o pré-construído que permite a compreensão da SD, fazendo com que ela não seja absurda.

Isto porque, seja pela designação, seja pela afirmação, a ambiguidade entre pensamento e objeto de pensamento faz o retorno do sujeito. Ambiguidade, uma vez que o sujeito não pode não saber. Todo mundo sabe ou é evidente que ‘aquele que salvou o mundo morrendo na cruz’ é Jesus. Não podemos deixar de saber, porque a causa material se encontra em outra ordem, que não é da organização da língua ou da competência do sujeito, mas sim da ordem do discurso (GARBIN, 2020, p. 243).

Compreende-se, pois, que o sujeito não é origem do sentido, mas assujeitado ao discurso, que “é uma materialidade histórica sempre já-dada, na qual os sujeitos são interpelados e produzidos como ‘produtores livres’ de seus discursos cotidianos, literários, ideológicos, políticos, científicos etc” (PÊCHEUX, 2015, p. 156). Em termos discursivos, há um contínuo, um ininterrupto no decorrer da história no que se refere à relação entre os discursos; qualquer discurso atualizado está atrelado a um discurso já-produzido e já-existente, pois “todo discurso está em débito com o que foi dito antes”

(CATELLAN, 2017, p.172), seja para perpetuá-lo, ou resisti-lo, ou até mesmo para romper com ele por meio da falha.

O eu-poético da música parece pretender que a mulher se defina, quando ela, por ser interpelada ideologicamente já está definida, pois há uma memória sobre o que é ser mulher. Da mesma forma, há uma memória sobre o modo como mulheres evangélicas significam as relações familiares e matrimoniais, trazer como tema o discurso dessas mulheres evangélicas sobre relações familiares e matrimoniais tira essa memória de sua zona de conforto, visto que se espera o deslize, a falha.

A interpelação ideológica tem relação com o que Lacan designa de “Outro”, que equivale em AD ao *Sujeito*, “com um S maiúsculo - sujeito absoluto e universal” (PÊCHEUX, 2014, p. 124). O ‘Outro’, significante marcado com letra maiúscula, é o lugar onde se situam “os ditos de todos os outros que foram importantes para o sujeito mesmo antes de ter nascido, e dele vêm as determinações simbólicas da história do sujeito” (RAMOS, 2020a, p. 222), e o “outro”, com letra minúscula, são conceitos da psicanálise de Lacan trazidos para a AD por Pêcheux (RAMOS, 2020a). Com isso, o filósofo da linguagem “insere o sujeito, a um só tempo, na língua, na cultura, no sistema simbólico, nas relações de poder, nas classificações sexuais e na estrutura social de exploração” (ALQUATTI, 2020, p. 282-283), uma *exterioridade* que marca o sujeito. Ramos (2020a, p. 222) define o Outro/Sujeito como “um estrangeiro que nos habita”, de forma que o sujeito nada tem a dizer; tudo o que diz “virá de fora, de algo que se projetou nele vindo do campo do Outro” (RAMOS, 2020a, p. 222); portanto, novamente: não é o sujeito centro do sentido nem dono de seu dizer. Nesse caso, a mulher da música e a mulher do *corpus*, como qualquer sujeito, não ‘é seu próprio lar’, mas lar de outros discursos anteriores à sua própria existência. São ideologias que habitam o sujeito, sem que fosse necessário abrir-lhes a porta.

Com isso, Lacan problematiza a teoria cartesiana de sujeito ao confrontar a racionalidade do “penso, logo sou” (ALQUATTI, 2020, p. 283), pois, para ele, “o *eu sou* não contém propriamente nenhum elemento, só faz sentido enquanto efeito de linguagem na prática ritual material de reconhecimento ideológico na vida cotidiana” (ALQUATTI, 2020, p. 283-284 - grifos do autor). De acordo com o psicanalista,

o sujeito se vê pelo olhar do outro; é a partir do outro que a imagem do sujeito é construída, a imagem desses discursos se estabelece enquanto verdade que nos constituem como sujeito e constroem nosso imaginário. Dentro da estrutura dual com o outro, antes que o sujeito afirme sua identidade, ele se confunde com a imagem do outro

que o forma, mas o aliena primordialmente. O outro é o semelhante, aquele com o qual o sujeito se identifica, admira ou odeia. O eu se constitui a partir da imagem do outro, a qual traz em si a imagem esculpida do Outro (RAMOS, 2020a, p. 221).

Portanto, “O homem te define”, ressignificando a palavra ‘homem’, aqui, como o ‘Outro’, o ‘Sujeito’. Portanto, mulher do *corpus*, enquanto sujeito, é constituída pela exterioridade, assim como é o modo de significar a si mesma e o mundo a seu redor; E o efeito ideológico lhe dá a ilusão de ser origem do pensamento e do sentido. Isso ocorre, porque, segundo Pêcheux (2014, p. 149), a ideologia, ao interpelar o indivíduo em sujeito, fornece-lhe

sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas - aceitas - experimentadas. Ao dizer que o *EGO*, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao *Outro*, ou ao *Sujeito*, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma de autonomia.

O sujeito, face da enunciação, considera-se dono e origem de seu discurso e o responsável pelo sentido, pois, de acordo com Alquatti (2020, p. 284), é “incessante o efeito ideológico das práticas sociais que situa, em torno do sujeito, a lógica da consciência, o efeito de origem do pensamento e do sentido”. Entretanto, pleitos de Pêcheux (2014, p. 145), postulam o assujeitamento:

Sob a evidência de que ‘eu sou realmente eu’ (com meu nome, minha família, meus amigos, minhas lembranças, minhas ‘ideias’, minhas intenções, meus compromissos), há o processo da interpelação - identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio: ‘aquele que...’, isto é, X: o qüidam que se achará aí. E isso sob diversas formas, impostas pelas ‘relações sociais jurídico-ideológicas’.

De acordo com Pêcheux, essa visão cartesiana, ou melhor, idealista, que leva o sujeito a se achar senhor do discurso, consiste em um “funcionamento espontâneo da forma-sujeito, do ‘Ego-imaginário’, como ‘sujeito do discurso’” (PÊCHEUX, 2014, p. 150). Assim, uma vez que, segundo ele, o sujeito se constitui pelo esquecimento que o determina, é possível se examinarem “as propriedades discursivas da forma-sujeito, do ‘Ego-imaginário’, como ‘sujeito do discurso’” (PÊCHEUX, 2014, p. 150), uma vez que a forma-sujeito

constitui-se como uma das noções fundamentais para o arcabouço teórico da AD, em especial, do processo de assujeitamento. Não se trata de uma forma empírica, mas de um feixe de saberes próprios a um sujeito que está diretamente relacionado à ideologia [...]. É uma forma de revestimento histórico. Os indivíduos se colocam como estruturas para que ciência, política, linguagem e história amalgamem-se e constituam a forma-sujeito que sustentará o sujeito em suas distintas posições-sujeitos, sob efeito ilusório de apagamento da exterioridade, na anterioridade do sujeito (DORNELES; BRESSAN, 2020, p. 103).

As autoras postulam que a forma-sujeito sustenta as ideologias, que são efeitos das práticas materializadas nos Aparelhos Ideológicos de Estado - AIEs. Uma vez que a igreja evangélica é um AIE, as mulheres do *corpus* são também suportes de saberes da ideologia religiosa, cujos preceitos determinam e orientam posições-sujeito dessas mulheres: mães, esposas, profissionais, dentre outras.

Posto isso, pretende-se tecer, aqui, uma visão sobre como as mulheres são doutrinadas, sobretudo as do *corpus*, isto é, como, a partir da dominação masculina, dá-se a evidência de sentido sobre o que é ser mulher evangélica, destacando-se, principalmente, o efeito de inferioridade em relação ao homem e a imposição sobre o sujeito feminino de papéis de esposa submissa e de mãe piedosa e temente a Deus. Em virtude da impossibilidade de esgotar discursos que interpelam e constituem os sujeitos do *corpus*, foram elencados, neste capítulo, duas narrativas bíblicas do livro de Gênesis, “A Criação da Mulher”³³ e a “A Queda de Adão e Eva”³⁴, as quais Lerner (2019) considera como as metáforas mais violentas da Bíblia para o gênero feminino; além disso, far-se-á uma breve discussão sobre *Caça às Bruxas* e o curso oferecido por igrejas evangélicas para disciplinar mulheres, denominado *Mulher Única*.

É preciso perceber que os pré-construídos que instituíram uma memória da forma-sujeito feminina dentro desses padrões não se limitam aos mencionados. No entanto, eles foram escolhidos por motivos específicos: as narrativas, por se referirem a textos da Bíblia, produzem uma leitura e interpretação que influenciaram/influenciam o sujeito do *corpus* (mulheres evangélicas), para quem o livro é considerado sagrado (SANTOS, 2019), um manual de vida; a caça às bruxas, por outro lado, escolhida para exemplificar os ataques que sofreram as mulheres que não se curvaram ao sistema capitalista e que, por não aceitarem o que era imposto, foram julgadas e exterminadas,

³³ BÍBLIAON. Gênesis 2. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2>. Acesso em: 21 fev. 2021.

³⁴ Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_3/. Acesso em: 11 jun. 2021.

pois sua resistência era uma ameaça para o sistema. A violência utilizada para contê-las e para impedi-las de desafiar uma ordem superior, orquestrada pela dominação masculina, atemorizou e conteve essas mulheres e interferiu na estrutura psíquica da mulher (FEDERICI, 2017), afetando o comportamento dela até os tempos modernos (MURARO, 1995). Por fim, o curso *Mulher Única* foi recuperado, neste estudo, como pré-construído, por ser ministrado na igreja Batista da Lagoinha, de que Tannure, sujeito deste *corpus*, é membro e pastora, visando ilustrar como a dominação masculina se perpetua no discurso religioso da FDR.

Em outras palavras, neste capítulo, procura-se resgatar aspectos pertinentes para compreender melhor a mulher do *corpus* e para ampliar a visão sobre ela. Por isso, discorre-se sobre os efeitos de sentido de “ser evangélico”, “pentecostal” e de “empoderamento da mulher evangélica”. Colocar-se-á, portanto, em análise, a interpelação ideológica, observando “lá dos bastidores, lá de onde se pode captar que se fala *do* sujeito, que se fala *ao* sujeito, *antes* de que o sujeito possa dizer: ‘Eu falo!’” (PÊCHEUX, 2014, p. 138). A construção desta premissa parece oportuna, para que, à frente, encontrem-se falhas no ritual, na forma de resistência ou de ruptura, e seja possível defender, de modo plausível, a tese de Pêcheux de que “não há dominação sem resistência”.

1.3.1 NARRATIVAS BÍBLICAS E CAÇA ÀS BRUXAS - PRÉ-CONSTRUÍDOS DE DOMINAÇÃO MASCULINA

A FD religiosa da qual são suporte as mulheres evangélicas mencionadas mantém e promove a dominação masculina, ao representar e reproduzir o patriarcado presente nas mais diversas instituições, sendo que, de acordo com Santos (2019, p. 107-108), os “espaços religiosos cristãos, [...] constituem um dos maiores desafios a ser enfrentado”. Nesse sentido, a Bíblia, por ser considerada o livro sagrado e um objeto de valor imensurável, por ter papel fundamental na constituição ideológica da igreja de base cristã (SANTOS, 2019), dificulta o enfrentamento, porque, no meio evangélico, é significada como “A palavra de Deus”; assim, pré-construídos pautados em interpretações referentes a ela não devem ser confrontados. Todo problema reside no fato de que as “evidências” se pautam em um livro que, segundo Santos (2019), possui, como princípio, uma hermenêutica patriarcal, que permite uma interpretação que legitima a desigualdade entre homens e mulheres, discursiviza a mulher como inferior ao homem e estabelece para ela lugares específicos.

Além de essa desigualdade estar presente no discurso religioso em questão, foi também encorpada, no decorrer da história, a partir do séc. XVI, por discursos de outras áreas de conhecimento, como a Medicina, a Filosofia, a Biologia e a Psicologia, que não focaram a complexidade do sujeito mulher, senão em sua anatomia. Os ideais iluministas e a Revolução Francesa, entretanto, causaram algum deslocamento sobre esse efeito de sentido da mulher, por defender a igualdade entre os gêneros, por distanciar a mulher do ambiente privado e por não a reduzir a seu aspecto “natural”, o que gerou conflitos com discursos que defendiam o ideal de mulher sob a visão patriarcal: inferior, submissa e destinada ao espaço privado.

É nesse período que começa a surgir uma série de questionamentos que resulta nessa produção discursiva, na tentativa de explicar e se determinar o que era ser uma mulher. Esse discurso era transmitido pela educação formal, pelas expectativas parentais, pelo senso comum, pela religião e pela produção filosófica e científica da época. Desse modo, as mulheres seriam um conjunto de sujeitos a partir de sua ‘natureza feminina’, ou seja, cumprir com o destino ao qual estariam naturalmente designadas, em função das particularidades de seus corpos e de sua capacidade procriadora. Para todas as mulheres, o único destino possível seria a maternidade, sinônimo de felicidade máxima e realização. Dessa forma, as virtudes próprias da feminilidade seriam o recato, a docilidade, uma receptividade passiva em relação aos desejos e às necessidades dos homens e, a seguir, dos filhos, tendo como único lugar a família (PEREIRA, 2019, p. 71).

É, portanto, sob o conflito que o discurso define a função da mulher e a sua ‘natureza feminina’, determinando, ideologicamente, o lugar que ela deve ocupar. Segundo Pereira (2019, p. 70), “a questão da natureza se apresenta como fator que ‘aprisiona’ a mulher ao seu inevitável ‘destino’ de mãe e rainha do lar. Um ideal de mulher que foi construído, ao longo da história, para sustentar a virilidade do homem e a sociedade patriarcal”. Essa virilidade é reproduzida no discurso de Tannure, ao mesmo tempo em que ela destaca o ideal de fragilidade e de dependência feminina, como o faz na SD destacada a seguir:

Homens são objetivos, homens são práticos, mulheres são românticas [...] Mas quando aparece uma barata, um ser infinitamente menor que a gente, a gente faz um escândalo! Eu não sei qual é o bichinho de sua preferência! A maioria é barata, mas tem sapo, rato, lagartixa, fica a escolha. Besouro! Fica a escolha. O fato é que aparece... o homem pode até ter medo, mas ele não dá bandeira...Ele vai lá pega um

chinelo...Vai lá 'Cadê?'. Enquanto isso a gente tá em cima de algum móvel! (ER1.1³⁵).

Nessa SD, a pastora significa o homem como viril e corajoso; enquanto a mulher, como sujeito romântico, medroso e incapaz de enfrentar seus medos. No discurso dela, há silêncios que concebem o homem como um sujeito forte, cuja praticidade e coragem protegem a mulher e, por isso, o sujeito feminino depende dele. Nessa SD, a pastora enfatiza a suposta fragilidade e dependência femininas, colocando-a como inferior. Segundo Saffioti (1987), a fala reiterada da discriminação leva o sujeito a acreditar em sua inferioridade, sempre o contrapondo a outro considerado superior:

Assim, torna-se bem claro o processo de construção social da inferioridade. O processo correlato e o da construção social da superioridade. Da mesma forma como não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores. Logo, a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil e a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior (SAFFIOTI, 1987, p. 29).

O correlato 'Mulher dócil é a contrapartida de homem macho', citado pela autora, constitui uma oposição que pode ser identificada nas palavras de Tannure, quando ela descreve a mulher como o sujeito sensível, amoroso, maternal, que acolhe e consola o outro, em oposição ao homem, que tem uma postura mais resoluto, mais inflexível e mais firme, conforme se verifica na SD abaixo:

Quem consola? Quer colo bom pra consolar como colo de mãe? Às vezes, o menino rala o joelho e vem chorando: 'Ah, mãe, ralei o joelho'. Vai pro pai 'Pai, ralei o joelho!'. O pai fala 'Que é isso, rapaz? Chora não. Você é homem. Passa cuspe que sarar!'. Aí vem pra mãe, a mãe fala: 'Oh, filho, vem cá, vem cá, deixa eu dar beijinho pra sarar. Sarou?', 'Sarou?'. Consolo (ER1.2).

³⁵ Ao longo do texto, das preações de Tannure, identificadas aqui como enunciados de referência (ER), serão utilizados recortes para subsidiar a análise do *corpus*. Dessa forma, esses recortes estarão identificados por numeração, exemplo: ER1.1, ER1.2, ER1.3...; ER2.1, ER2.2, ER2.3...e, assim, sucessivamente. O objetivo é marcar a referenciarão para o leitor, a fim de que ele identifique, quando houver vários recortes de um mesmo ER, qual cada momento de análise está retomando.

Tannure aloca a mulher na posição-sujeito de mãe, significando, com isso, a doçura como uma atitude própria da natureza da mulher e não do homem, que é incentivado a ser forte, a não chorar e a não se deixar dominar pela dor, visto que atitudes assim não constituiriam a natureza masculina.

Segundo Pereira (2019), no decorrer da história, ditaram-se regras ao sujeito feminino pautadas no que a ciência definiu como sendo de sua natureza, traçando, com base nisso, o destino de suas vidas, no qual, ser mãe corresponderia à sua maior realização. A autora sustenta que a religião caminhou com a ciência em um mesmo discurso, pois, no livro de Gênesis, a maternidade imposta à mulher como função é significada pela ciência como a mais importante realização do gênero feminino (no discurso de Tannure, a mulher ainda está no cumprimento desta função).

Além disso, a memória da mulher pecadora do Gênesis foi também abraçada pela ciência. Pereira (2019) defende que a percepção de Eva como pecadora e responsável por o homem se perder do plano de Deus foi reproduzida pela ciência e pela filosofia. Consoante alguns discursos dessas áreas, a mulher “teria aspectos ameaçadores para o homem; por isso os impulsos sexuais femininos deveriam ser reprimidos desde cedo pela educação para que a mulher pudesse desempenhar o papel de esposa e mãe” (PEREIRA, 2019, p. 72). O patriarcado se apropriou dessas crenças e, ao longo do tempo, “impôs ‘verdades’ sobre a mulher, sobre o corpo feminino, sobre seu lugar na estrutura social, que são sustentadas por práticas falantes que acabam por constituir os sujeitos e mantê-los dentro de posições estabilizadas cultural e socialmente” (PEREIRA, 2019, p. 72).

Para a autora, é por meio de discursos que essas ‘verdades’, ou melhor, que a ideologia interpela os sujeitos “que passam a compreender o mundo, por meio de uma forma pré-determinada (verdades, ideais), assumindo, inconscientemente, posições filiadas a formações discursivas com as quais se identificam” (PEREIRA, 2019, p. 73). Diante disso, uma vez que a ideologia interpela, afeta e “recruta” sujeitos (PÊCHEUX, 2014), a interpretação que se dá à Bíblia e às suas narrativas permite compreender como “os ‘voluntários’ são designados nesse recrutamento, no que diz respeito ao modo com que todos os indivíduos *recebem como evidente* o sentido do que ouvem ou dizem, lêem (sic) ou escrevem” (PÊCHEUX, 2014, p. 144 - grifos do autor). Nesse recrutamento ideológico, em que a ideologia de dominação masculina capta o sujeito feminino e o diminui, segundo Santos (2019, p. 13),

o modo como se dá a apropriação da Bíblia a partir de uma leitura patriarcal naturaliza e reforça o modo patriarcal de ser igreja. O uso constante da Bíblia para excluir e silenciar mulheres e outros grupos de pessoas marginalizadas na igreja, a partir de uma interpretação bíblica patriarcal, é o reflexo das raízes que atingiram a Bíblia, suas traduções, usos e interpretações na história da tradição cristã.

A Bíblia, portanto, é um compêndio de pré-construídos, que ajuda a sustentar a ordem patriarcal, o que ocorre desde os primeiros textos, como o livro do Gênesis, cujo discurso sobre o mito judaico-cristão significa Deus, criador de todas as coisas e seres e, como figura masculina, coloca a mulher em um plano secundário:

O mundo é criado por um deus único e todo-poderoso, onipotente e onipresente, que controla todos os seres humanos em todos os momentos de sua vida. E aqui entramos no mito judaico-cristão, a base da nossa civilização atual. E o mito judaico-cristão é o mito dos que creem e dos que não creem nele, dos antigos e dos modernos, porque o mito não é aquilo que ele diz, mas a estrutura psíquica que ele produz (MURARO, 1995, p. 70).

As narrativas bíblicas de Gênesis (“A Criação da Mulher” e a “A Queda de Adão e Eva”) servem para elucidar como o significado de ‘deus único e todo-poderoso, onipotente e onipresente’ interferiu na estrutura psíquica dos sujeitos e “passou a ter extrema importância na maneira como homens e mulheres conceituam as mulheres e colocam ambos, homens e mulheres, na ordem divina das coisas e na sociedade humana (LERNER, 2019, p. 223-224). Para Lerner (2019), essas narrativas são as metáforas mais marcantes que há na Bíblia sobre gênero:

As metáforas de gênero mais fortes da Bíblia foram as da Mulher, criada a partir da costela do Homem, e de Eva, a sedutora, fazendo com que a humanidade caísse em desgraça. Por mais de dois mil anos, isso é citado como prova da subordinação da mulher como castigo divino (LERNER, 2019, p. 227).

Essas metáforas veiculam pré-construídos sobre a relação matrimonial e são materializadas em enunciados do *corpus*, como no de Tannure: “desde que a mulher foi removida de seu lugar, do plano A de Deus. Auxiliadora idônea. Quando nós começamos a ser egoístas e a pensar em nós mesmas primeiro que a sociedade tá vivendo isso aí”(ER2.8), que significa a desobediência de Eva a Deus como a causa dos problemas da sociedade.

A narrativa da criação, a primeira citada por Lerner (2019), apresenta o primeiro casal da Bíblia e impõe, para essa relação, um efeito: a superioridade do homem sobre a mulher. Alguns de seus episódios remontam a isso; em “Então o Senhor Deus declarou: Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda” (BÍBLIAON, Gênesis, 2:18)³⁶, a mulher é apresentada ao homem como sua auxiliadora, ajudadora, um complemento, um presente criado por Deus para servi-lo.

Na sequência, após Deus criar a mulher, Adão, ao se deparar com ela, afirma: “Esta, sim, é ossos dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada” (BÍBLIAON, Gênesis, 2:23)³⁷. Nesse caso, a mulher é parte do homem e ocorre uma intrigante inversão: o homem dá origem a outro ser; assim, a história nega ao feminino uma de suas maiores capacidades e belezas, gerar vida, transferindo-a ao masculino: “O homem se define aqui como ‘a mãe’ da Mulher; por meio do milagre da criatividade divina, um ser humano foi criado a partir de seu corpo, da forma como a mãe humana produz vida a partir do corpo dela” (LERNER, 2019, p. 226). Não há, no processo de criação, efeito de igualdade.

Dessa forma, nenhum poder resta à mulher. Esse pré-construído incute, no imaginário dos sujeitos, um efeito de sentido de unidade entre o homem e a mulher: ‘ossos dos meus ossos e carne da minha carne’, mas creditando ao homem “a segurança de ser o primeiro da natureza e da humanidade” (MURARO, 1995, p. 71).

Além disso, Adão dá nome à sua auxiliadora: ‘esta será chamada Mulher’. E, na segunda metáfora citada por Lerner, a da Queda, ele a renomeia: “Adão renomeia sua esposa como Eva, ‘porque é mãe de todos os seres vivos’” (LERNER, 2019, p. 245). Esta é uma cena patriarcal de autoridade e de imposição, pois apresenta o homem determinando a posição da mulher e como pretende que seja reconhecida, ao definir para ela, pela profecia evocada no nome, seu futuro: a maternidade.

Estes são pré-construídos que atravessam a história e, ideologicamente, marcam a forma-sujeito *mulher*. Portanto, ela tende a aceitar como natural a suposta fragilidade diante do homem e a maternidade como algo intrínseco à sua existência. Esses pré-construídos também ajudam a explicar a razão de a esfera pública ser restrita, por que não dizer “negada”, ao sujeito feminino. Materializados hoje, ‘em débito’ (CATTELAN, 2017) com discursos anteriores, eles ressurgem em enunciados,

³⁶ Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_2/. Acesso em: 27 jun. 2021.

³⁷ Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_2/. Acesso em: 27 jun. 2021.

por exemplo, de que a mulher “nasceu para ser mãe” ou mesmo em cobranças se ela vai ou não ter filhos. A atitude de Adão impõe ao gênero feminino a maternidade como missão e ser mãe requer atenção à esfera privada e ao cuidado com o outro.

O papel de (re)nomear e ordenar toda a criação assemelha Adão a seu Criador. Consiste em um poder que Deus atribuiu, “somente, e de modo específico, ao ser humano do sexo masculino” (LERNER, 2019, p. 226), o que

acrescenta um significado adicional ao fato de Adão, o primeiro a usar o poder de nomear na história da criação citada acima, renomear a mulher, Eva, após a Queda. Isso nos passa uma impressão forte e reiterada de que o macho compartilha do poder divino de nomear e renomear (LERNER, 2019, p. 227).

Ademais, a segunda metáfora destacada por Lerner, aquela da “Queda da humanidade”, coloca a mulher como quem desobedece a uma ordem de Deus e que influencia o homem a também cometer o mesmo erro:

1 Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?
 2 E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos,
 3 Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não morrais.
 4 Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis.
 5 Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.
 6 E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela (BÍBLIAON, Gênesis, 3:1- 6)³⁸.

A narrativa produz efeitos terríficos, que vão além de o casal ser expulso do Jardim do Éden, pois o fato de a mulher ter “levado” o homem a pecar atinge, segundo a Bíblia, não somente a existência do casal, como também de toda a humanidade: “Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram” (BÍBLIAON, Romanos, 5:12)³⁹.

³⁸ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>. Acesso em: 16 fev. 2021.

³⁹ Disponível em: https://www.bibliaon.com/romanos_5/. Acesso em: 28 jun. 2021.

A partir desse evento, eles são expulsos e conscientizados, por Deus, de sua mortalidade: “Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás” (BÍBLIAON, Gênesis, 3:19)⁴⁰. Nesse momento, Adão se defende: “A mulher que me deste por companheira, **ela me deu** da árvore, e comi” (BÍBLIAON, Gênesis, 3:12 - grifo nosso)⁴¹, sugerindo que foi induzido por ela e, portanto, que é vítima. De acordo com Muraro (1995, p. 73), o homem enfrenta a ameaça de morte da parte de Deus por tê-lo desobedecido, assim, tem-se “a mensagem de que a mulher é tentadora, destrutiva, e de que desestabiliza as relações do Homem com Deus”. Esses já-ditos reverberam em discursos cristãos e são pré-construídos que estigmatizam a mulher. Significadas como ajudadoras, sedutoras e pecadoras desde a origem (Gênesis), elas têm comportamentos vigiados e controlados para não prejudicar o homem, o qual é apresentado como vítima:

O que significa guardar a honra? É se valorizar (mas sem ser sensual), evitar que falem mal de você (suas roupas devem refletir sua postura cristã), guardar seu corpo para seu esposo ou futuro esposo, pois somente ele tem ou terá o direito de te desejar e saber como é seu corpo. Mulheres e moças que fazem os homens terem pensamentos impuros (pecar) devido ao seu modo de se vestir, um dia com certeza serão cobradas pelo Senhor (SILVA, 2012, s. n.).

A ameaça de Deus à mulher, devido à sua desobediência (por ter incitado o homem ao pecado), é diferente, pois Ele se dirige a Eva dessa maneira: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento⁴² você dará à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, **e ele te dominará**” (BÍBLIAON, Gênesis 3:16 - grifo nosso)⁴³. Deus a castiga com ‘sofrimento’ e realça a função da maternidade e a submissão ao homem. No livro de Gênesis, tem-se a imagem feminina como símbolo da companheira idealizada, mas que se torna a responsável pela sua queda e a de seu companheiro, Adão. Assim, no decorrer da história, o sujeito feminino teve sua imagem atrelada “fortemente a dois papéis sociais: o da mãe, esposa, dona de casa e mulher submissa e, de outro lado, o de mulher pecadora, sensual, ou seja, de transgressora” (MALUF-SOUZA; FERNANDES, 2011, p. 1).

⁴⁰ Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_3/. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁴¹ Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_3/. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁴² Nesse versículo, a reiteração do significante ‘sofrimento’ empregado pelo Deus figura-masculina é usado ao se referir à maternidade, ao poder de a mulher gerar filhos. A repetição se apresenta como castigo, mas tem efeito de sentido de recalque do gênero masculino por não desfrutar da mesma capacidade.

⁴³ Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_3/. Acesso em: 11 jun. 2021.

As duas metáforas do livro de Gênesis citadas por Lerner (2019) são recortes que comprovam o uso da Bíblia por uma visão patriarcal, conforme postulou Santos (2019). Entretanto, importa ressaltar que, de acordo com Muraro (1995), o patriarcado tinha suas bases psíquicas estruturadas antes mesmo do Livro de Gênesis, devido às sociedades agrárias existentes. A ideologia de dominação masculina que interpelava a sociedade agrária se sacralizou nas narrativas bíblicas, ou seja, o sistema apenas encontrou, no livro sagrado, uma forma de santificar sua estrutura:

Quando o Gênesis foi escrito, as principais sociedades agrárias já existiam há milênios, e, portanto, já estavam em parte formadas as novas estruturas psíquicas que iriam tornar homens e mulheres aptos ao sistema patriarcal. Portanto, o relato da Queda nada mais fez do que explicitar o que já estava no inconsciente de homens e mulheres; além disso, através de um texto sagrado, esta nova estrutura psíquica ficou santificada (MURARO, 1995, p. 72).

Segundo a autora (1995, p. 74), quanto ao sistema patriarcal, o Gênesis não deixou de lado nenhuma vulnerabilidade do homem e da mulher: “o novo sistema já tem tudo para funcionar, e até hoje funciona”. Em relação ao conhecimento desejado por Eva, ela comenta que ele “é colocado como causa da transgressão, porque, de agora em diante, vai ser o motor que vai fazer funcionar todo o sistema” (MURARO, 1995, p. 62) e, no caso, não seria interessante que todos tivessem acesso a ele, senão aqueles que já o buscavam. De acordo com ela,

Marx e Engels foram [...] os mais importantes pensadores do século XIX a analisar este tema. Em primeiro lugar, afirmavam que a divisão sexual do trabalho dava origem a uma divisão social do trabalho, que, por sua vez, levou à especialização. Esta, também por sua vez, levou ao aperfeiçoamento de tecnologias que deram origem aos excedentes (lucro), algo que sobrava após terem sido satisfeitas as necessidades de sobrevivência dos grupos. Estes excedentes poderiam ser usados como valores de troca, dando origem a uma classe dominante que não precisava trabalhar e vivia da venda dos excedentes, escravizando boa parte das populações; daí a origem do Estado centralizador, propriedade dos excedentes, da terra, que mais tarde, com a expansão da agricultura, viria se tornar propriedade de alguns poucos em detrimento da comunidade. Nesta época, o sexo feminino é também dominado e a mulher fica reduzida ao âmbito do privado, a fim de fornecer o maior número possível de filhos para arar a terra e defender o Estado (MURARO, 1995, p. 62).

A classe dominante não desejava que o conhecimento fosse partilhado. A autora considera que esse sistema possui outras representações em Gênesis: “O

texto sagrado faz um ‘pacote’ interior e exterior, individual e coletivo, e de um só golpe une inconsciente ao **novo modo de produção agrário** que daí em diante virá a ser o grande transformador da humanidade” (MURARO, 1995, p. 73 - grifo nosso).

Há, por exemplo, no capítulo da Queda, **a)** menção ao trabalho agrário: “maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida/Espinhos, e cardos também, te produzirá; e comerás a erva do campo./No suor do teu rosto comerás o teu pão” (BÍBLIAONLINE, 3:17-18)⁴⁴, “O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado” (BÍBLIAONLINE, 3:23)⁴⁵; **b)** referência à dominação do homem (Adão) pelo Homem (Deus): “E ele (Adão) disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me” (BÍBLIAONLINE, 3:10)⁴⁶; **c)** dominação do homem sobre a mulher: “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (BÍBLIAONLINE, 3:16)⁴⁷. Segundo Lerner (2019, p. 245), em Gênesis, está sacralizada “a divisão de trabalho entre os sexos”: Adão é destinado ao manejo com a terra, que remete ao âmbito público; a mulher é destinada ao privado, a se dedicar à maternidade, ao lar. Assim, o espaço privado, a submissão, a maternidade, a partir do processo discursivo bíblico são sacralizadas: “É a lei do patriarcado aqui definida com clareza e sob a sanção divina” (LERNER, 2019, p. 244).

Muitos discursos opressores, no decorrer da história, promoveram (e ainda promovem) a submissão das mulheres, privando-lhes autonomia e espaços e as colocando nessa posição, inclusive, por meio de ações violentas, as quais, não raro, passaram por um processo de apagamento, mas deixaram marcas que continuam significando o gênero feminino. Nesse escopo, destaca-se a caça às bruxas, séc. XV-XVIII⁴⁸. Essas mulheres “foram queimadas, enforcadas e torturadas” (FEDERICI,

⁴⁴ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>. Acesso em: 04 jun. 2021.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>. Acesso em: 04 jun. 2021.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>. Acesso em: 04 jun. 2021.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>. Acesso em: 04 jun. 2021.

⁴⁸ “O termo **caça às bruxas** pode ser utilizado para designar historicamente a perseguição ocorrida em qualquer era às mulheres que supostamente possuíam poderes sobrenaturais, mas é usualmente mais usado para se referir aos eventos ocorridos durante cerca de quatro séculos a partir do século XV, quando a Igreja liderou uma grande investida contra mulheres que de alguma forma haviam ferido as expectativas sociais, políticas ou religiosas, normalmente de classe social mais humilde. Atualmente, a expressão caça às bruxas diz respeito especificamente à perseguição sistemática contra algum grupo. No século XIII, a Igreja criaria o Tribunal do Santo Ofício - melhor conhecido como Inquisição - para impedir que pessoas desviadas dos ensinamentos cristãos deixassem a instituição, utilizando-se para isso de variados mecanismos de perseguição e punição. Neste sentido, costuma-se dividir a ação da Inquisição em dois períodos: o medieval, do século XIII ao XIV, e o moderno, do século XIV ao XIX. Em

2017, p. 292) na presença dos membros das comunidades, de seus filhos e filhas, sendo que muitas assistiam, sob açoites, à agonia da mãe em chamas (FEDERICI, 2017). Essa perseguição se deu junto a “*um aglomerado de processos sociais que prepararam o caminho para o surgimento do mundo capitalista moderno*” (FEDERICI, 2019, p. 40). Por meio da “Santa” Inquisição,

ao menos centenas de milhares de mulheres morreram em quatro séculos. Muitos crêem que este número atinja a casa dos milhões. Hoje os historiadores e principalmente as historiadoras se aplicam em resgatar a memória das bruxas. Sua destruição foi um dos maiores genocídios da história da humanidade (MURARO, 1995, p. 109).

De acordo com FEDERICI (2019), o desenvolvimento do capitalismo, que causou expropriação de terras, pauperização e exclusão social de agricultores feudais na Europa, atingiu fortemente o gênero feminino, colocando as mulheres em situação de vulnerabilidade. A destruição do sistema de comunas, com a privatização das terras, tirou das mulheres direitos e poderes e um meio de subsistência e de sociabilidade. Elas “tiveram maior probabilidade de ser vitimizadas porque foram as mais ‘destituídas de poder’ por essas mudanças, em especial as mais velhas, que, muitas vezes, se rebelaram contra a pauperização e a exclusão social e que constituíram a maioria das acusadas” (FEDERICI, 2019, p. 62) de bruxaria, além de serem indiciadas, às vezes, por crimes de infanticídio e por causarem impotência sexual nos homens. As bruxas tinham “conhecimento sobre ervas, sobre meios de contracepção ou aborto e sobre quais magias usar para obter o amor dos homens” (FEDERICI, 2019, p. 72). Eram curandeiras, parteiras, médicas, conhecedoras do poder das plantas e da magia, que desafiavam o poder dos homens (MURARO, 1995) e o poder da igreja, que, por não conhecer e controlar suas práticas, definiu-as como hereges:

A Igreja considera os elementos que não estavam totalmente sob o seu controle como não-ortodoxos e, portanto, dignos de extermínio. E foi o que aconteceu com estas mulheres, subversivas porque

1484, durante o papado de Inocêncio VIII, seria emitida uma bula oficial com condenações à prática da feitiçaria: o *Summis desiderantes affectibus*, que também apoiava as ações necessárias para livrar a cristandade dos praticantes de bruxaria. Dois inquisidores nomeados aproximadamente nesta época, Jakob Sprenger e Heinrich Kramer, escreveriam ‘*O Martelo das Feiticeiras*’, livro que nortearia uma série de perseguições aos acusados de bruxaria por meio de argumentos jurídicos e religiosos” (PISSURNO). Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/caca-as-bruxas/>. Acesso em: 03 fev. 2022.

desafiavam uma corporação masculina nascente (MURARO, 1995, p. 109).

Descritas como mulheres pobres, comumente idosas, viviam sós e dependiam de doações. Algumas, no entanto, dispunham de poder na sociedade, por serem parteiras e por, justamente, praticarem, por exemplo, a cura, a magia e a adivinhação (FEDERICI, 2019). Desprovidas de recursos, afastadas de meios de sobrevivência, eram ainda impedidas de pedir esmolas devido à nova ordem moral que proibia tais ações, outrora valorizadas no período medieval e consideradas caminho para a redenção eterna, segundo a autora. Com a nova ordem moral e sem as terras comunais, “idosos eram forçados a depender de seus vizinhos para sobreviver, ou então se somavam à Lista de Necessitados (no momento em que a nova ética protestante começava a apontar a entrega de esmolas como um desperdício e como meio de fomentar a preguiça)” (FEDERICI, 2017, p. 361). Amarguradas com sua condição miserável de exclusão, as bruxas resistiam à pobreza e à exclusão social e amaldiçoavam quem ousasse lhes negar ajuda (FEDERICI, 2019): “Algumas mulheres pobres usaram, provavelmente, o medo que inspirava sua reputação como bruxas para obter aquilo que necessitavam” (FEDERICI, 2017, p. 361).

Dentre inúmeras ações que uma nova ordem necessita para se estabelecer e fixar suas bases, o sistema capitalista buscou impedir e cercear o poder, a autonomia e a liberdade do gênero feminino para ajustá-lo a condutas que lhe favorecessem. Antes, é preciso destacar que interessa ao poder erradicar o inimigo, combatendo discursos que vão de encontro aos anseios capitalistas; portanto,

Naquele contexto, a presença, em muitas comunidades camponesas, de mulheres idosas ressentidas de sua condição deplorável, que iam de porta em porta resmungando palavras negativas, certamente poderia ser temida como criadouro de tramas conspiratórias (FEDERICI, 2019, p. 64).

Depois, o sistema capitalista contava com um mundo mais mecanizado e isso exigiria um sujeito mais racional. Dessa forma, não caberia, nessas novas condições de produção, uma concepção mágica e natural do mundo:

como modo de produção que postula a ‘indústria’ como principal fonte de acumulação, o capitalismo não podia se consolidar sem forjar um novo indivíduo e uma nova disciplina social que impulsionasse a capacidade produtiva do trabalho. Isso envolveu uma batalha histórica contra qualquer coisa que impusesse limite à plena exploração da mão

de obra braçal, a começar pela rede de relações que ligava os indivíduos ao mundo natural, a outras pessoas e ao próprio corpo. O elemento-chave desse processo foi a destruição da concepção mágica de corpo vigente na Idade Média. Essa concepção atribuía ao corpo poderes que a classe capitalista não conseguia explicar, que eram incompatíveis com a transformação dos trabalhadores e das trabalhadoras em máquinas de trabalho que poderiam até intensificar a resistência das pessoas a esse processo. Eram poderes xamânicos que as sociedades agrícolas pré-capitalistas atribuíram a todos, ou a indivíduos específicos, e que, na Europa, sobreviveram apesar de séculos de cristianização - muitas vezes, sendo assimilados aos rituais e às crenças do cristianismo (FEDERICI, 2019, p. 65).

Um terceiro ponto que se acrescenta a essa racionalização do trabalho é a preocupação da elite capitalista com a sexualidade das mulheres: “nas regulações introduzidas na maior parte da Europa ocidental nos séculos XVI e XVII, referentes a sexo, casamento, adultério e procriação [...] foi vista, ao mesmo tempo, como ameaça social e, quando direcionada apropriadamente, como poderosa força econômica” (FEDERICI, 2019, p. 66). Os interesses capitalistas negaram à mulher o direito à sua sexualidade e ao seu prazer; a sexualidade já demonizada por discursos da igreja devia servir para atender a interesses do capital e preservar sua as riquezas:

Os Santos Padres, que no século IV d.C foram ao deserto africano para escapar da corrupção da vida urbana supostamente das tentações de Eros, tiveram de reconhecer seu poder, sendo atormentados por um desejo que só poderiam imaginar como inspirado pelo diabo - quanto mais agradável para os olhos, mais mortal para a alma. Esse é o tema central de toda a demonologia, a começar por *Malleus maleficarum*⁴⁹, provavelmente o texto mais misógino já escrito (FEDERICI, 2019, p. 67).

Os discursos que fundavam o sistema capitalista movimentavam, portanto, pré-construídos de opressão contra o gênero feminino. Federici (2019) afirma que a

⁴⁹ “El más famoso de todos los libros sobre brujería, *Malleus Maleficarum* (El martillo de los brujos) fue escrito en 1486 por dos monjes dominicos. En el acto, y a lo largo de los tres siglos siguientes, se convirtió en el manual indispensable y la autoridad final para la Inquisición, para todos ‘los jueces magistrados y sacerdotes, católicos y protestantes, ‘en la lucha contra la brujería en Europa. Abarcaba los poderes y prácticas de los brujos, sus relaciones con el demonio, su descubrimiento. La Inquisición, la hoguera, la tortura, mental y física, de la cruzada contra ‘la brujería: todo esto es conocido. Y detrás de cada uno de los actos sanguinarios se encontraba este libro, a la vez justificación y manual de ‘instrucción. Para cualquier comprensión de la historia y naturaleza de la brujería y el satanismo, *Malleus Maleficarum* es la fuente importante. La primera fuente. Los AUTORES: Heinrich Kramer [...] Jacobus Sprenger. Ambos fueron nombrados Inquisidores con poderes especiales, por bula papal de Inocencio VIII, para que investigasen los delitos de brujería de las provincias del norte de Alemania. *Malleus Maleficarum* es el resultado final y autorizado de esas investigaciones y estudios” (KRAMER e SPRENGER, *Malleus Maleficarum*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9QFYOHNVhE1bHdvd29SNkY0bk0/view?resourcekey=0-8EvUHG4r-zS09pjrcLsPTg>). Acesso em: 03 fev. 2022).

classe capitalista castrou a sexualidade e o prazer da mulher, ou seja, manteve essa tradição. Em outras palavras, seguiu-se o desprezo ao gênero feminino, independente da religião professada pela burguesia: fosse ela católica, protestante ou puritana. A sexualidade feminina estava a serviço de algo e/ou de alguém; dentro dos moldes capitalistas, passou a ser aceita apenas no matrimônio com vistas à procriação: “a repressão do desejo feminino foi colocada a serviço de objetivos utilitários, como a satisfação das necessidades sexuais dos homens e, mais importante, a geração de mão de obra abundante (FEDERICI, 2019, p. 67) para atender ao capitalismo. Não é improvável supor que, nessas condições de produção, os discursos movimentavam paráfrases a partir de enunciados presentes no livro de Gênesis.

Na narrativa da criação, Adão se sentia sozinho e Deus, a partir de uma das costelas do homem, cria a mulher e lhe dá como serva. Adão a descreve como ossos de seus ossos e carne de sua carne, apontando para a unidade entre eles, que pode remeter ao matrimônio no capitalismo: “Uma vez que seu potencial (da mulher) subversivo foi exorcizado e interditado por meio da caça às bruxas, a sexualidade feminina pode ser recuperada, em um contexto matrimonial e para fins de procriação” (FEDERICI, 2029, p. 68). Em outras palavras, o que se pretende mostrar é que ambas as situações retratam circunstâncias que norteiam o gênero feminino a estar “a serviço de”. Assim como, segundo Muraro (1995), o livro de Gênesis sacralizou o patriarcado e, portanto, nesse sentido, submeteu as mulheres à dominação masculina, em relação ao matrimônio, o capitalismo não tinha, de fato, uma preocupação com a sexualidade da mulher para além de interesses próprios.

Assim como a caça às bruxas ajudou a forjar um sujeito feminino adequado a interesses econômicos capitalistas, as narrativas bíblicas da Criação e da Queda, do Gênesis, sacralizaram a ordem patriarcal e, nesse sentido, os discursos construíram um perfil de sujeito feminino para atender às necessidades econômicos do momento (MURARO, 1995). Da mesma forma, devido a interesses econômicos próprios, a pastora Tannure, ao se reportar a o discurso patriarcal, reproduz a dominação do homem sobre a mulher, para que ela permaneça submissa em sua posição-sujeito, aceitando passivamente a ideologia que determina esta FD religiosa.

1.3.2 NARRATIVAS BÍBLICAS E CAÇA ÀS BRUXAS - VIOLÊNCIA, MEDO E CULPA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO FEMININO

Entende-se que, sob a leitura, por vezes, crente e apaixonada que se faz dos textos da *Criação* e da *Queda* da humanidade do livro de Gênesis, produz-se um efeito de sentido violento contra o gênero feminino, que se estende até hoje. A violência do texto bíblico ocorre já na narrativa da criação, em que a mulher é apresentada ao homem com a função de ser sua serva, ou seja, a “primeira” mulher é colocada sob a dominação masculina de Adão (a autoridade após Deus-figura-masculina) e apagada, pois não tem voz e sua valoração se dá a partir do que o homem enuncia sobre ela: “ossos dos meus ossos e carne da minha carne!” (BÍBLIAON, Gênesis, 2:23)⁵⁰.

Na narrativa de Gênesis, a da Queda, a mulher recebe uma ordem do Deus-figura-masculina: “Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele” (BÍBLIAON, Gênesis, 3:3); porém, interessada em ter conhecimento, ela viu “que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento” (BÍBLIAON, Gênesis, 3:6) e desobedeceu à ordem de Deus. Contudo, quando supera a dominação masculina (representada na figura de Deus), agindo pela própria vontade e comendo o fruto, experimentando o novo, aquilo que sua curiosidade almeja, ela é prontamente castigada e seu castigo atinge também seu companheiro. Deus os penaliza com a expulsão do Éden, onde desfrutavam de uma vida pacífica, em harmonia com a natureza e com os animais; tornando-os mortais: “porquanto és pó e em pó te tornarás” (BÍBLIAON, Gênesis, 3:19); sacrificando-os com trabalho: “Do suor do teu rosto comerás o teu pão” (BÍBLIAON, Gênesis, 3:19); e, ainda, penalizando a mulher com o sofrimento ao gerar filhos: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez” (BÍBLIAON, Gênesis 3:16).

A desobediência ao Deus-figura-masculina pôs sobre os ombros da mulher a culpa de prejudicar o próximo ao arrastar não só Adão à perdição como toda a humanidade. Obedecer, portanto, torna-se, embora silenciada, uma atitude motivada pelo medo de “errar” novamente, ou seja: se o sujeito não se curvar a “ordens divinas”, está sujeito a graves consequências. A mulher se vê, assim, coagida a resignar-se e afastar-se de suas vontades em prol da dominação masculina. Os pré-construídos, portanto, permeiam discursos sobre a obediência a Deus e a tudo o que Ele instituiu, com o fato de ser dominada pelo homem, o que não é considerado uma escolha, mas

⁵⁰ Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_2/. Acesso em: 27 jun. 2021.

uma imposição divina. Os discursos mascaram essa imposição que causa medo e culpa, ao imporem sobre as mulheres outro efeito de sentido: a servidão enquanto caminho para serem melhores pessoas e terem melhor relacionamento com Deus. Assim, a dominação masculina ganha outras roupagens e parece não existir, tonando-se mais perigosa, no sentido de que se submeter ao homem, anular-se (abandonar projeto pessoal, sonhos e objetivos para atender a outrem), é significado como ato “voluntário”, como se pode observar na oração de Tannure na SD de ER1 abaixo:

Oh...Senhor, nos transforma, Senhor! Nos tira da mesmice, da religiosidade farisaica; nos tira dessa vida infrutífera, estéril e nos reposiciona como as guardiãs do nosso lar. Como esposas, segundo o teu coração. Colunas de seus maridos. Levanta aqui, Senhor, mães, que mudem a história das próximas gerações, se o Senhor não vier nos buscar. Mães dispostas **abrir mão**, a renunciar pra ver o melhor de Deus florescer. Ajuda-nos, Senhor! (ER1.3 - grifo nosso).

As seguidoras são inseridas na oração de Tannure pelo uso do pronome “nos” no intradiscurso: ‘Oh... Senhor, **nos** transforma, Senhor! **Nos** tira da mesmice, da religiosidade farisaica; **nos** tira dessa vida infrutífera, estéril e **nos** reposiciona como as guardiãs do nosso lar’, criando o efeito de o enunciado ser delas, quando é a pastora que orienta o que as seguidoras devem “desejar” e o que pedir a Deus. Não há nisso uma ação voluntária. Nesse enunciado, ER1.3, por exemplo, a pastora mostra o que é necessário fazer para ‘ver o melhor de Deus florescer’: a renúncia, relacionada à sujeição e à posição-sujeito de mãe e de esposa. Por outro lado, segundo a FD religiosa, a não-renúncia e a desobediência (já experimentada por Eva) têm um trágico preço. A pastora Tannure se apropria desses pré-construídos fazendo-os ser o pano de fundo geral de seu discurso (PÊCHEUX, 2014, p. 138). Segundo ela,

A Cruz não é a sogra, a cruz não é o marido difícil, a Cruz é quando a vontade de Deus prevalece sobre a nossa. Isso é Cruz. Quando a gente perde pra ganhar, quando a gente cede. Quando a gente se submete. Sim. Vamos falar a verdade. Eu quero me submeter ao meu marido, porque o Rei de todas as coisas se submeteu. Como eu posso dizer que eu tenho algo Nele e Ele tem algo em mim, se eu não sou capaz de me submeter ao meu marido? Rebelião. Orgulho. Altivez. Isso tem gerado uma crise nessa geração. E a culpa é da mulher (ER1.4).

Nesse recorte, segundo Tannure e a FD que a determina, a ligação com Deus está necessariamente relacionada à obediência: ‘Como eu posso dizer que eu tenho algo Nele e Ele tem algo em mim, se eu não sou capaz de me submeter ao meu

marido?'. Neste sentido, se a mulher de hoje não obedecer, assim como fez Eva por não obedecer a Deus-figura-masculina, ela prejudica uma geração, pois, para a pastora, conforme ER1.4, 'Isso tem gerado uma crise nessa geração'. Nas narrativas bíblicas, a mulher não tem voz, nada decide e, quando rompe uma lei masculina (ordem de Deus para não comer do fruto), é prontamente acometida por um castigo: a primeira vez que a mulher, em Gênesis, olha para si e procura fazer algo que lhe interessa, rompendo com um sistema superior instituído por uma figura masculina, ela é, exemplarmente, disciplinada e punida, ficando fadada ao sofrimento e à culpa.

Da mesma forma que o uso das narrativas bíblicas serviu para imprimir medo, culpa, dor e submissão nas mulheres, enquanto pré-construídos que silenciam, inibem e tolhem, neste caso, as mulheres evangélicas, a caça às bruxas também serviu de forma exemplar a esses propósitos, ao instituir

um regime de terror **contra todas as mulheres**, do qual emergiu um novo modelo de feminilidade a que as mulheres tiveram de se conformar para serem socialmente aceitas durante o desenvolvimento da sociedade capitalista: a feminilidade assexuada, obediente, submissa, resignada à subordinação ao masculino, aceitando como natural o confinamento a uma esfera de atividades que foram completamente depreciadas no capitalismo (FEDERICI, 2017, p. 70-71 - grifo nosso)

As bruxas foram mulheres que não se curvaram diante das imposições do capitalismo e sua resistência ao que lhes era imposto e ao que lhes foi tirado fazia com que o sistema se sentisse ameaçado, pois elas resistiram ao sistema econômico. Para Federici (2019, p. 72), "A bruxa foi a comunista e a terrorista de sua época, quando foi necessário um mecanismo 'civilizador' para produzir uma nova subjetividade' e uma nova divisão sexual do trabalho em que a disciplina capitalista da mão de obra viria se apoiar". Assim, do mesmo modo que Eva foi vitimizada por, em dado momento, não se curvar a uma ordem superior, que, segundo Muraro (1995), representava interesses do patriarcado, as bruxas, por não se curvarem ao novo sistema econômico e por resistirem, foram castigadas com a exclusão social, com a perseguição, com a tortura e com a morte (FEDERICI, 2017).

A caça às bruxas e Eva deixaram um exemplo do que é violar um mundo de dominação masculina, um mundo em que um sistema procura forjar o outro para se beneficiar. Se, por um lado, a ideologia patriarcal presente nas narrativas do Gênesis, fixando um destino para a mulher, opera como exemplo na constituição do sujeito,

produzindo, *no* e *para* o gênero feminino, efeitos de evidência de pacificidade, de inferioridade e de obediência ao homem, consoante afirma Gouveia (2018, p. 12):

podemos ir mais longe e questionar se a expulsão de Eva do paraíso não foi um aviso à obediência, e o castigo da desobediência é o trabalho, o que coloca Deus como proprietário do mundo. tudo o que for suficientemente domesticado e não revolucionário poderá caminhar com Deus em verdes pastos e castelos de ouro puro,

por outro lado, também, a violência contra a resistência das “bruxas”, significada como “heresia” e “pecado” contra o capitalismo, provocou, nas mulheres, “marcas indeléveis em sua psiquê coletiva e em seu senso de possibilidades. De todos os pontos de vista - social, econômico, cultural e político -, a caça às bruxas foi decisiva na vida das mulheres” (FEDERICI, 2017, p. 203). A violência gerou medo e serviu como forma de impedir as mulheres de reagirem às imposições, impedindo-as de “transgredir os novos estereótipos que iriam ser a base **da nossa sociedade moderna**, tal o medo que nelas deixava a caça às bruxas” (MURARO, 1995, p. 115 - grifo nosso).

Das pessoas executadas por bruxaria, cerca de 85% eram mulheres e, em sua quase totalidade, mulheres pobres. Muitas delas eram velhas e viúvas ou solteironas, isto é, mulheres que não possuíam homens para as protegerem, e cujos pedaços de terra ou os poucos bens eram cobiçados por vizinhos. Muitas eram (sic.) mendigas e eram mandadas queimar, em vez de serem alimentadas (MURARO, 1995, p. 111).

Já no século XVIII, as mulheres estavam, suficientemente, reprimidas e prontas para, “assim, transmitir aos seus filhos e filhas as regras de submissão que viriam a torná-los os operários e operárias submissos e de corpos dóceis do século XIX em diante (MURARO, 1995, p. 121). O capitalismo precisava de um novo sujeito e de novas relações reprodutivas e de gênero; “precisava de uma disciplina social que impulsionasse a capacidade de trabalho produtiva” (FEDERICI, 2019, p. 65). Nesse sentido, a sexualidade da mulher passou a ser controlada e “a repressão do desejo feminino foi colocada a serviço de objetivos utilitários, como a satisfação das necessidades sexuais dos homens e, mais importante, a geração de mão de obra abundante” (FEDERICI, 2019, p. 67). Nessas condições de produção, “Surge então a figura da dona-de-casa e da mãe dedicada e sofredora (MURARO, 1995, p. 123). Nesse sentido, segundo Federici (2017, p. 334),

A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, de demonizá-las e de destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade (FEDERICI, 2017, p. 334).

Os textos bíblicos de Gênesis, ou melhor, as narrativas, e a perseguição às bruxas ajudaram a submeter as mulheres ao controle de ordem patriarcal, bem como à dominação masculina. Os pré-construídos de posição-sujeito da mulher como mãe, esposa, dona de casa e sujeito inferior ao homem, além da intimidação contra atos de rebeldia feminina diante de imposições, constitui, ao longo da história, uma construção de gênero feminino que atende aos interesses que se beneficiam dessa dominação masculina. Neste sentido, é necessário refletir sobre como Tannure se posiciona, visto que atua, junto ao gênero feminino, para a propagação de discursos que o subjagam e que o diminuem, quando a pastora diz, por exemplo: “Rebelião. Orgulho. Altivez. Isso tem gerado uma crise nessa geração. E a culpa é da mulher” (ER2.1).

1.3.3 CURSO *MULHER ÚNICA* - DISCURSO DE SUBMISSÃO COMO ORDEM DIVINA: A ANULAÇÃO DA MULHER EVANGÉLICA

O curso *Mulher Única* é utilizado, dentre outros recursos, pela FDR, como material de ensino sobre matrimônio. É um dado de que fiéis, homens e mulheres, são afetados por pré-construídos de dominação masculina, que reproduzem e perpetuam a ideologia que subjuga o gênero feminino. A igreja de Tannure ministra esse curso para suas participantes (e para quem se interessar) sem questionar raízes históricas, sociais e econômicas da diferenciação no tratamento dado aos gêneros, o que coloca a mulher em posição de submissão ao gênero masculino. Quanto aos evangélicos, Pimenta, Santos e Santos (2020, p. 113) afirmam que “Interrogar os mistérios de Deus, para esses militantes, está fora de cogitação, tudo deve continuar em um misterioso segredo, nada deve ser interrogado, mas apenas vivido e recebido de forma prazerosa, sobretudo, a subordinação”, que, segundo os autores, constitui algo violento causado por discursos marcados pela história.

Sendo assim, na relação matrimonial, que interessa a esta tese, acredita-se que a mulher deve aceitar passivamente sua condição de submissa ao homem, pois ela seria ordem divina, presente no livro sagrado, profundamente reverenciado pelos evangélicos (SANTOS, 2019); portanto, a submissão não pode ser questionada.

Questionar, resistir e não acatar a submissão é negar “a vontade de Deus”; negar o que “instituiu o divino” é um ato de rebeldia contra Ele, que, nos ensinamentos bíblicos, compara-se à feitiçaria: “a rebeldia é como o pecado da feitiçaria” (BÍBLIAON, I Samuel, 15:23). Não se submeter remete, portanto, à prática de bruxaria. O castigo, para isso, é a privação de o sujeito compartilhar a vida eterna com Deus, perdendo o direito de morar no Reino dos Céus: “Fora ficam os cães, os que praticam feitiçaria” (BÍBLIAON, Apocalipse, 22:15). Assim como as “bruxas” foram excluídas, a mulher, ao não aceitar a posição de submissão que a FD impõe, também será excluída, mas da vida com Deus e da vida eterna no paraíso. Dessa forma, a ideologia satura o significado do *matrimônio* e estabelece imagens para o homem e para a mulher nessa relação, a qual não pode ser desacreditada ou recusada; caso contrário, paga-se pelo preço da desobediência. Segundo Narvaz e Koller (2006), no meio evangélico, a relação matrimonial é marcada por uma hierarquia patriarcal, cujos pré-construídos interpelam o sujeito feminino que internaliza uma memória de matrimônio em que o homem é considerado o líder da relação e a mulher lhe é sujeita “em tudo”, conforme o texto bíblico abaixo que ampara a FD religiosa das mulheres do *corpus*:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos (BÍBLIA, Efésios 5:22-24).

O curso *Mulher Única* demonstra como a igreja Batista da Lagoinha está atravessada pela ideologia formatada pelos pré-construídos de dominação masculina. A igreja defende a hierarquia matrimonial e reproduz os discursos em seus púlpitos, o que explica, por exemplo, o posicionamento de Tannure ao delinear, ou melhor, ao discursivizar normas de imposições-sujeito para a mulher, como, por exemplo, de esposa e de mãe, em que ela coloca a mulher em posição de servidão e de submissão. A imagem a seguir corresponde à divulgação desse curso oferecido pela Batista da Lagoinha, conforme logotipo da igreja:

Figura 4 - Curso *Mulher Única*

← Voltar para lista de eventos

CURSO MULHER ÚNICA

INÍCIO | PRIMEIRA SEMANA DE MARÇO

Curso Mulher Única

02 de Março, 14:30 até 30 de Junho, 20:00

Rua Beberibe, 133 - São Cristóvão, Belo Horizonte - MG, 31110-730

[Ver rota no mapa](#) →

Sobre

A verdadeira integridade de uma mulher não pode ser medida através dos sentimentos dos homens ou das exigências da sociedade. Ao contrário, a mulher íntegra é aquela cujo caráter é formado pela Palavra de Deus. Não há outro modelo. O curso é dirigido ao coração da mulher e aborda temas como auto-estima, valor, originalidade, feminilidade e responsabilidade. Nosso desejo é que Deus a liberte e lhe dê vida abundante em toda a sua plenitude, trazendo transformação prática na sua vida e causando grande impacto na família e na sociedade.

Informações e inscrições: (31) 3429-0550/3429-1300

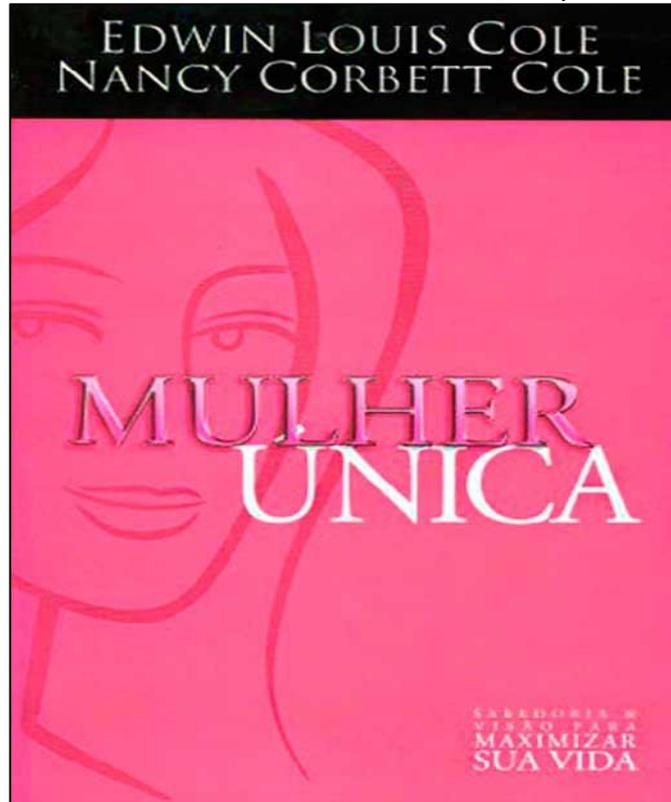
Fonte: Site lagoinha.com, 2021⁵¹.

O curso é baseado na obra intitulada *Mulher Única - sabedoria e visão para maximizar sua vida* (COLE; COLE, p. 2017), cujo objetivo é levar mulheres a serem boas servas de Deus: “A genuína dignidade da mulher jamais pode ser avaliada pelos sentimentos de um homem ou pela aprovação da sociedade. O parâmetro deve ser o próprio caráter feminino, tal qual avaliado pela Palavra de Deus” (COLE; COLE, 2017,

⁵¹ IGREJA BASTISTA DA LAGOINHA. *Revista Lagoinha Global: Curso Mulher única*. Disponível em: <https://cutt.ly/DxKIGPZ>. Acesso em: 18 fev. 2021.

p. 13). O livro é dividido em doze capítulos; o quarto tem por título “Submissão: plano de Deus”. Deste, serão comentados alguns dos nortes sobre a submissão feminina no matrimônio consoante à Palavra de Deus, segundo seus autores.

Figura 5 - Capa do livro *Mulher Única - sabedora e visão para maximizar sua vida*



Fonte: Livrarias Família Cristã⁵²

Os autores entendem a submissão a partir de uma perspectiva positiva, como uma atitude capaz de resolver qualquer problema. Para eles, não se trata de algo que oprime a mulher, mas que a liberta: “A submissão é o plano de Deus para restauração de todas as coisas. O objetivo da submissão é libertar e, não, escravizar” (COLE; COLE, 2017, p. 55). Nos recortes,

Jesus Cristo, que é o ‘último Adão’, veio para nos redimir da maldição do pecado trazida pela desobediência do primeiro Adão, e restaurar o propósito original de Deus para nós, isto é: homens e mulheres vivendo como ‘coerdeiros’. A submissão, que fora parte da maldição no Antigo Testamento, tornou-se, no Novo Testamento, o método divino para restaurar a mulher à condição de coerdeira com seu marido. Antes de Cristo, a submissão feminina era obrigatória como consequência da maldição. Porém, depois de Cristo, ela passou a ser uma expressão espontânea de fé.

⁵² LIVRARIA FAMÍLIA CRISTÃ. *Mulher Única*. Disponível em: <https://www.livrariasfamiliacrista.com.br/livro-mulher-unica.html>. Acesso em: 11 mar. 2021.

A submissão ao pastor, aos pais, ao professor ou a qualquer outra autoridade é, na realidade, um ato de fé. Quando a mulher se submete à autoridade do marido, ela se posiciona, voluntariamente, pela fé, conforme a **hierarquia** que Deus **estabeleceu**, e dá ao homem a oportunidade de tratá-la como coerdeira. Contudo, se ela tiver uma atitude de rebelião, ele passará a agir como um 'ditador' e não, como 'líder' (COLE; COLE, 2017, p. 57 - grifo nosso),

o efeito de submissão como 'expressão espontânea de fé', que os autores defendem, sugere liberdade; contudo, essa premissa é questionável visto ser apresentada como um critério para que a mulher seja 'coerdeira' do Reino de Deus, conforme os autores pontuaram ao afirmar que a submissão é 'método divino para restaurar a mulher à condição de coerdeira com seu marido', ou seja, ela depende do marido para acessar a eternidade. Há ainda uma hierarquia 'estabelecida' como ordenança, pois os autores afirmam que, 'Quando a mulher se submete à autoridade do marido, ela se posiciona, voluntariamente, pela fé, conforme a hierarquia que Deus estabeleceu' e, se ela não praticar essa posição-sujeito de mulher submissa, o marido passa de 'líder' a 'ditador', ou seja: o mau marido seria resultado do comportamento rebelde da mulher. Esse discurso remete ao pré-construído da metáfora da "Queda de Adão e Eva": a atitude inadequada de Adão e a sua desobediência a uma ordem de Deus foi resultado da rebeldia de Eva, que o influenciou negativamente; em outras palavras, a mulher é considerada responsável pelas atitudes do marido e culpabilizada por seus erros.

Nessas condições de produção da FDR, segundo o que enunciam Cole e Cole (2017), a rebeldia não é, a princípio, ao marido, mas ao próprio Deus, pois é importante ressaltar que a submissão ao homem é, antes de tudo, submissão a Deus, o que agrava qualquer desvio de conduta referente a esses parâmetros, pois, quando a mulher não se submete, entende-se que ela compromete seu relacionamento com Deus e, assim, compromete também sua salvação:

A mulher não recebe a salvação por intermédio de nenhum homem, pois Cristo é seu Senhor e Salvador. No casamento, mesmo Cristo sendo o seu Salvador e o Cabeça de sua vida, o marido é o cabeça da casa. A submissão dela ao marido demonstra submissão a Deus (COLE; COLE, 2017, p. 57).

A não-submissão só é aceita se a mulher for forçada a atitudes que desagradam a Deus: "Se qualquer autoridade nos mandar fazer algo que contrarie o caráter de Deus, temos o direito e a obrigação de nos recusar a fazê-lo" (COLE; COLE,

2017, p. 66). A insubmissão não pode, porém, ser confundida com a situação de mulheres que vivem com homens que não compactuam da mesma fé. Nesse caso, a submissão ainda é um ordenamento bíblico; segundo os autores,

Outro equívoco acerca desse assunto está relacionado às mulheres cujos maridos não servem a Deus. Algumas pensam que isso lhes dá o direito de não se submeterem a eles. Porém, a Bíblia diz que **pela submissão e pelo exemplo podemos levá-los ao Senhor** (COLE; COLE, 2017, p. 66 - grifo nosso).

Esse posicionamento está baseado no texto bíblico “Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas ao vosso próprio marido; para que também, se algum não obedece à palavra, pelo procedimento de sua mulher seja ganho sem palavra” (BÍBLIA, 1 Pedro 3: 1). Enquanto servas que são, não lhes cabe o direito à palavra.

Os autores também aconselham a prática da submissão quando maridos tomam atitudes equivocadas: “Submeter-se aos outros quando estão errados é difícil, mas algumas vezes é a única forma de a outra pessoa aprender o que Deus quer lhe ensinar” (COLE; COLE, 2017, p. 67). A mulher é aconselhada a não se sobrepor ao marido para não tirar a sua autoridade e para que ele aprenda a assumir a sua posição de liderança no relacionamento. Essa orientação é apresentada no seguinte recorte:

Uma amiga nossa, mulher muito temente a Deus, aprendeu essa verdade na prática: Seu marido participou de um evento para homens cristãos e voltou para casa transformado - algo que durante anos ela havia fervorosamente pedido ao Senhor. Então ele passou a disciplinar os filhos, coisa que jamais fizera e, portanto, na qual não tinha experiência nem prática. Também tentou tomar decisões financeiras que se mostraram erradas, visto que ele não possuía a visão global que ela adquirira, após anos lidando com talão de cheques. No início, ela o corrigiu. Tais responsabilidades eram tão simples e automáticas para ela, que os erros do marido a assustavam. Porém, Deus lhe mostrou que aquela atitude indicava interferência e insubmissão. Com isso, ela passou a submeter-se ao marido mesmo quando ele errava, e ele começou a aprender e a crescer com os próprios erros. Por fim o relacionamento entre ambos amadureceu e prosperou. Logo ele deixou o emprego e entrou em um ministério de tempo integral junto com ela, e os dois estão fazendo isso até hoje! Que maravilhosa história verídica! (COLE; COLE, 2017, p. 67).

Entende-se, portanto, que a mulher, na posição-sujeito de esposa, deveria ficar à mercê das vontades do marido. Ela é orientada a observar, sem intervenções, os erros dele e fica fadada a colher as consequências de suas possíveis atitudes.

O curso *Mulher Única* mostra que, na FD religiosa em que Tannure está inserida, há a crença de que, quando a mulher deixa de fazer suas próprias vontades, aceita e pratica a submissão (que Deus instituiu desde o Gênesis, conforme as narrativas bíblicas), sendo obediente à lei de Deus, ela pode não só levar seu marido a uma transformação de atitudes, como também salvar seu casamento:

Certa vez, eu estava sentado em um gabinete pastoral, aguardando uma reunião, quando um casal entrou e se apresentou. O marido se chamava Carl e era um homem de porte robusto e valentão. Elizabeth, sua esposa, trabalhava como cabeleireira e era ruiva, alta, esguia e muito falante. Considerando a aparência, os dois pareciam estar em pé de igualdade, mesmo para eventuais brigas. Segundo eles contaram, já participaram de muitos *rounds* ao longo dos anos. O casal me conhecia por meio dos meus livros, e começaram a falar das mudanças que tinham ocorrido na vida deles e que resultaram em um casamento maravilhoso. Disseram-me que, nos últimos dois anos, o casamento deles, havia se tornado algo de valor raro e inestimável para ambos. Antes disso, porém, estiveram à beira do divórcio. Foi nesse momento que Elizabeth, em desespero, voltou-se para Deus e começou a chamar por sabedoria. Ela poderia ver as falhas e os defeitos de Carl com clareza, mas não sabia o que fazer para ajudá-lo a se portar de maneira diferente. Ela estava vivendo e se comportando dentro do casamento da forma que aprendera com a mãe, mas naquele momento estava disposta a aprender com o Pai Celestial. Passou, então, a procurar respostas na Bíblia. A primeira coisa que descobriu ao ler Efésios 5.33 foi que tinha que respeitar seu marido, independente das falhas dele. Depois compreendeu que, se quisesse que Carl mudasse, teria de se submeter a ele, conforme 1 Pedro 3.1. Esses dois versículos se transformaram no fundamento da vida, da fé e da conduta dela. Levando-os muito a sério, Elizabeth começou a colocar a Palavra de Deus em prática. Apesar de a mensagem de ambos os versículos ser contrária às suas inclinações naturais, ela sabia que a obediência à Bíblia era o único método de Deus para a proteção de sua vida. Ela começou, então, a trabalhar sua atitude, usando a Palavra como espelho. Em vez de pautar sua conduta em um padrão de resistência e teimosia, ela tomou a decisão de se submeter ao marido em amor. Mesmo se sentindo humilhada, deprimida, frustrada e com raiva em algumas ocasiões, ela foi perseverante. Em alguns momentos, quase chegou ao ponto de retroceder ou desistir. Em outros, pensou que ia morrer. Hoje, porém, ela entende que o único caminho para se viver uma vida ressurreta de fato passa pela morte; é necessário morrer para si (COLE; COLE, 2017, p. 59-60).

Esses pré-construídos sustentam o discurso de Tannure e reverberam em suas pregações. Ao falar sobre submissão, durante uma ministração em um culto, ela reproduz o que a FDR espera das mulheres em relação a esse assunto:

E aí tem sempre uma resistência tão grande a essa palavra 'sujeitai aos vossos maridos' e a gente fica tentando achar dentro da etimologia da palavra 'sub-missão' uma maneira de trazer mais conforto à palavra, que, às vezes, desce difícil pela goela da gente, né? Então a gente fica: Não gente, pensa assim: 'sub-missão: debaixo da missão, a coluna que sustenta a missão'. E não tem nada de errado, ser submissa também significa isso. Mas, gente, vamos parar de colocar florzinha no evangelho de Jesus Cristo? É uma ordenança. Aí a gente pensa assim: 'Não...mas os tempos mudaram!' Os tempos mudaram, tão indo de mal a pior! Esse mundo não é o meu padrão! O povo pode estar fora deitando com todo mundo, transando com todo mundo! Descasando, descasando com a maior facilidade, porque o mundo jaz no maligno, mas o meu padrão não é o mundo, o meu padrão é Cristo. Ninguém tá te obrigando, mas o Senhor foi bem claro: 'Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me'. Aí a gente pensa: 'Nossa, mas esse evangelho é muito duro para mim!' Não, o evangelho não é duro, o evangelho é transformador e quando a gente entra por esse caminho sem medo, mas em confiança de que, se Deus estabeleceu limites, é porque ele nos ama o suficiente e a gente entende as podas de Deus como cuidado na nossa vida, é fácil confiar. E, quando a gente confia, a gente começa então a desfrutar da beleza de pertencer a Deus. Mas a gente não quer desfrutar, não, a gente não quer obedecer (ER2.2).

Esse discurso de ER2.2 retoma o posicionamento de submissão como ordem divina destinada às mulheres, a qual, segundo Tannure, não está sujeita a mudanças nem no tempo nem na história; em outras palavras, ela defende a mesma relação entre homem e mulher promulgada nos discursos de Gênesis. Ou seja, segundo a pastora, a submissão é lei divina instaurada desde a origem de tudo e, ainda assim, encontra objeção das mulheres, ou seja, há resistência feminina em relação a ela. Conforme afirma a pastora, não é algo fácil de se aceitar, tanto que se procuram, para o termo, efeitos de sentido que visam deixar a palavra mais amena e que valorizem a mulher, como o de 'sub-missão' (ER2.2): algo que 'sustenta a missão' (ER2.2), que pode ser entendida como uma atitude que apoia o ministério do marido ou a própria família.

Não havendo a submissão (esse suporte), tudo desmorona e se torna uma ameaça ao gênero feminino. Nesse ponto, instaura-se mais uma obrigação, pois, apesar de Tannure afirmar 'Ninguém tá te obrigando' (ER2.2) a ser submissa, a mulher que pactua com essa FD religiosa, interpelada por esse discurso e por essa ideologia, é levada a se sentir na obrigação de ser submissa, pois muita coisa depende dela. Ela se sente forçada a se comportar assim. E, nessa FD religiosa, submeter-se exige da mulher a completa negação e anulação de si mesma. A pastora defende o preceito,

ao reproduzir em ER2.2 o versículo bíblico “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me” (BÍBLIAON, Lucas, 9:24).

Esse mesmo discurso pode ser encontrado na fala de Tannure, na SD: “Porque ter um padrão de vida elevado, de excelência [com Deus] tem um preço. E o preço é negar a sua vontade” (ER1.5). Portanto, para essa FD, anular-se não se refere a uma escolha, mas a um requisito para o relacionamento de ‘excelência’ com Deus, o que exige da mulher ser submissa, pois, segundo a pastora, haveria uma promessa para quem obedece a Deus ao praticar a submissão: ‘a gente começa então a desfrutar da beleza de pertencer a Deus’ (ER2.2), momento em que a pastora deixa, no não-dito, o discurso de que a mulher não submissa não pertence a Deus. O que a pastora enuncia coaduna com o relato da esposa Elizabeth: “Hoje, porém, ela entende que o único caminho para se viver uma vida ressurreta de fato passa pela morte; é necessário **morrer para si**” (COLE; COLE, 2017, p. 59-60 - grifo nosso).

Sendo assim, o discurso dessa FD enreda a mulher para mantê-la em um comportamento submisso, pois é uma ordem praticá-la e é sinal de confiança em Deus e de aceitação de seus limites para seu próprio bem, pois obedecer é o caminho para receber graças divinas, porque “demonstra submissão a Deus” (COLE; COLE, 2017, p. 57), sendo ainda critério para caminhar com Ele. Por outro lado, a submissão carrega uma ameaça: a mulher que a rejeita desagrada a Deus, tem um relacionamento conjugal inadequado devido à sua postura, está destituída do Reino e é privada de receber as benevolências divinas.

Os discursos de Tannure sobre submissão classificam as mulheres, nesta FDR, em dois grupos. Ao pregar, a pastora afirma que, “Se você, mulher, se você é cheia do Espírito Santo e está caminhando como filha da Luz, imitando a Deus, você não tem problema de se sujeitar” (ER2.3). Nesse caso, trata positivamente as mulheres submissas e mantém um não-dito: há outro grupo de mulheres, de não-submissas. Essas não são cheias do Espírito Santo e não estão caminhando como filhas da “Luz” (significante cujo efeito de sentido faz, nessa FD, referência a Cristo): “Falou-lhes, pois outra vez, dizendo: ‘Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida!’” (BÍBLIA, João 8:12). Ou seja, estas não andam e não se comportam como filhas de Cristo e não são mulheres que servem a Deus.

Tannure defende essa posição, pleiteando que, mesmo que a sociedade sugira que os tempos mudaram e compreenda que a submissão não é mais adequada

aos novos tempos, o padrão da sociedade não é o padrão do grupo religioso ao qual ela pertence, ou seja, não corresponde ao grupo dessa FD religiosa, conforme a SD de ER2.2: 'Aí a gente pensa assim: 'Não..., mas os tempos mudaram!' Os tempos mudaram, tão indo de mal a pior! Esse mundo não é o meu padrão!'. Dessa forma, se o mundo defende a não-submissão das mulheres, não é o que FD que a determina orienta, ao postular que não segue o padrão, pois, como evangélica pentecostal que é, ela estabelece rompimentos com o mundo.

Segundo Passos (2005), essa é uma característica comum dos evangélicos pentecostais, pois eles se veem como pessoas distintas das outras devido a seus rompimentos pessoais, religiosos e sociais. Do ponto de vista pessoal, consideram-se diferentes, qualitativamente, das demais pessoas por, na conversão, romper com a vida anterior e experimentar a salvação:

As declarações de fiéis convertidos afirmam isto: 'Depois que aceitei Jesus, minha vida mudou totalmente. Hoje eu posso sentir a salvação de Deus em minha vida'; 'Eu vivia na lama, usava drogas, bebia. Jesus me libertou, hoje sou outra pessoa'; 'Minha vida é só felicidade' (PASSOS, 2005, p. 37).

Do ponto de vista religioso, esses sujeitos entendem as demais religiões como falsas e se veem como grupo escolhido por Deus; do ponto de vista social, o crente pentecostal se vê como alguém eleito por Deus:

Do ponto de vista religioso o segmento pentecostal auto-compreende-se como o grupo de eleitos de Deus, no qual a salvação é não apenas prometida, mas vivenciada sensivelmente nos rituais, onde os textos bíblicos não são referências escritas do passado, mas narrativas imitadas em todo momento. Ser um crente é pertencer a um grupo distinto das demais confissões religiosas, por isso mesmo, preciso negá-las como falsas. Do ponto de vista social, há rupturas também. O pentecostal entende-se como distinto do mundo profano, que é quase sempre comandado pelo mal. Em muitos grupos, os fiéis são submetidos a uma disciplina bastante rigorosa, que os distingue socialmente nos modos de vestir, de consumir, nas práticas de lazer e até mesmo nas práticas políticas (PASSOS, 2005, p. 37-38).

Tannure enuncia na direção de fortalecer esse padrão e fortalecer (mesmo que porosas) as barreiras da FD religiosa que a determina, de maneira que as ovelhas não se dispersem. Nesse sentido, a pastora critica tudo o que ameaça o matrimônio, segundo a FD religiosa, por defender a relação marido e mulher: 'O povo pode estar fora deitando com todo mundo, transando com todo mundo! Descasando, descasando

com a maior facilidade, porque o mundo jaz no maligno, mas o meu padrão não é o mundo, o meu padrão é Cristo', conforme SD de ER2.2.

Pode-se perceber, nessas condições de produção, a determinação de que haja submissão por parte das mulheres sem distinção dos relacionamentos em que os homens sejam considerados bons parceiros ou não. No seguinte recorte:

agora, mulher, você, ore pelo seu marido, em nome de Jesus! Ora pelo seu esposo. 'Senhor, eu te agradeço, porque ele cuida de mim, porque ele é cabeça sobre a minha vida, porque ele é pai dos meus filhos, porque é autoridade sobre a minha vida. Obrigada, Senhor! Eu quero, sim, ser essa mulher que dá suporte, aquela mulher que encoraja, aquela mulher que incentiva, aquela mulher que apoia, aquela mulher que levanta, aquela mulher que está junto, aquela companheira leal, me ajuda ser aquela esposa para o meu marido. Senhor Deus, eu abençoo esse homem com a bênção do Senhor, eu abençoo com prosperidade. Eu abençoo com coragem, eu abençoo com realização, com felicidade. Deus, que eu seja catalisadora dessa felicidade'. Mulher, abençoe o seu marido. 'Mas, às vezes, tá difícil, Helena, porque o meu marido não é esse marido que me ama, ele não me protege. Se eu não pago as contas, fica tudo pra pagar'. Minha querida, conversa com ele, senta com ele e ajuda esse marido a assumir o lugar que Deus desenhou para ele. Você tem essa capacidade dentro de você, que o próprio Deus colocou. Às vezes, seu marido se acomodou, porque você virou o homem da sua casa; às vezes, o seu marido saiu de cena, porque você ocupa todos os espaços. Assuma sua posição, mulher, encoraje esse homem, ore por ele. 'Deus, eu abençoo meu marido pra ele ser o marido que o senhor planejou que ele fosse, eu libero o meu marido, eu libero perdão para o meu marido, se ele não tem sido o marido que o senhor deseja que ele seja ainda, eu estou abençoando, liberando o meu marido para que ele se torne um homem segundo o teu coração, que dá a vida por mim, que dava pelos filhos, que trabalha por nós, um homem que tem compromisso, um homem que tem integridade moral, um homem que se dedica à família. Deus, me ajuda, Senhor, a respeitar esse homem, a tratá-lo com honra e dignidade, como a tua palavra estabelece pra mim, em nome de Jesus!' (ER2.4),

a orientação de Tannure sobre como as mulheres devem se comportar em relação a seus maridos está atrelada à primeira narrativa bíblica: "Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele" (BÍBLIA ONLINE, Gênesis 2:18)⁵³. Considerando esse pré-construído, a pastora incentiva as seguidoras a ajudarem os maridos, orando, apoiando e encorajando, tanto os que são líderes do lar, que são cuidadosos com a mulher e com os filhos, quanto aqueles que nem mesmo amam suas mulheres, que não contribuem financeiramente com elas e que não as deixam

⁵³ BÍBLIA ONLINE. Gênesis 2. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2>. Acesso em: 21 fev. 2021.

seguras, como afirmou em: ‘Mulher, abençoe o seu marido. ‘Mas, às vezes, tá difícil, Helena, porque o meu marido não é esse marido que me ama, ele não me protege. Se eu não pago as contas, fica tudo pra pagar’ (ER2.4). Nesse caso, se o homem não assume o papel de líder no lar, a FD religiosa culpabiliza a mulher, como se vê no discurso da pastora: ‘Às vezes, seu marido se acomodou, porque você virou o homem da sua casa; às vezes, o seu marido saiu de cena, porque você ocupa todos os espaços’ (ER2.4). O homem se torna vítima, pois a mulher é a causadora do comodismo, do não-cumprimento de suas obrigações, da mesma forma como Eva foi responsabilizada por Adão ter escolhido comer do fruto que Deus havia proibido na “Queda”. Há, nesses discursos, as marcas desses pré-construídos, direcionando os efeitos de sentido de submissão.

Esse posicionamento de Tannure tem, inclusive, relação com a orientação dos autores Cole e Cole (2017), quando relatam o caso do homem que não sabia organizar a vida financeira, porque a mulher não lhe dava chance de aprender com os erros: “No início, ela o corrigiu. Tais responsabilidades eram tão simples e automáticas para ela, que os erros do marido a assustavam. Porém, Deus lhe mostrou que aquela atitude indicava interferência e insubmissão” (COLE; COLE, 2017, p. 67). Nesse caso, segundo esses autores, a mulher recebeu orientação de Deus para não interferir nas ações do marido. Tannure trata ainda de uma cena em que a mulher, cujo marido é ausente, sem amor e sem participação no lar; a solução que aponta, conforme o seguinte excerto, é: ‘Assuma sua posição, mulher, encoraje esse homem, ore por ele’ (ER2.4). Essa expressão imperativa de Tannure tem por paráfrase “Seja submissa, mulher!”, pois, pactuando com Cole e Cole (2017), afirma que Deus pode mudar o homem e qualquer situação, caso a mulher ‘assuma’ a posição-sujeito de esposa submissa.

Há um *continuum* discursivo entre as narrativas bíblicas de Gênesis, Cole e Cole (2017) e Tannure. A pastora repete a importância de a mulher se colocar como ajudadora do marido, independentemente da situação. Em ER2.4, orienta a seguidora a agir da seguinte maneira: ‘Minha querida, conversa com ele, senta com ele e ajuda esse marido a assumir o lugar que Deus desenhou para ele. Você tem essa capacidade dentro de você, que o próprio Deus colocou’. Mais que isso, no mesmo recorte, Tannure incentiva a mulher a perdoar o marido e a “liberar” o homem para que ele seja o que Deus espera dele, ao propor, conforme a SD de ER2.4, a seguinte oração a suas seguidoras: ‘eu libero perdão para o meu marido, se ele não tem sido

o marido que o senhor deseja que ele seja ainda, eu estou abençoando, liberando o meu marido para que ele se torne um homem segundo o teu coração’. Nesse caso, há um não-dito funcionando, o de que a mulher pode estar impedindo o homem de ser o que Deus deseja que ele seja, caso não libere esse perdão.

Em ER2.4, Tannure procura convencer o seu público de que não importa o que o homem faça, a mulher deve respeitar, honrar e tratá-lo como um homem digno, conforme a SD: ‘Deus, me ajuda, Senhor, a respeitar esse homem, a tratá-lo com honra e dignidade, como a tua palavra estabelece pra mim, em nome de Jesus!’. ER2.4 permite perceber que a pastora incentiva a mulher a orar por diversos motivos como para agradecer: ‘Senhor, eu te agradeço, porque ele cuida de mim, porque ele é cabeça sobre a minha vida’; para pedir a Deus que ela seja o suporte do marido: ‘Obrigada, Senhor! Eu quero, sim, ser essa mulher que dá suporte, aquela mulher que encoraja, aquela mulher que incentiva, aquela mulher que apoia’; e, para solicitar a mudança no comportamento do homem, ela prega: ‘Deus, eu abençoo meu marido pra ele ser o marido que o senhor planejou que ele fosse’ e ‘se ele não tem sido o marido que o senhor deseja que ele seja ainda’. Essa postura de Tannure, ao propor às ouvintes essa oração, faz a mulher reforçar para si mesma a dominação masculina e a função da mulher como ajudadora do homem; faz também com que a mulher insista em um relacionamento com um homem que não lhe agrada, ao alimentar a crença de que sua oração pode fazer o marido mudar.

No discurso da pastora, o termo ‘ainda’, inscrito na SD de ER2.4 acima: ‘se ele não tem sido o marido que o senhor deseja que ele seja *ainda*’, leva a pressupor que ela se encontra em uma relação em que o homem é indiferente, mas que há esperança de que o marido irá mudar, que um *milagre* vai ocorrer e que Deus vai transformar o homem a partir do momento que ela assumir sua posição de submissão. Reproduz-se, aqui, a história de Elisabeth, relatada por Cole e Cole (2017), que via as falhas do marido, que considerou que precisava ajudá-lo e que, em seu entendimento, se pretendesse que ele mudasse, precisaria ser submissa. Assim ela o fez: “Mesmo se sentindo humilhada, deprimida, frustrada e com raiva em algumas ocasiões, ela foi perseverante. Em alguns momentos, quase chegou ao ponto de retroceder ou desistir. Em outros, pensou que ia morrer” (COLE; COLE, 2017, p. 59-60). Agindo desse modo, um milagre teria acontecido; o casamento à beira do divórcio foi restaurado, segundo o que Elisabeth e o marido confessaram para os autores: “nos últimos dois anos, o

casamento deles havia se tornado algo de valor raro e inestimável para ambos” (COLE; COLE, 2017, p. 59-60).

Para os pentecostais, casamento é um dos interesses de Deus, pois, de acordo com Anderson (2019, p. 249), eles pregam “um Deus onipotente e compassivo preocupado com todos os problemas humanos”, o que inclui o matrimônio. É a partir dessas condições de produção que Tannure enuncia. Nesse caso, a pastora estimula a fé das mulheres e alimenta a esperança de que Deus possa fazer milagres capazes de solucionar problemas, inclusive de relacionamentos problemáticos e fracassados, conforme se confirma em sua oração:

Pai, o Senhor conhece cada casamento neste lugar. As feridas, as dores, as perdas e os dias felizes, os dias do riso, os dias da festa. O senhor conhece as derrotas, mas o Senhor também conhece as conquistas. O Senhor sabe onde cada casamento aqui precisa de vinho novo. Eu te peço, Jesus, o Senhor inaugurou o seu ministério num casamento transformando água em vinho. Eu sei que o Senhor continua fazendo isso. Transforma água em vinho nesses casamentos (ER2.5).

Na oração acima, a pastora alude ao texto bíblico conhecido como “As bodas de Canaã”, evento em que Cristo realiza um dos seus mais emblemáticos milagres: transformando água em vinho; o impossível acontece. Desse modo, nesse momento, a pastora nutre, no imaginário feminino, a ilusão ou a esperança de que o improvável vai ocorrer, por meio do resgate da memória ao enunciar nessa oração: ‘Eu sei que o Senhor continua fazendo isso’. O pronome ‘isso’ retoma o milagre ocorrido com outro efeito discursivo sobre o material recuperado, em que ‘água’ é o que, no homem, desagrada a mulher e a Deus e o que no casamento não está dando certo; e ‘vinho’ seria a recompensa da submissão, com o relacionamento perfeito e o casamento ideal. Para alcançar esse objetivo, cabe à mulher lutar e reverenciar o marido e se submeter a ele é o principal meio.

Os discursos presentes no Curso *Mulher Única*, reproduzidos por Tannure, defendem que a mulher deve se anular em nome do casamento e do marido, praticar a renúncia com grande esforço, colocar-se em situação de humilhação e até mesmo arriscar a saúde emocional e a vida. Também há a retomada de Cole e Cole (2017, p. 59-60): “[Elisabeth] Em alguns momentos, quase chegou ao ponto de retroceder ou desistir. Em outros, pensou que ia morrer”, a fim de que a mulher possa ficar bem com Deus, garantir a salvação e permanecer casada. A mulher é apagada como sujeito ou

é justamente instalada numa determinada posição; seus sentimentos e interesses pessoais não importam, são desconsiderados, porque sua existência na história é, para esta FD religiosa, destinada a beneficiar o sujeito masculino. Em tudo, o homem parece estar em situação privilegiada, pois as atitudes da mulher são moldadas pelo poder de dominação que a FD religiosa confere a ele.

1.4 EFEITO DE SENTIDO DE EMPODERAMENTO DA MULHER EVANGÉLICA, DISCURSO RELIGIOSO E INTERESSES FINANCEIROS - A IDEOLOGIA QUE “SUSTENTA” TANNURE

De acordo com o que se defendeu até aqui, tanto as narrativas bíblicas quanto a caça às bruxas acabaram servindo a interesses econômicos. De acordo com Muraro (1995), as narrativas de Gênesis sacralizaram estruturas psíquicas que tornariam os sujeitos aptos ao sistema patriarcal; cujas estruturas foram constituídas antes mesmo da escrita do livro bíblico, uma vez que as sociedades agrárias já existiam. O sistema capitalista necessitava de uma ordem social e de uma disciplina que visasse à capacidade produtiva, e, nesse sentido, caberia à mulher gerar filhos, para que o mercado dispusesse de mão de obra abundante, e para atender às necessidades sexuais dos homens. Nesse sentido, forjou-se a mulher sofredora, a mulher mãe e a dona de casa (FEDERICI, 2017). Mulheres não enquadradas nesses parâmetros e que questionassem o que o capitalismo impunha representavam uma ameaça ao bom desenvolvimento do sistema e eram, por isso, rechaçadas, perseguidas e mortas. Os discursos de repressão e de violência (assim como ações), portanto, reprimiram a mulher para atender aos interesses dos sistemas.

Pretende-se defender que o curso *Mulher Única*, assim como esses sistemas, também atende a interesses econômicos. Os discursos que funcionam na obra de Cole e Cole (2017) encontram eco, por exemplo, nas palavras de Tannure. A pastora, ao ministrar pregações, reproduz discursos que doutrinam a mulher a aceitar, ou se conformar, com a dominação masculina, quando, no meio evangélico, há um mercado que gira em torno desse discurso. E, nesse sentido, são abundantes os ensinamentos sobre como ser boa esposa, mãe e dona-de-casa exemplar, embora se esteja numa sociedade pós-moderna, na qual, segundo Nóbrega *et al* (2021), há discursos que ressignificaram o feminino, fazendo com que mulheres reconheçam suas capacidades para além do âmbito doméstico e do domínio masculino, resultando em mudanças nos relacionamentos. Segundo os autores, a mudança significou

aumento no número de divórcios, um aspecto de interesse para pesquisa no Brasil por demonstrar uma nova vontade individual e social feminina, corroborando então com a premissa de que a mulher estaria cada vez mais focada em si mesma e com dificuldade de solidificar seus sentimentos (NÓBREGA *et al*, 2021, p. 4).

Assim, os evangélicos, interpelados pela ideologia religiosa que condena o divórcio (BÍBLIA, I Coríntios, 7), estão em uma sociedade na qual os relacionamentos estão cada vez mais lassos, vivendo o conflito de se deparar com uma ideologia que apoia o rompimento matrimonial. Tannure discursa na contramão da ressignificação do gênero feminino, subsidiada por pré-construídos da FD religiosa pentecostal trazidos como discursos de exortação. A pastora se utiliza da fé do seu público por meio de passagens bíblicas em que o divórcio é apresentado como algo proibido (BÍBLIA, I Coríntios, 7), reproduz a submissão feminina como requisito de amizade com Deus e garantia de vida eterna e, simultaneamente, beneficia-se da comercialização de produtos: cursos, livros, palestras que ensinam mulheres a se portarem de forma “adequada” e a manterem a família e o casamento conforme o “desejo de Deus”. Quanto mais se doutrina nos moldes da FDR, mais consumidores Tannure alcança.

Quanto mais conflitos as mulheres da FD religiosa vivenciam ao se deparar com discursos estranhos aos da FD religiosa dominante, mais se dá a necessidade de consumir produtos dessa FD, pois elas precisam se convencer (e ser convencidas) a permanecer dentro dos seus limites ideológicos. Caso contrário, estarão agindo como Eva (BÍBLIAON, GÊNESIS, 3), sendo rebeldes e praticando bruxaria (BÍBLIAON, I Samuel, 15). Os produtos comercializados por Tannure procuram contornar esses “problemas”. Seus pleitos têm o propósito de aproximar o sujeito feminino da FDR. Mesmo que a pastora signifique sua ação como missão divina: salvar almas e pregar o evangelho de Cristo, segundo Souza (2004, p. 106), no meio pentecostal, “há uma ponte fecunda entre o econômico e o religioso”. Tannure faz essa ponte funcionar. Seus empreendimentos procuram afastar e separar suas seguidoras da influência de outros discursos.

Para agregar e reunir adeptos ao discurso, mantendo e trazendo o rebanho para os “interesses divinos”, que têm a ver com seus próprios interesses, Tannure se define como alguém isolada, comprometida com o evangelho de Cristo e que, por esse motivo, sofre críticas:

‘Poxa, você é crentona demais! Você é careta demais!’ Sabe como? Sabe, a gente tem que ser mais simpático com o mundo. Sabe? Sabe, gente? Mas eu vou dizer pra vocês a real, eu estou cansada do mundo vir bater nas nossas costas, nos convidar pra programas de televisão e continuar indo pro inferno. Eu não quero ser popular. Eu quero que o evangelho de Jesus Cristo seja estabelecido no coração daquele que crê [...] Eu não quero ser legal para esse século, eu não quero ser amiga desse tempo e isso envolve a gente olhar pro evangelho de Jesus Cristo e encarar a verdade e aí a gente pega esse texto e tem que ficar explicando pras mulheres por que elas têm que ser submissas (ER2.6).

A pastora se mostra, nesse enunciado, como exemplo de mulher evangélica para as demais: mulher ‘crentona’, que não tem amizade e simpatia pelo ‘mundo’, que sabe da necessidade de ser ‘submissa’ e que não se comunica com outras FDs, por não querer, segundo as SDs de ER2.6 ‘ser popular’, ‘ser legal para esse século’ e ‘ser amiga desse tempo’, o que confirma o que Passos (2005) postula sobre o sujeito evangélico que atua sobre o sujeito feminino para se manter na FD religiosa que ocupa. Esse discurso apresenta o sujeito obediente como alguém especial para Deus, como um sujeito singular, que não se mistura com o mundo.

Tannure investe também em discursos que despertam o temor e o medo para conter seu público, pois, assim como as bruxas iam para a fogueira por não aceitarem ou se enquadrarem ao sistema capitalista, em ER2.6, Tannure considera que a mulher que não se encaixa nos princípios ideológicos da FD religiosa também queimará no inferno, o que se verifica em ‘eu estou cansada do mundo vir bater nas nossas costas, nos convidar pra programas de televisão e continuar indo pro inferno’. A ameaça está posta. Segundo o discurso reproduzido pela pastora, para que isso não aconteça, é preciso não se igualar às demais pessoas de FDs diferentes (pessoas do mundo), mas permanecer na FD que requer a submissão da mulher.

Outra preocupação do sujeito evangélico pentecostal é com o Diabo. Para Anderson (2019), é comum pentecostais crerem no Diabo como ser personificado⁵⁴, que age juntamente com mensageiros (os demônios) para destruir suas vítimas. Tannure, pentecostal que é, compartilha dessa crença, por exemplo, quando afirma: “Quando ela (a mulher) tá bem, ela tá feliz, as coisas fluem. Nós somos esse

⁵⁴ O fato de o significante “Diabo” ser materializado em vários momentos do texto com letra maiúscula se dá pela crença dos evangélicos de que ele se refere a um ser personificado e pela importância que esses sujeitos lhe atribuem, visto que se trata do principal inimigo do deus do cristianismo e de seus seguidores.

termômetro. Deus nos fez assim. Por isso, desde a existência, ele tem tentado tirar a mulher da sua posição” (ER2.7). Aqui, Tannure resgata a narrativa da Queda, quando Eva desobedece à ordem divina e é influenciada pela serpente (que, na narrativa, representa o Diabo). A pastora compreende que o Diabo busca tirá-la do plano de Deus, deixando não-dito que, assim como Eva sofreu por desobedecer e por se deixar induzir pelo mal, também suas seguidoras sofrerão, caso saiam da ‘posição’ que a FD religiosa determina. Tannure reitera esse modo de compreensão em:

Eu sei que as feministas vão me odiar agora e algumas de vocês vão me odiar agora, mas foi desde que a mulher foi removida de seu lugar, do plano A de Deus. Auxiliadora idônea. Quando nós começamos a ser egoístas e a pensar em nós mesmas primeiro que a sociedade tá vivendo isso aí (ER2.8).

Na ER2.8, há também referência à narrativa bíblica da Queda e à ação do Diabo, ‘desde que a mulher foi removida de seu lugar’. Tannure postula mais uma vez que o Diabo tira a mulher de sua posição, pois ela não apenas contraria a ordem de Deus, como também deixa de cumprir a função de auxiliadora e de ajudadora de Adão, para a qual foi criada (BÍBLIAON, Gênesis 2:18)⁵⁵. O peso sobre a mulher é maior nesse caso, porque, segundo Tannure, ao desobedecer, saindo de sua posição, ou ao deixar ser removida pelo Diabo, que tem interesse que a mulher desobedeça a Deus, não só ela sofre, como prejudica outras pessoas e toda a sociedade, o que pode ser confirmado na SD de ER2.8 acima: ‘Quando nós começamos a ser egoístas e a pensar em nós mesmas primeiro que a sociedade tá vivendo isso aí’.

Em “Eu quero me sujeitar a Deus, resistir pra que ele fuja de mim, da minha casa, eu quero ser a guardiã do meu lar e falar ‘Satanás, aqui não! Essa casa tem dona. Eu sou guardiã da minha casa. Você vai para trás’” (ER1.6), Tannure defende que “forças malignas” podem assumir o controle do lar, caso a mulher não tenha uma relação de obediência para com Deus, que exige obediência ao marido. A pastora, reproduzindo o discurso que a FD determina, procura fazer a mulher acreditar que o mal/Diabo pode destruir lares, nações e cidades e pode controlar as pessoas, caso ela não se posicione como guardiã do seu lar, o que exige sujeição. No entanto, ela apresenta um caminho para a mulher aplacar esses males, afirmando que ela tem o poder de proteger seu lar e sua família, caso esteja em posição-sujeito de guardiã e

⁵⁵ BÍBLIAON. Gênesis 2. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2>. Acesso em: 21 fev. 2021.

cumpra o que a FD religiosa impõe para ela, conforme a SD de ER1.6 citada acima: ‘Eu quero me sujeitar a Deus, resistir pra que ele (o Diabo) fuja de mim, da minha casa’.

Para Tannure, é a obediência e a submissão que empoderam a mulher e a tornam capaz de vencer o mal. Essa é a visão de empoderamento feminino da FD religiosa neste caso. Como se percebe, é um empoderamento que foca a dominação masculina ao direcionar a mulher para a posição-sujeito de boa esposa, de boa mãe e de cuidadora do lar, por meio de uma posição que privilegia o espaço privado como lugar próprio da mulher, dificultando ou mesmo impedindo de realização em outras direções. Em posição contrária à de Tannure, Durand *et al* (2021, p. 2) afirmam que

as mulheres em seus espaços cotidianos tiveram as suas atribuições restritas para serem as mantenedoras da ordem, tornando-se responsáveis pela reprodução/procriação, educação dos filhos, cuidados com o lar e obediência ao marido. Esta divisão doméstica do trabalho no ambiente familiar significa dizer que há relações de poder desiguais que geram um lugar de exploração e profunda desigualdade social. As condições de inferiorização vivenciadas pelas mulheres foram transformadas em práticas rotineiras de subordinação, sendo que o seu empoderamento deve possibilitar que lutem contra a desigualdade de gênero (sexismo), contribuindo com a emersão de instrumentos de viabilização de direitos.

Nesse sentido, o entendimento das autoras sobre o que é empoderamento não coaduna com o que defende a FD religiosa que determina Tannure, mas dialoga com Silva e Júnior (2019), para quem o empoderamento da mulher tem a ver com a luta contra a desigualdade e contra a desvalorização das mulheres. É justamente uma batalha por igualdade entre homens e mulheres, de modo que não caberiam discursos de dominação masculina. O empoderamento é conquista da mulher em espaços sociais, políticos e econômicos e é a liberdade de ter sua voz, sua opinião e suas decisões respeitadas; é poder participar de organizações; ter autonomia financeira, por exemplo. E isso, segundo os autores, não para serem melhores que os homens, mas para desfrutarem dos mesmos direitos.

O posicionamento de Tannure sobre empoderamento está em outra via: o da obediência (e da submissão). Nesse aspecto, o Espírito Santo⁵⁶ é uma importante

⁵⁶ “O poder do Espírito Santo é o poder de Deus [...] a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, tem aparecido em toda a Escritura como um Ser através de quem e por quem grandes obras de poder são manifestas” (GOTQUESTIONS. Qual é o poder do Espírito Santo? Disponível em: <<https://www.gotquestions.org/Portugues/Espirito-Santo-poder.html>>. Acesso em: 03 abr. 2022.

figura da FD religiosa, pois os pentecostais acreditam que o contato pessoal com ele os leva ao empoderamento. Segundo Anderson (2019, p. 199 - grifo nosso), “as várias expressões do pentecostalismo têm uma experiência comum: um encontro pessoal com o Espírito de Deus que **empodera** e capacita as pessoas para o culto”. Segundo o autor, esse encontro as faz vivenciar sinais milagrosos e repletos de prodígios. O Espírito Santo, entretanto, não é concedido para qualquer um, senão para o sujeito que pratica a obediência a Deus, conforme passagem bíblica em que os apóstolos de Cristo evidenciam isso ao conversarem com seus opositores:

29. Pedro e os outros apóstolos responderam: ‘É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!
30. O Deus dos nossos antepassados ressuscitou Jesus, a quem os senhores mataram, suspendendo-o num madeiro.
31. Deus o exaltou, colocando-o à sua direita como Príncipe e Salvador, para dar a Israel arrependimento e perdão de pecados.
32. Nós somos testemunhas destas coisas, bem como o Espírito Santo, **que Deus concedeu aos que lhe obedecem**’ (BÍBLIA ONLINE, Atos, 5:29-32 - grifo nosso).

Os discursos de Tannure enredam a mulher nesta direção. Segundo Albano (2017), para os evangélicos pentecostais, Cristo é o grande exemplo a ser seguido. As mensagens do Evangelho descrevem Cristo como uma pessoa cheia do Espírito Santo, com poder para realizar milagres e estabelecer paradigmas a serem seguidos na vida cristã. O autor cita a passagem bíblica “Mas recebereis a virtude do ‘Espírito Santo’, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”⁵⁷ (BÍBLIA ONLINE, Atos 1:8) em que o sujeito se torna testemunha de Cristo por meio do Espírito Santo, ou melhor, ocorre um estreitamento entre o humano e o espiritual, entre o que é efêmero e o que é eterno. A partir dessa relação, os pentecostais se julgam capacitados para vencer as forças do mal, para divulgar o evangelho e, conseqüentemente, para resgatar as pessoas de uma vida de sofrimento:

Porque a Igreja recebeu o poder do Espírito, enviado por Cristo, a comunidade cristã pode igualmente impactar o mundo com a missão e proporcionar para as pessoas transformação e renovação, em meio aos sofrimentos do tempo presente (ALBANO, 2017, p. 60).

⁵⁷ ATOS 1. **Bíblia Online**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/atos/1>. Acesso em: 08 mar. 2021.

Anderson (2019, p. 254) comenta que há múltiplos e diferentes movimentos pentecostais, porém eles têm em comum o fato de proclamarem e celebrarem “uma salvação que abrange todas as experiências e aflições da vida e oferecem um empoderamento que proporciona um senso de dignidade e um mecanismo de enfrentamento para a vida”. Passos (2005) acrescenta outros aspectos que sinalizam o Espírito Santo: o dom de falar línguas estranhas (glossolalia), o poder de curar e o poder de exorcizar demônios.

Dentre os aspectos citados, cabem apontamentos sobre cura e exorcismo. Em relação à cura, a maioria dos pentecostais acreditam que, por meio da fé em Cristo e da oração, pessoas podem ser curadas de suas doenças (PASSOS, 2005). Para os pentecostais, “A oração para a cura divina é talvez a característica mais universal das muitas variedades de pentecostalismo e talvez a principal razão para seu crescimento no mundo em desenvolvimento” (ANDERSON, 2019, p. 43). Há discursos de Tannure que repetem essas crenças sobre fé e oração: “Aí a música fala que Deus não negará o seu melhor a uma mulher de fé. E é fato! Quando uma mulher decide orar, quando uma mulher decide pagar o preço [...] Ela é uma bomba! Ela é uma arma poderosa!” (ER1.7).

Nessas condições de produção, une-se à ideia de empoderamento dado pelo Espírito Santo à crença de que a fé junto à atitude firme de lutar por algo, ‘pagar o preço’, resulta em garantia de recompensa da parte de Deus. Em outros termos, uma mulher que ora alcançará seus objetivos. Como os temas que predominam nas pregações de Tannure se referem a matrimônio e à família, as metas a serem alcançadas pela fé e pela oração são, geralmente, relativas a estes assuntos.

Nas pregações, a pastora resgata determinados preceitos para o evangélico se sentir próximo a Deus, separado do mundo (ou seja, de outras FDs estranha à FD religiosa) e empoderado, como: a oração, a fé, a relação com o Espírito Santo e, uma vez que o foco é o público feminino, não faltam palavras que colocam sobre a mulher a responsabilidade da salvação do outro, o cuidado com os filhos e a submissão ao marido. Fora dessa posição, portanto, a mulher estaria fragilizada perante o mal, ficando suscetível a seus ataques. Assim, posicionar-se de acordo com o que prega Tannure se torna, praticamente, a única saída, caso a mulher queira ter vitória sobre o Diabo e proteger sua família e seu casamento.

Quanto aos ataques do mal, Tannure se mostra blindada, pois, ao falar de si às suas seguidoras, coloca-se como uma mulher empoderada dentro dos moldes da

FD religiosa. Por exemplo: apresenta-se como alguém que tem acesso ao Espírito Santo. É possível perceber isso em “Teve uma época da minha vida que eu comecei isso, gente! Eu falei essa frase: ‘Eu quero dar pros meus filhos o que eu não tive’. Aí o Espírito Santo virou pra mim e falou assim: ‘Inclusive o que você não teve fez de você o que você é’” (ER1.8), que mostra uma relação próxima com Ele. Por sugerir um relacionamento familiar com o Espírito Santo, ela se significa como mulher digna dessa proximidade: obediente, serva, submissa e capaz de vencer o Diabo.

Sua suposta relação com o Espírito Santo é significada como prova de amizade com Deus, o que acrescentaria crédito à sua voz, influenciando outras mulheres. Dessa maneira, entende-se que o seu canal aumenta o número de inscritos, ela ganha adeptos, seus cursos incham e suas vendas disparam. O investimento em si, em sua carreira, que ela significa como missão, é também investimento em um mercado que encorpa a dominação masculina. Ao defender preceitos da FD religiosa que a controla, a pastora equilibra a lei da oferta e da procura e convence as mulheres da necessidade de serem submissas, manterem seus relacionamentos matrimoniais e se identificarem com seu trabalho, confiando nele e adquirindo “produtos”.

1.5 FORMA-SUJEITO: IDENTIFICAÇÃO, CONTRAIDENTIFICAÇÃO, DESIDENTIFICAÇÃO - O INELUTÁVEL ASSUJEITAMENTO IDEOLÓGICO

São vários os discursos usados para manter a mulher sob a dominação masculina; alguns pré-construídos como os trazidos para esta pesquisa, por exemplo, contribuem para a constituição dos sujeitos do *corpus*. Esses discursos, bem como suas paráfrases, reverberam e restringem o efeito de sentido sobre o que é ser mulher nessa FD: mãe, esposa submissa, sujeito inferior ao homem e ajudadora; porém, “o que se repete materialmente, mas não é interior, não está na palavra. Na linearidade do discurso, o pré-construído é uma determinação saturada - que, quando remetida às condições de produção, deixa os **sentidos à deriva**” (GABIN, 2020, p. 244 - grifo nosso). Dessa forma, apesar de os pré-construídos ditarem a ‘realidade’ e ‘seu sentido’ e restringirem sua interpretação, cabe lembrar, mais uma vez, que o ritual falha (PÊCHEUX, 2014) e que o efeito de sentido de ser mulher evangélica idealizado pela FD em tela pode se mostrar à deriva, porque, quando observada de modo mais acurado, pode ter efeito de sentido de resistência e possível ruptura desses sujeitos, falhas das quais não escapam nem Tannure nem suas seguidoras.

Isso ocorre porque resistência e ruptura possíveis, pois “toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das *formações discursivas* que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (PÊCHEUX, 2014, p. 197 - grifos do autor). Posto isso, não se pode esperar que os sujeitos do *corpus*, interpelados pela ideologia religiosa de dominação masculina oriunda da FD religiosa dominante na qual estão inseridos, sejam, exclusivamente, afetados por discursos dessa FD e, totalmente, fiéis aos moldes dessa FD, porque os sentidos ‘à deriva’ e a falha acompanham os sujeitos e seu discurso (nesse sentido, vale ressaltar que o retorno a pré-construídos pontuais como a caça às bruxas, as narrativas bíblicas e o curso *Mulher Única* procura tecer um quadro, minimamente, elucidativo sobre o perfil de constituição, mais especificamente, da mulher evangélica, entendendo que não são os únicos a significarem e a constituírem o gênero feminino na FD religiosa). Considerando as condições de produção do discurso, a análise das ‘propriedades discursivas’ do sujeito em distintas posições-sujeito é necessária para avaliar a relação com a ideologia dominante, como, por exemplo, a identificação com a FD que o domina e que o constitui, uma vez que

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela **identificação** (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 2014, p. 150 - grifo nosso).

Esse processo de identificação não ocorre, porém, de forma plena, pois, uma vez que as FDs não têm barreiras rígidas, é possível haver interferências de discursos de outras FDs. Dessa maneira, “todo processo é constituído pela contradição e pela heterogeneidade. Isso significa que, além da identificação, há outras formas de o sujeito se relacionar com a forma-sujeito” (DORNELES; BRESSAN, 2020, p. 106). Nesse caso, Pêcheux considera importante o desdobramento da forma-sujeito em “‘*sujeito da enunciação*’ e ‘*sujeito universal*’” (Pêcheux, 2014, p. 199). O primeiro corresponde ao conceito de “locutor”, é o responsável pelo conteúdo do que diz; o segundo, corresponde ao “sujeito absoluto e universal” (PÊCHEUX, 2014, p. 124). Para este Sujeito, os pré-construídos destacados, neste capítulo: a caça às bruxas, as narrativas bíblicas da Criação e da Queda e o curso *Mulher Única* são pré-construídos determinantes por reforçar a ideologia dominante.

A relação entre o ‘sujeito da enunciação’ e o ‘sujeito universal’, ainda segundo Pêcheux (2014), pode se desdobrar em outras duas modalidades distintas: a de “bom-sujeito”, que se refere a uma relação harmoniosa entre o sujeito universal e o sujeito da enunciação, em que o sujeito demonstra, pela identificação, o assujeitamento ao sujeito universal. Nesse caso, “o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus feitos ‘em plena liberdade” (PÊCHEUX, 2014, p. 199); e a modalidade de “mau-sujeito”, em que o sujeito da enunciação, ao tomar uma posição, mostra-se contrário ao sujeito universal, rebate as evidências ideológicas e critica a ideologia dominante. É a modalidade em que ocorre

(distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o ‘sujeito universal’ lhe dá a pensar*: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno. Essa reversão apresenta traços linguísticos. (PÊCHEUX, 2014, p. 199 - grifos do autor).

Nesse caso, há uma contraidentificação do sujeito com o Sujeito. Porém, o sujeito, apesar de criticar as ‘evidências ideológicas’, permanece como o bom-sujeito, no sistema, ou seja, preso à FD e à ideologia que o dominam:

Um funcionamento curioso da contraidentificação subjetiva é a manutenção da nominalização presente na posição discursiva dominante (a de bom sujeito, conforme apresentamos anteriormente) [...] percebemos que não se foge, em momento algum, da dominação do sistema (BECK; ESTEVES, 2012, p. 157).

A contraidentificação corresponde a uma discrepância relativa do sujeito com a FD dominante. Beck e Esteves (2012) a consideram um deslocamento discursivo breve, em que o sujeito demonstra uma postura discursiva crítica, no entanto, “não chega a efetuar uma ruptura entre sujeito e Sujeito, entre o sujeito e a forma-sujeito da formação discursiva, mas engendra espaços não dominantes no âmbito dessa mesma FD, imbricada a outras” (BECK; ESTEVES, 2012, p. 150). A contradição, de acordo com Pêcheux (2014, p. 200 - grifos do autor),

se manifesta, em realidade, no interior da forma-sujeito, na medida em que o efeito daquilo que definimos como o interdiscurso continua a determinar a identificação ou contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou que a rejeite.

A contraidentificação ocorre porque a identificação é passível de equívocos. De acordo com Ramos (2020a, p. 223), ela abre “brechas para resistências e falhas que deslocam o efeito das filiações nas formações discursivas”, ou seja, não há “superposição plena ou recobrimento completo. O bom sujeito interpelado é também um sujeito clivado” (BECK; ESTEVES, 2012, p. 151). Dorneles e Bressan (2020, p. 106) acrescentam que

O processo de identificação do sujeito a uma dada formação discursiva, pelo viés da forma-sujeito que nela opera, não se dá, entretanto, de forma plena. Como a própria formação discursiva é porosa, todo o processo é constituído pela contradição, há outras formas de o sujeito se relacionar com a forma sujeito, a saber: pela contraidentificação e pela desidentificação. Mais que isso, a identificação engendra a falta e a falha - o equívoco, podendo constituir-se como resistência frente a uma forma de dominação.

A ‘desidentificação’ mencionada pelos autores corresponde a uma terceira modalidade subjetiva e discursiva, que “prevê uma ruptura, ainda que sempre sujeita a desvios e retrocessos, entre Ideologia e suas formulações” (BECK; ESTEVES, 2012, p. 151). Salienta-se, neste caso, que, de acordo com Pêcheux (2014, p. 202 - grifos do autor), essa modalidade “constitui um *trabalho* (transformação-deslocamento) *da forma-sujeito* e não sua pura e simples *anulação*”, o que significa postular que

A ideologia ‘eterna’ enquanto categoria, isto é, enquanto processo de interpretação dos indivíduos em sujeitos - não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo às avessas, isto é, sobre e contra si mesma, através do ‘desarranjo-rearranjo’ do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo) (PÊCHEUX, 2014, p. 202).

O sujeito se desidentifica, já estando identificado, porém, com outra FD. Ele rompe com uma ideologia, estando já aliciado por outra. Há um processo de assujeitamento ininterrupto: um “inelutável assujeitamento ideológico, mas (que bom!) com resistências cotidianas” (BECK; ESTEVES, 2012, p. 151). Considerando esse apanhado, busca-se, a partir de agora, perceber os momentos de deriva e de falha que apontam momentos de resistência (e rupturas) dos sujeitos do *corpus*, em que pese e apesar de toda a maquinaria discursiva que se abate sobre elas, como se pretendeu mostrar ao longo deste capítulo. Neste sentido, tem-se o objetivo de, junto

com Pêcheux, sustentar a tese de que “não há dominação sem resistência” e isto num espaço especial, tido como autoritário e hermético: o discurso religioso.

2 LAPSOS DE LINGUAGEM - CONTRIBUIÇÕES DE FREUD PARA UMA ESCUTA DISCURSIVA

O sujeito, às vezes, sem que espere, é surpreendido por lapsos de linguagem; palavras que, sem permissão, atravessam o discurso. Aleatórias, truncadas e intrusas, elas geram estranhamento, surpresa e, em geral, são desconsideradas ou somente significadas como falhas ou deslizos, erros sem sentido, resultado do acaso e da distração. Quanto a isso, “Freud, no entanto, objetaria, dizendo: ‘A verdade falou’” (ERNST, 2016, p. 13). Significar esse revés como erro só cabe a quem desconhece ou ignora o inconsciente, o que, porém, significa: “para os outros, essas formações linguageiras do inconsciente são irrupções dessa instância por conta da ação do recalçamento de um desejo” (MAIA, 2006, p. 34).

De acordo com Pêcheux (2014, p. 277), todo ritual está sujeito a falhas, a “enfraquecimentos e brechas, ‘uma palavra por outra’ é a definição de metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso”, formulação relevante, porque, segundo ele, “Só há causa daquilo que falha (J. Lacan)” (2014, p. 277), ou melhor, a falha e o lapso são o momento em que o inconsciente

determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura: o que falta é essa causa, na medida em que ela se ‘manifesta’ incessantemente sob mil formas (o lapso, o ato falho etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação *sentido/non-sens* do sujeito dividido (PÊCHEUX, 2014, p. 277).

Neste capítulo, procura-se analisar o que os lapsos de linguagem produzidos por mulheres que fazem parte do *corpus*, ou melhor, produzidos por seu inconsciente, significam, o que recalcam e o que (re)clamam, considerando os sujeitos como sendo submetidos às condições de produção. Assim, busca-se, a partir do *corpus*, com base em depoimentos, desvendar conjunturas e significações em embates, lutas entre a regra e o acaso, entre a ideologia da FD em tela e o que lhe escapa, pois

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido de um lado pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. Sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim, o homem (se) significa (ORLANDI, 2015, p. 50-51).

Com este objetivo o capítulo está baseado, principalmente, em postulados de Freud ([1966]1966)⁵⁸. Esse resgate se justifica, sobretudo, porque, a partir deles, o conceito de sujeito foi ressignificado de forma substancial. De acordo com Mussalim (2001, p.107), o estatuto de sujeito centralizado, enquanto “entidade homogênea passa a ser questionado diante da concepção freudiana de sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente”; e se justifica também, porque, conforme o *corpus* é analisado, constatam-se lapsos que confirmam a descentralização no processo de assujeitamento: as mulheres, assujeitadas à ideologia da FD religiosa em pauta, via inconsciente, resistem ao ritual ideológico.

Ainda no que se refere à relevância de trazer Freud para a análise, Maldidier (2003, p. 18), entendendo que Louis Althusser foi um dos grandes influenciadores teóricos de Michel Pêcheux, afirma que

Poderíamos colocar em enxergo à obra de Michel Pêcheux, estas linhas de Louis Althusser tiradas de *Lire le Capital*: ‘É a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo o que falar (e se calar), quer dizer: que este ‘querer dizer’ do falar e do escutar descobre, sob a inocência da palavra e da escuta, a profundidade assinalável de um duplo fundo, o ‘querer dizer’ do discurso do inconsciente’.

O próprio Michel Pêcheux (2015a) destaca a importância de Freud, ao afirmar que, a partir da tríade Marx-Freud-Saussure, um outro embasamento teórico “tomava forma e desembocava em uma construção crítica que abalava as evidências literárias da autenticidade do ‘vivido’, assim como as certezas ‘científicas’ do funcionalismo positivista” (PÊCHEUX, 2015a, p. 45).

No que se refere a este *corpus*, portanto, não interessam as evidências, mas a busca por aquilo que escapa, entendendo que, conforme afirma Orlandi (2015), a ideologia produz um efeito de evidência dos sentidos e dos sujeitos, entretanto, nela, há sempre a incompletude, o deslize, a deriva. Nesse sentido, resgatar Freud e pensar em uma análise discursiva dos lapsos implica

pensar a língua como aquilo que permite constitutivamente o equívoco (e não a ambiguidade) e, portanto, garante a única possibilidade de ‘fazer sentido’ e até mesmo a única possibilidade que importa, a que opera no discurso comum, fora das normas de gênero, aquela que não

⁵⁸ Ao longo deste capítulo, será usado Freud (1966[1901]); desta forma, as referências à obra serão retomadas apenas com números de página.

faz do teórico ou do poético um ‘momento extraordinário’ (MAZIÈRE, 2007, p. 55).

Embora se recorra a Freud para a análise dos lapsos, a fim de uma “escuta” dos equívocos e das falhas, esta discussão não é um trabalho de Psicanálise, visto que essa teoria aborda o inconsciente do sujeito enquanto uma neurose particular. Em se tratando de um trabalho de análise de discurso, o inconsciente é abordado enquanto recalque ideológico via discurso.

Embora na AD e na Psicanálise o ‘inconsciente’ não tenha o mesmo efeito de sentido (é o inconsciente ideológico ali e o inconsciente analítico aqui), refere-se diuturnamente a uma relação com os processos de inculcação, de recalque e de censura (CATTELAN, 2020, p. 4).

Segundo Maia (2006, p. 35),

Na medida em que a análise do discurso trabalha com o sujeito dividido pelo inconsciente e pela ideologia, esse tipo de análise dos lapsos de escrita - torna-se possível fora do campo da psicanálise. Além de possível, torna-se imprescindível porque esses lapsos dizem diretamente sobre o sujeito, isto é, colocam o sujeito em cena e sob investigação, rompendo com a própria posição ideológica do discurso da ciência, em geral, e da linguística, em particular, que busca acima de tudo neutralizar o sujeito.

Entende-se que “é preciso discernir o que falha não por pretender com isso amparar definitivamente no verdadeiro (!), mas para tentar avançar tanto quanto se possa em direção à justiça” (PÊCHEUX, 2015b, p. 276), ‘justiça’, significada aqui como esforço para compreender, para além da transparência da linguagem, como as mulheres reagem à ideologia dominante da FD religiosa que as interpela e que toca a relação do sujeito enunciadador com o sujeito universal (PÊCHEUX, 2014) no que se refere à posição que as mulheres do *corpus* ocupam no matrimônio e na estrutura familiar, mas trabalhando esses sujeitos enunciadadores naquilo que lhes escapa.

2.1 LAPSOS DE LINGUAGEM PARA ALÉM DE ASPECTOS FONÉTICOS E ESTRUTURAIS: O INCONSCIENTE QUE ESCAPA - FATORES EXTERNOS E TRAÇOS EMOTIVOS DO SUJEITO

Segundo Freud (p. 50), a linguagem é, muitas vezes, vencida por “lapsus linguae”, o que ele afirma ser algo semelhante ao que ocorre com pessoas acometidas

de “parafasia”⁵⁹ no primeiro estágio patológico. Embora o psicanalista demonstrasse especial interesse sobre o assunto, não foi o primeiro a estudar o tema (DAVELA; KIRSCH, 2010). Antes, o filólogo Meringer, que se dedicava a estudos linguísticos, e C. Mayer se debruçaram sobre o tema. O primeiro deduziu que regras psíquicas estariam comandando os lapsos de linguagem e procurou encontrar um mecanismo psíquico que os provocava. Para esse propósito, ele e C. Mayer reuniram exemplos de lapsos de linguagem com base em critérios estritamente descritivos, tais como: intermutações, antecipações, ecos, posposições, contaminações, substituições etc., não importando se “afetam os sons de palavras ou sílabas, ou mesmo tôdas (sic) as palavras da frase em questão” (p. 50).

De acordo com Meringer, questões fonéticas e psíquicas estão interligadas e causam lapsos: quando a inervação afeta a sílaba inicial de uma palavra ou a palavra inicial de uma frase, “impulsiona, imediatamente, os sons correspondentes e palavras seguintes, e, na medida em que essas inerções são sincrônicas, podem provocar alterações entre elas” (p. 51). Neste sentido, os sons mais significativos e mais estimulantes são aqueles que fazem parte da sílaba, que pertence ao radical da palavra, o próprio som que inicia a palavra ou uma ou mais vogais acentuadas. Ele afirma que, ao se procurar uma palavra esquecida, são os sons de maior intensidade que primeiro vêm à mente. Os casos pessoais citados por Freud (p. 51-52):

Também no nosso exemplo *Signorelli* faltava ao nome substitutivo o som inicial, perdendo-se as sílabas principais; por outro lado, o menos importante par de sílabas *elli* voltou à consciência no nome substitutivo *Botticelli* (p. 51-52).

Certo dia, não consegui recordar o nome do pequeno país cuja capital é Monte Carlo. Os nomes substitutivos foram os seguintes: *Pied-mont*, *Albânia*, *Montevidéu*, *Cólico*. *Montenegro* apareceu-me pouco depois, no lugar de *Albânia* e, depois, ocorreu-me que a sílaba *Mont* (pronunciada *mon*), aparecia em todos menos no último dos nomes substitutivos. Foi-me fácil, então, pelo nome do Príncipe Alberto, encontrar o nome esquecido *Mônaco*. *Cólico* imita, praticamente, a seqüência silábica e rítmica do nome esquecido (p. 52),

mostram o quanto o posicionamento de Meringer é frágil. Embora, quando se esquece uma palavra, seja frequente imaginar que ela começa com determinada letra, nada

⁵⁹Em Psicologia, “forma de afasia caracterizada por erros na escolha das palavras ou por uma associação repetitiva de sílabas ou palavras inadequadas que desvirtuam o sentido do que é dito”; em Linguística, “distúrbio da linguagem que se caracteriza pela substituição de certas palavras por outras ou por vocábulos inexistentes na língua” DICIONÁRIO ONLINE. Disponível em: <https://url.gratis/GONTu>. Acesso em: 12 jun. 2020.

garante que o som mais intenso seja o responsável por fazer a palavra ser lembrada e voltar à consciência. Às vezes, para lembrá-la, reproduz-se um som que não tem relação alguma com o termo que se pretende resgatar (FREUD 1966 [1901]). Nos exemplos acima, no primeiro caso, foi o par de sílaba menos importante da palavra substitutiva de *Signorelli*, *elli*, que trouxe *Botticelli* à memória; no segundo caso, uma semelhança rítmica provocou a memorização do nome.

Ao relacionar o estudo dos lapsos a estudos descritivos dos fenômenos linguísticos, Meringer e C. Mayer priorizaram os sons da língua e desconsideraram que os lapsos introduzem “uma nova mensagem dentro do já previsto código, num esforço de criação, isto é, de disponibilizar uma mensagem original e por isso particular de um sujeito” (MAIA, 2006, p. 35). Para Freud, eles não desenvolveram um trabalho que clareasse as “complicadas influências psíquicas”, ignoraram elementos exteriores e reduziram as perturbações ao nível de sons, como substituições e contaminações. Nesse sentido, o psicanalista afirma que,

Segundo a própria compreensão dos autores, é certa similitude entre determinada palavra, na frase desejada, e outra não desejada, que permite esta última impor-se no consciente e causar uma desconfiguração, uma composição ou uma formação de compromisso (contaminação) (p. 53).

Freud vê a substituição e a contaminação sob outra perspectiva: “Qualquer similaridade de objetos ou de representações de palavras, entre dois elementos de material inconsciente, é tomada em conta para a formação de um terceiro elemento, que é um composto ou uma formação de compromisso” (p. 53). Essa ‘formação de compromisso’ entre esses dois elementos (objetos e palavras representadas) vem, em geral, carregada de aspectos individuais submersos em contradições. Em outros termos, Freud pretende mostrar que, para além do que preveem Meringuer e C. Mayer, as substituições e as contaminações são importantes para o estudo do inconsciente, conforme percebeu no trabalho de análise dos sonhos ([1964]1966).

A partir do que afirma Maia (2006, p.44), é possível entender que, quando se fala de inconsciente, a contradição é uma possibilidade, pois, “Ao falar disso, o aquilo - significativo preterido, reverbera, ecoa e pode aparecer como um equívoco que se desvela para o sujeito” (MAIA, 2006, p.44); é possibilidade também porque, segundo Freud, o lapso é “efeito de um pensamento **alheio** que se impôs” (FROTA, 2021, p. 10 - grifo nosso). Assim, o lapso (de qualquer ordem) pode causar estranhamento por

não ter efeito de sentido esperado pelo(s) interlocutore(s), como no caso a seguir, em que ocorre a substituição da palavra ‘iniciada’ por ‘encerrada’:

Ainda nos recordamos da maneira como o Presidente da Câmara dos Deputados austríaca abriu uma sessão, há algum tempo: ‘Excelências! Anuncio a presença de tais e tantos senhores e, por conseguinte, declaro a sessão encerrada! O regozijo geral chamou-lhe a atenção e o Presidente corrigiu o êrro (sic) (FREUD, p. 54).

Nesse caso, o lapso não pode ser reduzido à substituição de uma palavra por outra oposta ou à influência de sons de palavras da estrutura frasal, como defendiam Meringer e C. Mayer. Uma explicação de sua ocorrência é que o sujeito, presidente da câmara, gostaria de se encontrar em situação na qual já estivesse finalizando a reunião e não iniciando. Instaura-se uma contradição entre o que os interlocutores esperavam que fosse enunciado e o que foi, pela substituição, enunciado. Há casos, inclusive, em que o lapso ocorre não por uma palavra ser substituída por outra que lhe é oposta ou por sofrer influência de sons de palavras da mesma estrutura frasal, como acreditam Meringer e C. Mayer, mas por esquecimento (FREUD, [1901]1966). Os lapsos, para além do que pontuaram esses autores, fazem

emergir, por entre a materialidade do texto, um sujeito desejante, que repontua esse discurso, deixando transparecer um não dito, um sentido escapa à expectativa. O lapso, assim, pode ser encarado como uma idéia (sic) recalcada ou silenciada do que retorna, enviesada (MAIA, 2006, p. 36).

Esse sujeito desejante pode, portanto, ser apresentado e desmascarado por meio dos lapsos: o presidente da câmara, por exemplo, não queria estar ali. Há, nos lapsos, segundo Freud (p. 66), um traço emotivo. Segundo ele, “o material verbal origina frequentes exemplos de lapsos de linguagem que servem para causar uma esmagadora revelação ou um efeito cômico” (p. 67). No que se refere a aspectos emotivos, a experiência de Freud aponta para diversas particularidades pessoais motivadoras de lapsos: medo, desejo, rejeição, egoísmo, autocrítica, autotraição, autodenúncia etc., mostrando que as emoções reveladas nos lapsos de linguagem não se esgotam ([1901]1966).

Ao observar as pesquisas de Wundt, o qual também aborda lapsos em um trabalho sobre o desenvolvimento da linguagem, Freud ([1901]1996) se depara com conjecturas que se sobrepõem a aspectos sonoros em relação aos lapsos, superando

a ideia de que resultam apenas de contato de sons. Esse pesquisador foi influenciado pelos estudos Meringer e C. Mayer, mas acrescentou outros fenômenos:

Às influências psíquicas, segundo Wundt, nunca faltam aquelas manifestações, bem como outros fenômenos com ela relacionados. 'A livre corrente de som e de associações das palavras, estimulada por sons falados, pertence a este domínio, primeiramente, como um determinante positivo. Isso é apoiado como um fator negativo pelo relaxamento ou supressão das influências da vontade, que inibem essa corrente e pela atenção ativa, que é aqui uma função volitiva` (p. 55).

Wundt aponta dois fatores para os lapsos de linguagem: um se refere a 'outros fenômenos', causas externas - influências psíquicas; outro, à vontade, responsável por relaxar ou por suprimir a corrente de som. Para Freud (p. 56), esses fatores ocorrem sincronicamente e, a partir da experiência como analista, são raros os lapsos de linguagem motivados apenas por 'contato do som', pois percebia a presença de influências exteriores à fala desejada: "Nesse aspecto, concordo inteiramente com Wundt, que, como eu, supõe que as condições na base dos lapsos de linguagem são complexas e vão muito além dos efeitos de contato dos sons" (p. 65).

A partir de casos clínicos como "– Creio que, com o tempo, poderei remover todos os seus sintomas, pela psicanálise, pois trata-se de um caso *durável*" (p. 62) e "– Se, como eu espero, *não* se levantar em breve..." (p. 61), Freud explica que o lapso não é só uma troca de palavras similares, pois, no primeiro caso, a troca de 'durável' por 'curável' expõe o ponto de vista negativo do médico em relação à saúde de seu paciente; no segundo caso, a negativa, ou seja, o lapso de linguagem, traz, à tona, o lado emotivo do médico e o desejo reprimido e egoísta de não se separar do paciente, algo que, conscientemente, não diria, visto que seria contra sua função.

A causa do lapso excede o contato de sons; há um elemento perturbador que o sujeito não aceita: é o "inconsciente que se faz inaceitável pelo eu, só podendo aparecer como um lapso revelador de uma verdade" (MAIA, 2006, p. 35). Esse elemento inesperado pode se referir a um pensamento "inconsciente, que vem à luz através do lapso de linguagem e que pode apenas ser trazido à consciência por meio de uma investigação analítica, como o mais genérico motivo psíquico, que se dirige contra tãda (sic) a fala" (p. 56). Em relação a isso, o psicanalista comenta:

No procedimento psicoterapêutico que adoto na solução e remoção de sintomas neuróticos, sou frequentemente confrontado com a tarefa de

descobrir, através das fantasias e expressões formuladas pelo paciente, os conteúdos pensados, embora lutando por esconder-se, mas que terminam, contudo, por trair-se sem querer. Ao atuar desta maneira, os lapsos ou equívocos desempenham, quase sempre, o mais alto serviço, como posso demonstrar através de alguns exemplos, muito convincentes e ainda mais singulares (p. 64).

Por meio da linguagem e, mais especificamente, nos lapsos de linguagem, Freud (p. 64) encontrava pistas para tratar os sintomas neuróticos de seus pacientes: “um arranjo invulgar de palavras, uma expressão forçada, é suficiente para revelar, na fala do paciente, a participação de um pensamento reprimido que tem uma diferente motivação”. De acordo com ele, até mesmo nomes esquecidos têm um papel e uma função nos lapsos de linguagem, pois podem ser resultado de uma perturbação, ou seja, lapsos de linguagem provocados por elementos pertencentes ao exterior “que não tencionávamos exprimir e de cujo incitamento só nos tornamos conscientes devido à perturbação” (p. 52). Para Freud, os elementos exteriores ocasionam os deslizes, provocam os lapsos de linguagem e, por fim, explicam-nos.

Conforme se pode entender, os lapsos desvendam o oculto, o que se pretende esconder. Segundo Freud ([1964]1966), as mesmas relações referentes aos lapsos da fala ocorrem nos lapsos de leitura e de escrita. Ele entende que qualquer lapso de linguagem, o mais simples ou o mais espetacular, tem uma razão para ocorrer e é capaz de trair o silêncio interior. Neste sentido, com relação à escrita, ele afirma:

Uma clara e inequívoca maneira de escrever mostra-nos que o autor está em harmonia consigo próprio, mas quando encontramos uma expressão forçada ou intrincada, com mais de um sentido, podemos encontrar nela a participação de um pensamento inacabado e complicado, ou podemos ouvir, através dela, a voz abafada da autocrítica do autor (p. 77).

Maia (2006, p. 35) reforça que, para Freud, o inconsciente tem uma intenção e espera uma oportunidade para exprimir um desejo recalcado. Na escrita, pode se manifestar sob as mais variadas formas:

há casos de repetição ou esquecimento de palavras, de distorção de nomes, de supostos erros tipográficos ou ortográficos; entretanto ele chama a atenção que quaisquer que sejam as formas, elas serão sempre motivações do inconsciente como meio de expressão de um desejo proibido.

O psicanalista faz uma analogia entre leitura e escrita. Menciona que, ao ler algo em voz alta, é comum o leitor tirar a atenção do texto e se voltar para outros pensamentos, de tal forma que, uma vez questionado, nem saiba responder sobre o que estava lendo. Quanto a isso, considera que os lapsos de leitura ou de escrita que ocorrem, quando se está em uma postura automática, não podem ser vistos apenas como um fator de falta de atenção ou de pouca atenção simplesmente; mais do que isso, segundo ele, devem ser vistos como “um distúrbio de atenção, através de um estranho pensamento emergente” (p.87).

De forma geral, a partir do que considera Freud, é possível entender que o lapso revela emoções e pensamentos reprimidos e recalçados que insistem em se ocultar. A “psicanálise postula que esse evento é sobredeterminado por pressões psíquicas que, encontrando espaço para suplantar a censura, materializam o que se passa na vida interna do sujeito” (CATTELAN, 2020, p. 1), manifestando o inconsciente e, segundo Freud (p. 66), “o inconsciente nunca mente”. Diante do exposto, tendo em vista uma análise que propõe um diálogo entre Freud e a AD, entende-se que essas ocorrências inesperadas da linguagem, portanto, não podem se restringir a aspectos descritivos, fonéticos ou estruturais, pois

os sujeitos e os sentidos, não se fazem sem pensarem-se em seus trajetos, suas formas, suas rupturas e errâncias. Em que conta mais o que se esquece, o que não está lá, o que virá a ser. Assim, gostaríamos de insistir em que, quando trabalhamos a matéria, não se trata do empírico, mas do concreto, não se está pensando a realidade em si, mas está em relação ao real, e tampouco se pode ignorar a importância da ideologia, do imaginário (a imagem como produção da realidade) funcionando na relação do homem com suas condições materiais de existência. Contradição, equívoco (ORLANDI, 2017, p. 276-277).

Nesse sentido, observar os lapsos consiste em uma procura por entender “o universo” das mulheres do *corpus*, ou melhor, entender sua constituição enquanto sujeito clivado que vive uma relação matrimonial e familiar. Nesse ínterim, ao atentar para o inconsciente e para o que essas mulheres guardam e recalçam, observa-se a relação com a ideologia que as domina (a relação entre sujeito e Sujeito) e importa, para a AD, que o inconsciente não se ajusta à ideologia dominante: “o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente” (PÊCHEUX, 2015b, p. 279). Deste modo, procura-se entender, pela análise dos

lapsos, como ocorre a resistência das mulheres observadas nos depoimentos, resistências estas que são desvendadas pela irrupção do inconsciente.

2.2 LAPSOS: O INCONSCIENTE QUE SE REBELA - RECALQUE COMO FORMA DE PROTESTO

Esta seção corresponde a um momento de análise pautado, principalmente, em conceitos da AD escolhidos para o estudo e na teorização de Freud ([1901]1966) sobre os lapsos de linguagem, para quem (em linhas gerais) o lapso é provocado por elementos exteriores, expõe o inconsciente (com certas perturbações e pensamentos reprimidos que lutam por se esconder) e revela o fator emotivo que lhe é inerente. Nesse sentido, o lapso deixa escapar, sem o controle do sujeito, a identificação, mas também, às vezes, a contraidentificação com a ideologia dominante. No caso deste estudo, dar-se-á atenção, sobretudo à resistência.

Os enunciados, ou melhor, as postagens (*corpus*) selecionadas para este momento correspondem a E1, E2, E3 e E4 (ver capítulo 1). No primeiro enunciado:

E1: Amo suas verdades nas prestações, mas ser cansada com um diácono que desde o nosso início, há 12 anos que tenho tentado de todas as formas inclusive mudando meus hábitos, minha maneira de expressar minha indignação, mas infelizmente não atingi minha meta de ajuda lo a abandonar o maldito vício de mentir que ele alimenta em sua vida⁶⁰.

seria possível destacar critérios descritivos focados em questões fonéticas, conforme defendiam Meringer e C.Mayer, como em “Amo suas prestações, mas estar cansada com um diácono”, na troca de ‘casada’ por ‘cansada’ e de ‘pregações’ por ‘prestações’. Porém, elas não consistem somente em um lapso devido à similaridade que têm as palavras ou devido a um contato de sons, pois são determinantes para a percepção do inconsciente e para o reconhecimento de elementos exteriores que motivam o deslize. Estes lapsos estão carregados de traços emotivos, lançam questionamentos sobre a ideologia que os constitui e que domina a formação discursiva em que estão inseridos, mostrando que algo está em desequilíbrio. Segundo Pêcheux (2014, p. 278),

⁶⁰ TANNURE, Helena. O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: <https://cutt.ly/8xK3ubA>. Acesso em: 25 jan. 2020.

O lapso e o ato falho (falhas do ritual, bloqueio da ordem ideológica) bem como poderiam ter alguma coisa de muito preciso a ver com esse ponto sempre-já-aí, essa origem não detectável da resistência e da revolta: formas de aparição fugidias de alguma coisa 'de uma outra ordem', vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio.

O sujeito de E1 confronta sua situação, resiste ao ressignificar seu casamento e, conseqüentemente, à posição-sujeito de esposa, quando profere o termo 'cansada' em lugar de 'casada', pois lhe escapa a reprovação recalcada frente ao relacionamento. O sujeito do *corpus* sobressai ao sujeito universal, rompe com a memória de casamento como enlace sagrado, com o lugar para a mulher se realizar como esposa e mãe e é surpreendida por um efeito de sentido de relacionamento desgastante, desmotivador e de descontentamento; e a memória de uma determinada mulher cristã, idônea e compreensiva é atravessada por uma mulher que reclama, que lamenta, que denuncia as atitudes do marido e que não gostaria de estar na posição sujeito em que se acha. Eis a resistência, acontecendo pelo lapso e pelo processo de ressignificação nas mesmas condições de produção (SILVA, 2015), pois o par 'casada' e 'cansada' evoca o mesmo da memória e o seu deslocamento, tanto sobre casamento quanto sobre o comportamento do sujeito feminino.

O Sujeito da ideologia é surpreendido pelo sujeito desejante, que vem à luz pela falha que se materializa na linguagem, revelando sua contraidentificação com a Ideologia Dominante. Como evangélica, a mulher de E1 não poderia se rebelar contra a ideologia cristã patriarcal, posicionando-se de maneira diversa à instituição sagrada do matrimônio; esta rebeldia é marcada, além do lapso, pela conjunção 'mas' no intradiscurso, que rechaça as "verdades" pregadas, as quais ela afirma amar. Como a mulher é "talhada" discursivamente para ser obediente à FD em pauta, não lhe caberia a contradição, mas o inconsciente grita, sobressai e denuncia que ela foi, em algum momento, atravessada por discursos outros, alheios a discursos que lhe calam e que procuram fazer a mulher significar o homem como figura intocável e soberana e o casamento como irrefutável e indissolúvel.

Apesar dessa contração, marcada pelo desconforto com o casamento, revelado pelo lapso, antecipado pela adversativa de 'mas ser cansada', que põe em dúvida a permanência do enlace matrimonial, defendido pela FD religiosa, o sujeito de E1 corresponde a um 'bom-sujeito', pois a mulher se mantém presa ao sistema (BECK; ESTEVES, 2012), ou melhor, à FD religiosa dominante. A crença de que é sua

missão fazer o marido parar de mentir e a sua insistência nisso, conforme é possível significar a partir da locução verbal presente na SD de E1: 'tenho tentado de todas as formas', indicam a sujeição, pois ela teima fazer com que o marido deixe o hábito de mentir, incompatível com a FD religiosa, para ter um comportamento de cristão exemplar.

Embora permaneça na FD religiosa, o enunciado da mulher de E1 coloca em funcionamento a crítica de que mulheres dessa FD, mesmo em relacionamentos nos quais se sentem esgotadas e desmotivadas, convivendo com homens com cujas atitudes não concordam, são levadas, por meio de uma ideologia de submissão feminina, a ficarem casadas, conforme defendem porta-vozes dessa FD, como Cole e Cole (2017) e Tannure. Segundo a pastora, "o casamento é difícil, muito árido, segura a onda aí, que você fez uma promessa diante de Deus" (ER2.9). Nesse enunciado, a líder religiosa sugere que se deve suportar o relacionamento, 'segura a onda', pois, uma vez que o sujeito fez um compromisso com Deus, não deve voltar atrás. Romper com esse preceito significaria desobediência a Deus e traição de um compromisso.

As pregações de Tannure, além de reforçar o enlace matrimonial como algo que não pode ser desfeito, possuem teor otimista, ao promover a crença de que, por meio de bom comportamento da mulher diante de Deus e por meio de sua oração, ela alcançará milagres, cujos efeitos representam mudanças em relação ao que a aflige em relação ao homem. Contudo, o discurso do sujeito de E1 questiona esse otimismo e o tom milagreiro presente nas pregações da pastora.

Entende-se que a troca de "casada" por 'cansada' pode significar um ser desmotivado e que não acredita na mudança do marido em virtude do tempo que tem investido para que ele deixe de mentir e das várias tentativas sem resultado. A troca de significantes orientada pelo inconsciente lembra o processo de condensação citado por Freud, em que há um pensamento latente que se manifesta no intradiscurso devido, neste caso, à similaridade da palavra 'cansada' com "casada", que representa uma formação de compromisso, tornando possível perceber que há uma ponte entre o termo 'cansada' e o objeto "casamento". Eis um efeito de sentido negativo para o matrimônio (caso parecido com o de Freud, quando ele, sem pretender, usou a palavra 'durável' em lugar de "curável", revelando sua posição sobre o tratamento de seu paciente).

Dessa maneira, sem que o queira, o sujeito de E1, a partir do lapso, traz à tona o sentimento de insatisfação com o casamento, pois mostra que a posição-sujeito

de esposa não lhe agrada: ela se contraidentifica com a FD religiosa, já que, para essa FD, sua postura deveria ser de aceitação e de resignação. Esse lapso, além de expor um sentimento demeritório sobre a relação em que está, denuncia o desejo de o sujeito feminino não estar nesse casamento, cujo efeito de sentido é reforçado pela conjunção ‘mas’, presente na SD de E1: ‘Amo suas verdades nas prestações, mas ser cansada com um diácono que desde o nosso início’. Ao materializar a conjunção adversativa ‘mas’ no intradiscorso, o sujeito reforça o sentimento negativo apontado pelo lapso e também sugere a ineficácia dos conselhos de Tannure sobre seu matrimônio, ao desconstruir uma possível relevância sobre o que pastora prega, pois, embora esteja silenciado, a mulher de E1 veicula um não-dito de que essas pregações não fazem diferença em seu casamento e em seu relacionamento.

A mulher declara que ama o discurso de Tannure (o discurso religioso), que o tem como ‘verdade’ e que já tentou de tudo para fazer o marido parar de mentir (‘tenho tentado de todas as formas’), mostrando que, como mulher submissa e ajudadora, luta pelo marido, ora por ele e O aconselha, por exemplo. Entretanto, contraditoriamente, põe à luz a ineficácia dessas ‘verdades’. Segundo o que enuncia, as promessas veiculadas pelas pregações de Tannure não se efetivam. Há, pois, uma contradição entre o discurso religioso e o real do sujeito, pois, ao materializar o lapso e a conjunção adversativa, ‘mas estar cansada’, ela movimenta um discurso silenciado: “O que você prega, Tannure, é bonito, eu gosto, mas não resolve o meu problema, não surte resultado”; eis um sujeito que está desacreditado.

Esse real do sujeito escapa revelando que não há equilíbrio entre o sujeito e essa FD religiosa. Haveria equilíbrio se a mulher fosse conformada com o casamento, colocasse seu esposo no centro, como homem honrado e respeitado e, sobretudo, não se mostrasse relutante e insatisfeita e não levantasse dúvida sobre a eficácia da “palavra de Deus” e dos milagres que poderiam acontecer, segundo prega Tannure. O enunciado da mulher de E1 mostra dúvida, insujeição e desarmonia entre a palavra que recebe e o que vivencia na relação matrimonial.

A materialização inesperada do lapso ‘cansada’, bem com a materialização de ‘mas’, revelam, portanto, que há resistência em relação à ideologia dominante que a pastora representa, buscando manter as mulheres submissas aos homens e presas a relacionamentos por condenar a separação e defender a união matrimonial, entre um homem e uma mulher, como algo sagrado instituído por Deus e, devido a isso, ninguém pode desfazê-la (BÍBLIAON, Mateus, 19).

A pastora, por exemplo, incentiva mulheres a persistirem em casamentos complicados, alimentando-lhes a esperança de que conseguirão alcançar, pela fé, soluções para os problemas, como ocorre no seguinte recorte do discurso de Tannure: “Aí a música fala que Deus não negará o seu melhor a uma mulher de fé. E é fato! Quando uma mulher decide orar, quando uma mulher decide pagar o preço, quando uma mulher decide viver no modelo que Cristo tem pra ela, Meu Deus! Ela é uma bomba!” (ER1.9). No enunciado, ela impele a mulher a acreditar que deve estar sujeita ao homem (seu senhor) e que, agindo assim, de acordo com a crença alimentada pela FD, torna-se capaz de obter sucesso em suas dificuldades e em seu relacionamento. O efeito de sentido de ser ‘uma bomba’, nesse caso, consiste em ser forte e capaz de devastar o mal que cerca a sua família e a sua vida.

Dessa maneira, esse tipo de discurso procura levar a mulher a não se rebelar, mas a desenvolver atitudes de perdão, o que Tannure reforça em: “Nós não estamos querendo banalizar a dor de ninguém, mas a palavra de Deus nos ensina a perdoar, perdoar e prosseguir e muitas pessoas não conseguem perdoar” (ER4.1), e a não desistir do marido: “Nós temos que ganhar os nossos maridos sem palavras, mas com nosso santo procedimento. Que você seja uma esposa amorosa, dedicada, presente. Que você valorize ele” (ER3.1). O discurso da FD de Tannure impede que a mulher, independentemente da situação, volte-se contra o homem. Desse modo, a premissa da dominação masculina se mantém, pois impõe “a necessidade de inibir toda e qualquer tendência agressiva, pois deve ser dócil, cordata, passiva. Caso ela seja do tipo mulher despachada, deve disfarçar esta qualidade, porquanto essa característica só é considerada positiva quando presente no homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 37).

Por outro lado, o significante ‘bomba’, em ER1.9, permite efeitos de sentido contrários à expectativa de Tannure, já que ele também leva ao que falha, porque o inconsciente acaba por trair a pastora, uma vez que, nessas condições de produção, as mulheres se encontram em amarras, mesmo que negadas, e o significante pode denunciar o fato de que, por se sentirem oprimidas e sufocadas, estejam prestes a “explodir”, a se rebelar e a expressar sua insatisfação em relação à submissão e à supremacia masculina. Involuntariamente, por ação do inconsciente, essa opressão é denunciada pela própria Tannure via discurso.

A mulher de E1, apesar de discursos que a cercam de otimismo, encontra-se em um relacionamento infeliz, tem um marido mentiroso, diz amar as ‘pregações’, mas não obtém resultado e se sente cansada, pois aquilo que é pregado não dá o resultado

esperado. Uma polêmica discursiva e um conflito humano se instauram: ao invés de a constituição de mulher submissa vir à tona, o lapso deixa escapar um ato de insubmissão, como revolta, dúvida e questionamento. Esse lapso não se refere a uma autocrítica, a uma autodenúncia, mas à denúncia do que a FD religiosa lhe impõe e que lhe promete e que não acontece.

Esse lapso põe em questão a obrigação de aceitar um casamento frustrado que ela deveria manter para a vida toda. Seus sentimentos podem, por exemplo, ser parafraseados por “Estou farta”, “Não aguento mais isso”, “Não suporto”. Ela quer a palavra “casada”, mas o inconsciente grita e enuncia outro termo, revelando mais do que ela imagina. Com isso, esse sujeito mostra que não está plenamente identificado com a ideologia dominante da FD religiosa, a qual condena a separação, uma vez que defende a união matrimonial entre homem e mulher como sagrada e instituída por Deus. Assim, o sujeito de E1 parece se identificar e, possivelmente, acredita nisso. No entanto, considerando o seu enunciado, é possível perceber que ela resiste ao que a pastora prega e, ao fazer isso, ela se configura como um ‘mau-sujeito’: contraidentificado.

O outro lapso que chama a atenção no enunciado E1 ocorre na SD ‘Amo suas verdades nas *prestações*’, quando o sujeito pretendia ter escrito “pregações”, mas, traído pelo inconsciente, escreveu ‘prestações’. Não se trata de um lapso devido, meramente, à semelhança entre as palavras: há algo exterior funcionando como elemento perturbador, para que a substituição de palavras ocorra. A palavra ‘prestações’ circula, geralmente, com efeitos de sentido referentes a relações comerciais de compra e venda, em situações nas quais se fazem negócios.

Helena Tannure, assim como muitos “pregadores do evangelho”, utilizam-se de sua posição-sujeito de pastora e dos púlpitos para fazer negócios, marcando uma ação empreendedora que objetiva lucros. Ao mesmo tempo em que empreende, ela divulga uma imagem de serva de Deus exemplar, de esposa submissa e isso agrega valor a seus produtos, que procuram atender as expectativas de suas possíveis consumidoras evangélicas ou, até mesmo, das demais mulheres que se identificam com o discurso que ela produz, consoante a FD dominante. Enquanto empreendedora religiosa, sua ação é marcada pela FD que a domina e

estrutura-se a partir de elementos objetivos - relacionados à própria criação do negócio e à abertura da empresa - e subjetivos - associados ao comportamento e à ação do empreendedor, à sua socialização

religiosa, às motivações para agir de forma empreendedora, ao relacionamento íntimo entre essas motivações e a questão espiritual, à missão de atuação no ramo de artigos religiosos e ao objetivo de divulgação da doutrina religiosa. Esses elementos, por sua vez, manifestam-se em um mesmo espaço e mesmo conjunto de situações através de uma relação dinâmica, revelando particularidades que não se fazem presentes em outras possibilidades de empreendedorismo (ALMEIDA et. al, 2015, p. 578).

A pastora, em seu site oficial⁶¹, tem uma loja virtual de roupas para mulheres evangélicas, chamada *República das Saias*⁶², cujas peças, enquanto sujeito inserido numa determinada FD, ela apresenta em eventos religiosos, servindo como “garota-propaganda” da marca; além disso, usa as redes sociais para vender cursos para disciplinar mulheres, para vender seus livros e CDs⁶³; ao mesmo tempo, a pastora promove a doutrina da FD religiosa e investe em seus interesses financeiros. No site, há também um link para quem quiser contratá-la para pregações. Diante disso, o lapso ‘prestadoes’ faz parte de uma FD religiosa evangélica em que o evangelho se torna ponte para o comércio. Esse significante revela, pois, um interdiscurso polêmico e uma crítica do sujeito de E1 à pastora, por meio do recalque de uma mulher que vai de encontro às atitudes de Tannure, por meio de pré-construídos que rechaçam essa atitude, inclusive, desde os tempos de Cristo:

Tendo Jesus entrado no pátio do templo, expulsou todos os que ali estavam comprando e vendendo; também tombou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos comerciantes de pombas. E repreendeu-os: Está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração’; vós, ao contrário, estais fazendo dela um covil de *salteadores* (BÍBLIA, Mateus 21:12-13 - grifo do autor).

Por meio do lapso, o inconsciente traz, para a materialidade do discurso, termos que indiciam críticas a pregações vendidas e ao uso do evangelho e da fé das pessoas como meio para obtenção de lucro. Essa posição crítica da mulher de E1, que o inconsciente exhibe, opõe-se ao discurso do “amor” que a autora afirma ter pelas pregações de Tannure, pois, ao afirmar que ama, adere à FD religiosa; mas, ao deslizar para ‘prestadoes’, o inconsciente a trai e mostra, por meio do lapso de escrita, que algo ocorre de forma estranha. O lapso aparece para reforçar uma denúncia e

⁶¹ TANNURE, Helena. Site Oficial. Disponível em: <http://helenatannure.com/new/>. Acesso em: 03 dez. 2019.

⁶² REPÚBLICA DAS SAIAS. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/RepublicaDasSaias/videos/?ref=page_internal. Acesso em: 03 dez. 2019.

⁶³ TANNURE, Helena. Facebook. Disponível em: <https://url.gratis/zGBb9>. Acesso em: 03 dez. 2019.

mostra o sentimento de não-aceitação da postura de pessoas que se apropriam do evangelho para obter lucros e fazer negócios. A mulher de E1 acredita se identificar com a FD religiosa, quando, como sujeito dividido e clivado, o lapso mostra que se contraidentifica por cair na denúncia de religiosos que fazem da igreja um lugar lucrativo.

Como os lapsos ajudavam Freud no processo psicoterapêutico a descobrir conteúdos pensados que se esforçavam para se esconder, os lapsos que aparecem aqui mostram pensamentos reprimidos que não podem ser enunciados, devido à FD a qual pertence o sujeito. Esse não-dito proibido, existente no inconsciente e que pertence a outros discursos, toma corpo no intradiscurso e explicita, na falha, a crítica aos pregadores que comercializam a fé, como faz Tannure, e também sobre o que a FD religiosa espera em relação a casamento.

Em E2, a seguir, considerando que Freud (p. 76) valoriza todo lapso: “tenho demonstrado, repetidamente, que os mais insignificantes e naturais casos de lapsos de linguagem têm sentido comum e a mesma interpretação que os casos mais espetaculares” e considerando as condições de produção do enunciado sob a ótica da AD, atenta-se para dois lapsos de escrita. Um se refere à repetição da palavra ‘estou estou’ e outro à presença sintática desarticulada do pronome “me” na SD:

E2: Eu trabalhei fora, hoje faz 1 ano e meio que estou estou me casa virei dona de casa por amor, não que meu emprego não faz falta. O que não faz falta é ter que sair mais cedo do trabalho pra resolver questões familiares Não faz falta deixa meus filhos doentes com terceiros porque tinha que cumprir jornada de trabalho. Agora estou em casa onde havia bagunça hoje esta tudo sobre controle as dívidas são as mesmas. .Mas meus filhos tem mãe em casa na rua na escola no pediatra... Meu marido tem esposa pra sair, preparar o jantar, cuidar, conversar. Minha casa tem dona. Amo a submissão é tirar um fardo que não é nosso ...agradeço a Deus porque estou aprendendo !!⁶⁴.

Diante da SD, torna-se relevante entender as ocorrências materializadas em E2, quando a autora traz à tona dois momentos de sua vida: um, no qual trabalhava fora; outro, no qual se dedica à casa e à família. Ao abordar a decisão de ser ‘do lar’, relata como sua rotina era complicada antes, quando trabalhava fora, uma vez que não sobrava tempo para cuidar da organização da casa, para dar suporte aos filhos na escola ou socorrê-los quando doentes e para dar atenção ao marido. Em várias

⁶⁴ TANNURE, Helena. Postagem E2 - O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EfYR_dHfVpY. Acesso em: 25 jan. 2020.

passagens, ela usa expressões que parecem produzir um efeito positivo sobre estar em casa, como nos sintagmas ‘virei dona de casa por amor’, ‘onde havia bagunça hoje esta tudo sobre controle’, ‘meus filhos tem mãe em casa na rua na escola no pediatra’, ‘Minha casa tem dona’ e ‘Amo a submissão é tirar um fardo que não é nosso ...agradeço a Deus porque estou aprendendo !!’; além disso, há a reiteração da expressão ‘não faz falta’, ao se referir ao abandono do trabalho fora de casa. São vários os argumentos do sujeito de E2 que procuram elogiar o estar em casa.

Cabe questionar, contudo, se esses argumentos são destinados a convencer a pastora Tannure (ou a demais leitores) ou a si mesma, visto que ela deixa o trabalho não por escolha pessoal, mas por imposição da situação na qual se encontra, porque, nessas condições, à mulher continuam delegados os afazeres domésticos. Assim, a vida pública não é seu lugar, mas lugar do homem, que, devido à ideologia patriarcal que domina essa FD, não se vê cobrado a partilhar os afazeres da casa e a cuidar da educação dos filhos, o que acaba sobrecarregando o sujeito feminino.

O discurso da FD sobre o papel da mulher e sobre sua função na relação matrimonial e familiar são reinscritos no enunciado E2, pois, quando ela assume a posição-sujeito de dona de casa, traz para si o cuidado com o marido, com os filhos e com o lar e surge a mulher ajudadora, protetora e servil que deve se dedicar à família. Sustentando tudo isso, está a relação com Deus, reafirmada na SD ‘Amo a submissão é tirar um fardo que não é nosso...agradeço a Deus porque estou aprendendo’, em que ela parece aceitar a ordenança divina da submissão (BÍBLIA, 1 Pedro 3: 1). Com isso, percebe-se que o sujeito se identifica relativamente com a FD em pauta, contudo o sujeito da enunciação, o locutor (Pêcheux, 2014), ou seja, a mulher de E2, por meio dos lapsos, sem ter o controle do que diz e do sentido do que diz, deixa transparecer uma contraindentificação com a FD religiosa dominante.

O lapso de linguagem ‘estou estou’, por seu turno, não é uma mera repetição de palavras, uma vez que se podem inferir, a partir dele, dois efeitos de sentido. No primeiro, ele surge da tentativa de o sujeito de E2 se convencer de que a sua situação é boa e de se conformar por ter abandonado o trabalho, devido à dupla jornada de trabalho, uma rotina cansativa, sobretudo, por não contar com a parceria masculina. Nesse caso, essa repetição é uma superafirmação, em que o sujeito de E2, reprimida, denuncia o dever de aceitar forçosamente uma situação que ela não deseja e que não é tão agradável quanto ela pensa acreditar. No segundo, a repetição ocorre como um desabafo de que ela está muito em casa, denunciando o aprisionamento a uma vida

cansativa, monótona e restrita ao que lhe é imposto. O inconsciente do sujeito de E2 desmente as aparências, invalida as tentativas de o sujeito enaltecer o novo lugar que ocupa, estar bem para os outros, e denuncia a dupla jornada a que a mulher, assim como muitas outras, é submetida. A repetição pode ser significada como inconformismo recalcado e velado pela obrigação de se anular devido ao acúmulo de tarefas, o que não seria necessário, caso homens e mulheres tivessem direitos e obrigações iguais nessa FD.

De fato, abandonar o trabalho não foi uma opção, conforme a mulher de E2 parece acreditar, tentando convencer e se convencer; foi tanto uma necessidade por estar sozinha na organização da vida familiar, quanto uma imposição da ideologia a que está submetida, uma vez que são comuns, nesta FD, discursos que incentivam, orientam, apontam e até impõem que a mulher assuma o lar. Em SDs de discursos da pastora Tannure, encontram-se declarações que defendem este preceito:

Eu não quero fazer barulho. Eu quero que quando eu levantar da cama o diabo diga: E agora? Ela acordou mais um dia! Isso que eu quero. Eu quero me sujeitar a Deus, resistir pra que ele fuja de mim, da minha casa, eu quero ser a guardiã do meu lar e falar Satanás, aqui não! Essa casa tem dona. Eu sou guardiã da minha casa. Você vai para trás. Mas essa batalha, minha querida, é você quem luta. Eu não posso ir lá na sua casa, eu não sou a guardiã da sua casa. A guardiã da sua casa é você (ER1.10).

Aqui a mulher é incentivada a se posicionar como a guardiã do lar, como aquela que, uma vez aceitando a sujeição, ou seja, a obediência a Deus e ao marido, impede que o mal, o “Diabo”, tenha forças e atinja sua família. Ela, atravessada pelo discurso da FD religiosa dominante, deve se sentir na obrigação de proteger a família, algo que cabe, exclusivamente, a ela e a qualquer preço, pois é guardiã da casa. A mulher de E2 é impelida por esse discurso:

Mas acontece que o problema não está em trabalhar fora, está em levar o coração pra carreira. A família passou a ocupar o segundo lugar no coração da mulher, principalmente depois do movimento feminista. O que aconteceu, a mulher saiu da sua posição, o homem saiu da sua posição. E os dois ao invés de funcionarem numa sinergia perfeita, numa unidade plena em Deus, eles passaram a disputar, pra provar quem é melhor, só que não tem melhores, são diferentes (ER1.11).

No discurso, Tannure afirma que trabalhar fora de casa não é um problema e, assim, parece dar aval para que a mulher faça isso. Entretanto, segundo a pastora,

em ER1.11, não se deve colocar o coração na carreira, conforme, segundo sugere, aconteceu no movimento feminista. Nesse momento, ela culpa a mulher por trabalhar e colocar o coração nisso, ou seja, colocar seus sentimentos, suas emoções e sua dedicação no trabalho e deixar a família em segundo plano, abandonando seu lugar de esposa, de mãe e de dona de casa e, desse modo, tirar o homem de sua posição de liderança.

Sem base argumentativa que comprove suas afirmações sobre o movimento feminista e sobre as mulheres levarem ‘o coração’ para a carreira, algo escapa e, nesse momento, Tannure parece estar, na verdade, falando de si mesma, de conflitos pessoais, pois ela trabalha fora e tem ocupações para além do ambiente familiar, que comprometem o seu tempo e a distanciam da vida doméstica, já que ela é pastora e empresária. Nesse sentido, por sua postura contrariar a FD religiosa que representa, ela parece justificar suas ocupações, sugerindo que as mesmas não seriam problema, porque ela não coloca o coração nisso. Além do mais, Tannure afirma que, devido ao movimento feminista, a mulher entrou no mercado de trabalho e gerou uma disputa na relação homem/mulher, afirmação que indica um conflito no seu relacionamento matrimonial, uma vez que ela deveria ser submissa e inferior a seu esposo para estar afinada à FD religiosa, mas se sobressai a ele.

Embora a submissão não seja algo praticado por Tannure, na SD ‘O que aconteceu, a mulher saiu da sua posição, o homem saiu da sua posição’ de ER1.11, a pastora insiste em manter a mulher na posição de submissão ao homem. Além disso, responsabiliza a mulher pela maneira de agir do sujeito masculino, ou seja, o fato de o homem não assumir responsabilidades e de não dividir as obrigações com a família é resultado do mau comportamento feminino, de a mulher não priorizar a posição-sujeito de esposa e de mãe e “sair da posição”. O discurso outro que a SD movimenta é que, se as coisas não andarem bem, a culpa é da mulher. Assim, abandonar o trabalho é priorizar a família e não cabe à mulher protestar. O sujeito enunciador de E2 parece agir assim e parece não questionar, mas o lapso denuncia o quanto reluta contra sua nova condição, resistindo ao que a FD dominante impõe e que se mostra recorrente do discurso de Tannure:

A mulher é a alma, é o termômetro da família. Quando ela está mal, os filhos sofrem, o marido sofre. Tudo fica azedo. Quando ela tá bem, ela tá feliz, as coisas fluem. Nós somos esse termômetro. Deus nos fez assim. Por isso que o Diabo tem tanto ódio da mulher. Por isso

desde a existência, ele tem tentado tirar a mulher da sua posição (ER1.12).

Neste caso, a pastora defende que a família depende do sujeito feminino, realçando esse lugar para a mulher como central: 'A mulher é a alma, é o termômetro da família'. Em ER1.12, ela reforça que a mulher é a grande responsável pelo bem-estar familiar; segundo a pastora, sair desse lugar e trilhar outras possibilidades é resultado de uma conquista diabólica, pois 'ele [o Diabo] tem tentado tirar a mulher de tal posição'.

O sujeito de E2 faz parte dessa FD religiosa onde circulam esses discursos e, então, permanecer no trabalho e querer direitos iguais, de maneira que a participação na família não fosse considerada preponderante, significaria estar agindo conforme planos malignos e estaria desobedecendo àquilo que Deus determinou e permitindo ao Diabo destruir sua família; portanto, deixar o trabalho não é uma escolha genuína, pois a ideologia que a permeia a destina ao lugar privado, no qual ela tem obrigações e funções. A obrigação de ocupar esse lugar, restringindo-se à vida doméstica, faz com que ela rompa com a possibilidade de realização profissional e de acesso a outras experiências para se dedicar a outrem, anulando-se.

Nesse sentido, podem ser feitas duas considerações sobre o lapso de escrita com o pronome "me" na SD 'Eu trabalhei fora, hoje faz 1 ano e meio que estou em casa' de E2. Uma: no intradiscurso, o termo aparece antes do significante 'casa'; assim a expressão 'me casa' sugere "me casar", ou seja, nessas condições, o efeito que emerge é 'me casei' e 'virei dona de casa'. Isso é algo que está de acordo com a FD religiosa, onde o matrimônio tem essa premissa como algo inerente à mulher e intrínseco ao lugar que ela deve ocupar na relação familiar; no entanto, o lapso aponta para o lamento e para a não-aceitação de o casamento limitar a mulher e a destinar apenas a servir aos outros. Outra: o lapso com o pronome 'me' ajusta-se à primeira: aparentemente solto e desconectado no intradiscurso, ele mostra a necessidade de o sujeito olhar para si. É o reflexivo de um sujeito que, enquanto ser humano, precisa se realizar, investir em seu mundo particular e atender às necessidades individuais, o que, na prática, não acontece. O 'me' revela, pois, uma "autotraição", pois desnuda um desejo íntimo de ter uma história própria que não se limite apenas à cena familiar.

O lapso de escrita da repetição e o pronome reflexivo sintaticamente deslocado denunciam o problema que a ditadura patriarcal da FD religiosa em tela,

via discurso autorizado na voz de uma autoridade, a pastora, causa no universo feminino. Além disso, esses lapsos mostram que a mulher tem vontades e desejos tolhidos, que anulam suas possibilidades de vivência e restringem o seu lugar. O sujeito de E2, no seu íntimo, contraidentificase com o que lhe é imposto, mas está presa à FD da religião, cuja insatisfação ainda não foi permitida emergir ao plano da consciência.

Assim como em E2, o sujeito de E3, a seguir, demonstra resistência à FD religiosa em que está inserido, ao trazer denúncias a comportamentos amparados pela religião evangélica que prejudicam o gênero feminino, sem, contudo, demonstrar maior interesse em romper com a FD dominante:

E3: Quando comecei a namorar tinha 13 pra 14 anos de idade. Quando fiz 15 terminei. Minha mãe ficou com raiva de mim porque não queria que eu terminasse o namoro. Resumindo casei com 16 anos porque minha mãe não me deixava em paz. Fiquei casada por 10 anos. Nesses dez anos tudo de bom foi meu filho e a experiência porque o resto. Eram brigas e, agressões verbais e começou a ser física. Tive depressão e a igreja não me ajudou. A igreja e meu ex marido dizia que eu estava demoníada. Separei. Encontrei uma pessoa e tem 7anos que estamos juntos. Temos um outro filho de 6 anos. Sempre fui da igreja, mas nunca fui de Jesus como sou hoje. Não queria me divorciar, mas hoje sinto Deus na minha família. Meu esposo, eu e meus dois filhos. Hoje sou amada. Porque coloquei Deus primeiro. Mas às vezes ouço que divorciados não são bem vindos. Mas ainda bem que eu sou amada por Deus. Linda mensagem, mas pastora fala mais do divórcio porque o público de divorciado às vezes são tão excluídos⁶⁵.

O sujeito de E3 relata sua vida afetiva dos 13 anos de idade até a vida adulta. De início, aponta a pressão à que foi submetida: não era do agrado da mãe que tivesse muitos namorados ou que demorasse a se casar. Assim, mesmo ainda sendo menor, a mãe forçou a filha ao matrimônio, embora não fosse algo da vontade da adolescente, como é possível perceber a partir da SD de E3: ‘minha mãe não me deixava em paz’. O sujeito insinuou ter sido, praticamente, forçado ao casamento. A designação para esse compromisso, conforme a Plan Internacional⁶⁶, é “casamento infantil, prematuro

⁶⁵ TANNURE, Helena. Construindo um casamento saudável. Disponível em: <https://cutt.ly/ZxK3eU8>. Acesso em: 25 mar. 2020.

⁶⁶ Segundo a Plan International, ela é uma “Organização não governamental, não religiosa e apartidária que defende os direitos das crianças, adolescentes e jovens, com foco na promoção de igualdade de gênero. Chegamos ao Brasil em 1997 e, nessas duas décadas, desenvolvemos dezenas de projetos em diversos estados do país, ajudamos nações em situação de emergência e desenvolvemos campanhas para combater todas as formas de violência contra meninas e meninos”.

e forçado” (2019, p. 4)⁶⁷. De acordo com a Plan, no passado, as mulheres entravam no relacionamento matrimonial muito jovens, em idade de 13 e 14 anos, por exemplo, sem que tal relação fosse questionada; entretanto, “pesquisas evidenciam o quanto esta prática pode ser prejudicial para meninas e meninos ao obstaculizar sua trajetória de vida, sobretudo no que tange a aspectos educacionais, profissionais, físicos e subjetivos” (PLAN INTERNATIONAL, 2019, p. 8). Para Tavares (2017), o casamento de meninas antes de chegarem aos 18 anos representa alta taxa de evasão escolar e faz delas as maiores vítimas de violência doméstica. Algo que ocorre com o sujeito de E3, conforme relata na SD: ‘Eram brigas e, agressões verbais e começou a ser física’, ao falar da relação problemática com seu primeiro cônjuge.

No Brasil, essa situação é preocupante, pois, segundo a autora, os dados são elevados, visto que o país tem a maior taxa de casamentos de meninas menores de 18 anos da América Latina e a quarta maior do mundo (TAVARES, 2017). O sujeito de E3 encorpa essa taxa ao se casar aos 16 anos. Nesse sentido, há um não-dito significando: a culpa é da mãe por ela ter entrado numa relação matrimonial que considera carregada de dissabores, salvo a maternidade e a experiência que teve: ‘Nesses dez anos tudo de bom foi meu filho e a experiência porque o resto’.

Os evangélicos, conforme Cunha (2007), estabelecem forte ligação com o evangelho, ou melhor, com textos bíblicos, portanto, o que pode ter motivado essa imposição da mãe para que a filha se casasse logo é a interpretação de discursos da FD religiosa direcionados aos solteiros, como o do apóstolo Paulo: “Digo, porém, aos solteiros e às viúvas, que lhes é bom se ficarem como eu. Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que **abrasar-se**” (BÍBLIA, CORÍNTIOS 7:8-9 - grifo nosso), em que o significante “abrasar-se” tem um efeito de sentido voltado ao desejo sexual. Diante disso, é possível defender que a preocupação da mãe tenha

⁶⁷ A designação “casamento infantil, prematuro e forçado” se tornou o termo aceito nos documentos das Nações Unidas para descrever esta prática. O termo ‘infantil’ se refere aos casamentos e uniões ocorridos antes dos 18 anos de idade - o final da infância, de acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança. Prematuro (em alguns casos aludido como ‘precoce’) refere-se ao início de uma vida matrimonial que é problemática para as meninas e adolescentes, posto que concorre, por exemplo, com seu direito à educação. Define-se ainda como ‘forçado’ as desigualdades estruturais que propiciam esta realidade para meninas no mundo todo, bem como as condições que determinam se constituir um casamento ou união implica realmente uma “escolha”, ao levarmos em conta as baixas perspectivas existentes para as meninas, o trabalho doméstico e o controle a que são submetidas em seus lares de origem e o compromisso limitado com sua educação por parte de suas famílias. Com frequência, estes casamentos e uniões são feitos com homens maiores de idade, mais experientes, de maior instrução formal e com melhores perspectivas econômicas, tornando assim as meninas vítimas ao situá-las em uma posição de desigualdade em relação ao seu cônjuge. Tal fenômeno é muitas vezes acompanhado pela violência de gênero na esfera privada do domicílio (PLAN INTERNATIONAL, 2019, p. 4).

sido com relação à virgindade da filha, uma cobrança da esfera moral (Bourdieu, 2012) e uma interpretação patriarcal da Bíblia, que veicula a dominação masculina reproduzida pela mãe. Segundo Marães (2019), ainda hoje mulheres sofrem essa cobrança, uma vez que a sociedade não apresentou, nesse sentido, mudanças efetivas, pois não evoluiu. A visão da Bíblia sobre virgindade, segundo ela, pauta-se em uma interpretação influenciada pelas sociedades grega e romana:

a virgindade era um status para as mulheres receberem mensagens divinas, uma moeda de troca na negociação do dote; além disso, desposar uma virgem, para o homem, era assegurar a autenticidade de sua progenitura e perpetuar sua linhagem; somado a isso, os pais incentivavam cedo a vida sexual dos seus filhos, pois tal prática confirmava a virilidade máscula. Já a mulher devia se guardar, essa atitude assegurava sua dignidade e pureza, por isso a virgindade ser honra para a mulher e não para o homem (MARÃES, 2019, p. 145).

O sujeito de E3, na perspectiva da mãe, deveria se preservar de vários relacionamentos e ter um casamento rápido, para preservar a sua sexualidade e a imagem que a sociedade e a igreja esperam do gênero feminino. Segundo a Plan Internacional (2019, p. 38), “A perda da virgindade e a gravidez podem significar um pânico moral para as famílias frente à sexualidade adolescente, e o casamento por vezes é visto como a melhor solução”. Essa organização, ao fazer uma pesquisa sobre sexualidade com um grupo de meninas evangélicas (2019), apontou que a família e a instituição igreja abordam o tema da sexualidade como tabu. As meninas que participaram do estudo “relatam o quanto este assunto é tabu em suas famílias e igrejas (para aquelas que as frequentam) e que a abordagem prevalente é a tentativa de controle sobre suas vidas afetivas” (PLAN INTERNATIONAL, 2019, p. 38).

Ao denunciar a atitude da mãe, dizendo que ela não a deixava em paz e, por isso, casou-se aos 16 anos, o sujeito de E3 denuncia a ideologia da FD religiosa que influencia as decisões pessoais desses sujeitos, pois, segundo Tavares (2017, s.n.), “Hoje, há reconhecimento internacional de que um indivíduo com menos de 18 anos é legalmente uma criança, e que a união, formal ou informal, envolvendo alguém abaixo dessa idade é uma violação dos direitos humanos da mulher”.

Quanto a isso, o sujeito de E3, que saiu de casa para vivenciar um matrimônio ainda criança, portanto sem maturidade suficiente para, dentre outras coisas, assumir a responsabilidade de um relacionamento a dois, mostra o quanto foi conturbado o convívio com o marido. E, em relação a isso, faz mais uma denúncia à FD religiosa,

ao falar sobre a indiferença da igreja com relação a seus problemas, como mostra a SD: 'Tive depressão e a igreja não me ajudou'. Entende-se essa igreja como lugar que divulga a ideologia patriarcal e onde circulam discursos perigosos, que colocam, por exemplo, meninas em situações de risco e de vulnerabilidade, como o sujeito de E3, mas que não lhes dá suporte quando, em fase incipiente, assumem responsabilidades de adultos e sofrem consequências por isso, como danos emocionais e físicos.

A posição da igreja não foi acolhedora com o sujeito e E3; pelo contrário, conforme a SD 'A igreja e meu ex marido diziam que eu estava demoníada', a instituição espiritualizou o problema de saúde do sujeito de E3 e os conflitos existentes no casamento. Conforme essa SD de E3, a igreja e o marido não olham para a mulher como alguém que está doente e que precisa de ajuda; olham-na como alguém que, por não ter agido como esposa aos moldes da FD religiosa na qual está inserida, ou seja, por não ter se sujeitado a Deus e ao marido, deixou-se dominar pelo mal.

Tannure reforça acusações como as feitas pela igreja e pelo marido do sujeito de E3, afirmando para as seguidoras: 'Eu quero me sujeitar a Deus, resistir pra que ele [o Diabo] fuja de mim, da minha casa, eu quero ser a guardiã do meu lar e falar 'Satanás, aqui não!' (ER1.10). Considerando que um discurso tem relação com um não dizer (ORLANDI, 2015), que também significa, visto que "todo dizer cala algum sentido necessariamente" (ORLANDI, 2007, p. 102), o discurso acima tem uma contraparte: se a mulher não quiser se sujeitar a Deus, não resistir ao Diabo, ele [o Diabo] não fugirá dela nem de sua casa e, enfim, ela não será guardiã de seu lar. Além disso, Tannure, ao usar o pronome 'Eu', produz o efeito de que está focada em si mesma; no entanto, essa projeção pessoal é apenas aparente, pois, na verdade, a pastora projeta essa mensagem nas mulheres, apresentando-se como espelho para suas ouvintes, como exemplo a ser seguido; assim, ela procura alinhar, ideologicamente, suas seguidoras à FD dominante. Há, ainda, um efeito de sentido de empoderamento (ver 2.4) nessa fala: 'Satanás, aqui não!', em que ela passa a mensagem de que a mulher que se submete a Deus tem poder contra o Diabo.

A partir de E3, entende-se que a igreja não considerou a depressão como possibilidade e que a FD religiosa culpa a mulher pelo fracasso do casamento: o significante 'demoníada' foi utilizado pela igreja mesmo depois de saber das brigas e dos desentendimentos existentes no relacionamento do casal. A culpa da relação conturbada e de seu término recai, nessa FD religiosa, sobre o sujeito feminino, pois se entende que "Toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derriba-a com as

suas mãos” (BÍBLIA, Provérbios, 14:1). Logo, nessas condições de produção, ‘edificar a casa’ ganha efeito de sentido de, por exemplo, ser responsável para que tudo vá bem e que não haja desavenças e conflitos entre os membros da família.

Assim o homem, significado como superior, líder e cabeça da mulher na FD religiosa, é protegido e amparado pela igreja que, ao sustentar a desvalorização do feminino em benefício do sujeito masculino, compartilha com ele o mesmo ponto de vista sobre a mulher de E3, como ela mesma afirma na SD: ‘A igreja e meu ex marido dizia que eu estava demoníada’. Enquanto lugar que serve à dominação masculina, a igreja não questionou o comportamento do homem, mesmo havendo agressões, como a mulher afirmou na SD ‘Eram brigas e, agressões verbais e começou a ser física’. Portanto, quando igreja e ex-marido a chamam de ‘demoníada’, colocam-na como a responsável pelas desavenças e pelos atritos. Para a FD dominante, ela não foi uma mulher sábia e portanto, foram suas atitudes que destruíam o lar e o casamento.

Na FDR, a mulher é chamada a resistir aos dissabores do relacionamento, independente do que isso lhe custe, inclusive a própria vida, conforme mostraram Cole e Cole (2017). Essa FD defende que a mulher pode vencer essas dificuldades, se tiver fé, se orar, se for submissa, para isso tem que estar disposta a ‘pagar o preço’ (ver 1.4). Esse é o critério para ser ‘sábia’. Tannure confirma essa crença ao orientar como a mulher deve agir, como é possível perceber no ER1.10: “Ore pelo seu esposo: ‘Senhor, eu te agradeço porque ele cuida de mim. Porque ele é cabeça sobre a minha vida’”, “Mulher, abençoe o seu marido”, “Se ele não tem sido o marido que o Senhor deseja que ele seja, ainda, ‘Senhor, eu estou abençoando e liberando o meu marido pra que ele se torne um homem segundo o teu coração’”. Agindo assim, a mulher teria o poder de intervir, de edificar, inclusive, a personalidade do marido. Essas SDs do ER1.10 comprovam que, sobre o gênero feminino, coloca-se a responsabilidade de fazer do homem, que não corresponde às expectativas da mulher, ou mesmo da FD religiosa, uma pessoa fiel e temente a Deus. Assim, a mulher de E3, em uma FD com essa ideologia, deveria ‘edificar a casa’ e isso requer permanecer no casamento.

Contra a expectativa da FD religiosa sobre a mulher, o sujeito de E3 apresenta resistência a ela, pois, além de não cumprir esses preceitos, ela se separa, conforme afirma na seguinte SD: ‘Separei!’. Essa atitude é de resistência, porque a FD religiosa significa o casamento como união irrevogável entre um homem e uma mulher e não cabe a eles desfazerem essa aliança: “eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe” (BÍBLIAON, Mateus, 19: 6).

Antes de declarar a separação, é significativo o lapso de linguagem cometido pelo sujeito de E3, conforme afirma na SD 'Tive depressão e a igreja não me ajudou. A igreja e meu ex marido dizia que eu estava demoníada'. O significante 'demoníada' possui uma junção inesperada de partículas de palavras: não é a palavra 'demônio' nem a palavra 'endemoniada' nem a palavra 'demoníaca' (trazida à memória pelo acento agudo), mas é formada pelo arranjo de todas elas. Lembrando que, segundo Freud (ver 3.1), arranjos não comuns de palavras têm motivações, esse lapso pode mostrar o quanto o julgamento da igreja sobre ela, em um momento de sofrimento em que mais precisava de ajuda, foi impactante na trajetória e afetou os seus sentimentos, deixando-a confusa sobre permanecer ou não no relacionamento. Por meio do lapso, a mulher desvela o momento conturbado de ser incompreendida quando precisava de ajuda, a qual não chegou a ela; além disso, a violência que estava vivendo, a sua dor e os seus conflitos foram significados como possessão.

O julgamento do marido e a FD religiosa, representada pela instituição igreja (cúmplice frente aos eventos), foram o limite para a mulher, semeando um conflito determinante: ou era permanecer no relacionamento desgastado e conflituoso, mas obedecer aos preceitos da FD, ou se divorciar e se liberar de um lugar onde nunca quis estar, pois foi forçada pela mãe a se casar, como ela afirma na SD 'Resumindo casei com 16 anos porque minha mãe não me deixava em paz'. No conflito, a mulher de E3, apesar da força da ideologia da FD contra o divórcio, indispôs-se, optando pela separação: resistência.

Nas SDs 'Encontrei uma pessoa e tem 7 anos que estamos juntos' e 'mas hoje sinto Deus na minha família, meu esposo, eu e meus dois filhos', o sujeito de E3 confessa estar em um novo momento da vida: casou-se uma segunda vez, construiu uma nova família e se sente próxima de Deus. Ao casar pela segunda vez, essa mulher resiste, novamente, à FD, pois, ela não permite segundo casamento: "Todavia, aos casados mando, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido. Se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher" (BÍBLIA, I Coríntios, 7:10-11).

Como se percebe, para essa FD, a mulher deve permanecer ligada ao marido, não podendo, em caso de separação, casar novamente. Sua vida afetiva fica atrelada a um único relacionamento durante toda a vida e somente a morte traria a separação e a deixaria livre para outro matrimônio: "Porque a mulher casada está ligada pela lei a seu marido enquanto ele viver; mas, se ele morrer, ela está livre da lei do marido"

(BÍBLIA, Romanos, 7:2). Caso a mulher se divorcie e se case novamente estando o primeiro marido vivo, o homem que a tomar por esposa cometerá adultério: “Qualquer que deixa sua mulher e casa com outra adúltera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido adúltera também” (BÍBLIA, Lucas, 16:18). Nesse caso, se uma mulher divorciada se envolver com outro homem, faz esse homem cometer adultério, porque ela é tida como impura, pecaminosa e corruptora.

O sujeito de E3 é interpelado por essa ideologia. Assim, ao afirmar ‘Não queria me divorciar’, mostra ter conhecimento sobre a maneira rigorosa como a FD religiosa significa o casamento e sobre o julgamento negativo que ela coloca sobre a mulher divorciada. Desse modo, embora infeliz, com um relacionamento abusivo e carregado de violência, ela cogitou em não se divorciar, presa a questões ideológicas da FD, tanto que a afirmação que não queria se divorciar é um lamento na forma de denegação. O sujeito de E3 contraria as amarras religiosas e a identificação com a FD se depara com a falha e com o equívoco (RAMOS, 2020a); a mulher não apenas se divorcia como casa de novo, afastando-se e se contraidentificando com a FD a que pertence.

Essa contraidentificação evidencia a resistência do sujeito de E3 por rejeitar o que a FD lhe impõe; no entanto, ela permanece no sistema, ou seja, continua filiada à FD religiosa, demonstrando, inclusive, necessidade de ser aceita por ela, pois se defende por ter se divorciado e por ter casado novamente, conforme enuncia na SD ‘mas hoje sinto Deus na minha família’. Com esse discurso, ela silencia que, no casamento anterior, aceito pela FD, ela não sentia a presença de Deus e, portanto, algo estava errado; por outro lado, no atual relacionamento, apesar de rechaçado pela igreja, há uma união aprovada por Deus, porque ela sente sua presença.

Essa mulher resiste à FD por não aceitar permanecer em um casamento que a oprimia. Mas lhe incomoda o efeito negativo que há sobre a pessoa divorciada, por isso ela tenta se convencer de que não é indigna, “adúltera”, “repudiada”, “impura”, “pecaminosa” ou “corruptora”. Ela usa o argumento de que, por ser amada por Deus e pelo marido, essas adjetivações não lhe servem e credita esse amor ao fato de ter priorizado sua relação com Deus, conforme afirma: ‘Hoje sou amada. Porque coloquei Deus primeiro’. Essa postura da mulher de E3 vai ao encontro de discursos da FD religiosa de que ter um bom relacionamento com Jesus (Cristo/Deus) faz com que os demais relacionamentos tenham sucesso. Quanto a isso, a própria Tannure diz e uma de suas pregações: “Antes de nós sermos marido e mulher, nós somos filhos de Deus.

E, na medida em que nós crescemos nesse relacionamento com Deus, todos os outros relacionamentos vão sofrendo ajustes e melhoramentos” (ER1.11).

No limite, a resistência, neste caso, não representa ruptura da mulher de E3 com a ideologia religiosa que a domina, pois, embora saiba do estigma que carrega o “divorciado” e isso a incomodar, como ela mesma diz na SD ‘Mas às vezes ouço que divorciados não são bem vindos’, ela procura ser aceita pela FD religiosa. Para isso, apresenta argumentos em sua defesa ao mencionar a sua maior entrega espiritual, o seu bom casamento e falar que, nessa nova fase, é amada por Deus, conforme a SD ‘Mas ainda bem que eu sou amada por Deus’. Apesar de ter conhecimento de ser rejeitada por ser divorciada, ela deseja que alguém lhe auxilie, na esperança de receber uma palavra de conforto, dizendo que ela não é excluída, como é possível perceber na SD: ‘Linda mensagem, mas pastora fala mais do divórcio porque o público de divorciado às vezes são tão excluídos’. O sujeito de E3 espera ter o alento de uma voz de autoridade, como a da pastora, que é respeitada na FD em causa, mesmo depois do que aprendeu sobre o divórcio no decorrer de sua história como evangélica.

O sujeito de E3, quando relata que a nova fase de sua vida é melhor, credita isso ao fato de pertencer mais a Deus: ‘Sempre fui da igreja, mas nunca fui de Jesus como sou hoje’. O efeito de sentido de ‘pertencer mais a Deus’, nessas condições, é se dedicar mais a Ele; em outras palavras, o sujeito se torna mais cativo da FD; em harmonia com o sujeito universal (PÊCHEUX, 2014), está na posição de bom sujeito e apresenta maior identificação com a ideologia dominante. Quando a mulher de E3 credita a felicidade e o bom relacionamento à proximidade com Deus (com a FD dominante), ela silencia a ideia de que Deus recompensa quem dele se aproxima e que, no caso em que o sujeito se encontra em más situações, isto seja resultado de não priorizar Deus. Dessa forma, o sujeito afetado pela ideologia da FD religiosa em questão reduz a problemática causada pela dominação masculina a questões, unicamente espirituais, desconsiderando fatos históricos e econômicos que aprisionaram e subjugam a mulher. Contudo, o trajeto histórico que pôs a mulher na posição de submissão ao homem, sendo oprimida, é silenciado pela FD: “A relação do sujeito (discursivo) com sua história própria é silenciosa porque ela sempre se dá nos limites da significação ‘outra’. Na região que marca os limites entre diferentes formações discursivas” (ORLANDI, 2007, p. 87).

A nova fase da vida de E3 é melhor e, por isso, a mulher quer se convencer de que é aceita por Deus dentro dos moldes da FD que ocupa, contrariando o que foi

ensinado como doutrina pela igreja. Diante disso, ela luta para não ser excluída. Seu pedido à pastora Tannure para falar dos divorciados, porque são excluídos, consiste em um pedido por uma palavra de conforto; o que ela deseja, em última instância, é a sua situação ser considerada adequada e aceita pela FD (o que é impossível, porque seriam quebradas premissas dogmáticas, que não podem ser alteradas), o que não pode ocorrer, como se percebe numa das pregações em que Tannure cita o divórcio; a pastora o relaciona a algo errado e demoníaco, motivado pelo movimento feminista:

Tem uma coisa errada, gente, que foi semeada na segunda onda do movimento feminista. Aquela conjunção demoníaca. Segunda onda do feminismo: luta pelo aborto, legalização do divórcio, sexo, drogas e rock roll, movimento hippie, o cinema e a televisão respaldando, aprovando e jogando purpurina nisso tudo e hoje nós só estamos colhendo os frutos do que foi semeado (ER1.13).

Em Tannure, portanto, o sujeito de E3 não encontrará a aceitação e o conforto que procura, senão discursos em conformidade com a FD religiosa, os quais defendem a exclusão. O conflito discursivizado pelo sujeito de E3 denuncia o quanto a ideologia dessa FD pode interferir negativamente na vida emocional e pessoal da pessoa, como um casamento aos 16 anos, em que preceitos religiosos determinaram a permanência de 10 anos em um mau relacionamento. Nessa fase, além da violência sofrida em casa, a igreja, juntamente com o marido, cometeu violência psicológica contra a mulher, quando a chamaram de endemoniada ('demonída'), porque, no meio evangélico, um cristão, estar sob o domínio de um espírito maligno, conforme acreditam, é constrangedor e humilhante, pois se entende que o Diabo só domina pessoas que estão em pecado, sem o Espírito Santo, desobedientes e distantes de Deus, isto é: cristãos que não são verdadeiros. Segundo Conegero (s.d, s.p.),

Um cristão não pode ser possuído por demônios. Apesar de a Bíblia dizer que é possível que pessoas sejam possuídas por demônios, muitas passagens bíblicas não deixam dúvidas de que um verdadeiro crente não fica endemoniado. A possessão demoníaca ocorre quando um espírito imundo entra numa pessoa e controla em certo grau o seu corpo e sua vontade. Essa simples definição já esclarece o principal motivo pelo qual um cristão não pode ficar endemoninhado. Um demônio jamais poderá se apossar de um crente verdadeiro e habitar nele, pois isso seria uma contradição tremenda com a doutrina da obra do Espírito Santo na vida do redimido.

Caso um acontecimento assim ocorra, ele é considerado uma mancha na vida congregacional do membro da igreja e da pessoa evangélica e essa mulher passou

por esse constrangimento ao ser considerada dominada por demônios, o que a diminuiu frente aos demais participantes do templo, o que pode ser compreendido como uma forma de violência psicológica contra a mulher de E3. Segundo a Lei Maria da Penha (BRASÍLIA, 2019, p. 20), essa violência é

entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridiculização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

Contudo, o fato doloroso da história de ser julgada pela igreja e pelo marido como uma pessoa endemoniada, durante a depressão, marcou o limite e o ponto em que ela resiste à FD religiosa, divorcia-se e se liberta. Apesar disso, ela tem que conviver agora com outra mancha impressa pelo discurso: a de mulher adúltera por ter casado outra vez. Nessa FD, esse significante é excludente, porque determina que a pessoa é indigna de entrar no Reino dos Céus: “Ficarão de fora os cães, os feiticeiros, os **adúlteros**, os homicidas, os idólatras, e todo o que ama e pratica a mentira” (BÍBLIAON, Apocalipse, 22:15 - grifo nosso)⁶⁸. Nesse sentido, o enunciado E3 denuncia a violência causada pela FD, que é opressora: ou ela é ‘demoniada’ ou ela é adúltera. No caso de E4, a seguir, a mulher também denuncia a FD dominante e o discurso é exemplo de como fatos exteriores afetam o sujeito e se manifestam na forma de lapsos:

E4: Conheci meu marido eu tinha 13 anos casamos separamos por um ano. E voltamos ele começou ir para igreja e disse que avia mudado, eu acreditei! A única coisa boa da nossa volta é que Jesu entrou em minha vida 🙏 a outra é que tive mais 3 filhos com ele que são minha alegria meus 4 filhos ❤️ mas ele não mudou, melhorou mas não mudou, vivemos em crise a mais de 20 anos. Hoje eu sou uma pessoa com problemas de saúde ganhei peso e isso é um problema pra ele. Sinceramente eu não sei o que fazer as tenho vontade de fazer como algumas mulheres aqui nos comentários, ficar sozinha ter liberdade, porque mesmo ele sendo cristão sempre põe obstáculos que me impedem de servir a Deus. Sem contar as agrêsões psicológica, não quero ser uma mulher doente e depressiva 😞 que vive com medo e sufocada porque não posso fazer nada do que tenho

⁶⁸ BÍBLIAON. Apocalipse 22. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/apocalipse_22_15/. Acesso em: 19 out. 2021.

vontade tenho que pensar o que faço o que falo pra evitar que ele brigue comigo, mas é difícil porque qualquer coisa é motivo pra brigar 🙄 que *Deus me dê sabedoria* porque já estou no meu limite⁶⁹.

A mulher de E4 relata que passou por um processo de separação e teve uma reconciliação um ano depois. Segundo o que enuncia na SD 'E voltamos ele começou ir para igreja e disse que avia mudado, eu acreditei!', é possível entender que a atitude do marido foi o motivo da separação e que o casal reatou com a promessa de que ele havia mudado. A SD 'começou a ir para a igreja' de E4 é significativa, pois, em um primeiro momento, a mulher acreditou na mudança, pois voltar para a igreja, de acordo com a FD religiosa, significa que a pessoa se converteu e que passou de uma vida de incredulidade e de maus comportamentos para uma vida de obediência a Deus (CUNHA, 2007), vindo a ser diferente das outras por, além de romper com a vida anterior, aceitar a salvação em Cristo (PASSOS, 2005). No entanto, não foi isso que ocorreu, conforme a mulher de E4 afirma na SD 'ele não mudou, melhorou mas não mudou, vivemos em crise a mais de 20 anos'; durante todo esse tempo, a mulher considera que as únicas coisas boas de seu casamento foram a maternidade e o seu encontro espiritual com Jesus; do resto, só guardou frustrações.

Ao narrar sua história, essa mulher desnuda um casamento patriarcal, dentro de uma FD na qual o homem, considerado "cristão", provavelmente protegido pelos efeitos de sentido que esse significante permite, pratica violência de gênero contra a esposa. Segundo o que ela enuncia, as características de violência psicológica de que ela era vítima são evidentes, pois, com base na Lei Maria da Penha (BRASÍLIA, 2019, p. 20), conforme já citado, é violência psicológica atitudes que provocam 'diminuição de autoestima' (BRASÍLIA, 2019, p. 20), algo que ele pratica contra ela segundo o que está explicitado na SD de E4 'ganhei peso e isso é um problema pra ele'. Ela é criticada pelo marido com relação a seu corpo, por não atender a um determinado padrão de beleza que ele imagina ser o ideal.

Também é violência contra a mulher 'controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante' (BRASÍLIA, 2019, p. 20), algo que o marido da mulher de E4 pratica, como ela deixa escapar nas SDs 'porque mesmo ele sendo cristão sempre põe obstáculos que me impedem de servir a Deus' e 'porque não posso

⁶⁹ TANNURE, Helena. Palavra para a mulher que sofre abuso do marido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zld4m9H1Ln4&t=476s>. Acesso em: 13 abr. 2020.

fazer nada do que tenho vontade tenho que pensar o que faço o que falo pra evitar que ele brigue comigo, mas é difícil porque qualquer coisa é motivo pra brigar'. Na relação homem e mulher, a violência de gênero, segundo Moreira, Boris e Venâncio (2011), está "sedimentada nas estruturas de poder e de posse, inerentes ao poder patriarcal, exercido majoritariamente pelos homens e que resulta, em grande parte, da condição de subordinação vivida pelas mulheres". No caso, os discursos da FD que significam o homem como líder e a mulher como submissa abrem brechas para que o abusador aja com segurança e com tranquilidade, visto que essa FD pressupõe lugar de submissão à mulher e não de enfrentamento.

Assim ao delatar a postura cristã duvidosa do cônjuge, com declarações sobre seu casamento e sobre como é maltratada, o sujeito de E4 desmascara a ilusão de que frequentar igrejas e ser "cristão" seja garantia de uma espiritualidade verdadeira, genuína e revela sua resistência, inclusive, a permanecer submissa. Considerando que "o silêncio não está apenas 'entre' as palavras. Ele as atravessa" (ORLANDI, 2007, p. 69), a partir de E4, há um silêncio presente, denunciando o fracasso da igreja e, por exemplo, de discursos como os de Tannure, que prometem soluções milagrosas para problemas matrimoniais, como se bastasse, para isso, uma postura de renúncia e de obediência, o que mostra falácias entre o discurso pregado e o real dos sujeitos. De acordo com o que a FDR prega, sobre os preceitos do evangelho sobre como deve ser o comportamento da esposa, Tannure afirma:

Se você começar a morrer pra você também, você vai começar a ver o tanto de coisa florescer na sua vida. Põe Deus no controle, põe Deus no volante da sua vida. Para de falar que é crente e pôr Jesus no banco de trás. 'Ah...mas meu casamento não tá dando certo'. Vai viver a palavra de Deus pra ver se Deus não reverte esse quadro (ER1.14).

Com base nisso, se Tannure respondesse ao que mulher de E4 lhe pergunta na SD 'Sinceramente eu não sei o que fazer', de acordo com o ER1.14, a pastora, pondo a responsabilidade sobre o sucesso nas mãos da mulher, diria que ela deveria anular os seus desejos, colocar Deus como prioridade, obedecer a Ele e parar de reclamar do casamento. Da posição de onde Tannure fala, se a mulher agir assim, ela muda a situação, como a pastora mesma afirma em ER1.14: 'Vai viver a palavra de Deus pra ver se Deus não reverte esse quadro'. Dessa maneira, vencer ou fracassar depende das atitudes da mulher; portanto, quando o sujeito de E4 lamenta com 'vivemos em crise a mais de 20 anos', a culpa por essa crise é atribuída a ela.

Nessa perspectiva, o discurso da FD religiosa de que a mulher sábia é a que edifica a casa (BÍBLIA, Provérbios, 14) reverbera em paráfrases na voz de Tannure, quando enuncia que a mulher tem a possibilidade de reverter um casamento em ruínas em um bom relacionamento, bastando aceitar as orientações da FD. Esta orientação é temerosa para o público feminino, pois, uma vez afetada por discursos como esse, a mulher, crente em transformações e milagres, prossegue em relacionamentos ruins, suportando agressões. O sujeito de E4, por exemplo, ao se encontrar nessa situação, significa o casamento como prisão, o que é possível perceber, quando ela confessa o desejo de ser livre, na SD de E4 'tenho vontade de ficar sozinha ter liberdade'.

O cotidiano do sujeito de E4 é o de outras mulheres evangélicas, de acordo com pesquisa com vítimas de violência feita por Valéria Vilhena (2009), pesquisadora, teóloga e evangélica feminista. Segundo ela, a pesquisa mostrou que, das mulheres entrevistadas, perto de 40% que sofreram violência doméstica se declararam evangélicas. Assim como o sujeito de E4, essas mulheres carecem de apoio que as proteja da violência e a igreja não é espaço acolhedor, segundo afirmou Vilhena em entrevista cedida à UOL (VIEIRA, 2018, s. p):

Quando essa mulher vai procurar o seu pastor para dizer que ela está sofrendo violência, normalmente ela não recebe apoio, **o pastor aconselha mais submissão, em nome de Deus:** 'seja sábia, fique calada, não enfrente'. A questão da interpretação, da hermenêutica da teologia, acaba fortalecendo ainda mais esse quadro de violência contra as mulheres no meio evangélico, porque a teologia que é passada é a da obediência ao marido. Normalmente, essas mulheres acabam culpando o satanás, o inimigo, o diabo, algo externo. Elas não conseguem olhar para a própria relação de violência que vivem.

Além disso, por focar a mudança como uma luta feminina em um ambiente patriarcal, de dominação masculina, discursos assim colocam o homem em situação confortável. De acordo com pesquisa sobre violência doméstica que foi realizada entre evangélicos, constatou-se que

os homens utilizavam-se dos discursos religiosos como justificativa para manutenção das desigualdades de gênero e das violências. Assim, compreendiam eles se respaldavam nos discursos religiosos para manterem práticas machistas. Logo, as interpretações patriarcais e machistas que fazem da Bíblia ajudavam na reprodução desse sistema que os favorece e os coloca na posição de dominação, nos espaços de liderança e poder (NUNES; SOUSA, 2021, p. 65).

Diante disso, a mulher está sozinha e o caminho que lhe é apontado é ter fé, calar e obedecer. Não há, por exemplo, na citação da pastora Tannure em ER1.14 acima, algo que aponte para o esforço masculino; qualquer mudança que lhe diga respeito depende de uma intervenção divina, motivada pelo empenho feminino. Para Nunes e Souza (2021, p. 70), “Essa conjuntura culminou na adoção das orações como estratégia de enfrentamento das violências domésticas sofridas”; assim, mulheres seguem orando e esperando uma ação divina que as tire de relações abusivas. Ainda segundo Nunes e Souza (2021), a postura dos líderes religiosos de fortalecer a crença de que somente Deus pode protegê-las aumenta o sentimento de insegurança e de desproteção das mulheres evangélicas.

No caso da mulher de E4, ela está há mais de 20 anos em uma FD perpassada por discursos de fé, como o de Tannure, que a motivam a acreditar em mudanças e na transformação das atitudes de seu esposo, como, inclusive, ele mesmo havia prometido; porém isso não aconteceu e a mulher mostra, no enunciado, a ineficácia desses discursos, ao dizer que é agredida, oprimida e controlada pelo marido. Ela finaliza com a SD ‘Estou no meu limite’, um discurso de cansaço e resistência à ideologia da FD religiosa, significando que ela não quer mais viver essa situação, o que indica insubordinação e contraidentificação com a FD, agindo como um possível mau-sujeito futuro, o que se percebe, quando afirma em E4 ‘tenho vontade de fazer como algumas mulheres aqui nos comentários, ficar sozinha ter liberdade’, ou seja, ela expressa o desejo de se divorciar e de ser livre, fazendo movimentar o discurso outro, silenciado, de que está escravizada. Esse discurso que se movimenta no silêncio aponta para o esgotamento da posição-sujeito de esposa cuja função seria servir o marido e ser sua ajudadora, que é sufocada pela agressividade e pelo controle que o marido exerce sobre ela, impedindo-a de fazer o que deseja, conforme a SD de E4 ‘sempre põe obstáculos que me impedem de servir a Deus’.

Com ‘Sinceramente eu não sei o que fazer’ e ‘*que Deus me dê sabedoria*’, a mulher de E4 mostra insegurança sobre o caminho a tomar. Seu discurso são pedidos de orientação: ela espera que alguém (como a pastora, por exemplo) lhe diga o que fazer, mas não pretende prejudicar seu relacionamento com Deus. Ao pedir sabedoria e orientação a Ele, mostra querer fazer algo que esteja de acordo com a FD religiosa, ou seja, ela resiste, mas pretende permanecer na FD que a determina.

Lapsos presentes em E4 têm como elemento exterior o desgaste do sujeito feminino devido ao sofrimento causado pelo casamento e trazem para a superfície do

intradiscurso ansiedade e angústia, revelando, inconscientemente, além do que essa mulher imagina, o quanto se sente sufocada. Para Freud ([1966]1966), o inconsciente se manifesta de variadas formas para expressar o recalque; independentemente de como ocorram as distorções, elas são sempre manifestações do inconsciente (MAIA, 2006) e há, no enunciado de E4, por exemplo, omissão de fonemas e ausência de pausas.

Em E4, sofreram omissão de fonemas o verbo *haver* nas SDs ‘E voltamos ele começou ir para igreja e disse que avia mudado, eu acreditei!’ e ‘vivemos em crise a mais de 20 anos’; a conjunção *mas* na SD ‘Sinceramente eu não sei o que fazer as tenho vontade de fazer como algumas mulheres aqui nos comentários’ e o nome *Jesus* na SD ‘A única coisa boa da nossa volta é que Jesu entrou em minha vida. Destaca-se o significante *Jesus* escrito de maneira incompleta, pois um lapso desses chama a atenção dada a importância da referência para um sujeito pertencente à FD religiosa: o Salvador, o Cristo; não é natural ou comum essa desatenção ao nome crucial dessa FD. Além disso, há poucas pausas, em alguns momentos, quase ausência delas, caracterizando um discurso ansioso, de quem está aflito, como na SD:

E4: [...] Sem contar as agregões psicológica, não quero ser uma mulher doente e depressiva 😞 que vive com medo e sufocada porque não posso fazer nada do que tenho vontade tenho que pensar o que faço o que falo pra evitar que ele brigue comigo, mas é difícil porque qualquer coisa é motivo pra brigar 🙄 que *Deus me dê sabedoria* porque já estou no meu limite.

A ausência de pausas, bem como o esquecimento de fonemas, pode parecer algo insignificante, esquecimento aleatório. Contudo, em E4, o sujeito atropela as palavras, diz sem respirar, como quem precisa falar de uma só vez tudo o que está lhe sufocando. As falhas no intradiscurso são a materialidade da agitação e do desespero interior reprimidos, os efeitos das mazelas do casamento. Para Freud (p. 65), a manifestação de algo reprimido “resulta, pois, tanto nas mais toscas como nas mais sutis perturbações de fala⁷⁰, que podem ser subestimadas como deslizes verbais”. Freud entende ‘deslizes verbais’ em todos os pormenores; para ele, qualquer lapso de linguagem é significativo, quer seja o mais simples ou o mais espetacular

⁷⁰ “As omissões na escrita são explicadas, geralmente, da mesma forma que os lapsos de fala” (FREUD, p. 85).

(FREUD, p. 76) e, quanto ao motivo, o psicanalista considera que o elemento perturbador pode ser “o mais genérico motivo psíquico” (FREUD, p. 56).

Os efeitos dos discursos propagados pela igreja e pela líder religiosa que pregam milagres e transformações das pessoas fracassam. As vitórias que discursos da FD religiosa creditam aos sujeitos que servem a Deus não, necessariamente, correspondem ao real da mulher de E4. Mas, presa a essa promessa, atrelada à servidão à FD dominante e, ao mesmo tempo, resistindo, a mulher de E4 segue presa ao casamento significado pela FD como sagrado e indissolúvel. A agonia do sujeito mostra uma mulher que se debate sem encontrar uma saída e escapa por “erros” de linguagem, significados aqui, numa perspectiva Freudiana, como lapsos de linguagem.

Essas enunciações que partem de mulheres cuja FD lhes impõe posições e regras de comportamento mostram, via discurso religioso, a força da ideologia do patriarcado sobre o feminino, anulando sonhos e oportunidades de outras vivências, comprometendo a autoestima ao colocar a mulher em uma situação de aceitação da insatisfação em prol de um lugar de mãe, de mulher e de esposa. Contudo, por outro lado, as enunciações carregam lacunas contra o discurso. As mulheres, supostamente submissas, deixam escapar, contra o opressor, discursos de revolta, de insatisfação e de insubmissão por meio da linguagem. Um jogo de poder e de resistência se instaura, algo que é próprio do discurso conforme defende Foucault (1988, p. 95):

Os discursos como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo.

Dessa maneira, por um lado, tem-se o discurso religioso que orienta a mulher à resignação e ao cumprimento do lugar de auxiliadora e responsável pela família, atrelando a condição de felicidade à obediência e à submissão, por meio do esforço de ajustar a identificação à FD dominante; por outro, tem-se o discurso do inconsciente como resistência, delatando abusos e contradições de certas crenças. Há, no caso, um jogo de forças: algo da ideologia dominante se mantém e algo se estilhaça. Há também resistências, que se mostram no ponto em que o ritual sofre abalos; o que não pode existir na FD religiosa se liberta: o desgosto da mulher e a aflição que sente,

frutos da relação matrimonial. A rejeição em relação à sua submissão (conivente com o que a FD religiosa patriarcal espera dela) escapa e seu desespero aparece no atravessamento de discursos não bem-vindos pela FD dominante, seja nas ausências de pausas, de sons ou na presença de “erros”: lapsos, que se manifestam no intradiscurso, afrontando a ideologia dominante e, por que não dizer, até enfraquecendo-a em determinado ponto: “Não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 2014, p. 281).

3 MEMÓRIA DISCURSIVA: O PONTO ENTRE O MESMO E A METÁFORA

O sujeito, interpelado pelo mundo, significa as circunstâncias e as vivências humanas por lentes que vêm prontas. Ao produzir discursos, ele se filia a determinados sentidos em detrimento de outros e isso não é uma escolha nem algo que ele aprende. A maneira de significar não fica por conta do acaso nesse processo de imersão do sujeito na história e na linguagem e os equívocos correspondem a um efeito da ideologia (ORLANDI, 2015).

Este capítulo consiste na escuta de como a mulher, sujeito no mundo, inscrita em uma FD religiosa evangélica neopentecostal significa a relação matrimonial. A análise visa a entender por que ela diz o que diz, significando seu relacionamento de uma forma e não de outra; visa desenvolver uma análise interpretativa que observa, no caminho, por meio da *memória*, se repete parafrasticamente os sentidos previstos pela FD dominante ou se, ao enunciar, estilhaça e esburaca o idêntico, ou previsto sobre o relacionamento matrimonial por meio de um processo metafórico.

Para isso, procura-se perceber, a partir do conceito de *memória*, sobre como a rede de pré-construídos interfere na maneira de significar a relação conjugal, observando como o discurso ratifica ou desloca essa teia e o impacto que produz sobre as atitudes. Importa destacar que trazer o conceito de memória para a discussão implica se mover na incompletude, no inacabado e no heterogêneo, ou seja, ao se falar de memória, não se pode esperar uma teorização sobre algo que seja fechado e pronto, como um cálculo matemático exato:

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...Um espaço de desdobramento, réplicas polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 1999, p.56).

Em AD, tratar de memória é também entendê-la para além de qualquer base organicista e psicologizante ou de correntes teóricas que a abordam em seu aspecto neurobiológico: sistema nervoso central comum a homens e a animais, afetado por esquemas comportamentais e por esquemas operatórios (PÊCHEUX, 1999). Para a AD, ao se abordar a memória, é necessário olhar para fora do sujeito, pois “nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). Neste sentido, a memória discursiva “deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista

da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador” (PÊCHEUX, 1999, p. 50).

A memória discursiva sempre esteve presente nas reflexões de Pêcheux e isso desde as formulações teóricas fundadoras da AD, mas com outras designações, materializada no discurso com funcionamentos diferentes, como “repetição, pré-construído, discurso transversal, interdiscurso” (INDURSKY, 2011, p. 68). Segundo França (2015), somente em 1983, em sua terceira fase, Michel Pêcheux conceitua memória, com a publicação da obra **O discurso**: estrutura ou acontecimento.

França (2015) aponta indícios que marcam o curso do conceito de memória discursiva em Pêcheux, abordando-a em sua primeira e segunda fases. Segundo esse autor, a obra **Por uma Análise automática do Discurso** marca a primeira fase dos estudos de Pêcheux e, nesse momento, o seu objetivo era construir uma ferramenta informatizada e computacional, capaz de analisar o sentido de um arquivo, entendido como o conjunto de documentos para a análise. Assim, a relação entre a memória e esta fase incide sobre o fato de o arquivo ser um lugar de já-ditos, havendo “uma anterioridade histórica no interior do arquivo” (FRANÇA, 2015, p. 5), o qual é retomado como matéria prima para o processo discursivo:

quando o autor [Pêcheux] faz referência a um discurso prévio que funcionaria como uma matéria-prima inerente ao processo discursivo, podemos associar ao conceito de memória discursiva, uma vez que esse é tomado como o lugar de restabelecimento dos discursos já-ditos. Esses discursos anteriormente constituídos são ‘ressuscitados’ (consciente e inconscientemente) pelos sujeitos inscritos no processo discursivo (FRANÇA, 2015, p. 5).

Além disso, o autor lembra que, para Pêcheux, as retomadas dos discursos prévios ou já-ditos estão sujeitas a deslocamentos e a “deformações” resultantes da atualização do discurso, o que lembra a plasticidade da memória. Sendo assim, ele reafirmaria a relação entre a memória e o arquivo:

é possível remeter à plasticidade constitutiva da memória, a qual comporta lugares de conflito e que se reconfigura quando necessário, ou seja, quando a historicidade da situação discursiva pede certa movimentação parafrástica dos discursos relativamente cristalizados pela memória (FRANÇA, 2015, p. 5).

Insistindo na relação entre o conceito de memória discursiva da terceira fase com a **Análise Automática do Discurso**, como fase embrionária do conceito, França (2015, p. 6) destaca que, para Pêcheux, um discurso remonta a outros anteriores e, dessa forma, “a memória pode ser associada aqui como uma instância histórica que baliza a materialidade do arquivo e que influencia nas relações semânticas”.

A segunda fase pecheutiana se desvia da tese estruturalista da maquinaria discursiva, na qual os sentidos emergem da constituição estrutural, ou seja, da estrutura do arquivo, e assume o perfil filosófico da linguagem de base marxista sobre a significação. Nessa fase, com a obra **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, Pêcheux consideraria que as relações de produção interferem na subjetividade e na constituição dos discursos. Diante disso, “a teoria psicanalítica do inconsciente e o marxismo althusseriano são constitutivos da forma de pensar o discurso, que não é desvinculado do princípio da luta de classes e do princípio dos esquecimentos” (FRANÇA, 2015, p. 6). Nesse momento, Pêcheux adota o conceito de FD, que resulta em uma ruptura definitiva com a maquinaria Discursiva,

uma vez que a FD é um lugar de inscrição dos sujeitos e dos discursos, constantemente invadidos/atravessados por FDs outras, que podem asseverar os pré-construídos ou fazerem emergir discursos-outros. Não era mais possível idealizar a maquinaria fechada (FRANÇA, 2015, p. 6).

Soma-se a isso o fato de que a FD cria a ilusão de transparência dos sentidos, que dependem das formações ideológicas. Dessa forma, segundo França (2015, p. 7), nessa fase, a memória pode ser pensada

como as inscrições ideológicas dos sujeitos (processos de interpelação) em determinadas formações ideológicas [...] as interpelações ideológicas as quais os sujeitos sofrem serão determinadas pelo crivo da memória, que será *sui generis*, fazendo emergir FDs com configurações únicas para cada processo discursivo (FRANÇA, 2015, p. 7).

A defesa de que os sentidos emergiriam da constituição estrutural, ou seja, da estrutura do arquivo, é abandonada. Agora, os sentidos são pensados a partir da interpelação ideológica e das posições de classe. Nesse caso, a memória pode ser

associada às inscrições ideológicas dos sujeitos, determinando as tomadas de posição e as vinculações ideológicas dos sujeitos no interior dos processos discursivos. Logo, a memória será um elemento

constituente do interdiscurso, uma vez que o mesmo contempla em seu 'todo complexo' todas as FDs. Assim, na 2ª fase, a memória estabelece de um lado uma relação de reprodução dos sentidos e das ideologias do interdiscurso, de outro é também um lugar de contradições e deslocamentos dos pré-construídos, fazendo emergir os espaços de reformulação-paráfrase (FRANÇA, 2015, p. 7).

Na terceira fase pecheutiana, o conceito de memória se marca de maneira efetiva. Ela não consiste mais em retomadas e vinculações a outros discursos, apenas os abarcando. Agora, percebe-se a plasticidade da memória discursiva diante de um acontecimento. Ela retoma algo ou o esquece por completo e permite a vinculação, mas também a refutação, a negação e o discurso outro, numa ressignificação sujeita às consequências improváveis de um novo acontecimento. Dada esta plasticidade, um dos questionamentos que Indursky (2011, p. 72) coloca é “como certos sentidos cristalizados podem se transformar e tornarem-se outros”.

Um caminho para responder a essa questão é observar as considerações de Achard (1999) sobre a memória discursiva. Ao discorrer sobre o conceito, o autor destaca a importância dos implícitos, os quais, segundo ele, referem-se a um ponto delicado sobre o assunto, porém de abordagem necessária. Em relação a isso, ele trabalha sobre a produção discursiva do sentido e a sua relação com a memória, procurando não o viés psicologista, mas o viés da memória social, que se materializa no discurso. Os implícitos, segundo ele,

são sintagmas cujo conteúdo é memorizado e cuja explicitação (inserção) constitui uma paráfrase controlada por esta memorização. Além disso, esta memorização repousaria sobre um consenso. Ora, se olharmos mais de perto, a explicitação desses implícitos em geral não é necessária *a priori*, e não existe em parte alguma um texto de referência explícita que forneceria a chave. Essa ausência não faz falta (ACHARD, 1999, p. 12).

Para Achard (1999), o discurso propicia condições de reconstrução dos implícitos, desde que respeitem os limites e as formas de sua reapresentação por paráfrases. Ele afirma ainda que, embora o implícito seja recuperado, não é possível “supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo”, (pois) “Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado” (ACHARD, 1999, p. 13).

Buscando elucidar a relação dos implícitos com o sentido, Achard (1999) discorre sobre como se dá o “sentido de uma palavra”. Para ele, a repetição da palavra

em diferentes contextos (termo que aqui será substituído por condições de produção) contribui para o efeito de sentido atribuído a ela, visto que, enquanto unidade formal, ela é suporte. Esse sentido estaria submetido a uma regularidade, que, conforme o autor, não pode ser deduzida do *corpus*, mas de uma hipótese do analista de discurso:

o aparecimento em diversos textos das diferentes posições me permite fazer um inventário delas e estabelecer regularidades, e me permite em seguida designar, lá onde elas não estão explicitamente instanciadas, os tipos de implícito por que elas clamam (ACHARD, 1999, p. 14).

Achard (1999) defende que, se a pretensão é uma construção discursiva do sentido, importa considerar a relação entre a repetição e a regularização. Aqui, ele é enfático, ao afirmar que a regularização se apoia na repetição. Sobre elas, ele tece as seguintes observações: antes, quando há a repetição de uma estrutura formal gráfica ou fônica, nada assegura que se trate da repetição da mesma palavra, pois se deve considerar o jogo do simbólico sobre a linguagem; depois, é no processo de repetição que se conhece a regra, a regularidade, e não na superfície frasal; assim, é necessário realizar deslocamentos e comparações, pois “o que desempenha nessa hipótese o papel de memória discursiva são as valorizações diferentes, em termos por exemplo de familiaridade ou de ligação a situações, atribuídas às paráfrases” (ACHARD, 1999, p. 16). Ao seriar contextos, percebe-se a regularidade por meio das paráfrases, as quais mantêm, devido a um processo controlado, determinados julgamentos. Assim, “a memória não restitui frases escutadas no passado, mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase” (ACHARD, 1999, p. 16), que resgatam ajuizamentos e ponderações.

Pêcheux (1999, p. 52) postula que a memória discursiva diante de um acontecimento “vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Entretanto umas das dificuldades discutidas em AD é saber onde se localizam esses implícitos, visto que não possuem localização explícita e que não é possível encontrar sua origem. Nesse caso, o autor lembra que, conforme Achard, os implícitos seriam perceptíveis a partir da repetição, que marcaria uma “regularização”, de forma que, “nessa própria regularização residiriam os implícitos, sobre forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase” (PÊCHEUX, 1999, p. 52); essa regularização

faria “a lei da série do legível”, a qual, segundo Achard (1999), pode ruir, pois um novo acontecimento pode perturbar a memória e produzir uma “nova série sob a primeira” (PÊCHEUX, 1999, p. 52), ou seja, desmanchar a regularização:

A memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmascarar essa ‘regularização’ e produzir retrospectivamente uma outra série sobre a primeira, desmascarar o aparecimento de uma série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Segundo Pêcheux (1999), para Achard, sempre haveria um jogo de força impactando a memória: de um lado, o objetivo seria manter a regularização, marcando uma estabilização parafrástica dos implícitos; por outro, a desregularização, que faz ruir o efeito de série, provocando uma perturbação na tessitura dos implícitos e abrindo espaço para que outra série seja constituída.

Pêcheux (1999), em relação à regularização e à repetição, abre a discussão para um outro aspecto. Ele entende que, ao nível da frase, a recorrência e a paráfrase promovem a estabilidade, mas que é possível haver deslocamento e metaforização em relação ao item recorrente, o que resulta em mudança de identidade:

sob o ‘mesmo’ da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... Uma espécie de articulação vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase (PÊCHEUX, 1999, p. 53).

Segundo o filósofo, a metáfora é o ponto no qual os implícitos não são mais “reconstruíveis”, por haver ruptura com o mesmo e com a paráfrase. Dá-se, assim, o “efeito de opacidade”, mostrando que a língua não é transparente. Segundo Indursky (2011), essa movência é própria do discurso; dessa forma, não se pode esperar encontrar apenas sentidos comportados dentro de uma FD, pois eles deslizam de uma FD para outra, rompem fronteiras e são afetados por outras bases ideológicas, de forma que se ressignificam. Isso ocorre porque não há barreiras rígidas entre as FDs, uma vez que “Elas relacionam-se entre si”, formando uma rede, na qual uma domina as outras (INDURSKY, 2011, 72).

Devido a essa movência e a essa instabilidade de sentido, ao se analisar o discurso, deve-se “interrogar os efeitos materiais de montagens das sequências, sem buscar, a princípio e antes de tudo, sua significação ou suas condições implícitas de interpretação” (PÊCHEUX, 1999, p. 53-54). Quanto a isso, Indursky (2011) retoma Courtine, que, segundo ela, considera intrigante o fato de que “o trabalho da memória, no âmbito de uma FD, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento destes elementos de saber quando são formulados pelo sujeito em seu discurso” (INDURSKY, 2011, p. 72).

Indursky chama a atenção também para o aspecto social da memória. Segundo a analista,

se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados (2011, p. 72).

Diante de tais considerações, vale ressaltar que este trabalho analisa o *corpus* entendendo memória a partir da perspectiva de Pêcheux. Dos enunciados elencados para a pesquisa, E5 e E7 foram selecionados para analisar o funcionamento da memória no sujeito em relação ao matrimônio. A escolha desses enunciados se deu por apresentar situações diferentes em que os sujeitos se encontram: em E5, a mulher não está em uma relação matrimonial concretizada, pois é apenas noiva; em E7, a mulher já vivencia essa relação.

3.1 MEMÓRIA DISCURSIVA: REPETIÇÃO, REGULARIDADE E DESLOCAMENTO - LAMENTO, VIOLÊNCIA E RESISTÊNCIA NO ENLACE MATRIMONIAL

Na E5, à frente, tem-se um sujeito que, uma vez imerso no discurso da FD dominante, mesmo em um relacionamento abusivo, mostra querer se convencer de que seu noivo, um homem violento e agressivo, é, na verdade, um bom homem e uma pessoa para quem Deus tem planos. Esse sujeito de E5 procura significar o motivo a partir de uma memória que teve influência de aspectos considerados positivos para essa FD:

E5: Meu noivo já me deu tapa na cara, me cuspiu, puxou meu cabelo e etc Eu sei que não é ele mas sim o que está nele, Deus tem algo grande na vida dele e por isso o diabo tenta em todas as maneiras

acabar com ele, ele tenta mudar seguir na igreja mais sempre volta tudo de novo, ele não é uma pessoa ruim, cuida dos filhos e etc mais eu estou muito exausta disso tudo, **não sei o que eu faço mais**. Não contei isso há ninguém Nem pra minha família e por isso eles apoiam, mais só eu sei o que eu passo! Não me julgue por favor.⁷¹

A atitude da mulher pode significar a vontade de permanecer na FD que a determina, de fazer parte dela, de estar em acordo e identificada. Para isso, o relacionamento com o futuro esposo deve atender aos requisitos da FD religiosa. Essa necessidade do sujeito de E5 pode ser percebida quando, ao se referir ao noivo, ela afirma: 'Deus tem algo grande na vida dele' e ele 'cuida dos filhos', significando-o como um sujeito a quem Deus designou um propósito, uma missão divina; o noivo seria um homem especial para Deus, portanto de valor. Além disso, ela se refere a ele como sendo um bom pai, que cuida, protege e ampara os filhos, um líder conforme essa FD preconiza para o homem. Ela tem uma memória idealizada sobre o tipo de marido que essa FD prioriza e procura significar o noivo dessa forma, mas o real não condiz com a memória.

A enunciadora é constituída também por um imaginário sobre a criação da mulher, enquanto parte do homem e ajudadora, o que a faz defendê-lo e procurar nele pontos que considera positivos e suportar as agressões. Importa destacar, mais uma vez, que o universo feminino sofre influência de discursos que colocam a mulher em situação de passividade e de submissão e o caso de E5 é um exemplo, pois, mesmo sendo vítima da violência e da humilhação, a mulher permanece no relacionamento, com a missão de salvar o homem e ajudá-lo a realizar os planos que acredita Deus ter para ele, conforme afirma na SD de E5 'Deus tem algo grande na vida dele'. Presa nessa memória, a mulher demonstra tolerância prejudicial a si mesma. Quanto a isso, discursos que defendem a mulher assumir posição de encorajadora, apoiadora e intercessora incansável dos parceiros, alimentando a crença de que sendo submissas e obedientes alcançarão o objetivo de transformar maus companheiros e maus relacionamentos, mantêm a mulher na condição de violência. Deve-se perceber a regularidade desses discursos em diferentes situações de (re)produção, pois, como afirma Achard (1999), quando se fala em memória, é a repetição em contextos diversos o fator responsável pelo sentido de uma palavra, o qual depende de uma regularidade.

⁷¹ TANNURE, Helena. Palavra para a mulher que sofre abuso do marido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zld4m9H1Ln4&t=476s>. Acesso em: 13 abr. 2020.

Conforme Nascimento (2016), o meio familiar é o lugar do primeiro contato social que constitui a passividade feminina, pois, nesse lugar, são inculcados “valores, princípios e preconceitos da cultura patriarcal-capitalista, na qual são construídas as desigualdades entre homens e mulheres” (NASCIMENTO, 2016, p. 301). Muraro (1995, p. 123), postula que, no início do capitalismo, valorizou-se o papel da mulher como procriadora, pois o sistema necessitava de mão-obra barata (MURARO, 1995, p. 123). Ramos (2020b, p. 202) afirma que “Não haveria instauração, tampouco continuidade do capitalismo se não houvesse força de trabalho disponível, numerosa e adestrada, e, para que essa condição se instalasse, a exploração do corpo e o controle das mulheres foram decisivos, especialmente no que diz respeito ao trabalho reprodutivo”. Bonardi e Machado Junior (2018) tratam de mudanças causadas pelo capitalismo que reforçaram a opressão às mulheres, haja vista a necessidade de o homem deixar o campo e assumir trabalho assalariado. Assim, a princípio, “a renda conseguida pelo homem sustentaria todos, criando-se uma relação de dependência econômica de novo tipo, que reforça ainda mais a opressão sobre as mulheres” (SOUZA, 2015, p. 479). A partir daí, pode-se perceber a maternidade e a submissão como resultado das condições de produção, regularidade que contribuiu para significar o papel da mulher sob a dominação masculina, o que não significa, no entanto, que elas não foram incorporadas ao trabalho de produção:

as mulheres foram incorporadas de forma marginal à produção capitalista. Formavam o último estoque do exército industrial de reserva, chamadas a assumir postos de trabalho em momentos de escassez de braços (como durante as guerras), mas sempre as primeiras a serem dispensadas. Seus salários eram, como continuam sendo, inferiores, bem como seu status profissional. Os arranjos familiares, as convenções morais dominantes e o funcionamento do mercado de trabalho agiam em conjunto para que sua posição na estrutura de classes assumisse características diferentes daquelas dos homens (MIGUEL, 2017, p. 5).

O mercado recebeu mulheres das classes menos favorecidas, o que era visto pela burguesia como “um indício da inferioridade moral das ‘classes baixas’”. Mesmo para os operários (de ambos os sexos), a ‘respeitabilidade’ da organização doméstica burguesa e pequeno-burguesa aparecia, muitas vezes, como um ideal a ser alcançado” (MIGUEL, 2017, p. 5). As mulheres das classes menos favorecidas foram absorvidas pelo mercado de trabalho em condições mais desfavoráveis que a dos homens e mesmo as mais abastadas eram impedidas de exercerem “plenamente o

papel de burguesas - seu pertencimento de classe era derivado daquele de maridos ou pais” (Miguel, 2017, p. 5). A utilização de mulheres sofria elevação em períodos conturbados, como, na Segunda Mundial, por exemplo, quando elas eram incentivadas a assumir o trabalho nas fábricas. No entanto, com o cessar de momentos hostis, os empregadores colocavam obstáculos para o trabalho das mulheres, e, “Não obstante, a mão-de obra feminina reflui para o lar, deixando os postos de natureza econômica para os homens” (SAFFIOTI, 1976, p. 135).

Em momentos em que o capitalismo requeria mais dos homens, o ambiente privado, o lar, é considerado lugar de fuga da realidade destruidora criada pelo novo sistema, um refúgio no qual “A mulher virtuosa passa a ser sua rainha. E os pilares da sua nova feminilidade são: a pureza, a piedade religiosa e a submissão” (MURARO, 1995, p. 124. Segundo Federici (2019, p. 68),

o que o capitalismo reintegrou na esfera do comportamento social aceitável para as mulheres foi uma forma de sexualidade dócil, domesticada, instrumental para a reprodução da força de trabalho e pacificação de mão de obra. No capitalismo, o sexo só pode existir como força produtiva a serviço da procriação e da regeneração do trabalhador assalariado/masculino e como meio de pacificação e compensação social pela miséria da existência cotidiana.

Bonardi e Machado Junior (2018) observam que, durante a industrialização, mulheres presentes nas fábricas, ocupando espaço público, enfrentaram condições precárias e, em geral, assumiam funções de menor credibilidade, recebiam menores salários, marcando uma trajetória de desigualdade e injustiça em relação aos homens. Além disso, ainda permaneciam responsáveis pelo espaço privado, intensificando a jornada de trabalho por continuarem obrigadas a cuidar do lar. Esses fatores

quando analisados em conjunto, podem esclarecer aspectos muito importantes sobre a forma como a mulher foi e é constituída pela sociedade (ou seja, a visão ainda presente da mulher como figura submissa, secundária, incapaz, frágil e que a ela, cabe os trabalhos menos valorizados no universo do mercado de trabalho, juntamente com os serviços domésticos e cuidados com os filhos) (BONARDI; MACHADO JUNIOR, 2018, p. 3-4).

Ou seja, apesar de a mulher acessar o ambiente público ao trabalhar nas fábricas e indústrias, o capitalismo ratificou o espaço privado como seu lugar e a ideia de inferioridade da mulher em relação ao homem, mantendo a dominação masculina.

Soma-se a isso, conforme Muraro (1995), o amor romântico como instituição, que circulava nas classes menos favorecidas, ao mesmo tempo da industrialização. Então, o casamento poderia acontecer por atração e não eram mais necessários casamentos arranjados entre famílias, como ocorria com os abastados, pois “A propriedade da terra já não era mais essencial para a sobrevivência. Agora contava também a competência profissional” (MURARO, 1995, p. 125). De acordo com Lima, Silva e Pichelli (2013, p. 3), as consequências do amor romântico, no entanto, legitimaram

dependência e subjetividade feminina, arraigadas no ser do outro em detrimento do ser de si, percebido como um marco fundamental de fragilização e de naturalização dos entendimentos, crenças, discursos e práticas referentes às atribuições de gênero vivenciadas na sexualidade da época.

Para Bourdieu (2012), as mulheres são levadas a esse abandono de si, pois a maneira como são educadas não as conduz à posição de poder, senão a de subordinação e de cuidados ao homem, que as domina. Nesse sentido,

A socialização diferencial predispõe os homens a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que os jogam; o carisma masculino é, por um lado, o charme do poder, a sedução que a posse do poder exerce, por si mesma, sobre os corpos cujas próprias pulsões e cujos desejos são politicamente socializados. A dominação masculina encontra um de seus melhores suportes no desconhecimento, que favorece a aplicação, ao dominante, de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação e que pode conduzir a esta forma limite do *amor fati*, que é o amor do dominante e de sua dominação (BOURDIEU, 2012, p. 98).

Diante disso, entende-se que as condições de produção permitem discursos sexistas que reverberam no tempo e ocupam o imaginário feminino, projetando, sobre a mulher, o lugar privado, a pureza, a dedicação à família e a submissão ao homem como ideal de existência. Há núcleos familiares, por exemplo, que cumprem o papel de manter a regularidade desses discursos, estabelecendo lugares distintos para o gênero feminino e masculino, determinados já pela escolha dos brinquedos aos filhos. Segundo Nascimento (2016), há brinquedos infantis propiciados pelos adultos que colocam diferenças entre o masculino e o feminino, marcando uma formação sexista e patriarcal nas brincadeiras. Conforme a autora, a educação familiar é sexista, porque estipula diferenças entre os gêneros e produz uma educação que gera desigualdades sociais, que devem ser aceitas como naturais, inclusive, por questões biológicas:

No tocante aos brinquedos, estes são assimilados aos papéis conservadores de gênero estabelecidos pelo patriarcado, como 'casinhas', jogos de panela, pratos, vassouras e bonecas similares a bebês reais, que expressam atividades reprodutivas, exercidas majoritariamente por mulheres. Já os brinquedos para meninos, por sua vez, estão associados ao espaço público e não mantêm nenhuma relação com a paternidade, tampouco com as atividades domésticas (NASCIMENTO, 2016, p. 298-299).

Os brinquedos representaram uma regularidade por carregarem discursos que destinam as mulheres às práticas do espaço privado; nesse sentido, elas são incentivadas a realizar atividades domésticas e a voltar-se para maternidade, o que é crucial para a sua constituição enquanto sujeito e para lhe destinar um lugar na sociedade que não interfira no poder e na autoridade do homem, pois, segundo a autora, isso faz com que as meninas sejam “passivas e obedientes a seus futuros maridos, de modo que elas são treinadas a serem boas cuidadoras do lar, por meio do cuidado com a cozinha, utensílios domésticos, troca de fraldas, mamadeiras e passeios com suas bonecas-bebês” (NASCIMENTO, 2016, p. 302).

Os discursos relacionados a essas práticas estigmatizam o gênero feminino, ou seja, os adultos presenteiam as crianças “simbolizando os papéis hierárquicos entre homem e mulher, nos quais o masculino exerce a dominação sobre o feminino” (NASCIMENTO, 2016, p. 298). A memória, então, vai se construindo nas brincadeiras, nas quais, em geral, a mulher é subjugada. Embora não se dê conta disso e sendo afetada por essa ideologia, ela coloca o homem em um lugar de privilégio e assume papéis já-dados que a levam a projetar o futuro e a postura nos relacionamentos, tendo a ilusão de que faz escolhas.

Além disso, há obras de literatura infantil que repetem esses discursos e em que “o homem vem como uma figura de guerreiro, forte e valente, e a mulher como frágil, delicada e dócil, que sempre fica à espera de seu príncipe, seu herói” (NASCIMENTO, 2016, p. 301), como em alguns contos de fadas tradicionais afetados pela dominação masculina. Percebe-se, neles, a regularidade discursiva que ratifica os lugares para os sujeitos masculinos e femininos, pois os julgamentos permanecem os mesmos: a mulher é uma donzela frágil; o príncipe, um homem perfeito que a resgata do perigo e a protege, dando-lhe segurança; o casamento, destino final da felicidade do casal, é a realização tão esperada pela mulher. A submissão feminina e a liderança masculina seguem representados nesses contos, pois, com “E viveram

felizes para sempre”, paráfrase de “Casaram-se”, exalta-se o matrimônio (a união anunciada no texto bíblico sobre Deus ter criado para o homem, Adão, uma mulher, Eva), que ocorre porque, na história, aparece um príncipe corajoso, heroico e nobre que salva a princesa frágil e indefesa que se encontra em apuros. As mulheres desses contos, conforme Farias (2017, p. 62), “na maioria das vezes, não têm autonomia, pelo contrário, passam toda a narrativa construindo uma história que deságua sempre em um casamento: este é o maior símbolo de um final feliz”. A autora alerta para os estereótipos que esses textos constroem e perpetuam⁷² sobre o feminino; algo que, segundo o seu ponto de vista, é nocivo e perigoso: “não precisamos dizer que esses contos são todos nocivos porque discutem e reafirmam valores como a bondade, a humildade, a retidão, a tolerância, dentre outros (FARIAS, 2017, p. 62).

O discurso da FD dominante tende, de forma explícita, a assumir e a defender lugares assim para o feminino, o que permite compreender o lamento do sujeito de E5 diante da postura do noivo, pois memórias fantasiosas e lúdicas somadas à memória idealizada sobre como devem ser os relacionamentos de cristãos não se harmonizam com a realidade vivida. Apesar do risco de contradição entre memória idealizada e o cotidiano, ao observar discursos de brincadeiras de infância com perfis patriarcais, certos contos de fadas tradicionais e afirmações de Tannure em suas pregações, é possível perceber como a regularidade da memória se arrasta e como esses lugares são mantidos no discurso religioso da pastora. Segundo ela:

Tem mulher da igreja que está apanhando. Infelizmente as deformidades do pecado alcançam todos os níveis da sociedade, você

⁷² Apesar de haver histórias infantis tradicionais que perpetuam discursos de dominação masculina e circulam nos mais diversos ambientes, seja familiar ou escolar, por exemplo, importa destacar que a escola, no sentido de confrontar estereótipos tem papel fundamental, visto que é também lugar de resistência. Segundo Dalla-Bona (2013, p. 2), ‘Para a teoria da reprodução (Althusser, Baudelot e Establet, Bourdieu), a escola tal como está configurada em nossa sociedade é um espaço de dominação e inculcação ideológica. Nela os alunos são moldados para a submissão e para que perpetuem as relações sociais de exploração típicas da sociedade capitalista’. No entanto, a mesma autora pontua que “As teorias da resistência (Snyders, Lahire, Charlot, Giroux) contestam essas afirmações, por compreenderem que as forças conservadoras presentes na escola são combatidas pela atuação ativa de professores e alunos (DELLA-BONA, 2013, p. 2). Em outras palavras, onde há dominação, há falha, há resistência. Se, por um lado, o discurso de ‘dominação e inculcação ideológica’ se impõe em ambientes escolares e familiares formando uma memória de submissão feminina e de dominação masculina já na infância, por outro, instaura-se a falha, a resistência e, nesse sentido, segundo a autora, “As escolas são vistas como espaços de lutas, e os sujeitos envolvidos no processo educacional, como capazes de usar o conhecimento crítico para a tomada de consciência das condições de dominação. Uma das formas de a escola se transformar em espaço de contestação, luta e resistência é investir no encontro dos alunos com os conhecimentos científicos, técnicos e artísticos. A literatura, que se inclui entre os conhecimentos artísticos, é um importante agente de crítica, de denúncia e de inquietação, que são ingredientes imprescindíveis para a criação de novos modos de vida” (DELLA-BONA, 2013, p. 2).

pode continuar orando pelo seu marido, você pode continuar tentando e acreditando no seu casamento, porque eu já vi obras lindas de transformação de homens e mulheres! Deus faz, porque Deus é Deus! Agora você não vai dar oportunidade para o Diabo tocar sua vida através de um Nabal. Se lembram da história de Abigail? Até compartilhei com vocês aqui, no ano passado. Nabal era um homem tolo, insano, violento. Abigail cheia de graça, cheia de honra e aquela mulher se ergueu diante de Deus. Ali Deus podia fazer duas coisas: ou restaurar Nabal ou Matar Nabal e foi o que Ele fez. Tirou Nabal do caminho de Abigail e Abigail se tornou esposa de Davi. Às vezes, você é casada com um Nabal, hoje nós vivemos no tempo da graça, continue acreditando que Jesus pode mudar o Nabal e transformar em um homem sábio, um homem santo, porque eu já vi essa obra sendo feita, mas não permita não permita que haja oportunidade para sua vida ser ceifada. Se você quer deixá-lo secretamente, faça-o mas não fica na reta de um rolo compressor, tem homens que são insanos, que não querem Deus, não querem Deus. Peça direção, sabedoria do alto, mas tem muitas coisas que acontecem na nossa vida, meninas, por causa, como eu já disse, que também da nossa língua grande, da nossa falta de sabedoria. As concessões que fazemos para as trevas, a gente deixa as porcarias entrar na nossa casa através da televisão, através da mídia, através das sugestões e, depois, a gente quer que o senhor resolva. Olhe para dentro de você, olha pra essa mulher, essa pessoa que está do seu lado, fala assim e aí que portas estão abertas na sua vida? Você pode abrir porta pra coisa boa entrar na sua casa, na sua vida... (ER3.2).

Tannure, ao abordar a violência contra a mulher, menciona as personagens bíblicas Abigail e seu esposo Nabal⁷³ como exemplos. Ela orienta a mulher a, diante de uma situação de violência, não permitir que ela chegue a um extremo, conforme a SD de ER3.2 'Agora você não vai dar oportunidade para o Diabo tocar sua vida' e 'não permita que haja oportunidade para sua vida ser ceifada. Se você quer deixá-lo secretamente, faça-o mas não fica na reta de um rolo compressor, tem homens que são insanos, que não querem Deus, não querem Deus'. Esses enunciados parecem se pautar no princípio de que o intento da pregadora seja conscientizar a agredida a abandonar o casamento ou a denunciar o marido, para que se proteja e não coloque a vida em risco. Entretanto, ainda no ER3.2, ela incentiva a mulher a orar e a acreditar na mudança do homem violento, a ser uma boa mulher, tolerante e perseverante com o marido, conforme 'você pode continuar orando pelo seu marido, você pode continuar tentando e acreditando no seu casamento, porque eu já vi obras lindas de transformação de homens e mulheres! Deus faz, porque Deus é Deus!' e 'Às vezes, você é casada com um Nabal, hoje nós vivemos no tempo da graça, continue

^B BÍBLIAON. I Samuel, 25. Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/acf/1sm/25>. Acesso em: 03 jan. 2022.

acreditando que Jesus pode mudar o Nabal e transformar em um homem sábio, um homem santo, porque eu já vi essa obra sendo feita'. Vê-se que a mulher é incentivada a se dedicar ao homem, como em determinadas brincadeiras de criança e em contos de fadas tradicionais, mantendo a dominação masculina, como Nascimento (2016) e Farias (2017) elucidaram, o que está presente no discurso de Tannure, repete-se no discurso religioso e mantém uma rede de memória e uma regularidade que orientam atitudes como passividade, tolerância e crença de que algo mude. A pastora ao aconselhar suas seguidoras, usa um argumento que fala por si, ou melhor, na falta de argumentos efetivos, faz uso da ideia de um "Deus que tudo pode". Esse é um discurso que direciona o sujeito a apegar-se à fé e permanecer à espera de alguma mudança, que pode ser um percurso de sofrimento,

O discurso do qual a porta-voz é a pastora, portanto, não tem um implícito de emancipação e de rebeldia, mas de submissão resignada ao sofrimento e à dor aliadas à fé. Nenhuma palavra é dirigida ao agressor, em termos de denúncia ou apelo.

No E5, na SD 'Meu noivo já me deu tapa na cara, me cuspiu, puxou meu cabelo e etc', o sujeito feminino suporta uma série de agressões, mostrando tolerância diante situação e parece não revidar contra a violência. Esse é um comportamento defendido pela FD religiosa, que orienta mulheres a se calarem diante de situações com que não concordam para não afrontar o homem, como orienta Tannure, quando aponta que o caminho não é o confronto e não é expor a insatisfação ou requerer respeito, mas, segundo ela, "Nós temos que ganhar os nossos maridos sem palavras, mas com nosso santo procedimento. Que você seja uma esposa amorosa, dedicada, presente. Que você valorize ele" (ER3.3). O discurso de Tannure tolhe a mulher de se voltar contra atitudes grosseiras e por que não dizer que, por vezes, perigosas, e de se impor como sujeito digno de respeito.

Há uma relação interdiscursiva, neste caso, com a passagem bíblica de a pessoa oferecer a outra face quando lhe batem numa: "Se alguém bater em você numa face, ofereça-lhe também a outra" (BÍBLIAON, Lucas, 6:29). Esse discurso prega a passividade e o perdão diante de situações violentas e agressivas, deixando a pessoa, inclusive, vulnerável a agressões, visto que impõe "a necessidade de inibir toda e qualquer tendência agressiva, pois a mulher deve ser dócil e passiva. Caso ela seja do tipo voluntariosa, deve disfarçar esta qualidade, porquanto essa característica só é considerada positiva quando presente no homem" (SAFFIOTI, 1987, p. 37) e,

dessa maneira, não somente se abrem brechas para a violência contra o gênero feminino como se mantêm estereótipos da dominação masculina.

Apesar de o sujeito de E5 pertencer a uma FD que espera essa postura da mulher, na SD 'estou muito exausta disso tudo', revela-se uma conraidentificação em relação à expectativa da FD religiosa: esse sujeito resiste a submeter-se ao homem, a aceitar as agressões e a continuar ao seu lado como ajudadora, conforme essa FD defende ser a missão da mulher. Na SD de E5 'não sei o que eu faço mais', a mulher mostra cansaço por esperar uma mudança que nunca ocorre e por insistir na expectativa (implantada pela FD religiosa sobre milagres como resposta de Deus para o comportamento da mulher) de alcançar um bom relacionamento, mas continuar sofrendo humilhações, pois ela, sem sucesso, tentou que o noivo mudasse. Ainda nessa SD, 'não sei o que eu faço mais', o significante 'mais' tem efeito de sentido de que ela tentou todas as possibilidades para ajudar o noivo e sugere, portanto, considerando as condições de produção em que está inserida, que orou, creu, foi obediente aos princípios dessa FD e esteve do lado do noivo, ou seja, essa mulher esgotou suas tentativas, supondo que teria sucesso em seu relacionamento.

Em ER3.2, na SD 'você pode continuar orando pelo seu marido, você pode continuar tentando e acreditando no seu casamento, porque eu já vi obras lindas de transformação de homens e mulheres!', Tannure mostra priorizar a união do casal e o casamento. Essa atitude da pastora incentiva a mulher a acreditar que há um ser superior capaz de mudar tudo, inclusive o noivo, visto que, segundo a pastora, 'Deus faz, porque Deus é Deus', ER3.2. Nesse caso, a mulher, crente, continua sofrendo. Tal qual Cristo, ela é submetida ao sofrimento resignado, devendo se curvar a uma vontade considerada maior e carregando, sobre os ombros, os erros do noivo: deve apanhar e ficar calada. Espera-se uma mulher sem reações concretas, que aja somente em um plano espiritual e que fica à espera de um milagre acontecer. Esse posicionamento de Tannure, que é o posicionamento da FD religiosa, minimiza a violência sofrida, os danos emocionais femininos e os riscos, ao promover a fé.

Farias (2017) comenta sobre personagens de contos de fadas que têm essa passividade como perfil. A autora alerta sobre os perigos de se construírem narrativas com personagens femininas sem iniciativa, ou melhor, "sem autonomia"; mulheres que esperam que as situações se desenrolem e se resolvam ou que alguém venha a socorrê-las. Em E5, o sujeito mostra que não tem autonomia para pôr fim à violência do noivo por outros meios que não ligados à religiosidade e, nesse caso, ela espera a

atuação de outrem ou de um ser superior. Esse efeito ocorre quando afirma que se sente exausta e não sabe mais o que fazer, conforme a SD '*não sei o que eu faço mais*'. Ela teria um caminho para sair da situação, que seria, por exemplo, contar à família, mas, sem forças para reagir, ela mostra esperar algo que a impulse: afirmar que não sabe o que fazer é um pedido de socorro.

De acordo com a FD religiosa, a atitude adequada é orar e buscar solução no sobrenatural para que um milagre aconteça. Dessa forma, quando o sujeito de E5 pede conselho para a pastora, considerada representante de Deus, nega a si mesma a possibilidade de conduzir a própria vida. Essa atitude é percebida no comportamento da personagem bíblica Abigail, exaltada por Tannure. Segundo a pastora, a esposa de Nabal era uma mulher cheia de graça e de honra, como ela mesma declarou em ER3.2: Abigail 'se ergueu diante de Deus. Ali Deus podia fazer duas coisas: ou restaurar Nabal ou Matar Nabal e foi o que Ele fez'.

Nessa história bíblica relatada por Tannure em ER3.2, a morte foi a solução encontrada, pois a relação matrimonial, nesta FD, não conta com uma terceira saída, ou seja, não há a possibilidade de as personagens Nabal e Abigail se separarem e a mulher assumir outro relacionamento: ou o homem é 'restaurado', significante a que pode ser atribuído o efeito de sentido de convertido, um cristão obediente e servil, o que consistiria em um processo de arrependido de suas atitudes; ou o homem morre. No caso, Deus prefere matá-lo a permitir a separação. Segundo a FD religiosa, Ele tem aval para separar o casal, mas o homem e a mulher não: "Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem" (BÍBLIA ONLINE, Mateus, 19:6). Essa crença reverbera no discurso "Até que a morte os separe", enunciado em cerimônias nupciais, deixando, como não-dito, a não-possibilidade de separação por outra causa.

Segundo relata Tannure em ER3.2, Deus tirou Nabal do caminho de Abigail e 'ela se tornou esposa de Davi'. O discurso mostra que a personagem feminina não tinha autonomia para resolver seu problema de outra maneira que não fosse através de uma ação voltada para o mundo espiritual; foi necessário, conforme a pastora, na SD de ER3.2, Abigail 'erguer-se diante de Deus', cujo efeito, de acordo com essa FD e nessas condições de produção, é "orar", "santificar-se", "clamar por Deus" e "jejuar", a fim de que Ele intervenha e aja por ela para resolver o problema. Nega-se, aqui, a

passagem do Sermão das Bem-Aventuranças⁷⁴, em que Cristo fala sobre a bênção aos pobres que têm sede de justiça e lutam por ela.

Além disso, a resignação da mulher de E5 mostra o quanto ela valoriza e ambiciona o sonho do matrimônio. Ela aceita as agressões por parecer presa a uma rede de memórias que vincularam o casamento à mulher como algo essencial para a felicidade e para a constituição enquanto ser no mundo. Neste sentido, sustentados nessa memória, os discursos sobre o casamento, determinando para a mulher uma posição de servidão e de dependência em relação ao homem, presentes em muitas brincadeiras de infância e em certos contos de fadas, repetem-se na FDR.

Os enunciados de Tannure encorpam essa rede de memórias, quando, em suas pregações, orienta a mulher a ser submissa e a permanecer no casamento, não importando o lado emocional desses sujeitos, visto que, nas condições de produção do *corpus*, o sujeito feminino deve morrer para si e se anular para obedecer a Deus e dar ao marido bem-estar e levá-lo à conversão, quando não convertido aos preceitos da FD religiosa (ver 1.3). Além disso, esses discursos alimentam a memória de como são as mulheres que agradam a Deus e como elas devem se portar. São discursos que ditam o perfil de mulheres que merecem ser agraciadas pelos milagres de Deus: mulheres sábias, que oram e que obedecem à Sua palavra, conforme a própria Tannure, em uma de suas pregações, enuncia: “Vai viver a palavra de Deus pra ver se Deus não reverte esse quadro” (ER1.15), usando ‘esse quadro’ para fazer referência a relacionamentos matrimoniais complicados. Essa memória faz com que as mulheres queiram ser amadas por Deus; portanto, quando o sujeito de E5 fala que já tentou de tudo, que não sabe mais o que fazer e que se sente exausta, segundo a SD ‘mais eu estou muito exausta disso tudo, não sei o que eu faço mais’, ela também mostra seu esforço em praticar a fé para alcançar um milagre e se apresenta como pessoa obediente, esforçando-se por estar identificada com FD dominante. Nesse caso, é como se ela afirmasse que, enquanto mulher, está ao lado do homem como ajudadora, de acordo com a missão determinada por Deus para as mulheres desde sua criação.

Por meio desses discursos, Tannure mantém um ciclo: primeiro, a mulher é orientada a permanecer no relacionamento; se for casamento, ela é obrigada. Nesse caso, salvo as mulheres que resistem, tem-se um público, muitas vezes, vivendo

⁷⁴ (BÍBLIAON, Mateus 5:3-10). Disponível em: https://www.bibliaon.com/bem_aventurado/ Acesso em: 11 abril 2020)

conflitos, já que o divórcio não é uma alternativa na FD em questão. Além disso, diante desses problemas, as mulheres anseiam por ajuda e se refugiam na fé. Esse é um ponto relevante para Tannure, pois, com base na FDR, a pastora tem fórmulas para orientar as seguidoras sobre como agir diante de conflitos conjugais e familiares, prometendo socorro e acalento para os mais variados problemas. Essas instruções e ensinamentos de Tannure estão em suas pregações, em suas redes sociais, em seus livros, em seus cursos, em seus CDs, ou seja, em seus variados produtos comerciáveis (ver 1.4). Há um mercado que atende à oferta e Tannure lucra. Por fim, as seguidoras que buscam socorro nos discursos da pastora e em seus produtos são interpeladas por palavras que reforçam a ideologia da FDR, fazendo funcionar um jogo perigoso: a mulher que se encontra em um mau relacionamento, desgastado, violento ou abusivo, é incentivada a permanecer nele. Necessitando de ajuda, a mulher busca palavras de fé e Tannure as vende por meio de seus produtos, os quais, novamente, reforçam a manutenção do relacionamento. Eis que se monta um ciclo ininterrupto e um jogo discursivo tenso e perigoso, que cerca e prende o sujeito, obrigando-o a viver o relacionamento. Assim, mantém-se a mulher que busca por socorro, mantém-se o consumidor da fé e, conseqüentemente, a demanda pelos produtos da pastora.

A memória sobre o casamento como algo importante e sobre a dependência da mulher em relação ao homem, presentes em muitas brincadeiras de infância e em alguns contos de fadas, repetem-se no ER3.2, pois Tannure fez questão de enunciar que Deus tirou Nabal da vida de Abigail, mas não a deixou sozinha; preparou-lhe um outro casamento, agora com Davi, Rei de Israel, um homem considerado honrado por Deus e que desfrutava de Sua proteção. Segundo o texto bíblico,

Assim, pois, todos os anciãos de Israel vieram ao rei, a Hebrom; e o rei Davi fez com eles aliança em Hebrom, perante o SENHOR; e ungiram Davi rei sobre Israel. Da idade de trinta anos *era* Davi quando começou a reinar, quarenta anos reinou. Em Hebrom, reinou sobre Judá sete anos e seis meses; e em Jerusalém reinou trinta e três anos sobre todo o Israel e Judá (BÍBLIA, II Samuel, 5:3-5).

Achei a Davi meu servo; com o meu santo óleo o ungi; com ele, a minha mão ficará firme, e o meu braço o fortalecerá. O inimigo não o importunará, nem o filho da perversidade o afligirá. E eu derribarei os seus inimigos perante a sua face e ferirei os que o aborrecem. E a minha fidelidade e a minha benignidade *estarão* com ele; e em meu nome será exaltado o seu poder (BÍBLIA, Salmo, 89:20-24).

Outra vez, estão presentes os discursos que destinam a mulher ao matrimônio com alguém que se associa ao “príncipe encantado”: a memória sobre casamento como algo mágico é restituída, não como em certos contos e brincadeiras e não por repetição de fragmentos termo a termo, conforme explicou Achard (1999), mas pelo efeito de sentido restituído por paráfrase: no texto bíblico, príncipes, princesas e bruxas se fazem presentes com outras roupagens e os mesmos julgamentos são regularizados por outras cadeias de significantes.

A pregação de Tannure repete e a regulariza esses discursos. É possível perceber, em E5, a mulher se colocar em posição inferior ao homem, o noivo, pois aceita ser humilhada e suporta tapas e xingamentos. Mesmo assim, está ali para servi-lo e para lutar por ele. Essa mulher é guiada por uma memória de submissão e espera encontrar um homem forte, corajoso, protetor, gentil e escolhido por Deus, como Davi o foi para Abigail, com quem formará seu lar e exercerá suas posições-sujeito em conformidade com o que a cultura patriarcal lhe imputou. Devido a essa memória e ao fato de ter sido afetada por discursos que colocam a figura masculina como ser superior, o sujeito de E5 justifica as atitudes do noivo com as SDs ‘Deus tem algo grande na vida dele’, ‘ele não é uma pessoa ruim’ e ‘cuida dos filhos’, marcando assim uma contradição com o real.

Ao considerar o cuidado do noivo com os filhos, como se isso pudesse abonar a violência e as agressões que pratica, o sujeito de E5 traz para o discurso a memória de que esse é um trabalho feminino e que, portanto, por realizar uma tarefa que seria da mulher, ele é um homem especial, um “grande homem”. Quanto à afirmação de que ‘Deus tem algo grande na vida’ de alguém, na FD dominante, ela se refere a vários pré-construídos: várias histórias bíblicas de personagens escolhidos por Deus para realizar grandes feitos no mundo espiritual, como os discípulos de Jesus, que eram simples pescadores:

E Jesus, andando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: ‘Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens’. Então, eles, deixando logo as redes, seguiram-no. E, adiantando-se dali, viu outros dois irmãos: Tiago, *filho* de Zebedeu, e João, seu irmão, num barco com Zebedeu, seu pai, consertando as redes; e chamou-os (BÍBLIA, Mateus, 4: 18-21).

A afirmação de Cristo ‘eu vos farei pescadores de homens’, nesse recorte bíblico, consiste em um efeito de sentido de que os pescadores seriam discípulos de

Jesus e converteriam pessoas para a vida eterna; os peixes seriam as almas perdidas e errantes, que, resgatadas, estariam salvas para o Reino de Deus. Esses homens seriam pessoas comuns designadas para uma missão honrosa, a de contribuir e dar continuidade ao objetivo do Filho de Deus: salvar almas. Quando o sujeito de E5 afirma na SD 'Deus tem algo grande na vida dele', referindo-se ao noivo, pensa ter conhecimento sobre o que Deus pretende com o rapaz, que seria usá-lo como instrumento para algo importante no meio espiritual, assim como usou os pescadores e, portanto, o noivo teria uma missão divina. Ela, portanto, conforme a orientação que recebe da FD que a determina, significa o noivo como um escolhido, ou seja, a forma como essa FD interpreta o texto bíblico, faz o sujeito de E5 crer dessa forma.

Ao mesmo tempo em que a mulher de E5 é conduzida a valorizar o homem, por conta dos discursos da FD que a determina, ela mostra que se desvalorizou ao justificar a violência que sofre. O discurso de Tannure reforça comportamentos como esse, pois, ao tratar sobre problemas conjugais que envolvem violência contra a mulher, usando a figura de Nabal, sugere que a culpa de o marido ser violento e do sofrimento que causa pode ser da mulher, o que aparece na SD de ER3.2, quando a pastora afirma 'mas tem muitas coisas que acontecem na nossa vida, meninas, por causa, como eu já disse, também da nossa língua grande, da nossa falta de sabedoria'.

A preleitora ainda reforça seu posicionamento ao afirmar, conforme consta da SD de ER3.2, 'As concessões que fazemos para as trevas, a gente deixa as porcarias entrar na nossa casa através da televisão, através da mídia, através das sugestões e, depois, a gente quer que o Senhor resolva'. A mulher de E5, afetada pelo discurso, é levada a se sentir responsável e culpada pelo comportamento do noivo e a acreditar que não conseguiu a correção das ações erradas devido a alguma falta sua ou a algo que fez ou deixou de fazer e não agradou a Deus. O homem é que age errado, mas é protegido e a culpada é a mulher. Em nome de um futuro que não é mais do que um sonho, a mulher suporta as agressões atuais e atrai a responsabilidade pela mudança que não lhe cabe. A violência, assim, é combatida com mais violência, tornando a violentada culpada pela violência que sofre. Reduplicação da violência que sofre de um lado, silêncio e convivência, de outro, a mulher de E5 é afetada pela memória de construir uma família e ter um matrimônio, pois está noiva. Esse desejo e a forma de se portar conforme a FD dominante fizeram-na suportar constrangimentos causados pelo noivo e ela procurou proteger seu relacionamento ao proteger o noivo.

No entanto, ela passa por um processo de contraidentificação no que tange a se manter submissa, por exemplo, deixando de protegê-lo ao expor sua condição de mulher que sofre violência e mostrando resistência quanto à determinação de continuar nessa relação. Em outras palavras, o sujeito da E5 tem uma memória que gostaria de reproduzir, mas, diante das tentativas frustradas e da humilhação sofrida, pesa-lhe a percepção de estar atrelada a um homem, que, segundo a FD religiosa, é o cabeça da mulher: “Quero, porém, que entendam que o cabeça de todo homem é Cristo, **o cabeça da mulher é o homem** e o cabeça de Cristo é Deus” (BÌBLIAON, 1 Coríntios, 1:13 - grifo nosso), que, no seu caso, é uma pessoa violenta. Acometida pelas agressões do noivo, denuncia o relacionamento quando expõe o conflito e a insatisfação, mostrando querer desistir do intento. Sem controle dos efeitos de sentido do discurso, manifesta-se a dificuldade que a mulher tem de se opor ao homem nessa FD, ao sujeito dominador; e também delata o homem que se diz cristão dentro de uma FD que protege a dominação masculina. Seu ato de resistência ocorre, inclusive, por ter laços afetivos com um sujeito masculino violento por, insistentemente, deparar-se com discursos de proteção ao gênero masculino.

Em ER3.2, na pregação de Tannure, essa valorização permeia o discurso, pois, apesar de a pregadora falar que se deve fugir da violência, incentiva a mulher a orar por um mau companheiro e a acreditar que Deus pode transformá-lo, conforme se verifica na SD: ‘continue acreditando que Jesus pode mudar o Nabal e transformar em um homem sábio, um homem santo’. A mulher de E5, interpelada por orientações da FD, investe na libertação do noivo. A posição de exaltar a figura masculina como líder, cabeça da família e pessoa mais forte tem tonalidades tão fortes que a mulher, apesar de vivenciar a truculência e a brutalidade do noivo agressor, procura não o considerar como um sujeito ruim, como afirma na SD de E5: ‘ele não é uma pessoa ruim’ apenas porque, segundo ela, seu noivo cuida dos próprios filhos.

Nesse sentido, de acordo com o que a mulher enuncia na SD de E5 ‘por isso o Diabo tenta em todas as maneiras acabar com ele’, sugere que, quando o noivo age violentamente, não o faz por vontade própria, pois seria levado a agir assim por forças malignas. Em outros termos, transfere as atitudes do noivo e a não-permanência na igreja ao Diabo, que é, discursivamente, concretizado e personificado pelos evangélicos, conforme Anderson (2019). Esses discursos fazem do homem a vítima, desculpabilizando-o das atitudes e espiritualizando a violência; não é o parceiro o responsável pelo sofrimento causado, mas algo sobrenatural que o domina. A mulher

é orientada a ser responsável pela mudança de seu comportamento e a se esforçar para que o mal o abandone e, assim, ele pare com a violência. Caso não aconteça, o equívoco é da mulher. A contradição fica por conta do fato de o homem dever ser penalizado e enfrentar as consequências, mas segue imune ao ser vítima, enquanto a mulher segue como sua intercessora e protetora (parece haver transferência, ou mesmo extensão, da posição-sujeito de mãe para o de namorada e de noiva no comportamento da mulher). Em uma sociedade patriarcal, na qual assuntos do lar são considerados responsabilidade da mulher, cobra-se do sujeito feminino, enquanto mãe, a educação dos filhos; na E5, o sujeito demonstra assumir o papel materno também com relação às atitudes do noivo, educando-o pacientemente e apanhando: submissão e resiliência.

Discursos de Tannure em pregações, como ‘Deus colocou o homem como cabeça da mulher. E a mulher como guardiã do lar. Mas nós saímos da nossa posição’ (ER1.16), que retomam a passagem bíblica de 1 Coríntios, 1:13, citada acima, confirmam o homem como superior ao apresentá-lo como autoridade sobre a mulher. No caso de algo sair errado, a mulher é que age de maneira equivocada e que sai da posição em que deveria estar para que o mal não tivesse sucesso, ou seja, é responsabilizada pelos problemas que enfrenta, mesmo que sejam resultado da ação do outro.

A mulher da E5, enquanto sujeito sócio-histórico, constitui uma memória, pois é alvo de discursos de dominação masculina que fixam modelos, lugares, posições e papéis definidos para homens e mulheres, determinando o estar no mundo. Assim, certas brincadeiras infantis, determinados contos de fadas e discursos religiosos como os de Tannure, que destinam a mulher ao matrimônio, à maternidade e ao lar e como destinada a servir, podem ser o motivo da entrega e da dedicação de mulheres, devido ao desejo inconsciente construído nesses processos discursivos. É possível que o sujeito de E5, assim como outras mulheres que se sujeitam à violência em prol de um relacionamento, acate o discurso da FD religiosa e da pastora, porque vai ao encontro do desejo de ter o que não foi vivido em experiências na infância, nas brincadeiras e na vida familiar; pode ser que a entrega venha do desejo inconsciente de experimentar o que é romantizado pelos “casais junto de seus filhos” que aos domingos de manhã se apresentam à sociedade/irmandade, como família ideal, cristã e feliz.

Esse desejo faz a mulher de E5 proteger o noivo violento e, por consequência, a relação a fim de que resulte no casamento: “O viveram felizes para sempre”. Porém,

o discurso, como um mosaico disforme atingido pela polêmica, por discursos que rompem as barreiras frágeis da FD (INDURSKY, 2011), mostra atravessamentos de lances de insubmissão da mulher: ela explicita que não deveria estar onde está, que a figura masculina que idealiza não coaduna com o homem real e ela não está segura do futuro casamento. Há, portanto, resistência à ideologia dominante e a denúncia de lacuna no discurso que autoriza as orientações da pastora, pois sugerem que elas não são garantia de sucesso na resolução de um problema pessoal. Caso contrário, teria acontecido, uma vez que esse sujeito de E5 assume que fez tudo o que podia para que o relacionamento desse certo e que esgotou as suas possibilidades, conforme ela declara na SD **‘não sei o que eu faço mais’**.

O discurso da mulher de E5 mostra que o meio evangélico a que pertence reproduz a submissão e a posição-sujeito da mulher como auxiliadora do homem, confirmando e reforçando relações de cunho machista e patriarcal; o discurso de Tannure reafirma essa ideologia e colabora para manter a supremacia masculina. Entretanto, apesar dessa força ideológica, o discurso de E5 mostra deslocamentos quanto ao sentido de mulher, homem e casamento.

Quando a mulher de E5 pede que não a julguem, na SD ‘Não me julgue por favor’, parece não estar mais disposta a ser passiva diante da situação de violência; nesse momento, ela expressa inconformismo e não considera aceitável ou natural o que está acontecendo com ela. Ela se contrai-identifica com a FD religiosa por não querer mais ser uma mulher dócil, submissa e ajudadora; por outro lado, porém, ao pedir para não ser julgada, mostra o desejo de continuar na FD dominante, porque, enquanto sujeito clivado, também se identifica com ela. O pedido de não ser julgada expressa o desejo de ter a compreensão dos membros da comunidade, pois ela pode querer sair desse relacionamento, mas pretende continuar sendo aceita pela irmandade.

Na tentativa de continuar sendo acolhida pela FD, esse sujeito de E5 advoga sua causa ao afirmar na SD **‘mais eu estou muito exausta disso tudo’**, quando, materializando o conectivo “mas” (‘mais’), expõe esgotamento e exaustão mesmo frente a traços supostamente positivos do noivo, como, por exemplo, a de ser um bom pai. Ou seja, não importa o que esse homem possa ter de bom, segundo a FD religiosa, ela chegou ao limite. Seu enunciado ‘não me julgue’ volta à cena e o sujeito de E5 o usa menos por ser submissa e mais por revelar o desejo de “Vou sair dessa relação ainda que Deus tenha algo grande para ele/nós! Pois estou exausta”. Essa

mulher mostra o seu esgotamento e o sintagma ‘disso tudo’ aponta para as causas: está cansada de ser agredida e de insistir em um mau relacionamento. E, ao afirmar que está cansada, ela materializa a necessidade de que as pessoas olhem para ela e se penalizem e que se compadeçam de sua situação; ela espera um caminho inverso àquele feito pela FD religiosa, que tem como foco a valorização do bem-estar do homem.

Ela não demonstra que irá desidentificar com a FD religiosa, esse sujeito de E5, ao assumir em E5 na SD ‘Eu sei que estou errada!’, mostra que concorda que não deveria se submeter ao relacionamento abusivo, quando afirma não ter dividido o problema com a família, conforme a SD de E5: ‘Não contei isso há ninguém Nem pra minha família’. Porém, é tangida pela necessidade de se abrir com alguém e denunciar, o que evidencia sua resistência. Nesse enunciado, ela significa a atitude do noivo como algo errado e acredita que não pode se submeter, mas que, caso contasse à família, iria ouvir repreensões e críticas. Esta mulher passou a considerar que ser oprimida não é algo justo, permitido ou aceitável. Assumir isso consiste em um deslocamento por meio da interpelação ideológica de outra FD, que aponta para a resistência. Esse conflito vivido é movido por outras memórias que fazem a mulher deslizar sobre o sentido de sua relação, o que é próprio da plasticidade constitutiva da memória (FRANÇA, 2015).

Assumir que está errada por aceitar a violência do noivo e denunciá-lo neutralizam o discurso da pastora Tannure, que orienta a mulher a insistir em um mau relacionamento, e revelam a descrença de que a oração pode mudar as atitudes de um homem violento, mostrando uma mulher que não está de acordo com a submissão e nem com o discurso religioso, em face do sofrimento a que está submetida. Aqui, o efeito de sentido de *mulher*, de *noivo* e de *casamento* são outros: ela acredita que não deve ser humilhada, portanto a mulher deixa de ser submissa, e noivo e casamento já não são idealizados. Esse embate mostra que FDs de bases ideológicas distintas estão em conflito no discurso do sujeito da E5. Nesse caso,

Faz-se necessário perceber que os sentidos, pelo trabalho que se instaura sobre a Forma-sujeito, podem atravessar as fronteiras da FD onde se encontram, e deslizar para outra FD, inscrevendo-se, por conseguinte, em outra matriz de sentido. Ao migrarem, esses sentidos passam a ser determinados por outras relações com a ideologia. Essa movimentação nas filiações dos sentidos só é possível porque, ao migrarem, esses sentidos se ressignificam. Percebe-se, pois, que o

fechamento das FDs não é rígido e suas fronteiras são porosas, permitindo migração (INDURSKY, 2011, p. 71).

A expressão 'Meu noivo' é ressignificada em E5. Ela causa estranhamento, pois a violência, entendida como acontecimento, produz um choque entre a memória social de que noivo é aquele que será esposo e, portanto, protetor, companheiro e líder do lar, conforme o discurso religioso, com outra memória, a do noivo como homem agressor, que machuca, que não protege e que se deve denunciar. Há aqui FDs distintas, duas forças em contraste, um equívoco entre o mesmo e o outro: "Pois o registro do 'acontecimento' deve constituir memória, quer dizer: abrir a dimensão, entre o passado originário e o futuro, a construir" (DAVALLON, 1999, p. 24).

Ao se movimentarem FDs distintas no mesmo discurso, sentidos e ideologias diferentes coexistem e se confrontam, visto que

Não há sujeito, nem sentido, que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição-sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia do dizer (ORLANDI, 2017, p. 55).

A mulher da E5, como sujeito clivado e dividido, meneia entre ser uma mulher submissa e uma mulher que não concorda com a submissão; que aceita a violência e que sabe que a violência não pode ocorrer; que crê na palavra de líderes religiosos e que descrê. A sua postura mostra que o discurso é invadido/atravessado por outras FDs e, conseqüentemente, movimenta diferentes redes de memória, as quais, no discurso do sujeito da E5, confrontam a ideologia dominante. O discurso depende dessas redes e dos trajetos sociais que percorre; ele

marca a possibilidade de uma desestruturação-estruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento em seu espaço (PÊCHEUX, 2015a, p. 56).

O desabafo da mulher de E5 provoca agitação na FD dominante, pois mostra que os sentidos podem ser regularizados mas também sofrer deslocamento, que, no caso, ocorre como forma de denúncia, pois o sujeito de E5, na SD 'mais eu estou muito exausta disso tudo, **não sei o que eu faço mais**', pode ser significado como

esgotamento devido a discursos que a mantém em posição de submissão, mas não resolvem o problema. A mulher presente nessa enunciação se constitui como sujeito deslocado, na medida em que denuncia a ideologia da FD religiosa, pois a memória que a leva à obediência e a agir de modo passivo dá lugar a memória de resistência, mostrando como a ideologia dominante agride e oprime a mulher evangélica.

3.2 MEMÓRIA DISCURSIVA: REPETIÇÃO, REGULARIDADE, RESISTÊNCIA E LAMENTO - UM RECORTE DE RELAÇÃO MATRIMONIAL

Em E7, ao contrário de E5, há uma mulher que está em relação matrimonial.

E7. Meu marido era cristão fervoroso, logo que nos casamos depois de poucos meses ele começou a me trair e hj continua com a amante, ele está viajando de férias neste momento e ela está junto, ele a trás em casa quando estou no trabalho, temos um filho juntos e eu olho meu pequeno de apenas 2 anos e me bate uma tristeza por não termos um líder em casa e eu tenho que ser pai e mãe...estou profundamente triste, irão fazer 3 anos que **estou nesta luta e querendo perseverar**, mas ele já me bateu algumas vezes e me trata muito mal. A única coisa q faço é chorar pq sei q argumentar não resolve mais, tanto desprezo, desinteresse pela família, e um homem conhecedor da Palavra e q nasceu num berço cristão... Que o Senhor tenha misericórdia de mim **pq não tenho pensado em outra coisa a não ser o divórcio... sei que o Pai odeia o divórcio**, eu sei que tem pessoas que morrem pelo evangelho, **o Pai nos pede para amar o próximo e eu não consigo nem amar o meu marido** 😞 minha alma está perecendo 😞😞😞😞.⁷⁵

A mulher de E7 mostra crenças de quem tem conhecimento e origem cristãos, o que, para ela, deveria ser garantia de pessoa que se identifica com a FD dominante, ou seja, de pessoa honrada e temente a Deus. Nesse caso, seu marido deveria ter atitudes nobres, algo que ela não reconhece em seu cônjuge, como se entende a partir da SD de E7 'tanto desprezo, desinteresse pela família, e um conhecedor da Palavra e q nasceu num berço cristão'. A visão idealizada do sujeito cristão é, na realidade, desconstruída, pois, conforme ela expõe em seu enunciado, ele (o marido) é agressivo e adúltero.

Apesar disso, a memória discursiva que constitui o sujeito de E7, sobre casamento e sobre ser cristão, faz com que ela permaneça em uma circunstância conflituosa e de sofrimento, haja vista suportar a situação que a entristece há três

⁷⁵ TANNURE, Helena. Quando devo pedir o divórcio? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vnlrGokoa6w>. Acesso em: 11 fev. 2020.

anos e, como afirma no enunciado, na qual intenciona ‘perseverar’. Em relação ao homem e à mulher, ela acredita haver lugares definidos para ambos, conforme se percebe na SD de E7, quando lamenta que tem de ‘ser pai e mãe’ do filho, devido ao desprezo do marido para com a posição-sujeito de pai. Essa mulher significa concebe o homem, no caso, o esposo, ao sabor da FD religiosa, como a liderança no casamento, pautada numa memória que concede supremacia à figura masculina. Além de outros discursos que circulam e a levam a essa valorização, a regularização dessa memória é reiterada também nas pregações de Tannure:

Uma vez uma pessoa me perguntou: ‘Como que é ser... estar em mais ênfase do que o marido?’ Eu falei assim... ‘Você não entendeu nada, eu não estou mais em ênfase, eu estou debaixo da liderança dele, ou seja, sem o João Lúcio, num tem o ministério da Helena. E eu estou aqui, sou uma com ele, então ele está aqui comigo também. Eu só vou nos lugares que ele deixa eu ir, ele que cuida da minha agenda, onde ele fala você vai, eu venho; onde ele fala num vai, eu num vou, eu não sou doída nem nada (ER1.17).

A pastora trata sobre seu marido e usa o seu relacionamento conjugal para incitar outras mulheres a tomarem posição inferior na relação matrimonial, explicando que ela não é superior ao marido, tanto que é ele que decide suas ações e que, sem a orientação e a permissão dele, ela nada faz; inclusive, sustenta que ela nem teria ministério, ou seja, não seria pregadora. O homem é apresentado por Tannure como aquele que dirige os passos da mulher, o que, da maneira como apresenta, não é algo ruim: seria uma segurança e um cuidado que ela (e outras mulheres) deve entender e aceitar; caso contrário, seria insana, como ela própria declara na SD de E7 ‘ele que cuida da minha agenda, onde ele fala você vai, eu venho; onde ele fala num vai, eu num vou, eu não sou doída nem nada’. De acordo com Achard (1999), esses discursos se pautam em implícitos de uma memória, seja origem, ou “discurso-vulgata”, que ocorre por meio da repetição e da regularidade em que eles podem ser pensados. O discurso de Tannure, que é reverberação de discursos antecedentes, defende a liderança do homem sobre a mulher, o que reverbera também no discurso do sujeito de E7, que retoma julgamentos sobre marido, presentes, por exemplo, em passagens bíblicas:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo Ele próprio o Salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres

sejam em **tudo** sujeitas a seu marido (BÍBLIA, Efésios, 5:22 - Grifo nosso).

A mulher da E7 retoma o implícito de o esposo ser o ‘cabeça’ da família e se sente triste, conforme expressa na SD de E7: ‘me bate uma tristeza por não termos um líder em casa’; faz-lhe falta essa “segurança” masculina e esse controle retomado e regularizado no discurso da pastora, que, por tabela, desfaz a autonomia da mulher.

Para o sujeito de E7, o casamento como enlace matrimonial idealizado, como o sonho do “Viveram felizes para sempre”, produz, nessas condições, lugar para a tristeza, como nas SDs ‘A única coisa q faço é chorar; para o desprezo’, ‘tanto desprezo, desinteresse pela família’, ‘ele já me bateu algumas vezes e me trata muito mal’ e ‘ele começou a me trair e hj continua com a amante’. Apesar disso, declara sua insistência no casamento, conforme a SD de E7: ‘estou nesta luta e querendo perseverar’. A memória que ela tem sobre casamento, pautada no princípio de que o que Deus uniu o homem não pode separar, impõe a permanência em uma situação de humilhação, pois ela rejeita a separação e o faz porque está pautada na ideologia da FD dominante sobre matrimônio, conforme mostra na SD de E7: ‘o Pai odeia o divórcio’; assim, ela também considera o casamento como algo indissolúvel. Há discursos de Tannure que fortalecem esse posicionamento:

Olha, nós não estamos sugerindo aqui que você se coloca numa situação de você é abusada constantemente, mas o perdão é necessário. **A Bíblia diz, o próprio Jesus diz que o divórcio foi instituído por causa da dureza do coração do homem** (Grifo nosso) (ER4.2).

A pastora usa as palavras do próprio Jesus e se pauta no texto bíblico para se posicionar contrariamente ao divórcio, que é visto de forma negativa pela FD religiosa; uma pessoa que se propõe a ser fiel a Deus não se divorciaria, pois, como afirma o sujeito de E7, na SD ‘**sei que o Pai odeia o divórcio**’, e a pastora Tannure, em ER4.2, o divórcio foi criado devido à ‘dureza do coração dos homens’ e a separação não é aprovada por Deus. No primeiro caso, a mulher de E7 retoma o discurso do próprio Deus: “‘Eu odeio o divórcio’, diz o Senhor, o Deus de Israel” (BÍBLIA, Malaquias, 2: 16); no segundo, tem-se o posicionamento de Tannure de que o casamento é vontade divina e o divórcio é uma transgressão. A FD religiosa que subsidia o posicionamento da pastora faz uso do evangelho para fortalecer essa ideologia:

Alguns fariseus aproximaram-se dele para pô-lo à prova. E perguntaram-lhe: 'É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo?' Ele respondeu: 'Vocês não leram que, no princípio, o Criador os fez homem e mulher' e disse: 'Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne'? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe'. Perguntaram eles: 'Então, por que Moisés mandou dar uma certidão de divórcio à mulher e mandá-la embora?' Jesus respondeu: 'Moisés permitiu que vocês se divorciassem de suas mulheres por causa da dureza de coração de vocês. Mas não foi assim desde o princípio. Eu digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério' (BÍBLIAON, Mateus, 19:3-9)⁷⁶.

Em torno dos implícitos que sustentam este processo discursivo, o casamento é uma união irrevogável entre um homem e uma mulher e não cabe a eles desfazerem essa aliança e, novamente, vem à tona a passagem bíblica “eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe” (BÍBLIAON, Mateus, 19:6), que sustenta o aprisionamento do sujeito em um mau relacionamento. Outras passagens bíblicas reforçam a defesa de que casais permaneçam juntos: “Todavia, aos casados mando, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido. Se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou que se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher” (BÍBLIA, I Coríntios, 7: 10-11). Desse modo, a mulher está para sempre ligada ao marido, não podendo, em caso de separação, casar-se novamente. Sua vida emocional fica atrelada a um único relacionamento durante toda a vida e só a morte traria a separação e a deixaria livre para outro relacionamento: “Porque a mulher casada está ligada pela lei a seu marido enquanto ele viver; mas, se ele morrer, ela está livre da lei do marido” (BÍBLIA, Romanos, 7: 2) Caso a mulher se divorcie e case novamente, o homem que a tomar por esposa cometerá adultério: “Qualquer que deixa sua mulher e casa com outra adúltera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido adúltera também” (BÍBLIA, Lucas, 16:18). Nesse caso, se uma mulher divorciada se envolver com outro homem, faz esse homem cometer adultério, porque ela é vista como impura, pecaminosa e corruptora.

Devido a essa memória ou conjunto de implícitos, é possível perceber na SD de E7 'Que o Senhor tenha misericórdia de mim' que a mulher revela se sentir culpada

⁷⁶ BÍBLIAON. Mateus 19. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus_19_2-9/. Acesso em: 03 ago. 2020.

e mesmo temerosa por pensar em divórcio. Para obedecer a Deus e não se divorciar, em que pesem todos os desmandos do marido, acredita que o certo seria se anular, morrer para si mesma e desconsiderar a dor, o que se percebe, quando se compara a outras pessoas, conforme a SD de E7 'eu sei que tem pessoas que morrem pelo evangelho', e pressupõe um julgamento negativo de si mesma já que não estaria morrendo pelo evangelho, colocando-se como uma cristã em dívida com Deus, algo que lhe pesa. Nesse mesmo sentido, o discurso de Tannure incentiva a mulher a negar suas vontades e a obedecer ao que manda a palavra de Deus, segundo defende a FD religiosa, que seria o caminho para alcançar o casamento desejado, tendo que, para isso, aceitar a traição sofrida. No caso do sujeito de E7, significa permanecer casada a despeito do que lhe acontece. Conforme a pastora,

Se você começar a morrer pra você também, você vai começar a ver o tanto de coisa florescer na sua vida. Põe Deus no controle, põe Deus no volante da sua vida. Para de falar que é crente e pôr Jesus no banco de trás. 'Ah... mas meu casamento não tá dando certo'. Vai viver a palavra de Deus pra ver se Deus não reverte esse quadro (ER1.18).

Além disso, caso o casamento não dê certo, Tannure responsabiliza a mulher, pois isso ocorre, segundo a pastora, quando não se obedece à palavra de Deus, conforme se evidencia em sua fala em ER1.18 logo acima: 'Vai viver a palavra de Deus pra ver se Deus não reverte esse quadro'; e também quando não se coloca Deus como prioridade, cujo efeito de sentido é dar preferência a ordenanças da FD religiosa. Em nenhum momento, a pastora aborda a atitude do homem; ela apenas requer atitudes da parte da mulher, o que reforça o patriarcado e o machismo que atravessa o sujeito de E7: a pastora e o que sustenta o enunciado. É a partir dessa memória que a mulher de E7 permanece presa ao casamento, suportando as amarguras do mau relacionamento e se esforçando para mudar o marido, como se percebe em E7, na SD 'irão fazer 3 anos que *estou nesta luta e querendo perseverar*'.

Além do problema no relacionamento que a mulher qualifica como 'luta', ela ainda se sente culpada por acreditar que não ama o marido, como afirma na SD de E7: 'o Pai nos pede para amar o próximo e eu não consigo nem amar o meu marido'. Nesse momento, percebe-se uma contradição, pois há uma mulher que está insistindo em um relacionamento com alguém que ela considera não ter sentimento e sentindo-se mal por não amar essa pessoa: o marido, que a trai e que a humilha. Ela estaria, pois, forçando a continuidade do matrimônio mais por questões ideológicas, visto que

a FD dominante não aceita o divórcio, do que por questões pessoais. Essa mulher se sente culpada e se coloca na obrigação de amar o esposo. Nessas condições, amar seria perdoar as suas atitudes e não pensar em se divorciar dele, desconsiderando o sofrimento que ele causa. Essa seria a postura abonada pela FD religiosa, pois

é tempo da gente deixar o Senhor tomar conta do nosso coração, permeando os nossos relacionamentos para que, se acontecer uma traição, a gente se reinvente, saia disso, não olhe mais para trás e não caia no mesmo buraco. Haja o que houver perdoe! (ER4.3).

Nesse discurso, a pastora defende que, em um relacionamento, deve-se perdoar, independentemente do que aconteça, conforme a SD 'haja o que houver'. Tannure estende o perdão a vários outros fatores e ela não o limita apenas à traição. Discursos como esses são grades de mandamentos e de preceitos religiosos que tornam difícil sair de um mau relacionamento matrimonial. Tannure critica o divórcio, defende o perdão sem limites, culpa a mulher por problemas conjugais e encoraja a mulher a ter uma determinada postura diante de Deus, alegando que, assim, tudo pode se resolver e o casamento pode ser restaurado e recuperado. A pastora orienta:

Você quer um casamento restaurado, seja uma mulher restaurada. 'Ai, meu marido tinha que tá aqui!'. Não, você que tinha que tá aqui, foi você que Deus trouxe. A cura entra pela sua vida, mulher. É por isso que Deus tá fazendo essa revolução com as mulheres. Algumas mulheres falaram comigo: 'Sabe porque que acho que Deus tá levantando as mulheres, Helena? Porque os homens não tão com nada!'. Eu falei assim: 'Minha filha, você tá completamente enganada! Deus tá levando a mulher porque a praga entrou foi pela mulher, agora a bênção tem que entrar pela mulher também!' (ER1e).

Porém, apesar do que o sujeito de E7 declara, revelando uma submissão e uma tolerância acentuadas, seu discurso apresenta fissuras e resistência em relação à ideologia dominante. Essa mulher denuncia um esposo que não se enquadra na FD religiosa em que se insere. Delata um homem desrespeitoso, violento e irresponsável, que não divide a tarefa de cuidar do filho, já que ela assume sozinha a criança, como mostra a SD de E7: 'tenho que ser pai e mãe'. A própria situação a força a agir contra o que a FD espera das mulheres, como, por exemplo, não tomar atitudes que a façam passar à frente do marido (COLE; COLE, 2017), por exemplo. Ela precisa agir para atender suas necessidades e as de seu filho, dada a ausência e indiferença do marido; ela também desconstrói a ideia de que ser 'cristão fervoroso', 'conhecedor da Palavra',

e nascer em ‘berço cristão’ seja garantia de boas atitudes; além disso, “desromantiza” o casamento ao significá-lo como ‘luta’, como enfrentamento de traições e de violência física e psicológica. Ela descontrói um imaginário de casamento ideal e feliz; ela estremece a FD religiosa ao pretender se divorciar, negando a memória construída sobre si, ou melhor, sobre o que a religião espera dela enquanto mulher casada. Ao fazer isso, age de forma subversiva e resiste ao que lhe foi imposto, pois, contrariamente à ideologia dominante da FD religiosa, ela cogita ressignificar sua posição de sujeito: ‘não tenho pensado em outra coisa a não ser o divórcio’.

De forma ampla, a mulher de E7 expõe problemas pessoais que poderiam ser tratados com mais dignidade, caso não estivessem perpassados por discursos como os de Tannure. O comportamento dela cria fissuras na série parafrástica sobre casamento, sobre mulher e sobre a idealização da figura masculina. O discurso do sujeito de E7 traz marcas de contradiscurso ao discurso religioso.

Os discursos subversivos dos sujeitos de E5 e de E7 não estilhaçam apenas a série de memória em que o matrimônio é sinônimo de realização; estilhaçam o homem idealizado e a mulher servil, submissa e sem autonomia. Eles movimentam memórias diferentes e apontam um outro real referente ao matrimônio, ao homem e à mulher nessa relação. Nesse sentido, a maior contraposição recai sobre o discurso religioso proferido por Tannure, pois a mulher questiona sua eficácia, mostrando os seus equívocos, pois ser submissa, crer, orar, esperar e ter paciência não é garantia de mudança, como afirma a pastora, senão estar presa a uma redoma de angústia, humilhação e sofrimento. O discurso de Tannure vê o matrimônio e a forma de lidar com ele como o construto da perspectiva religiosa e de sua própria perspectiva, tomando-o como uma única maneira de abordá-lo, a qual resultaria em mudanças positivas e salvaria o casamento; mas há outros “reais”:

Os objetos discursivos de talhe estável e os que têm seu modo de existência regido aparentemente pela própria maneira como falamos deles, contorna a declaração de que uns são mais reais que outros, reconhecendo, ao invés disso, a existência de vários tipos de ‘reais’ (PÉCHEUX, 2015a, p. 8).

As mulheres de E5 e de E7 apontam outro real sobre o relacionamento matrimonial, uma vez que sofrem abuso. Dessa maneira, impor o matrimônio como irrevogável e o divórcio como desobediência a Deus, conforme a FD religiosa, torna-se uma forma de violência contra a mulher, porque, interpeladas pelos discursos, ela,

educada e disciplinada para ser servil e submissa, tende a permanecer em situação de sofrimento, quando casada com um homem agressor e abusivo. Ela permanece, pois é levada a crer que pode receber da parte de Deus um milagre capaz de mudar o mau relacionamento e o companheiro agressor. Não ocorrendo a mudança esperada, ela fica vulnerável e suporta as mais variáveis agressões, traições, mentiras e desamor. De acordo com o posicionamento de Tannure, se a mulher se comporta de maneira que atenda aos padrões exigidos pela religião, a solução divina para um casamento problemático é inquestionável, pois, como recompensa, Deus resolve, à revelia da gravidade do problema, sugerido pela pastora quando usa, por exemplo, o sintagma 'Deus é Deus' em ER3.2. A pastora, por meio de um discurso religioso matizado pela ideologia dominante, machista e patriarcal, age como se o real fosse algo homogêneo; assim, seu discurso oculta e nega as regiões heterogêneas do real:

Tudo se passa como se, face a essa falsa-aparência de um real natural-social-histórico homogêneo coberto por uma rede de proposições lógicas, nenhuma pessoa tivesse o poder de escapar totalmente mesmo, e talvez sobretudo, aqueles que se acreditam 'não-simplórios': como se esta adesão de conjunto tivesse, por imperiosas razões, vir a se realizar de um modo ou de outro (PÊCHEUX, 2015a, p. 32).

Os sujeitos da SD5 e da E7 se colocam como mulheres que perturbam o estatuído ao colocar em dúvida o discurso religioso, expondo a infelicidade nas condições de produção em que exercem a vida de fé. Em relação ao casamento vivido por elas, os seus discursos lembram que "Não descobrimos, pois, o real, a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra" (PÊCHEUX, 2015a, p. 29); ele não coincide exatamente com o que achamos que ele seria. No confronto entre reais, movimenta-se uma série de memórias, que, dada a experiência dos sujeitos, podem ser rompidas, dando lugar a outra série. Um embate entre sonhos, idealizações e frustrações se institui, surgindo o discurso dessas mulheres como lugar de denúncia.

A princípio, o discurso delas é de lamento, sendo proferido por mulheres submissas e sofredoras que discorrem sobre uma vida de infortúnios. Contudo, apesar disso ou por isso, "Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente em seu sentido para derivar para um outro" (PÊCHEUX, 2015a, p. 53). No limite, tem-se assim a resistência e o discurso como enfrentamento e como forma de fazer ressoar um grito calado de revolta, de não-aceitação e de não-conformismo. Desse modo, no sujeito (in)submisso, surge

outro sujeito, que significa o real de forma distinta, que movimenta outra memória e que distancia essas mulheres da FD religiosa dominante à que pertencem, em que o comportamento feminino não deve ser o de questionar a suposta ordem divina nem o de se revoltar, devendo suportar calada, às vezes, situações ultrajantes.

4 NEGAÇÃO: DISCURSO OUTRO E ESFACELAMENTO IDEOLÓGICO

Neste capítulo, nos enunciados enunciações E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9 e E10, procura-se analisar como a mulher, a partir da negação, ao mesmo tempo em que reproduz o discurso da ideologia religiosa dominante, demonstra resistência em relação a ela. Nesse caso, importa pontuar que a “reprodução’ nunca significou ‘repetição do mesmo’” e que “cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções” (PÊCHEUX, 2015b, p. 115).

Este fato implica um conflito que ocorre na medida em que o sujeito imerso na ideologia que o domina, portanto, afetado pelo discurso religioso (o que poderia levar à suposição de conformismo a ponto de o sujeito se acomodar), revolta-se, algo escapa discursivamente, por exemplo, pela negação presente no *corpus*. Esta provoca tensões e deslocamentos ideológicos, que acontecem “nos mais diversos movimentos populares, insistem na repreensão de objetos (constantemente contraditórios e ambíguos) paradoxais, que são simultaneamente, idênticos consigo mesmos e se comportam antagonicamente consigo mesmos” (PÊCHEUX, 2015b, p. 115).

Em outras palavras, devido à ideologia dominante que afeta o sujeito mulher evangélica, seria possível postular, *a priori*, uma mulher resignada, que aceita a posição-sujeito com submissão, mas essas mulheres, quando negam, revelam outra postura, que destoia dos princípios da FD dominante. De acordo com Cattelan (2019, p. 187), Pêcheux entende a interpelação ideológica como estando

submetida a falhas e como estando colocada sob o risco de ter os seus ditames esfacelados. Seja pela noção de contraidentificação (que ele próprio negou mais tarde), ou por considerar a língua como um sistema de regras sujeito a falhas, ou por defender que o ritual está sujeito a lapsos e equívocos, a defesa do assujeitamento sempre andou par-e-passo com a busca da teorização da surpresa, do chiste e da negação, dentre outras cesuras que produzem o imprevisível/aleatório.

Quanto a isso, a negação, por exemplo, silencia o discurso que a precede, o da afirmação. Assim, ao negar algo para se manter identificada com a FD religiosa, a mulher do *corpus* aciona o discurso oposto, que pode ter efeito de sentido de combate à ideologia da FD religiosa, surpreendendo com a resistência e com o assujeitamento a essa ideologia. Este fato ocorre porque o que é silenciado não deixa de significar,

pois “Há um modo de estar no silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio (ORLANDI, 2007, p. 11). Ademais, o silêncio “fora da linguagem não é o nada mas ainda o sentido” (ORLANDI, 2007, p. 13). Ao abordar o silenciamento, Orlandi (2007) o define como possibilidade de trabalhar o sujeito em sua “contradição constitutiva, a que o situa na relação do ‘um’ com o ‘múltiplo’, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa (ORLANDI, 2007, p. 24).

Nesse sentido, a autora faz distinção entre as formas de silenciar: discorre sobre o silêncio fundador, “que torna toda a significação possível” (ORLANDI, 2007, p. 102), e sobre a “política do silêncio”, que se subdivide em “silêncio constitutivo” e “silêncio local” (ORLANDI, 2007). Segundo ela, o silêncio constitutivo é próprio da produção de sentido e da produção da linguagem, porque “todo dizer cala algum sentido necessariamente” (ORLANDI, 2007, p. 102):

se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito. E o não dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma ‘outra’ formação discursiva, uma ‘outra’ região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando consequentemente os limites do dizer (ORLANDI, 2007, p. 73-74).

Desse modo, a negação, enquanto ingrediente materializado no intradiscurso, procura evitar “verdades” que remeteriam o sujeito a algum campo discursivo alheio aos limites da FD dominante, cerceado pelo silêncio local, que se refere à interdição do dizer e à censura, significada como “um fato **não** circunscrito à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação” (ORLANDI, 2007, p. 76). A negação “estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, *não* deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala” (ORLANDI, 2007, p. 77).

Entende-se, assim, que o sujeito, na produção discursiva, a exemplo da negação, necessariamente, cala um sentido (silêncio constitutivo) por estar sujeito a uma FD que estabelece os limites do dizer (censura). Conforme Orlandi, (2007, p.104), “A censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proíbem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições (ORLANDI, 2007, p.104).

Com a negação, “Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação dos sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio” (ORLANDI, 2007, p. 102). O sujeito do *corpus*, por vezes, procura não contestar as crenças da FD religiosa que o domina, ocultando o seu real, que não provém, necessariamente, de um movimento discursivo consciente. Embora o sujeito não se dê conta, a negação provoca deslocamentos, mostrando que discursos conflituosos coexistem: a FD na qual o sujeito está impõe o que deve e o que pode ser dito e ele se move discursivamente nesses limites, mas discursos outros rompem as barreiras porosas dessa FD e o sujeito do *corpus* discursiviza tendo, por exemplo, uma postura feminista, ao se impor e se rebelar, mostrando-se insatisfeito com a ideologia dominante.

A negação no *corpus*, portanto, mostra a falha, esfacela ditames da ideologia dominante e desconstrói a imagem de mulher evangélica como submissa e obediente, ao contradizer o discurso que antecede a negação, que pode ocorrer como revolta, insatisfação, denúncia e insubmissão à ideologia da FD. Isso ocorre porque “há sempre no dizer um não dizer necessário. Quando se diz ‘x’, o não dito ‘y’ permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de ‘x’. Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra” (ORLANDI, 2015, p. 81). A negação

traz como pressuposto inextricável a afirmação precedente, assim como a afirmação só se justifica tendo como horizonte a negação proferida. Ninguém diz ‘não’, se não for para negar um ‘sim’, e ninguém diz ‘sim’, se não for para negar um ‘não’. ‘Sim’ e ‘não’ nunca são fatos absolutos, mas a contraparte contraditória e polêmica do Outro/Sujeito (CATTELAN, 2019, p. 188).

Nos enunciados em análise, o sujeito, ao mobilizar a negação, expõe lutas ideológicas, quando atualiza e movimenta discursos e sentidos não esperados pela FD religiosa e que mostram o momento da polêmica, do inesperado, do antagonismo, do paradoxo, da falha e até da ruptura. Sendo assim, orientações como a do versículo bíblico “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque o que passa disso é de procedência maligna” (BÍBLIA, Mateus, 5: 37), em que se espera um sujeito positivo, dono do seu dizer, que controla o sentido, dando um efeito de sentido único e unilateral para um “sim” e para um “não”, representam um problema para a AD, porque “a língua é sujeita ao equívoco [...] a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem os discursos, já estão prontos e acabados” (ORLANDI,

2015, p. 35): “É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz. E o faz não ficando apenas nas evidências produzidas pela ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 51).

A partir da negação nos enunciados dos sujeitos do *corpus*, pode-se perceber quando o sujeito é interpelado por uma ideologia “estranha” à da FD religiosa, pois a negação no discurso se abre para sentidos conflitantes com os esperados e se configura, assim, como um ato de resistência:

se a interpelação é o princípio de funcionamento do discurso, a quebra do ritual e o surgimento da resistência, mesmo sendo movidos por um outro chamamento, esburacam a memória e estilhaçam o acontecimento; é porque a interpelação existe que a falha pode adquirir espessura, contrapor-se e apontar para a emergência polêmica, derrisória e positiva que indicia outro (ac)ordo e outra ordem. Dito de outro modo, a interpelação e a resistência fazem parte do mesmo processo e a segunda logra, muitas vezes, provocar fraturas duradouras na primeira: se não fosse assim, o desenvolvimento de processos históricos não aconteceria (CATTELAN, 2019, p. 188).

Na perspectiva de Maingueneau (1997), a negação é bidirecional, pois um enunciado negativo movimentando duas proposições: a saber, a proposição negativa e uma outra, anterior a ela, que é negada. Nesse sentido, interessa para o estudo analisar o que há de plural no discurso das mulheres, quando elas negam algo e que outros efeitos de sentido se fazem presentes, mostrando-se relevantes enquanto denúncia das condições de produção em que estão inseridas.

Esse autor cita dois tipos de negação: uma descritiva e outra polêmica. A primeira apresenta o estado das coisas no mundo: “*Não há uma nuvem no céu [...]* pode ser parafraseado com o auxílio de um enunciado positivo do tipo *o céu está absolutamente limpo*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 82); a segunda, de acordo com ele, tem laços de privilégio com a AD: é um ato de contestação, uma típica oposição a uma proposição anterior: “‘Este mundo não é branco’: trata-se, aqui, de um verdadeiro ato de negação, de refutação do enunciado positivo correspondente e fala-se, neste caso, de negação *polêmica*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 82), isto é, contesta-se e se nega uma afirmação primeira de que o mundo é branco.

Ao tratar de polifonia, Ducrot (1987) contesta o postulado da unicidade do sujeito, posicionando-se contrariamente a teorias que defendem cada enunciado ter um só autor. Ele critica a ideia de que um enunciado possua apenas uma voz como acredita a tradição linguística. De início, para já introduzir seu ponto de vista, ele cita

Ann Banfield, que, ao estudar o discurso indireto livre, concluiu que há nele um ponto de vista que não é o do autor do enunciado, mas sim de um outro a quem ela chama de “sujeito de consciência”.

Ducrot (1987) afirma que Banfield deveria perceber que há uma pluralidade de vozes no enunciado, segundo ele esse autor, ela não avança ao considerar, por exemplo, que “para um dado enunciado, só pode haver um sujeito da consciência, colocando de imediato no domínio do anormal os exemplos que fariam aparecer uma pluralidade de pontos de vista justapostos ou imbricados” (DUCROT, 1987, p. 162); além disso, ela não considera a presença de locutor quando “o sujeito de consciência não é o autor empírico do enunciado” (DUCROT, 1987, p. 162). Interessa para Ducrot a distinção que Banfield faz entre locutor (ou seja, o autor marcado no enunciado pela primeira pessoa) e o produtor empírico, o “ser que não deve ser levado em conta por uma descrição lingüística preocupada somente com indicações” (DUCROT, 1987, p. 162); mas critica o fato de ela considerar que só há locutor se o ponto de vista for o mesmo do sujeito de consciência. Segundo ele, esse “princípio não tem outra justificativa, a meu ver, senão salvar uma unicidade admitida a priori como um dado de bom senso: não se pode, em um enunciado que se apresenta como próprio, exprimir um ponto de vista que não seja o próprio” (DUCROT, 1987, p. 162-163).

Traçando um paralelo com o estudo, considera-se que o autor do enunciado, em AD, é o sujeito que tem a ilusão de ser fonte do discurso, de ter o domínio do que diz e domínio do sentido, enquanto o “Sujeito da Consciência” remete ao Outro/Sujeito. Em relação a esta pesquisa, a mulher (que seria a autora do enunciado para Ducrot), ao usar a negação, não percebe que revela mais do que gostaria ou deveria de acordo com a FD religiosa (sem ter controle dos sentidos, manifesta, conforme Ducrot, o ‘sujeito de consciência’), mostrando que não há unicidade no discurso, porque o sujeito é clivado: tem-se uma mulher que se imagina submissa, mas seu discurso polêmico, percebido pela negação, contraria a ideologia dominante e marca um sujeito com atitudes que não coincidem com submissão.

No campo da Psicanálise, as considerações de Freud sobre a negação também devem ser levadas em conta. Embora não tivesse percebido a relevância de suas observações sobre a negação durante o processo analítico de seus pacientes, elas estão entre suas contribuições para a Psicanálise e para outros estudos:

Não deixa de ser intrigante o desdém com que Freud fala de algumas

de suas pequenas obras-primas, entre as quais as cinco páginas de *A Negação*, até hoje fecundas e estimulantes para os estudiosos das mais diversas filiações pós-freudianas (CARONE, 2014, p. 8-9).

No que se refere à AD, importa resgatar a negação na visão de Freud, dentre outros motivos, pelo fato de a linguagem não ser transparente. Assim, pretende-se observar, a partir desta perspectiva, que atenta para o inconsciente, o que há de polêmico e contraditório (CATTELAN, 2019) no não-dito ‘y’ (ORLANDI, 2015), isto é, no ‘Sujeito da Consciência’ (DUCROT, 1987), ou seja, o que os sujeitos do *corpus* sustentam ao negar e que não está na materialidade discursiva como algo que pode, como um ato de resistência, representar, inclusive, ruptura com relação às evidências da ideologia que domina a FD religiosa desse sujeito:

A evidência, produzida pela ideologia, representa a saturação dos sentidos e dos sujeitos produzida pelo apagamento de sua materialidade, ou seja, pela sua des-historicização. Corresponde a processos de identificação regidos pelo imaginário e esvaziados de sua historicidade. Processos em que perde-se a relação com o real, ficando-se só com (nas) imagens. No entanto há sempre o incompleto, o possível pela interpretação outra (ORLANDI, 2015, p. 53).

É essa ‘interpretação outra’ a que se pretende chegar, quando se observa a negação no *corpus*, que, segundo Freud (2014), pode corresponder a uma rejeição a algo, como é possível perceber na fala de um dos pacientes do psicanalista: “Agora o senhor vai pensar que quero fazer algo ofensivo, mas realmente **não tenho** essa intenção” (FREUD, 2014, p. 18-19 - grifo nosso), em que o sujeito nega (rejeita) uma ideia emergente; ou ainda:

‘O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa do sonho. Minha mãe não é’. E nós retificamos: logo, é a mãe. Na interpretação tomamos a liberdade de desconsiderar a negação, extraindo o puro conteúdo da ideia. É como se o paciente tivesse dito: ‘Na verdade foi minha mãe que me ocorreu com relação a essa pessoa, mas não tenho a menor vontade de admitir essa ideia’ (FREUD, 2014, p. 18-19).

Estes eventos mostram que Freud desconsidera a negação, ficando com o ‘puro conteúdo’: no primeiro caso, o paciente teve sim a intenção de ser ofensivo; no segundo, ‘é a mãe’ a quem o sonho se refere. A negação é, portanto, uma condição que expõe o inconsciente: “Não há prova mais forte de que conseguimos descobrir o inconsciente do que quando o analisando reage com a frase: ‘Isso eu não tinha pensando’; ou ‘Nisso eu não tinha pensando (nunca)’” (FREUD, 2014, p. 29); a

negação abre caminho para aquilo que está reprimido e que não é aceito: “A negação é um modo de tomar conhecimento do reprimido; na verdade já é um **levantamento** da repressão, mas naturalmente não a aceitação do reprimido” (FREUD, 2014, p. 20-21 - grifo nosso); a partir da negação se tem acesso ao inconsciente e se pode conhecer o que a mulher do *corpus* não pode expressar enquanto sujeito evangélico que é.

Quanto a isso, em Freud, a palavra ‘levantamento’ vem da seguinte tradução: “‘*Aufhebung*’ significa levantamento, superação, suspensão, cancelamento, revogação. Optamos por cancelamento por já ser consagrada a expressão ‘levantamento da expressão’” (CARONE, 2014, p. 19). Seus sinônimos atestam um estado de resistência; entende-se, portanto, que as mulheres do *corpus*, ao negar, mesmo sem se darem conta, estão revogando uma ordem de coisas. Segundo Freud (2014) a negação é a dissociação do processo intelectual do processo afetivo e assim é possível entender que o sujeito do *corpus* nega para se manter de acordo com sua FD, o que corresponderia ao processo intelectual; o afetivo seria a resistência. Essa situação se assemelha ao que Safatle (2014, p. 37-38) acredita que Freud sugere na discussão sobre negação:

Freud sugere estarmos atentos à maneira como certas resistências aparecem no interior de situações clínicas. Elas têm normalmente a forma: ‘Você acredita que direi algo de ofensivo, mas não é o caso’, ‘Você acredita que essa mulher em meu sonho é minha mãe, mas não é verdade’. Não se trata aqui de toda e qualquer negação, mas aquela que parece implicar a posição do analista na fala do paciente ou, se quisermos, daquela negação feita por um paciente cuja fala se deixa abrir as oposições pressupostas pela posição do analista.

Fazendo uma analogia com a AD, por determinar o que pode e dever ser dito, a FD seria o analista para o sujeito discursivo, já que, como o paciente organiza o discurso pensando no analista, o sujeito discursiviza de acordo com a FD. Desse modo, o sujeito pode usar a negação para atender, mesmo que inconscientemente, a esses parâmetros. Entretanto, “Negar algo no juízo no fundo significa: isto é uma coisa que eu preferiria reprimir” (FREUD, 2014, p. 22) e o ‘puro conteúdo’ expõe o estado afetivo do sujeito, o verdadeiro sentimento em relação à sua condição, à sua posição-sujeito, que pode ser de revelia, mas que foi silenciada. Por isso, o ‘puro sentido’ vem, por exemplo, como ato de resistência.

Freud aborda ainda a condensação, “um *juízo negativo* sobre um determinado conteúdo de representação” (FREUD, 2014, p. 21) que coloca a repressão no nível intelectual, sendo o “não” sua maior evidência e o responsável por o pensamento se tornar livre: “Por meio do símbolo da negação, o pensamento se liberta das limitações da repressão” (FREUD, 2014, p. 22). Neste caso, quando as mulheres negam, o seu discurso expõe o recalque que as incomoda e as oprime e que não poderia ser dito na FD religiosa e, portanto, está silenciado, porém significando e esfacelando amarras da ideologia dominante. Assim, de alguma forma e em algum momento, a negação enfraquece a interpelação ideológica da FD dominante que a leva à submissão. Ao mesmo tempo, importa que “a criação do símbolo da negação permite ao pensamento um primeiro grau de independência das consequências da repressão e com isso também da coação do princípio do prazer” (FREUD, 2014, p. 29), pois negar expõe a insatisfação e a frustração pessoais e, além disso, expõe o desejo de ser livre do discurso opressor de dominação masculina da FD religiosa. Neste capítulo, tem-se o objetivo de, a partir da negação, observar o *corpus* e verificar onde o discurso falha, onde há denúncia, onde há contradição e onde há insubmissão.

4.1 IDEOLOGIA E RESISTÊNCIA: UMA RELAÇÃO PARADOXAL

Refletir sobre a ideologia de uma FD por meio da qual o discurso, via religião, dita comportamentos, formas de se relacionar e regras para as mulheres, levando-as à submissão e interferindo em seu percurso histórico, parece, a princípio, considerar a ideologia como lugar de aprisionamento, campo ditatorial irreduzível e inabalável. Entretanto, diferentemente disso, Pêcheux chama à reflexão para os

processos ideologicamente heterogêneos, contraditórios, assimétricos e deslocadores, considerando-os relacionados a transformações práticas, que aparecem perante os nossos olhos nas formas sócio-históricas da subjetividade, nos métodos organizacionais de lutas, na percepção dos acontecimentos e nos registros da discursividade (PÊCHEUX, 2015b, p. 118).

Não há, assim, ideologia dominante que não sofra o impacto da contradição, da diferença, do questionamento e da dúvida, pois a resistência se institui enquanto algo inevitável: para toda postura, há uma postura contrária; para todo discurso, há um contradiscurso. A ideologia, pois, não é aprisionamento; é um campo paradoxal.

A contradição, segundo Pêcheux, não vem de cima, ou seja, não vem da ideologia dominante, por esta não acreditar em sua fragilidade e, por isso, não a questionar:

Deve-se questionar essa fragilidade do pensamento, que não vem 'de cima', na consciência das elites, que acredita se dirigir ao privilégio das proposições (conceituais, claras e distintas), Mas sim, 'de baixo' de atos incontáveis, contraditórios, que encontram sua via (voie) e sua voz (voix) nos campos intermediários...Uma roda de diferentes matérias brutas ideológicas do cotidiano, que podem trazer à tona diferentes acontecimentos, movimentos e intervenções de massa, mas que sempre fazem fronteiras provisórias, sem garantias, e sem demarcações *a priori* (PÊCHEUX, 2015b, p. 118).

No *corpus*, essa voz que instaura o paradoxo vem do sujeito subjugado pela dominação masculina, oprimido por uma crença de inferioridade, de fragilidade, de ser destinado à servidão e à submissão. Esse sujeito está atrelado à FD religiosa e, muitas vezes, reproduz seus preceitos ideológicos. Para Bourdieu (2012) a reprodução da dominação masculina se deve, principalmente, à família, à igreja e à escola, elas são responsáveis por perpetuar a diferenciação entre homens e mulheres. Entretanto, de acordo com Cattelan (2019), independentemente da instituição que garanta sua manutenção, a ideologia dominante não está livre de ataques:

a reprodução ideológica, com tudo o que ela acarreta, por mais instituições, ou aparelhos, ou estratégias, ou maquinarias de que disponha para se manter coesa e inteira, não é infensa às investidas que a atacam e produzem rupturas, obrigando-a a determinadas revisões, ainda que, no mais das vezes, elas sejam superficiais e forcem apenas a concessão de parte para que o todo permaneça inteiro e resistente. Mas a resistência é da ordem do discurso e, frente às constrições que ele estabelece, ela se corporifica em pequenos lances que provocam fissuras e brechas nas leituras instituídas. (CATTELAN, 2019, p. 189-190).

No que se refere a uma das instituições responsáveis sobre a reprodução da dominação masculina, está a igreja. Para Bourdieu (2012, p. 103), ela é

Marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir, do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais principalmente pelo dogma da nata inferioridade das mulheres.

Com disso, o sujeito inferiorizado, ao mesmo tempo que reproduz a ideologia dominante, mostra-se insatisfeito e a ataca, resistindo: “A resistência se faz por meio de ataques pontuais contra este ou aquele princípio da couraça, que busca, é verdade, inibir a revisão de seus ditames (CATTELAN, 2019, p. 189).

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento de submissão. Porém, por mais exata que seja essa correspondência entre as realidades, ou os processos do mundo natural, e os princípios de visão e de divisão que lhes são aplicados, **há sempre lugar para uma luta cognitiva** a propósito do sentido das coisas do mundo e particularmente das realidades sexuais (BOURDIEU, 2012, p. 22 - grifo nosso).

O sujeito do *corpus*, como qualquer sujeito dividido e clivado, mostra que não é apenas alguém do tipo “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não”, pois, apesar de “reproduzir” aquilo que o domina, quando, por exemplo, supõe “aceitar” a posição sujeito que a ideologia dominante lhe impõe, seu discurso também carrega resistência à sua realidade: “é através da assunção de negação que sujeitos procuram dar conta da natureza conflitual de seus desejos” (SAFLATE, 2014, p. 42).

4.2 NEGAÇÃO E ESFACELAMENTO IDEOLÓGICO: DISCURSO DE REVOLTA, INSATISFAÇÃO E DENÚNCIA - UM ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E RUPTURA

A seguir, são analisados os enunciados E8, E9 e E10, de Tannure; eles são recortes de pregações da pastora, nos quais as negações foram observadas:

E8: ‘Helena, como você consegue conciliar? Como é que vc consegue ser esposa, cuidar de 4 filhos ser dona de casa e ainda viajar todo final de semana ministrando?’ De uma maneira bem simplista eu respondo: eu não consigo pela minha própria força, eu consigo porque eu estou fazendo a vontade de Deus. Quando a gente está fazendo a vontade de Deus, Ele nos capacita de uma maneira sobrenatural. Quando eu olho pra trás e vejo a jornada que eu tive com meus filhos pequenos, que hoje minha caçula tem 12, a minha primogênita tem 20, o Miguel tem 17 e o Arthur tem 15. Então hoje eles estão mais resolvidos. Mas quando eles eram pequenininhos, eu atuava no ministério Diante do Trono e as pessoas faziam a mesma pergunta. ‘Como é que você consegue conciliar, Helena?’ Eu tinha convicção, eu consigo conciliar

não. É porque Deus tem um propósito, quando ele tem um propósito ele faz, né?⁷⁷

Em E8, Tannure discorre sobre sua carreira ministerial e sua relação familiar. Seu discurso mostra que, por trabalhar para a igreja no Grupo Diante do Trono, ou atuar como pastora, é questionada sobre seu papel de mãe e de esposa. A indagação sobre como consegue conciliar as atividades da igreja com a família é feita em dois momentos, conforme as SDs de E8 a seguir: no momento atual, no qual ela responde com a negação ‘eu não consigo pela minha própria força’; e, quando os filhos eram pequenos, com a negação ‘eu consigo conciliar não’. A partir dessas negações, o discurso outro que pretendia silenciar, de uma dependência em relação ao Outro, está colocado, respectivamente, sob a forma afirmativa, como pressuposto: ‘eu consigo pela minha própria força’ e ‘eu consigo conciliar sim’. O discurso recalcado que o inconsciente de Tannure expõe, via pré-construído, é que, independentemente da crença da FD religiosa de que uma figura divina capacita as pessoas a vencerem obstáculos por estarem fazendo o que agrada a Deus, a pastora, no fundo, acredita que, sozinha, deu conta do trabalho ministerial e da criação dos filhos. Nesse caso, o que o inconsciente revela, por meio da denegação, é contrário ao que ela afirma no intradiscurso de E8, na SD: ‘Quando a gente está fazendo a vontade de Deus, Ele nos capacita de uma maneira sobrenatural’ e vai ao encontro de um esforço pessoal, solitário, humano, conforme ela expressa na SD de E8 ‘Quando eu olho pra trás e vejo **a jornada que eu tive** com meus filhos pequenos, que hoje minha caçula tem 12, a minha primogênita tem 20, o Miguel tem 17 e o Arthur tem 15’. Esse discurso da pastora distancia o divino da ‘jornada’ ao colocar o ‘eu’ como centro e denuncia a omissão do companheiro nesse percurso feito por ela.

A partir da negação, Tannure mostra, sem que o queira, que a fé mascara a vida assoberbada, ou seja, é algo que afeta o mundo das crenças, mas não redime a prática, pois é Tannure que resolve e concilia tudo. O fato de ser líder religiosa e de estar à frente de um trabalho ministerial não a isenta do que se espera dela e de sua função na família, conforme a FD religiosa. O puro conteúdo denuncia a sobrecarga de trabalho e de responsabilidades, pois, enquanto mulher, o cuidado sobre o

⁷⁷ TANNURE, Helena. Postagem E2 - O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EfYR_dHfVpY. Acesso em: 25 jan. 2020

ambiente privado é cobrado independentemente de suas atividades na vida pública. O que Tannure conta a aproxima da Enunciadora de E2, repostada aqui:

E2: Eu trabalhei fora, hoje faz 1 ano e meio que estou em casa virei dona de casa por amor, não que meu emprego não faz falta. O que não faz falta é ter que sair mais cedo do trabalho pra resolver questões familiares .Não faz falta deixa meus filhos doentes com terceiros porque tinha que cumprir jornada de trabalho. Agora estou em casa onde havia bagunça hoje esta tudo sobre controle as dívidas são as mesmas. Mas meus filhos tem mãe em casa na rua na escola no pediatra ...Meu marido tem esposa pra sair, preparar o jantar, cuidar, conversar. .Minha casa tem dona ..Amo a submissão é tirar um fardo que não é nosso ...agradeço a Deus porque estou aprendendo!!
78.

De ambas, é exigido o cuidado do ambiente familiar; no entanto, o que as diferencia é que Tannure não abandona seu trabalho alheio ao lar, sua vida ministerial, que lhe permite reproduzir um discurso capaz de manter e de aprisionar sujeitos aos limites da FD religiosa, o que facilita a divulgação de produtos religiosos, uma vez que os púlpitos que ocupa, devido ao ministério, possibilitam à pastora contato direto com as possíveis consumidoras. Embora Tannure seja pastora, por ser mulher, é cobrada pela “jornada” da vida privada, algo que não ocorre, necessariamente, quando se refere a um líder masculino, pois a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos, tratando-se de uma FD religiosa, patriarcal, recai sobre mulher.

Marcas linguísticas no intradiscurso de E8, como ‘não’ e ‘né’, parecem levar ao ‘puro conteúdo’ que aponta para o esforço pessoal de Tannure. Na SD de E8 ‘Eu tinha convicção, eu consigo conciliar não. É porque Deus tem um propósito, quando ele tem um propósito ele faz, né?’, o significante ‘não’ aparece somente no final do período. Tannure não o coloca em destaque; seu discurso tende a uma afirmação, pois, somente no final, surge a negação. Ademias, a expressão ‘né’, nas condições em que o discurso outro leva a uma denúncia sobre a vida sobrecarregada da pastora, extrapola a linguagem fática e não se trata somente de um recurso para envolver o interlocutor; há, nela, a necessidade de confirmação do outro sobre o que diz e Tannure parece querer convencer ou se convencer de que não fez tudo sozinha. Não convencida, no entanto, parece pretender recalcar, ou para evitar conflitos ou, mesmo, por conveniência, devido à sua posição-sujeito de pastora e ao que tem conquistado

⁷⁸ TANNURE, Helena. Postagem E2 - O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EfYR_dHfVpY. Acesso em: 25 jan. 2020.

com isso: lucros provenientes da empresa de roupas (República das Saias), das redes sociais, dos cursos *on-line*, dos livros etc.

Contudo, o que Tannure silencia e é trazido pelo puro conteúdo das negações mostram rupturas na medida em que ela, ao se propor defender a ideologia da FD religiosa, impõe regras sobre o gênero feminino que ela mesma não cumpre. O esforço de Tannure por conciliar tantas obrigações, revelado pelo recalque do inconsciente por meio da negação, rompe com a FD religiosa por afastar o divino de suas superações e minimiza a crença na dependência de Tannure em Deus, por, sem que o deseje, atribuir para si, para sua força e para sua capacidade o sucesso de suas conquistas. Abre-se, pois, um espaço de desconfiança e de descrença sobre seu ministério e sobre o fato de que, conforme a SD de E8, 'Deus tem um propósito' para o ministério dela, visto que se beneficia financeiramente com o que faz.

Tannure fez e faz para si uma carreira promissora. Hoje, dentro da FDR, é um nome, um ministério, uma autoridade religiosa e uma referência para os evangélicos, o que impulsiona a divulgação, a venda e o consumo de seus produtos com temáticas que interessam à FD dominante. Ela é uma mulher que detém poder aquisitivo e poder de convencimento e que se empoderou ao ponto de conquistar a posição sujeito de pastora, que é, neste caso, predominantemente masculina. Porém, contrariamente à sua posição, ela prega para as suas seguidoras que a mulher desejar poder é algo negativo, conforme é possível perceber em E9 as seguir:

E9: Ahh...poder, a gente sempre quer poder! A gente quer mandar. E quando uma mulher manda, gente, Jezabel⁷⁹ domina! Acabe⁸⁰ se

⁷⁹ Tannure, pautada em efeitos de sentido que a FD religiosa tem sobre Jezabel, usa a personagem bíblica para rechaçar a mulher que pretende ter autoridade e poder no casamento. Segundo relatos bíblicos "Jezabel era uma princesa dos sidônios que se casou com o rei Acabe. Esse casamento ocorreu como um tipo de compensação pela hostilidade de Damasco contra Israel, num acordo promovido por Onri, pai de Acabe, para reafirmar uma aliança entre Tiro e Israel (cerca de 880 a.C.). Jezabel foi uma devota de Baal-Melcarte, o deus cultuado na Fenícia. Quando casou-se com Acabe, foi feito um tratado para que ela pudesse continuar adorando o seu deus nativo também em Samaria, seu novo lar (1 Reis 16:31-33). Jezabel convenceu Acabe para que ele edificasse santuários para o culto ao seu deus. Com isso, ela trouxe centenas de sacerdotes e profetas de sua religião pagã para dentro de Israel. Ela contava com quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e quatrocentos profetas da deusa Asera (1 Reis 18:19). A rainha Jezabel tinha personalidade forte e dominante. Além de seu fanatismo religioso, ela era impulsiva e violenta. Sua principal exigência era que seu deus tivesse os mesmos direitos do Deus de Israel perante o povo. Jezabel então começou a perseguir os profetas do Senhor. Assim, ela mandou matar todo aquele que se pusesse contra suas práticas idólatras (1 Reis 18:4). A narrativa bíblica claramente nos mostra que ela exercia forte influência sobre Acabe, pois o rei permitia que Jezabel agisse conforme desejasse" (CONEJERO, Daniel. Quem foi Jezabel na bíblia?). Disponível em: <<https://estiloadoracao.com/quem-foi-jezabel/>>. Acesso em: 19 set. 2021.

⁸⁰ A pastora usa a personagem do rei Acabe para argumentar a favor da FDR no sentido de a mulher não ter poder sobre o homem, pois a história é sobre a derrocada do rei, que foi influenciado por Jezabel e a deixou introduzir em Israel seus deuses. Isso foi motivo para que ele fosse destruído, uma vez que

manifesta. ‘Ah...meu marido, Helena, o meu marido é um banana!’. Não, ele não é um banana. Ele tem uma Jezabel em casa. Quando uma mulher é sábia, ela eleva esse marido, ela levanta ele. Ela encoraja ele. Ela dá pra ele a posição de autoridade que ele tem sobre ela⁸¹.

Em E9, o sintagma ‘a gente’ poderia ser significado apenas como um recurso linguístico capaz de atrair o sujeito ouvinte para o enunciado, a fim de criar uma proximidade entre interlocutores; no entanto, ao enunciar na SD de E9 ‘A gente quer poder’, na verdade, ela forja uma situação de igualdade com suas seguidoras para buscar uma identificação entre elas: a pastora faria parte dessa ‘gente’, desse querer, que, supostamente, nem as seguidoras nem ela poderiam ter, visto que o poder cabe à figura masculina na FD religiosa. Assim a identificação com suas ouvintes, criada discursivamente pela pastora, não corresponde ao real, uma vez que ela tem poder. A suposta identificação cria uma cortina de fumaça para que suas seguidoras a vejam como igual e não reconheçam o poder que ela tem nas mãos.

Em E9, ao simular a voz de uma possível ouvinte, na SD ‘Ah...meu marido, Helena, o meu marido é um banana!’ e ao usar a negação na SD ‘Não, ele não é um banana’, Tannure produz a simulação de um discurso que resulta de vivência e se refere a uma voz interior, trazida pela negação e que revela a imagem sobre o próprio marido. Nesses discursos, seu universo pessoal, que não condiz com o que ela prega, escapa. Ou seja, o seu esposo não tem poder e nem é líder no relacionamento com ela: Tannure não é uma mulher acomodada, que esteja à margem da figura masculina. No discurso, o que está silenciado se entrega na falha.

O silêncio diz respeito ao efeito de sentido depreciativo sobre o homem fraco e sem iniciativa presente no puro conteúdo da negação de Tannure na SD de E9 ‘Ele não é um banana’, cujo discurso “y” é “Ele é um banana”, sendo a imagem depreciativa recalçada pelo sujeito feminino em relação ao homem que vai de encontro à FDR, pois a mulher deveria elevar e reverenciar o sujeito masculino. Essa depreciação via

perdeu a aprovação do Deus dos israelitas: **‘Acabe foi um rei de Israel, marido de Jezabel, que foi condenado por sua idolatria e suas más ações’**. Acabe cometeu muitos pecados e deixou sua esposa cometer atrocidades em Israel. O profeta Elias viveu no tempo do rei Acabe. Acabe era um rei poderoso e próspero, que fez várias grandes obras de construção. Mas ele fez o que Deus reprova e promoveu a idolatria em Israel. Influenciado por sua esposa, Acabe passou a adorar o deus Baal. **A Bíblia diz que ele foi pior que todos os reis de Israel que vieram antes dele!** - 1 Reis 16:32-33” RESPOSTAS BÍBLICAS - PERGUNTAS E REPOSTAS À LUZ DA BÍBLIA. **Quem foi Acabe?**. Disponível em: <<https://www.respostas.com.br/quem-foi-acabe/>>. Acesso em: 19 set. 2021.

⁸¹ TANNURE, Helena. Postagem E2 - O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EfYR_dHfVpY. Acesso em: 25 jan. 2020.

retorno do recalque marca uma ruptura, que repousa sobre o fato de que, embora a FD religiosa considere o homem como o cabeça da relação, o polo forte da família, aponta para a mulher como forte. Essa realidade se confirma na fala da pastora, quando enuncia, em SD de E9, que é a mulher quem ‘dá pra ele (o homem) a posição de autoridade que ele tem sobre ela’; em outras palavras: o homem não dispõe dessa autoridade; para tê-la, precisa que a esposa a conceda.

Embora, o discurso de Tannure procure corrigir seguidoras que tenham uma visão pejorativa do marido (já que toda FD determina o que pode e deve ser dito, como pastora ela não poderia dizer algo diferente que não fosse na direção de enaltecer o homem e colocar a mulher como submissa), seu inconsciente irrompe na FD dominante, ao mostrar que tanto ela quanto a suposta seguidora têm as mesmas imagens sobre o homem. Mais que isso, seu discurso eleva o feminino, ao apresentar uma mulher forte, incentivadora, capaz de motivar um homem fraco, como na SD de E9: ‘Quando uma mulher é sábia, ela eleva esse marido, ela levanta ele’, denunciando, nessa relação, uma inversão de poderes que corresponde ao real, mas que o discurso da FD religiosa dominante procura apagar, silenciar. Num discurso dirigido a homens, Tannure se posiciona da seguinte maneira:

Não é isso que vocês precisam, homens? Vocês não precisam se sentir respeitados? É tudo o que o homem precisa. O homem é prático, ele é objetivo, mas ele tem que se sentir que, quando ele entra na casa dele, as pessoas que estão debaixo da autoridade dele, acata essa autoridade. Ele tem que se sentir apoiado. Ele tem que se sentir ‘Você é o líder’, ‘Tamu junto!’. Mas hoje, o homem fala ‘Pau’, a mulher fala ‘Pedra’. ‘É o fim do caminho’ como diria Tom Jobim (ER2.12).

Atenta-se, em ER2.12, para o significante ‘sentir’, usado por Tannure, pois ‘sentir que é um líder’ não, necessariamente, tem o efeito de sentido de ser líder e ‘sentir respeitado’ não, necessariamente, é ser respeitado. Assim, cria-se uma situação em que o homem tem a sensação e a ilusão de ser, sem que seja. Desse modo, Tannure silencia que o sujeito masculino não é, de fato, líder nem, de fato, respeitado, como a FD religiosa defende que ele seja. Nesse momento, ela parece enunciar sobre sua própria relação matrimonial, ao deixar escapar que não se encaixa no padrão de mulher submissa, porque tem liderança maior que o esposo e, se há respeito a ele da parte dela, não é por submissão. A pastora se revela dissimulada por alimentar no homem essa falsa impressão e por ensinar as mulheres a fazerem o mesmo; uma paráfrase do conselho da pastora às seguidoras poderia ser “Mulheres,

deixem os homens pensarem que mandam”. Assim, evitam-se conflitos com eles e com a FD religiosa. Há, no discurso de Tannure, um discurso típico da masculinidade patriarcal, que gera o “reconhecimento” do homem por ser homem, para que ele não se sinta ameaçado, sem, contudo, ter, necessariamente, relação com sua identidade:

Nós sabemos que masculinidade patriarcal incentiva homens a serem patologicamente narcisistas, infantis e psicologicamente dependentes dos privilégios (ainda que relativos) que recebem simplesmente porque nasceram homens. Muitos homens sentem que a vida será ameaçada se esses privilégios lhes forem tirados, já que não estruturaram qualquer identidade essencial significante (hooks⁸², 2020, p. 107).

O discurso de Tannure mostra a busca de elevar o homem, o que deve ocorrer de forma ilusória. É o que prega: a mulher deve valorizar a figura masculina, mas indícios ratificam o que há no puro conteúdo, ‘Sim, ele é um banana’, denunciado pela negação, e revelam o posicionamento da pastora em relação à imagem masculina em geral. A falha no discurso de Tannure sobre o sujeito masculino mostra rachaduras e rompe com a memória de homem que se formou na FD religiosa, pois o sujeito discursivizado como o centralizador da família, o líder, o cabeça e o dominante é reconhecido em suas fraquezas e mazelas humanas, orientando o discurso para o efeito de sentido oposto, uma metaforização que o inconsciente não deixa passar despercebida. O real contraria a ideologia da FD religiosa.

A fratura da imagem do sujeito masculino, causada pela negação no discurso de Tannure ‘Ele não é um banana’, SD de E9, esfacela o ideário de homem enquanto sujeito superior. Em outros depoimentos, como nos enunciados E1, E4, E5 e E7, por exemplo, a reverência que a FD religiosa exige que a mulher tenha para com o homem se torna também questionável, visto que o discurso das mulheres denuncia homens religiosos mentirosos, indiferentes, desrespeitosos, violentos, controladores e abusivos. Eles são supostos líderes familiares que contrariam princípios da própria FD religiosa, que ordena que os “Maridos, amem cada um a sua mulher e não a tratem com amargura” (BÍBLIAON, Colossenses 3, 19) e que, “Do mesmo modo vocês,

⁸² ‘bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana nascida em 25 de setembro de 1952, no Kentucky - EUA. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é assim mesmo, grafado em letras minúsculas [...] numa frase da própria bell: ‘o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu’. Para ela, nomes, títulos, nada disso tem tanto valor quanto as ideias’ (SANTANA, Andréia. **bell hooks**: uma grande mulher em letras minúsculas. Disponível em: <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações” (BÍBLIAON, 1 Pedro 3, 7). A negação de Tannure, na SD de E9: ‘Não, ele não é um banana’, ao revelar a presença do discurso outro, reforça a evidência da ruptura na ideologia dominante: homens chamados à liderança são inaptos à posição de líder; essa crença só se mantém devido à cultura de dominação masculina e devido à cultura patriarcal prezada pela FD religiosa em pauta.

Nesse sentido, o discurso de Tannure de que a mulher com sabedoria apoia, respeita, eleva, levanta e encoraja o homem, conforme a SD de E9, revela que a posição de autoridade que ele tem sobre ela se refere apenas a um efeito construído discursivamente e sugere uma confissão da pastora de que ela age assim com o marido, a fim de caber dentro dos moldes da FD religiosa e ser bem aceita pela comunidade de mulheres e de homens evangélicos. Ao discursivizar a sua relação conjugal, a sua visão sobre o homem com autoridade, força e liderança sofre abalos, o que se repete, quando se observam outras negações suas, como ocorre em E10 a seguir:

E10: Uma vez uma pessoa me perguntou: ‘Como que é ser... estar em mais ênfase do que o marido?’ Eu falei assim... ‘Você não entendeu nada, eu não estou mais em ênfase, eu estou debaixo da liderança dele, ou seja, sem o João Lúcio, num tem o ministério da Helena. E eu estou aqui, sou uma com ele, então ele está aqui comigo também. Eu só vou nos lugares que ele deixa eu ir, ele que cuida da minha agenda, onde ele fala você vai, eu venho; onde ele fala num vai, eu num vou, eu não sou doida nem nada’⁸³.

Quando afirma ‘eu não estou mais em ênfase’, referindo-se à sua relação com o marido, Tannure procura atender às expectativas da FD em que está inserida. Ela produz o discurso no sentido de defender a imagem de família cristã patriarcal, na qual a mulher não deve se sobrepôr ao homem. Essa postura coopera para fixar suas seguidoras na posição-sujeito que a FD religiosa estabelece e não gera desconforto para o público masculino evangélico, cuja “autoridade” depende da postura do sujeito feminino. Uma atitude diferente de Tannure que revelasse fragilidades masculinas, que enaltecesse a autonomia da mulher e despertasse sua autonomia seria

⁸³ TANNURE, Helena. O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: <https://cutt.ly/8xK3ubA>. Acesso em: 25 jan. 2020.

contraditória com suas pregações, cursos *on-line*, livros etc., ou seja, com os produtos que comercializa, cujos temas são voltados à manutenção da estrutura familiar em que a mulher é submissa. Por isso, a necessidade de negar e silenciar o fato de se destacar mais que o marido, o qual também é pastor, mas tem função de adjunto da esposa, conforme é possível verificar quando Tannure diz ‘ele está aqui comigo’, sendo que “ele” está nos bastidores.

Porém, como todo “não” corresponde à negação de um “sim” (CATTELAN, 2019), o que precede a negação é o fato de Tannure se sobressair ao marido. Uma vez inserida em uma FD religiosa cuja ideologia rechaça essa possibilidade e tendo a vida financeira atrelada ao que defende essa FD sobre a relação conjugal, convém negar e não reconhecer a realidade, mas o inconsciente não apaga o recalque e a negação faz escapar o discurso velado, o discurso outro, o que está silenciado: ‘eu estou mais em ênfase’. As condições de produção confirmam o fato, pois, ao contrário do marido, Tannure tem representativo alcance nas redes sociais, como canal de *Youtube* com mais de novecentas mensagens⁸⁴, é empresária⁸⁵, autora de livros e é conhecida e apreciada por um grande público. A exemplo disso, pode-se comparar suas redes sociais, como conta no *Instagram*, comparada à do cônjuge, e constatar a diferença que há entre eles: ela com 1,5 milhões de seguidores; ele com 50,8 mil:

Figura 6 - Instagram de Helena Tannure



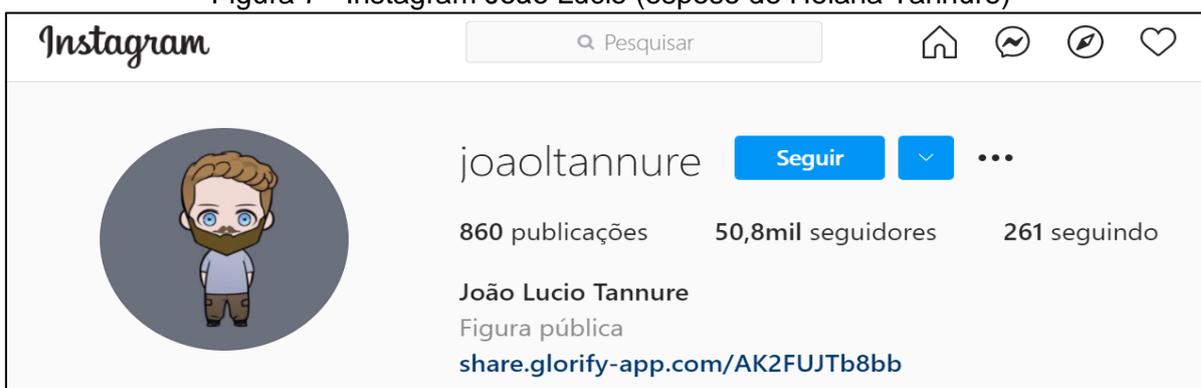
Fonte: INSTAGRAM⁸⁶

⁸⁴ TANNURE, Helena. *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/user/HelenaTannure/videos?view=0&sort=dd&shelf_id=0. Acesso em: 17 abr. 2021.

⁸⁵ TANNURE, Helena. Palavra na Loja Móvel da República das Saias! Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHagAxVJle0>. Acesso em: 04 jan. 2021.

⁸⁶ TANNURE, Helena. *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/htannure/?hl=pt-br>. Acesso em: 11 maio 2021.

Figura 7 - Instagram João Lúcio (esposo de Helana Tannure)



Fonte: INSTAGRAM⁸⁷

Para ainda exemplificar o destaque de Tannure em relação ao marido, há uma série de vídeos do casal intitulada “Pílulas para elas”, gravada pela pastora, com temas direcionados a mulheres, e “Pílulas para eles”, gravada por seu marido, com temas destinados a homens; ao todo são 112 pequenos trabalhos⁸⁸ com o mesmo formato, divididos entre eles. O alcance dos vídeos da pastora é mais significativo; ela, invariavelmente, recebe maior número de visualizações. No exemplo a seguir, em que os vídeos foram produzidos na mesma data, 6 de novembro de 2019, ela teve 10.091 visualizações; ele, 3.819.

Figura 8 - Vídeo de Helena Tannure: “Pílulas para Elas”



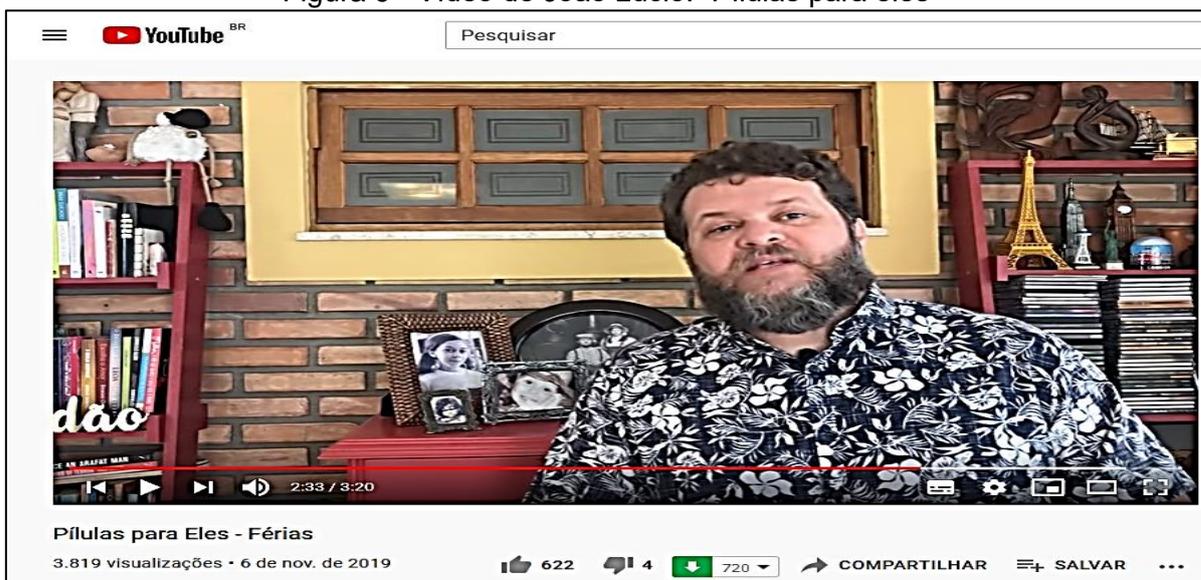
Fonte: Helena Tannure, Youtube⁸⁹.

⁸⁷ TANNURE, João Lúcio. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/joaoltannure/?hl=pt>. Acesso em: 11 maio 2021.

⁸⁸ YOUTUBE. Helena Tannure Oficial: playlists. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/HelenaTannure/playlists>. Acesso em: 22 maio 2021.

⁸⁹ TANNURE, Helena. Pílulas para elas. YOUTUBE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1640__cH14w&list=PL_n953GDK-N_-R0XtljY1Hrc5duuZlt2&index=4. Acesso em: 22 maio 2021.

Figura 9 - Vídeo de João Lúcio: “Pílulas para eles”



Fonte: Helena Tannure, *Youtube*⁹⁰.

O fato de Tannure ser nome requerido nos púlpitos das igrejas para ministrar suas pregações somado a fatos como esses comprovam sua evidência, percebida pela seguidora que questiona Tannure: ‘Como é que é estar em mais ênfase do que o marido’ e que, na sequência, a pastora rebate negando: ‘Você não entendeu nada’, mas o inconsciente de Tannure desmente: ‘Você entendeu tudo’. O real é que o marido trabalha para ela e administra seu sucesso, como ela mesma afirma: ‘ele que cuida da minha agenda’. Sendo assim, ela mesma comete um deslize. Ela está em mais evidência do que ele e não está em uma posição submissa: a negação mostra a ruptura.

Outra negação em E10 ‘sem o João Lúcio, num tem o ministério da Helena’ corresponde a outra falha, pois o inconsciente traz de volta o que ela quer esconder; o discurso outro denuncia: sem o marido, ‘tem o ministério Helena’, uma vez que os trabalhos de evangelização, de mídia e de relações comerciais giram em torno dela. Há uma gama de produtos comerciais que Tannure explora por meio da religião. Assim, entende-se que a empresária possui, além da ajuda do marido com relação à agenda, equipes de apoio nas áreas em que atua para administrar empresa de roupas, canais midiáticos, eventos, cursos, edição de vídeos etc.

⁹⁰ TANNURE, Helena. Pílulas para eles. YOUTUBE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nT0Y2X1xX6M&list=PL_n953GDK-N8g3DoG8HrMeC6rraht0IsH&index=4. Acesso em: 22 maio 2021.

Considerando este conjunto de observações, pode-se afirmar que Tannure rompe com a memória de mulher evangélica defendida pela FD dominante, porque é uma mulher de negócios, tem liderança e sobressai ao marido. Além disso, ter um ministério pastoral próprio também representa uma ruptura, pois atuar como pastora a coloca no âmbito da vida pública, quando a FD religiosa prioriza para a mulher o lugar privado, ou seja, dedicação ao marido, aos filhos e ao lar, prioridade que é insistentemente lembrada em suas pregações. Essa vida pública, que goza de bastante evidência, consequência de sua posição de pastora, representa um deslize e uma ruptura com a FD religiosa e, inclusive gera conflitos, uma vez que existem, entre evangélicos, divergências quanto a mulheres serem ordenadas para o ministério pastoral. Segundo Wolff (2017, p. 195), “Há comunidades de tradições presbiterianas, batistas, metodistas e pentecostais que não permitem o ingresso de mulheres ao ministério ordenado”. Posições contrárias à ordenação de mulheres, segundo Costa (2016), têm sua origem em versículos como:

34. permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei.
 35. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja (BÍBLIAON, 1 Coríntios, 14:34-35)⁹¹.

Conforme Zibordi⁹² (2021), as mulheres podem realizar trabalhos para Deus, mas não assumirem a função de pastoras, uma vez que isso seria uma forma de desvirtuar preceitos bíblicos para atender a posicionamentos pessoais:

Conquanto as mulheres sejam mencionadas com grande destaque nas páginas do Novo Testamento, aparecendo na linhagem e no ministério de Cristo (Mt 1.3,5,6,16; Lc 8.1-3), Deus priorizou os homens, em regra geral, no que tange ao pastorado e aos ministérios afins (Ef 4.8-11). Mas isso não significa que as mulheres não podem trabalhar para Deus. Todos os salvos, sem distinção, são cooperadores de Deus (1 Co 3.9). E precisamos aceitar a chamada soberana do Senhor para a nossa vida. Não devemos amoldar a Bíblia ao nosso modo de pensar nem às influências filosóficas prevaletentes

⁹¹ BÍBLIAON, 1 Coríntios. Disponível em: https://www.bibliaon.com/1_corintios_14/. Acesso em: 29 maio 2021.

⁹² “Ciro Sanches Zibordi é pastor, escritor, membro da Casa de Letras Emílio Conde e da Academia Evangélica de Letras do Brasil. Autor do best-seller “Erros que os pregadores devem evitar” e das obras “Mais erros que os pregadores devem evitar”, “Erros que os adoradores devem evitar”, “Evangelhos que Paulo jamais pregaria”, “Adolescentes S/A” e “Perguntas intrigantes que os jovens costumam fazer”, todos títulos da CPAD. É ainda co-autor da obra “Teologia Sistemática Pentecostal”, também da CPAD”. CEPADNEWS. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/cirozibordi/apologetica-cris ta/134/por-que-mulheres-nao-podem-ser-pastoras.html>. Acesso em: 20 maio 2021.

no mundo. Por mais que nos sintamos contrariados, devemos renunciar o nosso eu (Lc 9.23), a fim de obedecermos à vontade de Deus, que é boa, agradável e perfeita (Rm 12.1,2)⁹³.

Discursos como esses se repetem na FD religiosa dominante e estão pautados numa determinada regularidade. Segundo Anderson (2019, p. 296),

As funções rituais dentro do pentecostalismo permanecem, de modo geral, diferenciadas por gênero, com os homens realizando rituais públicos e as mulheres se responsabilizando pelos rituais privados, familiares. Assim, embora as mulheres possam liderar orações em família e criar seus filhos na fé pentecostal, isso é aceitável porque reflete seus papéis estereotipados de 'mãe' e 'dona de casa', papéis socialmente construídos. Quando se trata de officiar em público, as mulheres ficam frequentemente circunscritas e subordinadas. (ANDERSON, 2019, p. 296).

O puro conteúdo da negação em 'sem o João Lúcio, não tem o ministério da Helena' em E10, ou seja, que tem como contrapartida a afirmação 'sem o João Lúcio, tem o ministério da Helena', mostra a existência de uma realidade complexa e conflituosa com o meio evangélico pentecostal: um espaço eclesiástico patriarcal, portanto, de dominação masculina, que, baseado em justificativas teológicas, exclui as mulheres das tomadas de decisão (WOLFF, 2017). Nesse espaço de desigualdade de gênero, Tannure vê a necessidade de negar que seu ministério existe sem a presença do marido; porém, embora seja porta-voz da ideologia da FD religiosa, sem que o deseje, ela se alça e revela um tipo de mulher que não tem o perfil da mulher que ela ensina suas seguidoras a serem. Nesse sentido, não somente seu discurso apresenta ruptura, como ela própria, na posição de pastora, é um símbolo dessa lacuna, pois

Em poucos ambientes eclesiásticos esse fato é considerado natural. Muitos estranham ver mulher assumindo lugares e funções hierárquicas nas igrejas. Assim é, por exemplo, com a atuação das mulheres no pastoreio: mesmo nas igrejas que ordenam mulheres, não raro observa-se a preferência por homens nas funções de liderança das celebrações e da vida das comunidades. Por questões disciplinares, as comunidades parecem se resignar a aceitar a liderança feminina. Mas nem sempre a reconhecem efetivamente, pelo que não é incomum constatar a preferência por uma liderança masculina (WOLLF, 2017, p. 190).

⁹³ ZIBORDI, Ciro Sanches. Por que mulheres não podem ser pastoras?. Disponível em: <http://www.padnews.com.br/blog/cirozibordi/apologetica-crista/134/por-que-mulheres-nao-podem-ser-pastorasht>. m.l. Acesso em: 20 maio 2021.

O ministério pastoral de Tannure representa ruptura por lhe possibilitar áreas de atuação que a distanciam do universo privado, contrariando a ideologia dominante da FD religiosa, por lançá-la ao mundo dos negócios, dando-lhe independência frente ao marido, e por realçar sua ênfase em relação a ele. Assim, diferentemente de uma mulher do lar, Tannure causa deslocamentos. Religião para ela vai além de algo que dê conforto espiritual; ela se aproveita da fé de suas seguidoras para fins lucrativos: a pastora conquista conforto material, financeiro, com Instagram, canal no *Youtube*, DVDs, livros, cursos online, loja de roupas femininas para público evangélico, aplicativos etc.

Os cursos on-line são direcionados para mulheres, dentre os quais se podem citar o “Escola Fémininas”, no qual são trabalhados traumas, relacionamentos, autoestima etc.⁹⁴, e “Confraria de Mulheres”, no qual são abordados “temas sobre o universo feminino, etiqueta, moda, bem-estar, saúde da mulher, relacionamento, sexualidade, direitos da mulher e muitas outras coisas”⁹⁵:

Figura 10 - Anúncio Online do curso “Fémininas”



FONTE: Hotmart⁹⁶

⁹⁴ TANNURE, Helena. Escola Fémininas. Disponível em: <https://pay.hotmart.com/N7593442B?off=k5djlw6p&checkoutMode=10&bid=1616025191073>. Acesso em: 06 abr. 2021.

⁹⁵ HOTMART MARKETPLACE. Confraria de mulheres. Disponível em: <https://hotmart.com/product/start-now-empreededorismo-start/Y7688365R>. Acesso em: 22 maio 2021.

⁹⁶ HOTMART. Anúncio online do curso fémininas. Disponível em: <https://pay.hotmart.com/N7593442B?off=k5djlw6p&checkoutMode=10&bid=1616025191073>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Figura 11 - Anúncio Online do curso “Confraria de Mulheres”

Confraria de Mulheres - Alunas Fémininas

Negócios e Carreira
Cursos Online e Serviços de Assinatura

★★★★★ (14)



A "Confraria de Mulheres" é um ambiente 100% dedicado a mulher, em nossa área de alunas serão compartilhados novos conteúdos toda semana.

Falamos de vários temas sobre o universo feminino, etiqueta, moda, bem estar, saúde da mulher, relacionamento, sexualidade, direitos da mulher e muitas outras coisas.

O acesso é renovado a cada 12 meses, e ao completar um ano como aluna da confraria de mulheres, você receberá um certificado de cada ciclo de crescimento e aprendizado.

Invista em você e vamos avançar juntas nessa jornada!

[- Ler menos](#)



R\$ 297,00

ou em 12 x de R\$ 28,94* no cartão

[Compre agora](#)

★★★★★ (14)

- ✓ **Garantia de 7 dias**
- ✓ **Acesso pelo Hotmart Sparkle**

- Cursos Online e Serviços de Assinatura
- Português

Este é um produto digital, você receberá as informações para acessá-lo através do email.

[Já comprou? Acesse](#)

Fonte: Hotmart Marketplace⁹⁷

No que se refere a aplicativo, Tannure é uma das representantes do *Glorify* no Brasil (COMUNHÃO, 2021)⁹⁸.

Figura 12 - Anúncio online do aplicativo *Glorify*



Use bem as Ferramentas

15.803 visualizações • há 3 meses

Helena Tannure é Parceira Fundadora do Glorify, um novo aplicativo cristão para te ajudar em devocionais, estudo da Bíblia, orações, adoração e muito mais. Para baixar o aplicativo acesse <https://share.glorify-app.com/XH3rqa3...>

"Conecte -se com Deus todos os dias"

Fonte: YOUTUBE⁹⁹

⁹⁷ HOTMART. Anúncio online do curso Confraria de mulheres. Disponível em: <https://hotmart.com/product/start-now-empreendedorismo-start/Y7688365R>. Acesso em: 13 jun. 2021.

⁹⁸ COMUNHÃO. *Glorify*, o app para meditações e devocional diário. Disponível em: <https://comunhao.com.br/glorify-app-devocional-diario/>. Acesso em: 22 maio 2021.

⁹⁹ YOUTUBE. Anúncio online do aplicativo “*Glorify*”: use bem as ferramentas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cD3dzFVkf20>. Acesso em: 29 mar. 2021.

O *Glorify* corresponde a um aplicativo devocional, que disponibiliza conteúdos como: músicas, preces, reflexões, textos bíblicos, dentre outros materiais. Criado recentemente na Inglaterra (2019) pelos cristãos britânicos Henry Costa e Ed Beccle, seu objetivo é ajudar a pessoa a se manter conectada com Deus¹⁰⁰, mesmo que em uma sociedade carregada de cobranças e afazeres. Sobre o produto, a pastora faz o seguinte discurso de *marketing*:

Você usa as ferramentas tecnológicas para se aproximar de Deus? Não? Então quero sugerir a você ou se você já usa... 'Ah...eu uso sim, Helena, eu escuto pregações aqui no *Youtube*, eu tenho comunhão com outras igrejas!'. Tanta coisa boa pode ser feita, né? 'Eu faço cursos online!'. Maravilho! Agora eu tenho mais uma ferramenta pra te conectar diretamente com Deus, pra te ajudar no seu tempo devocional. É o *Glorify*. *Glorify* é um aplicativo onde você pode todos os dias receber uma palavra fresca, vindo direto do trono de Deus. Você tem reflexões, texto bíblicos, você também pode escutar orações, você pode fazer grupos de oração. Olha que fantástico isso! Você pode convidar pessoas lá do outro lado do mundo pra tá orando com você pra uma causa comum. Você pode também ouvir música, você tem acesso a Bíblia. Tudo dentro desse aplicativo: *Glorify*. 'E, Helena, o que eu preciso fazer?'. Só baixar. Vai lá e baixa seu aplicativo *Glorify* e não apenas o tenha em seu telefone, o primeiro passo é baixar o aplicativo, o segundo passo é fazer uso dele diariamente. Escolha essa ferramenta poderosa que te coloca em conexão com Deus. Faça bom uso dela. Eu tenho certeza que os efeitos serão sentidos na sua comunhão com Deus e com a igreja¹⁰¹.

Tannure, que a princípio deveria ser uma mulher envolvida com preocupações domésticas, trabalha com plataformas digitais. Ela alinha a tecnologia moderna a fins espirituais e, atenta à demanda do público, envolve as pessoas em algo supostamente promissor, visto que o país ocupa o segundo lugar em consumo de dispositivos móveis, perdendo apenas para a Indonésia: brasileiro passa, em média, três horas, por dia, usando aplicativos (SANTOS, 2020).

Seu olhar empreendedor também encontrou demanda na moda feminina evangélica e, aproveitando-se de sua própria imagem e do público já conquistado,

¹⁰⁰ COMUNHÃO. *Glorify*, o app para meditações e devocional diário. Disponível em: <https://comunhao.com.br/glorify-app-devocional-diario/> Acesso em: 22 maio 2021.

¹⁰¹ YOUTUBE. Anúncio online do aplicativo "*Glorify*": use bem as ferramentas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cD3dzFVkf20>. Acesso em: 29 mar. 2021.

abriu, em 2018, a empresa República das Saias, a qual, além de loja física, localizada em São Paulo¹⁰², é também *e-commerce* (YOUTUBE, 2018)¹⁰³.

Figura 13 - Página *facebook* da empresa “República das saias” (*e-commerce*)



Fonte: Republica das Saias *Facebook*¹⁰⁴

A pastora, sobre a loja, afirma:

O nosso desejo é que a República das Saias funcione, principalmente, como *e-commerce*, né? De saias. O que aconteceu, Carlinha?! É que, há uns quinze anos atrás, eu viajando, ministrando, as pessoas sempre me perguntavam ‘Onde você compra essas saias?’ Porque, no Brasil ... há cinco anos atrás, no Brasil, você não achava saia *midi* tão facilmente, né? E, às vezes, eu ficava toda sem graça, porque, como eu tenho mais oportunidade de sair do país, eu comprava lá fora e, às vezes, eu ficava tão constrangida de responder pras mulheres ‘Ah...eu comprei lá fora!’, Né? E aí eu comecei a pensar: ‘Gente! Por que eu não faço saia pra essas mulheres’ Porque as pessoas falavam ‘Helena, vai fazer camisetas?’ Não! Tem muita gente que faz camiseta já! Não precisa de mais um pra fazer camiseta! E saia me representa, Carla. Saia eu acho que é uma peça que resgata a feminilidade. Sabe,

¹⁰² CASA DOS DADOS. República das saias: *e-commerce*. Disponível em: <https://casadosdados.com.br/solucao/cnpj/republica-das-saias-ltda-29708942000100>. Acesso em: 22 maio 2021.

¹⁰³ YOUTUBE. Helena Tannure lança e-commerce da “República das Saias”, marca exclusiva para o público feminino, 2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5r_hOhzRKiU. Acesso em: 16 abr. 2021.

¹⁰⁴ REPUBLICA DAS SAIAS. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/RepublicaDasSaias/videos/?ref=page_internal. Acesso em: 13 jun. 2021.

que dá elegância e que é uma peça exclusiva do guarda-roupa feminino (YOUTUBE, 2018)¹⁰⁵.

Tannure, conectada ao mundo moderno, usa a tecnologia e os meios de comunicação a seu favor, avaliando a necessidade do sujeito evangélico diante das atuais condições de produção e, enquanto sujeito inserido no mercado de consumo, usando a fé/religião para obter lucratividade. Ao discursivizar sobre o aplicativo *Glorify*, ela aponta os benefícios de o cristão se aproximar de Deus e, ao falar de moda, escolhe como produto a saia, peça que, segundo Silva (2020), historicamente, no meio evangélico, representa mais que uma roupa, é um símbolo de identificação desse grupo feminino, usado para distingui-lo das demais mulheres, em um grupo no qual as roupas deviam, por exemplo, representar virtudes, modéstia e submissão.

As mulheres, em especial, têm grande preocupação em estarem vestidas de forma que represente conceitos implícitos na imagem da família perante a igreja: esposa responsável, mulher de respeito, feliz pela escolha de uma religião para criar seus filhos e exemplo para as demais pessoas que se inspiram em sua imagem que, no entendimento dessas mulheres, é transmitida não só pelo exemplo no dia a dia, mas também pela forma de se vestir. (SILVA, 2020, p. 12).

A saia resgata essa memória e Tannure, ao afirmar ‘Saia eu acho que é uma peça que resgata a **feminilidade**. Sabe, que dá **elegância**’, associa essa memória à moda, flertando com o lado emocional do público, com a vaidade e com a auto-estima: Dessa maneira, a vestimenta, por ir ao encontro dos anseios desse público e da FD religiosa, atende também aos propósitos financeiros de Tannure. Nesse sentido, Souza (2004) reflete sobre a magia do mercado e da religião. Para ele, embora, inicialmente, a relação tenha sido de conflito, visto que uma atendia ao material e a outra ao espiritual, elas partilham do mesmo interesse, a suposta busca da transcendência: “Em ambos os casos, quer no reino do consumo material, quer no consumo espiritual, a magia sempre foi considerada eficaz no campo da manipulação simbólica” (SOUZA, 2004, p. 75). Tannure faz esta ponte entre o material e o espiritual, quando divulga o *Glorify*, ao exortar: ‘Faça bom uso dela (a ferramenta *Glorify*). Eu tenho certeza que os efeitos serão sentidos na sua comunhão com Deus’, argumentando que o consumo do aplicativo, um bem que atende a interesses de

¹⁰⁵ YOUTUBE. Helena Tannure lança e-commerce da “República das Saias”, marca exclusiva para o público feminino. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5r_hOhzRKIU. Acesso em: 16 abr. 2021.

mercado, eleva a espiritualidade. Com a República das Saias, ela põe a mulher evangélica no mundo da moda, do *glamour*, da vaidade e do consumo, sem, porém, fazer que se sinta mundana; pelo contrário, faz com que se sinta adequada ao que a instituição religiosa impõe como vestimenta e se veja significada como uma mulher, dignamente, paramentada.

Embora negue (ou denegue) este efeito, Helena Tannure é uma ruptura na FD religiosa. Assumir a função de pastora a coloca em um mundo de supremacia masculina e machista, que ela contorna, atuando em pregações em seu ministério. Como se o fato de ser pastora não bastasse, por ser o centro de um conflito dentro da própria FD, ela é empreendedora. De acordo com Sousa (2004), a chegada da igreja de pentecostais ligados ao mundo dos negócios significou mudança nas relações religiosas. Antes havia “um tipo de devoto ordeiro, submisso e fortemente dependente da orientação de seus líderes religiosos” (SOUZA, 2004, p. 97). Com essas pessoas, veio também a crença de que “a idéia (sic.) e as práticas de submissão a outros e não somente a Deus produz sensação de impotência” (SOUZA, 2004, p. 97). No caso de Tannure, envolvendo ambiente familiar, ministério pastoral e atuação no mercado, o termo ‘impotência’ não é um significante adequado e, embora Tannure seja um sujeito interpelado por discursos de insubmissão, a negação não apaga (ao contrário, revela) o fato de ela ser uma mulher forte, autônoma e com iniciativa. As atividades de Tannure justificam o puro conteúdo movimentado em E10: ‘Sim. Eu estou mais em ênfase’ (que o marido); e em E8: ‘eu consigo pela minha própria força’. Por ser uma mulher que realiza projetos, entende-se o que está recalcado em Tannure, que vem à tona por meio da negação, como quando alguma seguidora reclama que o marido não tem iniciativa e o inconsciente da pastora denuncia o que, de fato, pensa do homem, o que inclui o próprio marido, conforme se vê em E9: ‘um banana’.

Não há na pastora nem submissão nem reverência à imagem masculina, como afirma a FD religiosa. Há em Tannure um discurso heterogêneo e contraditório, materializado na discursividade por meio da negação, que movimenta e desloca as arestas ditatoriais da ideologia dominante, apresentando polêmica e contradições. O sujeito Tannure, na posição de mulher e de pastora, abala a dominação masculina e permite inferir que a ideologia é um campo paradoxal (PÊCHEUX, 2015b).

A seguir, serão analisadas as negações presentes nos depoimentos das seguidoras de Tannure, os quais compreendem aos demais enunciados: E2, E3, E4, E5, E6 e E7. Abaixo, tem-se E2, já mencionado anteriormente, repetido para facilitar

a retomada do *corpus*, em que o sujeito declara que deixa de trabalhar fora para se voltar ao espaço privado, ou seja, para cuidar da casa e da família.

E2: Eu trabalhei fora, hoje faz 1 ano e meio que estou em casa virei dona de casa por amor, não que meu emprego não faz falta. O que não faz falta é ter que sair mais cedo do trabalho pra resolver questões familiares. Não faz falta deixar meus filhos doentes com terceiros porque tinha que cumprir jornada de trabalho. Agora estou em casa onde havia bagunça hoje está tudo sob controle as dívidas são as mesmas. Mas meus filhos tem mãe em casa na rua na escola no pediatra ...Meu marido tem esposa pra sair, preparar o jantar, cuidar, conversar... Minha casa tem dona. Amo a submissão é tirar um fardo que não é nosso ...agradeço a Deus porque estou aprendendo!!

106

Nesse depoimento, a mulher decidiu deixar o trabalho da esfera pública para se dedicar ao lar e apresenta várias justificativas a favor dessa “escolha”, na tentativa de defender sua atuação exclusiva na casa, na vida dos filhos e na do marido, por exemplo. Uma das justificativas consiste em dizer que a sua contribuição financeira, quando trabalhava fora, não era significativa para a economia familiar, conforme se constata em: ‘as dívidas são as mesmas’.

Ela procura defender o seu lugar no lar; entretanto, nesse discurso, embora não perceba, ao negar, revela duas posturas diferentes em relação à sua condição, pois, conforme discutido, uma FD sempre pressupõe outra FD (ORLANDI, 2015) e, ainda, um “não” expõe um “sim” enquanto contraparte polêmica (CATELLAN, 2019). Essa polêmica pode ser percebida por meio da negação presente na SD de E2: ‘Amo a submissão é tirar um fardo que **não** é nosso’ (grifo nosso).

Quando a mulher enuncia que ‘esse fardo não é nosso’, o significante ‘fardo’ tem efeito de sentido de peso, de problema, de dificuldades que ela encontra por estar trabalhando. O trabalhar fora, portanto, ganha um efeito de sentido negativo, porque é enunciado a partir de uma FD que postula que ele não é tão importante (ou mesmo importante) para a realização da mulher quanto dar conta de sua missão de ajudadora do marido e de mãe. Uma das posturas que se observa é ela se identificar com o que espera a FD religiosa, como atender primeiramente à família e à casa: obrigação que pode resultar em abandono de uma carreira e de uma vida profissional, como ocorreu com ela, por exemplo. Por outro lado, ela mesma afirma a necessidade de trabalhar

¹⁰⁶ TANNURE, Helena. Postagem E2 - O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EfYR_dHFVpY. Acesso em: 25 jan. 2020.

fora e a falta que isso faz, conforme ‘não que meu emprego não faz falta’, ou seja, a outra informação é contrária ao que espera a FD religiosa: ‘meu emprego faz falta’. Portanto ela sente a necessidade de trabalhar fora.

É possível perceber o conflito desse sujeito que, por um lado, minimiza a importância do trabalho público, ao dizer que o que ganhava não era significativo, já que, sem o seu salário, ‘as dívidas são as mesmas’, e procura estar em harmonia com a FD religiosa, ao aceitar a missão de mulher defendida por essa FD; e, por outro lado, afirma ‘não que meu emprego não faz falta’. Aqui, tem-se uma mulher que expressa o desejo de ter continuado sua ocupação para além do ambiente familiar, pois não queria abrir mão do trabalho. Mas a postura de a mulher voltar-se para o lar é balizada por textos bíblicos, que lhe atribuem a responsabilidade do bem familiar: “Toda mulher sábia edifica a sua casa, mas a tola derriba-a com as suas mãos” (BÍBLIA, Provérbios, 14: 1). Nesse caso, entende-se que, se a casa não vai bem, a mulher não foi sábia o suficiente. Diante disso, a mulher de E2 se vê obrigada a se livrar do ‘fardo’ e abandonar o trabalho é a saída para sua casa não ser destruída, pois, conforme enuncia em E2, não há bagunça na casa, os filhos têm a atenção da mãe e o marido tem companhia e comida na hora certa. Tannure reforça a visão negativa sobre a mulher trabalhar fora, ao afirmar, por exemplo, que

As famílias estão se degradando. A sociedade está doente. Por que vc tá falando isso tudo, Helena? Porque nós saímos da nossa posição em Deus! Quando a mãe vai traba...eu não tenho nada contra carreira profissional. Eu acho, aliás, que a mulher ela precisa de um lugar onde se realizar pessoalmente. Porque senão ela vai ser uma dona de casa, uma mãe, uma esposa, amarga, ela vai culpar os filhos e querer cobrar dos filhos tudo o que ela investe na vida deles. Mas acontece que o problema não está em trabalhar fora, está em levar o coração pra carreira. A família passou ocupar o segundo lugar no coração da mulher, principalmente depois do movimento feminista. O que aconteceu, a mulher saiu da sua posição, o homem saiu da sua posição. E os dois ao invés de funcionarem numa sinergia perfeita, numa unidade plena em Deus, eles passaram a disputar, pra provar quem é melhor, só que não tem melhores, são diferentes (ER1.19).

Nesse recorte de ER1.19, a pastora afirma que as famílias estão se degradando e culpa a mulher por isso, ao dizer que o motivo é ‘Porque nós [mulheres] saímos da nossa posição em Deus’. Segundo ela, a degradação ocorre pelo fato de a mulher deixar sua posição, que, nessa FD, é a de esposa submissa, de mãe e de dona de casa. E, na SD de ER1.19 ‘Quando a mãe vai traba...’, insinua que o trabalho

é uma das causas desse mal, mesmo sem completar o termo. O discurso da pastora, porém, mostra uma contradição, pois rechaça o trabalho feminino e coloca sobre a mulher a culpa por a sociedade estar doente, mas mostra uma posição favorável à vida profissional da mulher, conforme a SD de ER1.19 ‘eu não tenho nada contra carreira profissional. Eu acho, aliás, que a mulher ela precisa de um lugar onde se realizar pessoalmente’. A contradição do enunciado é a representação da contradição própria da condição de Tannure, que desmotiva suas seguidoras a atuarem fora do lar, mas ela própria enuncia a partir de uma posição pública, em que se realiza profissional e financeiramente, como pastora e empresária, e não somente como mãe, esposa ou dona de casa, conforme determina a FD religiosa. Além disso, segundo o discurso de Tannure, caso a mulher trabalhe fora, não tem o direito de se apaixonar pelo que faz, de se encantar pelo trabalho outro que não seja o do lar, como em: ‘Mas acontece que o problema não está em trabalhar fora, está em levar o coração pra carreira’.

Em ER1.19, a pastora novamente encaixa um discurso desmotivador para as ouvintes quanto à vida profissional do gênero feminino, que pode levar a abrir mão do trabalho para assumir a “missão” creditada à mulher pela FD religiosa. Para ela, com o trabalho, a mulher deixou a família em segundo plano e, por isso, conforme Tannure, segundo o que enuncia m ER1.19, ‘A família passou ocupar o segundo lugar no coração da mulher, principalmente depois do movimento feminista. O que aconteceu, a mulher saiu da sua posição, o homem saiu da sua posição’, ou seja, nas palavras da pastora, a vida profissional da mulher desestrutura a relação familiar patriarcal: homem e mulher saem de suas posições, o homem deixa de ser líder; ela, de ser submissa.

Percebe-se, pois, que o que Tannure ensina às mulheres é o contrário de sua realidade, pois ela não está na posição de esposa submissa voltada para o lar devido ao ministério como pastora e as oportunidades e benefícios que isso lhe proporciona. Seu envolvimento com a evangelização fez com que ela se destacasse e seu marido ficou menor; portanto, considerando o discurso, tanto ela quanto o esposo não estão na posição que a FD religiosa considera correta para eles: nem Tannure é submissa e nem se esposo, um líder. Assim, para que ele seja líder, “volte a sua posição” e se sobreponha, seria necessário ela abandonar o que obteve. As orientações de Tannure servem apenas para as ouvintes, visto que não coincide com o perfil de mulher que prega. Algo que ela insiste, interesseiramente, em negar.

A ordem discursiva da SD de ER1.19 ‘O que aconteceu, a mulher saiu da sua posição, o homem saiu da sua posição’, nessas condições de produção, estabelece uma relação de causa e consequência entre os enunciados. O intradiscurso, nesse caso, poderia ser reestruturado da seguinte maneira, mantendo o mesmo efeito de sentido: *O homem saiu de sua posição, porque a mulher saiu de sua posição primeiro*. Na visão de Tannure, que reflete o ponto de vista da FD religiosa, a mulher, por sair da missão, por trabalhar fora e/ou colocar o coração no trabalho, deixando a família em segundo plano, é responsável por homem e mulher não estarem em harmonia e por passarem, conforme a pastora afirma nas SDs de ER1.19, ‘a disputar, pra provar quem é melhor’ e não ‘funcionarem numa sinergia perfeita, numa unidade plena em Deus’. Ter uma ‘sinergia perfeita’ requer uma mulher submissa; e, para não provocar disputa entre homem e mulher, é necessário manter o homem em uma posição na qual ele se sinta superior: a mulher deve estar atenta ao próprio comportamento e evitar atitudes que a façam sobressair ao cônjuge e ameacem sua “autoridade”.

Em E2, é possível perceber que a mulher prioriza o marido e a família, para proporcionar conforto, bem-estar e felicidade. Espera-se que ela esteja focada nesse propósito, ao ponto de não ter o direito de olhar para si mesma, seja para seus sonhos ou para suas dores. Nesse sentido, Tannure fala inclusive do período menstrual como algo da mulher que prejudica a família. De acordo com ela, uma mulher com tensão pré-menstrual (TPM) faz a família sofrer, pois, se ela estiver mal, todos os familiares ficam mal; mas, se ela estiver feliz, todos ficam felizes:

E porque a mulher saiu da sua posição, a sociedade está assistindo hoje os frutos da mulher ter sido enganada pela segunda vez. Ela foi enganada pela primeira vez no Éden. Satanás sabia que se ele convencesse a mulher, o homem tava no papo. Sabe por quê? Porque Deus deu pra mulher a capacidade de convencer, de influenciar. **Quando tem uma mulher de TPM, a casa toda sofre.** Quando tem uma mulher feliz dentro de casa, a casa se beneficia com isso. A mulher é a alma, é o termômetro da família. Quando ela está mal, os filhos sofrem, o marido sofre. Tudo fica azedo. Quando ela tá bem, ela tá feliz, as coisas fluem. Nós somos esse termômetro. Deus nos fez assim. Por isso que o Diabo tem tanto ódio da mulher. Por isso desde a existência ele tem tentado tirar a mulher da sua posição (grifo nosso) (ER1.20).

O discurso de Tannure deposita, no sujeito feminino, a responsabilidade da felicidade familiar, sugerindo que a mulher deve se manter forte e colocar o que sente à parte, para ancorar todos à sua volta. Esse efeito de sentido se confirma a partir da

SD de ER1.20 'A mulher é a alma, é o termômetro da família. Quando ela está mal, os filhos sofrem, o marido sofre. Tudo fica azedo. Quando ela tá bem, ela tá feliz, as coisas fluem. Nós somos esse termômetro. Deus nos fez assim'. Nesse caso, estar mal afeta os familiares e, no que se refere à TPM, o discurso oprime, porque TPM não é uma escolha feminina, mas, conforme Lopes e Santos (2015), um incômodo que atinge cerca de 70 por cento das mulheres em fase reprodutiva. Igualmente, as mulheres não escolhem ter os sintomas físicos e emocionais resultantes da TPM, dentre os quais se encontram: "ansiedade, irritabilidade ou tensão nervosa, edema, dores abdominais, nostalgia, ganho de peso, cefaleia, aumento de apetite, fadiga, palpitação e tremores; além disso há relatos de quadro depressivos, associados a episódios de insônia, choro fácil" (LOPEZ E SANTOS, 2015, p. 2).

Sensações vivenciadas por mulheres na TPM, de acordo com Juer (2007, p. 150), são, resumidamente, tratadas como "'mau-humor' e não são reconhecidas como femininas, mas masculinas, sendo, portanto, entendidas como desviantes quando expressas por mulheres", de quem se espera, ainda de acordo com Juer (2007, p. 150), "amabilidade, adaptabilidade, criatividade, receptividade e não mau humor e agressividade". Passagens bíblicas confirmam as palavras dessa autora:

A beleza de vocês não deve estar nos enfeites exteriores, como cabelos trançados e joias de ouro ou roupas finas. Ao contrário, esteja no ser interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranquilo, o que é de grande valor para Deus. Porque assim se adornavam antigamente também as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam submissas a seus maridos (BIBLIAON, 1 PEDRO, 3: 3-5),

Nelas, fica explícito que docilidade e tranquilidade, além de agradarem a Deus, fazem parte da submissão ao homem. Dessa forma, na FD dominante, a mulher deve ser amável e dócil, independentemente da ordem dos hormônios, resultante de algo fisiológico e inerente ao feminino. A mulher, que já sofre com os distúrbios da TPM, carrega ainda o peso e a responsabilidade de controlar impulsos e sentimentos, para não parecer rude, pois não deve dar indício de insubmissão. Mesmo que ela não esteja bem, não convém se comportar de forma que o homem não se sinta bajulado; seu comportamento não deve contrariar a autoridade do marido, como é possível perceber na afirmação de Tannure em ER2.12: 'Mas hoje, o homem fala 'Pau', a mulher fala 'Pedra'. 'É o fim do caminho' como diria Tom Jobim'. O que fica silenciado aqui é que o ponto de vista do homem deve predominar, ele não pode ser contrariado

e ele quem dá as ordens. Nessa fala de Tannure, há crítica à mulher que contesta: 'é o fim do caminho', com efeito de sentido de que contestar é um absurdo. Essa crítica de Tannure deixa escapar também que, apesar de essas mulheres estarem perpassadas por discurso de submissão, há contradição e há resistência, pois elas reagem e procuram impor suas opiniões e contestam o marido.

Nessa FD, há pressão sobre as mulheres para que se mantenham passivas, mesmo em situações que podem ser desafiadoras como a TPM. A pressão extrapola a FD religiosa, inclusive, pois, segundo Juer (2007), a sociedade, de forma geral, não vê os sentimentos da TPM com bons olhos. Além de ser pressionada a lutar contra aspectos fisiológicos da própria natureza feminina para fazer a família feliz, de acordo com os parâmetros da FD religiosa, uma vez que sentimentos resultantes da TPM podem distanciá-la de características esperadas por essa FD, a mulher é também levada a pensar que o que sente resulta de uma força espiritual do mal interessada em fazer com que ela saia da posição de docilidade e de mansidão que a FD defende para ela, para, assim, destruir sua família.

Nesse sentido, o discurso de Tannure expõe outra contradição na constituição do sujeito feminino criado por Deus, pois, segundo o discurso da FDR, a mulher foi feita para ser ajudadora, ter posição de servidão a Deus e ao homem e à FD religiosa e, ainda, segundo a pastora, ser capaz de influenciar a família, conforme a SD de ER1.20 'Deus deu pra mulher a capacidade de convencer, de influenciar'. No entanto, ao dizer, em ER1.20, que "ele [o Diabo] tem tentado tirar a mulher da sua posição", Tannure, inconscientemente, trata do "Diabo da insubordinação", isto é, pensamentos, vontades, atitudes contrárias do gênero feminino em relação à ideologia da FDR que balançam, enfraquecem e criam rachaduras na comunhão entres as mulheres religiosas e a FD a que pertencem: elas estão amarradas e amordaçadas pela ideologia dominante da FD religiosa, mas há um sujeito interior aflito, que se debate, que, inconscientemente, joga-se contra as paredes da FD religiosa, provocando fissuras: há um sujeito que resiste.

Entende-se, portanto, que o 'Diabo', citado por Tannure em ER1.20, é significado como a demonização do inconsciente dessas mulheres, seja da própria pastora ou de suas seguidoras. Assim, esse 'Diabo' (o inconsciente) trabalha na intenção de destituir o padrão estabelecido pela FD religiosa ao "enganar" essas mulheres, procurando destruir seu casamento e desarticular o domínio do homem, contrariando os planos de Deus, conforme declara Tannure em ER1.20: 'Ela foi

enganada pela primeira vez no Éden. Satanás sabia que se ele convencesse a mulher, o homem tava no papo' e 'Deus nos fez assim. Por isso que o Diabo tem tanto ódio da mulher. Por isso desde a existência **ele tem tentado tirar a mulher da sua posição**'. Em outras palavras, o "Diabo da insubordinação" seria a contraidentificação do sujeito e o inconsciente trabalhando para libertar a mulher das imposições da FD religiosa; é o sujeito feminino à procura de voz, de liberdade e de autonomia em relação à dominação masculina.

A afirmação de Tannure de que a mulher tem 'saído de sua posição', em ER1.19, prioriza o trabalho doméstico para o sujeito feminino, já que o efeito de sentido é abandonar o lar para se dedicar à profissão. Esse posicionamento está baseado no pleito da FD religiosa de que trabalhar fora e deixar a família desassistida faz parte de um plano maligno, que precisa ser desarticulado; para isso, o caminho é a mulher abrir mão da profissão. Nesse caso, o sujeito de E2, ao deixar o emprego, parece entender que assim estará em conformidade com a FD religiosa, pois ela apresenta aspectos positivos sobre o abandono do trabalho, como poder atender aos filhos e ao marido e organizar a casa. Porém, materializar esse discurso no intradiscurso não significa, necessariamente, o que está no inconsciente dessa mulher.

Por esta via, interessa o que essa mulher verdadeiramente faz ao negar; pois, conforme Freud (2014), a negação expõe o inconsciente e é um processo no qual o pensamento se liberta da repressão. Por meio da SD de E2: 'Amo a submissão é tirar um fardo que *não* é nosso...agradeço a Deus porque estou aprendendo', ela pretende significar que depender do homem e dedicar-se à família não é pesado, não é desgastante, não é ruim e o que seria desgastante é o 'fardo', cujo efeito de sentido negativo está ligado a 'trabalhar fora'. Porém, o 'discurso outro', para Freud, não é de conformismo, mas de denúncia do inconsciente; a mulher acredita que 'Esse fardo é nosso'. Ou seja, mesmo que use o termo 'fardo', ela recalca que acredita ser direito da mulher ter um trabalho para além do ambiente familiar. O significante 'fardo' é usado para significar o trabalho público negativamente; porém, esse efeito de sentido não aceita o recalque e ela meramente reproduz o significante, porque, para ela, seu trabalho não era um 'fardo'. O seu ponto de vista sobre trabalhar é positivo, mas está recalcado, como ela mesma deixa escapar em E2: 'não que meu emprego não faz falta', ou seja, o emprego faz falta a ela, o inconsciente traz essa verdade à tona.

Buscando não causar conflitos por requerer direitos iguais ao do marido, e se mantendo uma mulher 'dócil', conforme a FD religiosa espera que ela seja, o sujeito de E2 procura atribuir a causa dos problemas que vivenciava em casa ao trabalho que exercia. Com isso, ela reproduz discursos como o de Tannure, a qual responsabiliza o movimento feminista por desestruturar a família ao incentivar as mulheres a trabalharem fora, como se vê abaixo em mais um recorte:

Então o movimento feminista trouxe uma série de distorções pra imagem feminina, mas eu não estou aqui pra falar contra, estou aqui para falar o que isso gerou em nós hoje, na nossa sociedade hoje. Ok? As mulheres então foram levar a vida que elas acreditavam ser melhor, Certo? Foram à luta, saíram para trabalhar (ER1.21).

Nesse recorte, ocorre uma denegação da pastora na negação presente na SD 'eu não estou aqui pra falar contra', em que o puro conteúdo revela o posicionamento contrário às feministas, ou seja, ela está falando contra as feministas e lhes atribuindo a culpa por incentivarem a mulher a trabalhar fora. A seguidora é interpelada por discursos como esse, que circulam na FD religiosa e acaba agindo como se trabalhar fora não lhe coubesse. Segundo hooks (2020, p. 83),

As mulheres estão erradas quando 'culpam' o feminismo por ter feito com que tivessem que trabalhar, que é o pensamento de várias delas. A verdade ainda é que o capitalismo consumista foi a força que conduziu mais mulheres ao mercado de trabalho. Dada a depressão econômica, famílias brancas de classe média seriam incapazes de sustentar seu status de classe e estilo de vida, se mulheres que um dia sonharam em se dedicar somente ao trabalho de dona de casa não tivessem escolhido trabalhar fora de casa.

Foram as condições de produção que forçaram a entrada das mulheres no mercado de trabalho e, portanto, é preciso ressaltar que

Não é correto dizer-se que as mulheres penetraram no mundo do trabalho a partir do advento do capitalismo, pois isto significaria que elas não exerciam tarefas produtivas em outros regimes. Nestes, que precederam historicamente o capitalismo [...]. Além das atividades desenvolvidas no seio da família, há que se mencionar o trabalho agrícola, realizado, na época, nas imediações da casa, uma vez que as sociedades de então eram eminentemente agrárias (SAFFIOTI, 1987, p. 61-62).

No período pré-capitalista, as atividades das mulheres eram cruciais para a produção de riqueza e garantiam, até, que os mais abastados tivessem comodidade:

“A mulher nunca esteve alheia ao trabalho, ao longo do processo civilizatório, sempre contribuiu para o desenvolvimento, tanto o de sua família quanto ao que diz respeito à produção de riquezas” (SILVEIRA; LAZARINI, sd, p. 7). Essas autoras lembram que, quando a sociedade passou de feudal para capitalista, a industrialização e as cidades aumentaram de maneira significativa e “o chefe de família, o homem da casa, não conseguia sozinho garantir a sua família o seu sustento, assim vê-se obrigado a levar esposa e filhos ao trabalho, onde vale ressaltar, trabalho com jornada abusiva e desumana” (SILVEIRA; LAZARINI, sd, p. 9). Soma-se a isso o fato de que, apesar de a mulher assumir o mundo fabril, não houve mudança na vida familiar, pois continuou sendo o suporte afetivo da família e significada como ser sensível, emocional e gentil; por outro lado, “os traços como independência, agressividade e dominância continuam a ser associados aos homens” (MACÊDO, 2003, p. 19), o que significa que os pré-construídos que estabeleciam uma posição de inferioridade da mulher em relação ao homem se mantiveram na ideologia. O fenômeno se revelou conveniente para ser explorado no mercado de trabalho capitalista, sem isentar a mulher dos cuidados com a família, o que a obrigou a dupla jornada de trabalho.

Ainda hoje persiste, sobre o gênero feminino, a cobrança sobre o cuidado com a família, conforme revela Tannure ao reportar em E8 o questionamento de uma seguidora: ‘Helena, como você consegue conciliar? Como é que vc consegue ser esposa, cuidar de 4 filhos ser dona de casa e ainda viajar todo final de semana ministrando?’, ao que a pastora teria respondido com a afirmação: ‘De uma maneira bem simplista eu respondo: eu não consigo pela minha própria força, eu consigo porque eu estou fazendo a vontade de Deus. Quando a gente está fazendo a vontade de Deus, Ele nos capacita de uma maneira sobrenatural’. Esses enunciados mostram como as mulheres se cobram e se responsabilizam pelo cuidado com a família, sendo interpeladas por discursos que lhes atribuíram esta função. Tannure, nesse momento, defende seu trabalho não privado, espiritualizando-o e dizendo que consegue cuidar da família e de seu ministério porque, no caso dela, esta ‘fazendo a vontade de Deus’. Dessa forma, ela trabalha sobre o pressuposto de “Vocês não podem me criticar por não me dedicar, exclusivamente, ao lar, porque estou cumprindo uma ordem divina”. A pastora abre para si uma concessão que mascara a ocupação fora do lar e camufla o fato de não corresponder ao ideal de mulher que defende em suas pregações.

Embora usufrua de conquistas feministas, a pastora desmerece o movimento, ao tecer críticas a ele, em ER1.21 acima, na SD ‘Então o movimento feminista trouxe

uma série de distorções pra imagem feminina, mas eu não estou aqui pra falar contra, estou aqui para falar o que isso gerou em nós hoje'. Nesse momento, a pastora sai em defesa de discursos que definem o que é ser mulher a partir de uma visão patriarcal e as distorções seriam tudo aquilo que tiram a mulher dos postos que lhe foram determinados, haja vista a dedicação à maternidade, ao lar e à submissão. A crítica ao feminismo mostra cerceamento à conquistas da mulher, procurando mantê-la onde está, o que significa controle sobre seu corpo e sobre sua história.

O movimento feminista, ao questionar esses ideais, constitui-se como resistência ao controle do corpo da mulher pelas instâncias da sociedade (AIEs), que se incumbem de formatar a mulher nesse lugar, marcado na estrutura da formação social. Desde as primeiras manifestações pelos direitos civis das mulheres, até as manifestações pelos direitos reprodutivos e equidade de gênero, todas as pautas do movimento estão ligadas à questão do corpo. Cada conquista devolve aos sujeitos, mulheres, uma parcela de seus corpos, que vem desde sempre sendo controlado, cerceado, comercializado, padronizado, idealizado (PEREIRA, 2019, p. 75).

Uma posição diferente de Tannure sobre o feminismo seria contraditório frente a posição-sujeito de pastora que ocupa na FD religiosa em discussão. Se ela apoiasse o movimento feminista, ajudaria a colocar as mulheres em outro lugar, em outro campo discursivo, ou seja, em uma FD de autonomia feminina e de luta contra a dominação masculina, de forma que a FD religiosa perderia o controle sobre a mulher, o que não atende aos interesses de Tannure. A FDR religiosa e patriarcal, cuja ideologia constitui sujeitos submissos aos dogmas da religião e ao homem, gera uma problemática: mulheres que sofrem consequências geradas pela religião, presas a relacionamentos que, segundo a FD religiosa, não podem ser desfeitos e, ainda, frustradas por terem abdicado de suas vontades, procuram respostas e soluções que serão “encontradas” na própria FD religiosa. Essa busca por solução se dá a partir de orações, conselhos e orientações sobre relacionamentos. Nesse sentido, para “ajudar” a essas mulheres, a FD religiosa apresenta saídas e Tannure, no caso, disponibiliza cursos, palestras e livros, ou seja, um repertório de materiais que aponta essas possíveis soluções e que promete ajudá-las a sair de suas crises. Esses materiais têm custo e geram lucro para a pastora; para ela, portanto, é necessário manter a mulher submissa e cativa, por, assim, tornar-se uma consumidora em potencial.

Sobre a força que conduziu as mulheres ao mercado de trabalho, contrariando o discurso de Tannure de que a causa foi o feminismo, conforme fala em ER1.21:

‘Então o movimento feminista trouxe uma série de distorções pra imagem feminina [...] as mulheres [...] Foram à luta, saíram para trabalhar’, Muraro (2008) aponta para as condições de produção. Segundo essa autora, as mulheres entraram no mercado de trabalho porque “eram usadas em períodos difíceis e perigosos e depois marginalizadas” (MURARO, 1995, p. 121-121). Assim, tem-se como causa momentos de crise econômica e, além da luta pela subsistência, as guerras, que também impulsionaram as mulheres às fábricas:

O mundo capitalista levou as mulheres ao mercado de trabalho extra-lar. Foram dificuldades econômicas, a miséria e as guerras mundiais que empurraram as mulheres para as fábricas, onde receberam os piores trabalhos e os menores salários e onde, conseqüentemente (sic), vivenciaram situações de opressão e subalternidade (MACÉDO, 2003, p. 19).

Segundo essa autora, em virtude de um grande número de homens terem ido para a guerra, as mulheres assumiram posições até então tipicamente masculinas. De acordo com Teixeira (2009, p. 238), por exemplo,

Durante a primeira guerra mundial, além da função de enfermagem, as mulheres ocuparam postos de trabalho nas indústrias de confecção, produzindo uniformes para soldados, paraquedas e outros artigos têxteis e para o vestuário. Foi o caso, por exemplo, na Alemanha, na França e na Inglaterra. As mulheres foram solicitadas também nos meios rurais, setor de extrema importância para a sobrevivência da população e que não poderia paralisar suas atividades enquanto a guerra persistia. Esses primeiros trabalhos executados pelas mulheres, e reconhecidos pela sociedade, eram desempenhados em troca de uma refeição ou de uma quantia irrisória de dinheiro.

A pastora responsabiliza o feminismo pela entrada das mulheres no mercado de trabalho, quando foram as condições de produção que as inseriram no mercado, em situação de precariedade e de exploração. Dessa forma, como postula hooks (2020), mesmo que o movimento feminista não tivesse acontecido, ainda assim as mulheres iriam para o mercado de trabalho, entretanto com menos direitos, caso não houvesse luta por parte das feministas que defendesse o gênero feminino. Quanto a discursos como o de Tannure, que desencorajam o público feminino para o trabalho ‘extra-lar’, hooks (2020) afirma que são discursos conservadores, que pregam o retorno ao lar fundamentado na dominação masculina, na qual o homem é provedor. Segundo a autora, essa atitude desconsidera o nível de desemprego e o fato de haver

homens que não querem manter a família. Quando Tannure ministra suas pregações, ela o faz a partir de sua posição privilegiada, desconsiderando as várias camadas sociais e econômicas de mulheres que seus discursos alcançam.

Em E2, a dupla jornada de trabalho do sujeito feminino não seria, em si, o motivo para o sujeito deixar o emprego, mas a ausência do homem na divisão das tarefas com a esposa. Observando o discurso, ele denuncia o distanciamento do homem da vida familiar, distanciamento validado pela FD religiosa: em seu discurso, percebe-se que a mulher de E2 resolve problemas familiares, cuida dos filhos e organiza a casa. O discurso outro, silenciado, discurso do inconsciente, é “esse fardo é nosso” e revela o sentimento reprimido do sujeito de E2: a não aceitação; a revolta. A crítica reprimida que o discurso outro (o puro conteúdo) dessa mulher traz à tona é que, se não fosse a falta de comprometimento do marido na vida conjugal, ela estaria trabalhando. Ela mesma assume em E2, na SD: ‘não que meu emprego não faz falta’, ou seja, ‘faz falta’ e faz por uma questão de realização pessoal e não por motivos financeiros, conforme afirma em E2, na SD: ‘as dívidas são as mesmas’. Portanto, de fato, as condições de produção em que o sujeito de E2 se encontra a privam de um espaço público para sua realização. Segundo hooks (2020, p. 83-84),

A bibliografia feminista registrou que os benefícios positivos alcançados por uma multidão de mulheres que entrou no mercado de trabalho têm mais a ver com o aumento da autoestima e da participação na comunidade. Não importa de que classe fosse, a mulher que trabalhava como dona de casa ficava frequentemente isolada, sozinha e deprimida. Ainda que a maioria dos trabalhadores, seja homem, seja mulher, não sinta segurança no trabalho, eles sentem que fazem parte de algo maior que si mesmos. Enquanto os problemas em casa causam grande estresse e são difíceis de solucionar, os problemas no local de trabalho são compartilhados com todo mundo, e a tentativa de encontrar uma solução não é uma coisa isolada.

O sujeito de E2, como pode parecer a princípio, não aceita sua nova condição naturalmente, pois, segundo ela, está aprendendo a ser submissa e está procurando se habituar à nova realidade restrita ao lar, a isolar-se e a depender exclusivamente do marido; tentando aceitar que não há espaço para uma vida profissional, porque o homem, em situação cômoda, amparado pela ideologia machista da FD, não divide as tarefas. Nas SDs de E2 a seguir, entende-se que ela está aprendendo, porque é forçada e não que realmente queria essa situação para sua vida: ‘não faz falta é ter que sair mais cedo do trabalho’, em que se lê faz falta, não para resolver problemas

familiares, mas é bom saber que se tem um trabalho do qual possa se sair mais cedo; 'não faz falta deixa meus filhos doentes com terceiros', em que se lê faz falta, não em situações em que os filhos estejam doentes, mas é bom saber que alguém cuida dos filhos, que há alguém que divide essa responsabilidade, enquanto se atua profissionalmente.

Há uma polêmica no enunciado de E2: o que o sujeito nega no intradiscurso está de acordo com a FD religiosa, que impõe a submissão e que desvaloriza a atuação da mulher no mercado de trabalho. De acordo com hooks (2019, p. 156),

As mulheres são economicamente exploradas no trabalho, mas também são exploradas psicologicamente. São educadas pela ideologia sexista a desvalorizar a contribuição de sua força de trabalho. Através do consumismo, são ensinadas a acreditar que o trabalho só é importante por conta da necessidade material, não como uma forma de contribuir para a sociedade, como exercício da criatividade, ou para experimentar a satisfação de desempenhar tarefas que beneficiam a si e aos demais.

Entretanto, a mulher de E2, ao negar no intradiscurso a importância que o trabalho tem para ela, movimenta o que está silenciado, o outro discurso, reprimido no inconsciente, e se revela em desacordo com a FD religiosa, pois ela sente falta do trabalho e está insatisfeita, procurando se conformar com a nova realidade que a distancia da satisfação pessoal por não ser possível realizar tarefas outras, desenvolver sua criatividade e se sentir útil para além dos muros de sua casa.

O discurso outro é a falha, por via da negação, que denuncia o fardo das restrições que esta ideologia impõe sobre as mulheres, e por denunciar o quanto, não investindo em si, ficam à mercê das vontades, dos desejos, do tempo, dos projetos e da autoridade/autoritarismo do homem. Quanto a isso, o trabalho é importante, porque, conforme hooks (2020, p. 86), o custo de vida é alto para grande parte dos trabalhadores e o trabalho não traz a "autossuficiência econômica. Ainda assim, a autossuficiência econômica é necessária se mulheres quiserem ser livres para escolher o contrário da dominação masculina, para serem totalmente autorrealizadas".

A seguir, procura-se analisar a negação presente do sujeito de E3, que passou por processo de separação:

E3: Quando comecei a namorar tinha 13 pra 14 anos de idade. Quando fiz 15 terminei. Minha mãe ficou com raiva de mim porque não queria que eu terminasse o namoro. Resumindo casei com 16 anos porque minha mãe não me deixava em paz. Fiquei casada por 10

anos. Nesses dez anos tudo de bom foi meu filho e a experiência porque o resto. Eram brigas e agressões verbais e começou a ser física. Tive depressão e à igreja não me ajudou. A igreja e meu ex marido dizia que eu estava demoníada. Separei. Encontrei uma pessoa e tem 7 anos que estamos juntos. Temos um outro filho de 6 anos. Sempre fui da igreja, mas nunca fui de Jesus como sou hoje. Não queria me divorciar, mas hoje sinto Deus na minha família. Meu esposo, eu e meus dois filhos. Hoje sou amada. Porque coloquei Deus primeiro. Mas às vezes ouço que divorciados não são bem vindos. Mas ainda bem que eu sou amada por Deus. Linda mensagem, mas pastora fala mais do divórcio porque o público de divorciado às vezes são tão excluídos¹⁰⁷.

Nesse enunciado, a mulher, ao negar o desejo de separação, conforme a SD 'Não queria me divorciar', movimenta o discurso outro: 'Eu queria me divorciar', tanto que o fez, segundo afirma na SD 'Separei'. A denegação presente no intradiscurso vai ao encontro da FD religiosa e mostra que ela tem a necessidade de permanecer identificada com ela, mantendo-se como um bom-sujeito (PÊCHEUX, 2014). Sua fala é produzida de acordo com o que essa mulher pode dizer dentro dos limites da FD religiosa, como efeito da ideologia que domina o discurso, não-aceitando a separação, a qual significa negativamente a mulher divorciada. Dessa forma, com a negação 'Não queria me divorciar', tem-se o efeito de sentido de lamento; é como se a mulher de E3 dissesse "Eu sinto muito por ter me divorciado, por ter feito algo que Deus não aprova". Além disso, essa negação silencia/apresenta uma justificativa para o divórcio, pois o sujeito de E3 se coloca como se tivesse sido obrigado a isso. Se esse silêncio fosse materializado no intradiscurso, ter-se-ia "Eu não queria desagradar a Deus, mas as circunstâncias me forçaram a isso", o que não deixa de ser recuperado.

A decisão de a mulher de E3 se separar atendeu não à negação materializada, mas ao discurso outro "Eu queria me separar", silenciado, que significa e mostra que prevaleceu o sujeito do inconsciente: que desejava se separar, pois a mulher de E3 rompeu o primeiro casamento. Ignorou preceitos e regras da igreja que a cerceavam por muitos anos e mostrou resistência a eles por não aceitar permanecer em um relacionamento ruim, em que era desvalorizada.

Essa mulher foi hostilizada ao ser chamada de 'demoniada', como também pelos fatos denunciados na SD 'Eram brigas e agressões verbais e começou a ser física', que mostram que, no casamento, entrava em atrito com o marido, contrariando

¹⁰⁷ TANNURE, Helena. Construindo um casamento saudável. Disponível em: <https://cutt.ly/ZxK3eU8>. Acesso em: 25 mar. 2020.

a FD religiosa que espera da mulher docilidade para agradar a Deus e ao sujeito masculino. Tudo indica, portanto, que a mulher não atendeu às expectativas e acabou sendo considerada a única culpada pelas desavenças e pelo fracasso do casamento, ao passo que a participação do homem na violência de gênero foi apagada. Mesmo em uma FD em que as mulheres são oprimidas e tendem à submissão e à obediência, o sujeito de E3 não aceitou o julgamento, não permaneceu sob a violência física e psicológica e tomou a atitude de sair da relação. Dessa forma, ela resistiu tanto por se rebelar contra uma ordem (a de manter-se casada) como por denunciar a maneira cruelmente machista de abordar problemas relacionais como culpa da mulher, visto que ela foi tratada pela igreja/pastor e marido como uma mulher desequilibrada e, espiritualmente, fraca, ao ser tachada de ‘demoniada’.

No depoimento a seguir, o sujeito feminino de E4 relata que passou por um processo de separação, mas, após um ano afastados, ela e o marido se reconciliaram:

E4: Conheci meu marido eu tinha 13 anos casamos separamos por um ano. E voltamos ele começou ir para igreja e disse que avia mudado, eu acreditei! A única coisa boa da nossa volta é que Jesu entrou em minha vida 🙏 a outra é que tive mais 3 filhos com ele que são minha alegria meus 4 filhos ❤️ mas ele não mudou, melhorou mas não mudou, vivemos em crise a mais de 20 anos. Hoje eu sou uma pessoa com problemas de saúde ganhei peso e isso é um problema pra ele. Sinceramente eu não sei o que fazer as tenho vontade de fazer como algumas mulheres aqui nos comentários, ficar sozinha ter liberdade, porque mesmo ele sendo cristão sempre põe obstáculos que me impedem de servir a Deus. Sem contar as agrações psicológica, não quero ser uma mulher doente e depressiva 😞 que vive com medo e sufocada porque não posso fazer nada do que tenho vontade tenho que pensar o que faço o que falo pra evitar que ele brigue comigo, mas é difícil porque qualquer coisa é motivo pra brigar 🙏 que Deus me dê sabedoria porque já estou no meu limite¹⁰⁸.

Ela, ao dizer em E4, na SD ‘E voltamos ele começou ir para igreja e disse que avia mudado, eu acreditei!’, sugere que a causa do rompimento foram atitudes dele, com as quais ela não concordava. Essa mulher confessa que reatou com o marido e que esperava mudanças da parte dele, no entanto, conforme afirma na SD ‘mas ele não mudou’. Novamente, tem-se uma negação que expõe, para Freud (2014), o puro conteúdo, o discurso outro, que corresponde a ‘Ele mudou’. De fato, houve uma mudança comprovada a partir do que afirma na SD de E4: ‘Ele melhorou’. De qualquer

¹⁰⁸ TANNURE, Helena. Palavra para a mulher que sofre abuso do marido. Depoimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zld4m9H1Ln4&t=476s>. Acesso em: 13 abr. 2020.

forma, a mudança não foi suficiente para uma relação saudável, pois continuou sofrendo com atitudes agressivas, opressoras e autoritárias do marido.

Com relação ao discurso outro da negação: 'Ele mudou', que deveria ter o efeito de algo positivo e digno de ser exposto, ela o reprime e silencia (FREUD, 2014), o que ocorre, porque, apesar da melhora do marido, ela está infeliz com o casamento. Se ela assume a mudança do cônjuge, mesmo que pequena, cria argumentos favoráveis para se manter nesse relacionamento, que, porém, a adoce, faz infeliz e que, de fato, não deseja mais: ela não está inteira na FD religiosa. Ela não está identificada, uma vez que resiste ao que foi projetado como mulher, pois recusa o lugar de submissão no matrimônio e a ordem sobre casamento irrevogável imposta pela FD religiosa, visto que deseja se desprender de suas imposições, por desejar, como afirma em E4, na SD 'ficar sozinha ter liberdade', o que remete ao divórcio e a ser livre. Nesse ponto, ela se contraidentifica com as imposições da FD religiosa.

Essa contraidentificação nesse ponto significa resistência; não há nela a intenção de romper com a FD religiosa, tanto que ela procura manter a imagem de uma mulher espiritualizada, que tem prazer em pertencer a Cristo, como se percebe na SD de E4 '*A única coisa boa da nossa volta é que Jesu entrou em minha vida*', em que ela exalta a presença de Jesus em sua vida. Por esse motivo, também não assume a mudança do marido (*'mas ele não mudou, melhorou mas não mudou'*): assumir prejudicaria a imagem de boa mulher para a FD religiosa e abriria espaço para críticas, visto que o marido melhora como pessoa e ela, que deveria ser ajudadora, seria alguém que nunca está satisfeita, que apenas reclama e se lamenta e coloca defeitos no esposo.

Assim, o que precede a negação 'Ele mudou', que ela materializa por meio de uma paráfrase na SD de E4, usando o significante '*melhorou*' incomoda o sujeito, visto que, para ela, o casamento não faz mais diferença e está fracassado, afora qualquer coisa. A melhora no comportamento do marido não interessa, pois a relação está para ela, desgastada e, por isso, ela tem o desejo de se separar. Sua atitude de reclamar, expondo as amarras de uma FD religiosa que insiste em manter pessoas infelizes casadas, é um ato de resistência e de denúncia.

Outra negação de E4, na SD 'Sinceramente eu não sei o que fazer', traz o puro conteúdo "Sinceramente eu sei o que fazer", que se confirma em 'tenho vontade de fazer como algumas mulheres aqui nos comentários, ficar sozinha ter liberdade'. Com a negação e com a afirmação, ela expõe seu estado afetivo e o desejo reprimido

de ter uma vida livre e de ser independente. Essa vontade corresponde a um caminho contrário ao que se espera de uma mulher submissa aos parâmetros da FD religiosa, que prega a mulher ter sido feita para o homem e a partir dele: “Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele” (BÍBLIAON, Gênesis, 2:22), fazendo com que a mulher carregue o estigma de ser parte do homem e de precisar completá-lo. Desse modo, a FD atrela, eternamente, a mulher ao sujeito masculino e não há liberdade, visto que o homem é quem lhe dirige os passos, por ser considerado o cabeça da relação (BÍBLIAON, 1 Coríntios, 1).

O desejo de liberdade da mulher alcança níveis fatídicos. Ao dizer ‘não quero ser uma mulher doente e depressiva’ mostra oculto o efeito ‘quero ser uma mulher doente e depressiva’. Esse desejo pode ser interpretado como um protesto contra à FD na qual o sujeito está imerso, pois querer ficar doente e deprimida é uma via para a morte, para a fuga; para a libertação, para se enclausurar em um mundo particular, que impeça de vivenciar um matrimônio carregado de tristeza e frustrações. Adoecer viria por não querer a função de auxiliadora ou ter comportamentos injustos impostos pela FD religiosa, que colocam o sujeito em uma arena em que circulam pensamentos e atitudes de submissão, conforme a estrutura religiosa, quanto atos de resistência, em uma “luta cognitiva” (BOURDIEU, 2012, p. 22), em que, entre denúncias e resistência, o sujeito feminino é quem se machuca.

O sujeito de E4, no entanto, clivado que é, mesmo machucada, ao enunciar ‘não posso fazer nada do que tenho vontade’, declarando submissão, movimentando o discurso outro: ‘posso fazer tudo o que tenho vontade’. Ela mostra ser atravessada por discursos de luta; há nela uma voz que grita e que se rebela com o lugar no qual está. Seu enunciado é atravessado por discursos que atestam os direitos femininos. Estão recalcados, nela, discursos da autonomia da mulher. Ela sabe que pode tudo, sabe como fazer (conforme mostra em seu enunciado), sabe de seus direitos, mas suas atitudes são contidas pelo aprisionamento da FD religiosa na qual se encontra e pelo dano psicológico causado pela incompreensão do marido: ela se sente doente, depressiva e com medo.

Em E5 abaixo, também há relato de sujeito feminino vítima de agressões:

E5: Meu noivo já me deu tapa na cara, me cuspiu, puxou meu cabelo e etc Eu sei que não é ele mas sim o que está nele, Deus tem algo grande na vida dele e por isso o diabo tenta em todas as maneiras acabar com ele, ele tenta mudar seguir na igreja mais sempre volta tudo de novo, ele não é uma pessoa ruim, cuida dos filhos e etc mais

eu estou muito exausta disso tudo, ***não sei o que eu faço mais***. Não contei isso há ninguém Nem pra minha família e por isso eles apoiam, mais só eu sei o que eu passo! Não me julgue por favor¹⁰⁹.

A mulher elenca uma série de agressões que sofre do noivo; mesmo sendo vítima, ela nega, por exemplo, a autoria de tal violência ao dizer 'Eu sei que não é ele'. O discurso tenta desviar a violência do homem, atribuindo-a à figura do Diabo, mas, o inconsciente revela o que ela não quer aceitar, pois, ao se posicionar desse modo, ela aciona o discurso outro, recalcado: "Eu sei que é ele". E segue o enunciado insistindo em negações, como em 'Ele não é uma pessoa ruim', que evoca outro discurso do inconsciente que depõe contra o noivo: 'Ele é uma pessoa ruim'. Essas negações denunciam a dificuldade de ela reconhecer que esse homem é o que suas atitudes demonstram, pois isso colocaria fim no sonho do casamento do imaginário feminino e marcaria o reconhecimento de que estar na igreja, dizer-se convertido e ser de berço evangélico não é garantia de boa índole. Aceitar o real vai de encontro ao que a ideologia religiosa incutiu, provocando desconforto; por isso, a verdade reprimida.

Essas negações, ao trazerem o discurso outro, não desnudam apenas o que desagrada a mulher, denunciam o falso cristão, o homem violento que não apenas se esconde atrás da religião, mas que também é protegido por ela. Em E5, na SD 'Eu sei que não é ele mas sim o que está nele', a mulher materializa um discurso da FD que protege o homem, porque, no meio evangélico, crê-se que o diabo seja uma entidade personificada, que objetiva agir sobre suas vítimas e destruí-las (ANDERSON, 2019). Assim, ele estaria sob domínio desse mal, não agindo por si mesmo; seria, portanto, uma vítima precisando de socorro, de libertação e de ajuda.

Para hooks (2020), é raro as pessoas relacionarem violência doméstica à dominância masculina e, segundo ela, isso aumenta a dificuldade de compreensão, quando ocorrem ações mais violentas, como assassinatos, por exemplo. Nesse caso, "Na mídia de massa, todo mundo levanta a questão acerca do porquê de essa violência estar acontecendo, sem conectá-la ao pensamento patriarcal" (hooks, 2020, p. 161). O sujeito de E5, imerso em uma FD religiosa patriarcal, conseqüentemente de dominação masculina, talvez não tenha percebido a problemática ideológica que afeta as ações do homem, mas o inconsciente registrou e percebeu que algo estava errado e, por meio do discurso reprimido, posicionou-se contra a crença de o noivo

¹⁰⁹ TANNURE, Helena. Palavra para a mulher que sofre abuso do marido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zld4m9H1Ln4&t=476s>. Acesso em: 13 abr. 2020.

estar sob o domínio do mal e lhe atribuiu toda a responsabilidade.

Por meio do puro conteúdo 'Eu sei que é ele' o inconsciente luta por denunciar o noivo violento, desautorizando o discurso da FD religiosa que atribui a violência ao Diabo e permitindo a crítica à própria FD, que se baseia no pensamento patriarcal, que, segundo hooks (2020, p. 95), alimenta a dominação masculina e, por tabela, a violência de gênero, uma vez que: "A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva" (hooks, 2020, p. 95).

Outras negações da mulher de E5 revelam a rejeição à violência que sofre em 'Não me julgue por favor' e '**não sei o que eu faço mais**', em que, respectivamente, há o puro conteúdo "Me julgue, por favor" e "eu sei o que faço". Com isso, embora não assuma explicitamente, a mulher conhece caminhos para se libertar da relação abusiva: um deles é expor a situação para a família, pois, ao fazer o depoimento, ela mostra o anseio por um julgamento, por um olhar ou por uma fala que a ajude a sair do sofrimento: ao afirmar 'Não contei isso há ninguém Nem pra minha família e por isso eles apoiam', ela sabe que, expor aos familiares, poria em risco a continuidade do relacionamento. Enquanto sujeito dividido que é, momentos de defesa do noivo estão relacionados à memória idealizada de matrimônio, construída discursivamente no tempo e na história. Assim, o que seria libertador também a deixa aflita, pois foi perpassada por discursos que esperam da mulher o cumprimento da função de esposa e de mãe, por exemplo. Dividir o problema com os familiares poderia acabar com a possibilidade de realizar tudo isso.

Mesmo assim, o inconsciente, via negação, por meio da qual o recalque emerge, traz à luz o que está silenciado e resiste à memória idealizada de matrimônio e da função da mulher prezada pela FD religiosa como esposa, mãe e dona de casa e revela o estado afetivo do sujeito em relação ao matrimônio. O recalque denuncia que ela se sente desmotivada na relação e não pretende se submeter, pois não reverencia o noivo como parece, não o admira e reconhece que o futuro matrimônio não é um sonho bom e um plano seguro. Portanto, seu depoimento é um pedido de socorro para que ela se liberte dessa situação.

A negação é, às vezes, feita devido à necessidade de o sujeito se identificar com a FD na qual está inserido, por não poder sentir e expressar algo inadequado e contraditório com a FD que o domina. Em E6, por exemplo, há um sujeito que critica o movimento feminista e diz ter sido, no passado, influenciado por ele:

E6: Estava eu sendo levada por esse pensamento feminista, me tornei respondona, 'ninguém manda em mim!' 'Não me submeto e visto o que eu quero' e quando meu namorado (hoje marido) me dizia que a roupa estava curta eu ia lá e colocava uma pior! Só pra provar que ele não mandava em mim. Que tola, não sei como ele casou comigo KKK mais Deus vinha desconstruindo essa ideia em mim... Depois que fui mãe, eu quis ser a mulher virtuosa, e ao ler o versículo, pude ver o quanto longe dela eu estava. MTA coisa Deus mudou, mais com essa pregação, vi o tanto que ainda tenho a mudar. Desapegar do trabalho, de meu ego, e focar em minha família. Obrigada pela mensagem Helena, boca de Deus! Deus seja louvado e nos cure! Amém¹¹⁰.

O sujeito afirma que havia discursos feministas no controle de suas atitudes, fazendo que fosse uma mulher insubordinada, conforme as SDs 'ninguém manda em mim!' e 'não me submeto'. No entanto, considerando que a negação é algo revelador sobre o que o sujeito pretende ocultar (FREUD, 2014) e que uma negação movimenta uma afirmação e vice-versa (CATTELAN, 2019), as negações movimentam discursos outros, como 'alguém manda em mim' e 'me submeto'. A mulher procura acreditar que se dirigia de acordo com sua vontade, mas o inconsciente, com as negações, revela a falta de liberdade desse sujeito e o fato de ser controlado por outra pessoa, no caso, pelo namorado. Ela, não estava à vontade para fazer o que queria e não era, de fato, livre, pois o homem já exercia domínio sobre ela, criticando suas roupas, conforme ela confessa na SD de E6 'quando meu namorado (hoje marido) me dizia que a roupa estava curta'.

Nesse caso, ela mostra resistência ao provocar o namorado colocando uma roupa mais curta, conforme a SD de E6 'eu ia lá e colocava uma pior!'. No entanto, essa resistência caminhava junto a preceitos da FD religiosa sobre o comportamento feminino, pois ela afirma que, no namoro, 'Deus vinha desconstruindo essa ideia em mim'. Entende-se, dessa forma, que ela, interpelada pela ideologia da FD religiosa, estava dividida entre resistir ou submeter-se à FD religiosa e à dominação masculina, visto que 'construindo essa ideia em mim' tem efeito de sentido de "eu estava me convencendo sobre a forma correta com que deveria me comportar".

Posto isso, quando essa mulher afirma não saber como o namorado levou o casamento adiante, conforme SD 'não sei como ele casou comigo', em que há um efeito de sentido de deboche, ela sugere que, mesmo o homem não mandando nela,

¹¹⁰ TANNURE, Helena. Postagem E6 - O papel das mulheres nos tempos modernos Depoimentos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EfYR_dHfVpY. Acesso em: 25 jan. 2020.

ela não lhe sendo submissa, ele aceitou o casamento. Entretanto, o discurso outro da negação é 'sei como ele casou comigo', pois o seu inconsciente já havia denunciado que, apesar de ela apresentar resistência a princípios da FD religiosa e mostrar certa rebeldia, ainda assim, a FD religiosa e o namorado exerciam poder sobre ela. Nesse caso, provavelmente, o homem já havia percebido, a princípio, o que ela não quis aceitar: sua tendência para acatar a FD religiosa e para obedecê-lo.

Esse enunciado denuncia a força ideológica da FD sobre o sujeito feminino, pois, apesar da resistência primeira, de, por meio de roupas, querer se impor, a mulher recua e reproduz valores da FD religiosa. Não só isso: ela denuncia a autoridade do homem sobre a mulher independentemente do tipo de relacionamento que possui com ela, pois o rapaz era apenas namorado e já exercia controle sobre ela.

A mulher que começa o relacionamento procurando fazer suas vontades, por causa da FD religiosa, é um sujeito em conflito, em que discursos polêmicos se manifestam. Neste caso, ela acata a FD religiosa para se (re)adaptar ao outro, à função da mulher que lhe é pré-estabelecida, ou seja, ela passa a se identificar com a FD religiosa, cuja força se confirma a partir, também, de outras falas, por exemplo, 'Desapegar de trabalho, de meu ego, e focar em minha família'. Desse modo, ela se posiciona consoante à FD religiosa, como mulher cristã submissa, voltada ao lar, e atende à visão machista patriarcal.

A resistência dessa mulher perde força para o discurso religioso. Isso alcança nuances tão fortes que o fato de a mulher ser livre para fazer o que tem vontade e o que deseja a faz significar a si mesma como 'tola'. Além disso, ela acredita que há muito ainda que mudar, para se encaixar nos padrões da FD religiosa, como é possível perceber em 'MTA coisa Deus mudou, mais com essa pregação, vi o tanto q ainda tenho a mudar'; algo que não se encaixa nesses padrões é significado como doença, conforme se entende de 'Deus seja louvado e nos cure!'

Destaca-se que o sintagma 'com essa pregação' refere à pregação "O papel das mulheres nos tempos modernos" (ER1), pois esse sujeito fez esse comentário após ouvir os ensinamentos da pastora Tannure. Com isso, evidencia-se o poder que a pastora exerce sobre as seguidoras e a força que a ideologia da FD religiosa tem sobre elas a ponto de padronizar os sujeitos, pois a mulher de E6, a partir do que ouve, sente a necessidade de se encaixar, cada vez mais, nos padrões que a tornam submissa e que encorpam a dominação masculina. Essa relação de submissão e de dominação entre casais mantém um mercado de produtos: são cursos que ensinam

mulheres a serem boas esposas, boas donas de casa e boas mães e a lidarem com as dores e os conflitos que são fruto dessa relação que as mantém submissa. Tannure não apenas sabe lidar com isso, como tem interesse nesse mercado.

Os conflitos que levam os sujeitos femininos a necessitarem de ajuda têm as mais diversas naturezas, o que faz desse mercado um nicho próspero para Tannure. Nas negações vistas até aqui, as mulheres acionam afirmações, discursos outros, de contraidentificação com a FD religiosa. Em E7, à frente, há também uma mulher com problemas no casamento, porém as negações se voltam mais para a reprodução da ideologia da FD religiosa e revelam maior identificação com os princípios dessa FD, mesmo apesar da resistência do sujeito feminino, que é mostrada pela atitude de falar sobre problemas e de confessar sua frustração. Assim, os interesses de Tannure e as orientações presentes nos mais diversos materiais que disponibiliza para público atendem a toda mulher com qualquer problema de relacionamento, independentemente do nível de identificação com a FD religiosa, visto que são orientações que procuram a manutenção das relações matrimoniais:

E7: Meu marido era cristão fervoroso, logo que nos casamos depois de poucos meses ele começou a me trair e hj continua com a amante, ele está viajando de férias neste momento e ela está junto, ele a trás em casa quando estou no trabalho, temos um filho juntos e eu olho meu pequeno de apenas 2 anos e me bate uma tristeza por não termos um líder em casa e eu tenho que ser pai e mãe...estou profundamente triste, irão fazer 3 anos que **estou nesta luta e querendo perseverar**, mas ele já me bateu algumas vezes e me trata muito mal. A única coisa q faço chorar pq sei q argumentar não resolve mais, tanto desprezo, desinteresse pela família, e um homem conhecedor da Palavra e q nasceu num berço cristão... Que o Senhor tenha misericórdia de mim **pq não tenho pensado em outra coisa a não ser o divórcio...sei que o Pai odeia o divórcio**, eu sei que tem pessoas que morrem pelo evangelho, **o Pai nos pede para amar o é o próximo e eu não consigo nem amar o meu marido** 😞 minha alma está perecendo 😞😞😞😞¹¹¹.

Nesse depoimento, tem-se uma mulher cujo marido não atende ao perfil de líder da família e apresenta postura questionável e displicente. A enunciadora, ao dizer *‘bate uma tristeza por não termos um líder em casa’*, ainda assim, significa-o como “o cabeça de seu relacionamento”, pois o puro conteúdo dessa negação é “termos um líder em casa”. A negação no intradiscurso veicula a frustração e o sofrimento por ele

¹¹¹TANNURE, Helena. Quando devo pedir o divórcio?. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vnIrgokoa6w>. Acesso em: 11 fev. 2020.

não assumir a relação marido e mulher que ela idealizou; mas, mesmo assim, ela espera que ele assuma sua posição.

O fato de o marido ter uma amante e de levá-la para o lar do casal (o que faz a esposa ser desrespeitada) e de a situação perdurar por três anos são elementos que levam a enunciativa a supor o desejo de separação. Ela tem razões para isso, pois, além de o homem se ausentar da família, ela afirma que conversar e argumentar não resolve; que pensa em divórcio e que não o ama, conforme confirmam as SDs de E7 ‘sei q argumentar não resolve mais’, ‘**não tenho pensado em outra coisa a não ser o divórcio**’ e ‘**não consigo nem amar o meu marido**’. Contudo as negações expõem o puro conteúdo e movimentam o discurso outro: nega-se o que se pretende esconder e o que o sujeito não quer aceitar, mas está, na verdade, recalcado em seu inconsciente: que ela acredita que ‘argumentar resolve’; que ela tem ‘**pensado em outra coisa**’ que não seja o divórcio e que ela ama o marido e tem apego a ele.

A mulher recalca a esperança de ter com o marido um bom relacionamento. Ela deseja, apesar de tudo, salvar a relação dos dois, algo que se confirma por meio de outras SDs de E6, como ‘**estou nesta luta e querendo perseverar**’ e ‘**sei que o Pai odeia o divórcio**’, em que usa preceitos da FD religiosa ao aludir texto bíblico (BÍBLIA, I Coríntios, 7) para sustentar o que deseja e a sua perseverança.

O que as negações revelam alinham o discurso dessa mulher de E7 com a expectativa da FD religiosa sobre a postura feminina e sobre casamento: a de que mulher deve lutar pelo esposo e de que o casal deve permanecer junto, apesar de, no intradiscurso, haver exemplos de reclamações e exposição de humilhação que apontem o contrário. Por ter sido afetada por discursos que incentivam a mulher a sair de situações de humilhação e de relacionamento abusivos, ela procura não assumir esse desejo, por medo de retaliação. Na materialidade discursiva, é possível perceber que ela pretende insistir no matrimônio, ainda que isso seja doloroso. Em ‘eu sei que tem pessoas que morrem pelo evangelho’, observa-se o não-dito de que o sofrimento ainda é pequeno, quando comparado ao de outras pessoas e ela considera certo que se esforce e que lute mais pelo casamento. O discurso do inconsciente elucidado pelas negativas vai ao encontro dessa luta e dessa permanência, à revelia do desprezo de que padece.

Esse enunciado se abre para críticas a estereótipos e a relacionamentos idealizados pela FD religiosa. Primeiro, a mulher sofre, porque as posições sujeito no relacionamento não estão ajustadas ao que essa FD prega. O sintagma ‘cristão

fervoroso', usado pelo sujeito de E7, em que o significante 'fervoroso' tem efeito de sentido de cristão fiel, dedicado e bastante íntimo do Espírito Santo, não corresponde à realidade do marido, pois ele é violento, promíscuo e alheio a posturas cristãs. Ao afirmar isso, ela faz emergir desconfiança e resistência ao pensamento idealizado e ingênuo de que ser cristão é garantia de boa pessoa e de pessoa idônea. Ela resiste à submissão, não se cala e denuncia que o homem não é líder, como, supostamente, deveria ser. Sendo assim, ela amarga sua existência e amarga o fato de assumir uma posição que não lhe caberia: a de "pai".

Além disso, apesar desses pontos negativos referentes ao homem, como seu desrespeito à mulher, escondidos na imagem de cristão, ela mostra querer insistir na relação, algo que a FD religiosa defende e incentiva. As negações em seu enunciado mostram que o sujeito feminino vê esse homem (descomprometido com o casamento, com o filho e com ela) como liderança, almeja o diálogo, não deseja o divórcio e o ama. O sujeito de E7, dessa forma, torna-se um exemplo de mulher que foi disciplinada a pensar assim. A situação em que se encontra denuncia o quanto o discurso da FD religiosa pode ser prejudicial para o sujeito feminino: a mulher não consegue se desprender de um relacionamento destrutivo, não é orientada pela FD para um comportamento em que proteja sua integridade emocional. Assim, ela insiste no casamento e almeja sua transformação, o que é incentivado pela FD religiosa, como, por exemplo, faz Tannure na oração abaixo:

Senhor, essa é nossa oração nessa noite, Pai! Cada uma dessa mulheres saiu do lugar e veio aqui à frente com um propósito eu não conhece as minhas irmãs. Eu não sei das dores delas, das batalhas delas, das feridas que elas carregam do passado, mas o Senhor conhece cada uma pelo nome, o Senhor as atraiu aqui pra esse encontro. Foi o Senhor quem nos reuniu aqui nessa noite. E a nossa sede reunida, Senhor, a sede delas é a minha sede de dizer Vem, Senhor, restaura nossas vidas, Senhor! Muda os nossos casamentos, transformas os nossos relacionamentos (ER1.22).

Nessa oração, a pastora convida suas seguidoras a um ato de fé, em que um dos pedidos é a transformação dos casamentos. Nesse caso, as mulheres fiéis devem contar com a espera e com um tempo incerto para que um milagre aconteça. Entende-se, portanto, que o sujeito de E7 está afetado por discursos de uma FD religiosa cuja ideologia contribui para que ela se mantenha em um relacionamento desrespeitoso, marcado por violência física e psicológica, esperando por uma mudança improvável. São discursos que não contribuem para que ame a si mesma e para que se defenda,

mas que continue com quem a maltrata e a desrespeita. Por isso, o sujeito de E7 se sente culpado, conforme expressa na SD: '***não consigo nem amar o meu marido***', mas ama porque é incentivada a isso, como mostra o discurso outro, recalcado. Na oração de Tannure acima, em 'Senhor, restaura nossas vidas, Senhor! Muda os nossos casamentos, transforma os nossos relacionamentos', a pastora articula duas crenças: "restaurar a vida" e "transformar o casamento", como se a vida do sujeito feminino se reduzisse, unicamente, ao relacionamento matrimonial e não fosse possível 'restaurar a vida' sem o marido. Esse discurso incita a mulher à dependência emocional.

Na oração de Tannure, em ER1.22, a pastora, ao enunciar 'Vem, Senhor, restaura nossas vidas, Senhor! Muda os nossos casamentos, transforma os nossos relacionamentos', coloca-se no que diz, como quem faz parte desse grupo, como quem vive e sente as mesmas coisas. Desse modo, aproxima-se das seguidoras e simula identificação com elas, por mostrar que a palavra que ministra também lhe serve, como lhe servem as orações. Esses discursos, juntamente, com as negações que a pastora produz, como citadas anteriormente, na SD de E10 'eu não estou mais em ênfase' (que o marido) e na SD de E 10 'sem o João Lúcio, num tem o ministério da Helena', procuram apagar a insubordinação de Tannure e o distanciamento que existe entre ela e suas ouvintes. Nesse sentido, cabe um paralelo com Alquatti (2020). Segundo a autora,

A partir do reconhecimento da contradição da vida material dos homens, Marx e Engels teorizaram sobre a produção da consciência humana subordinada ao mecanismo de reprodução de um determinado modo de dominação. Para uma classe dominar, são justamente os pontos em que a contradição desse processo se dá a ver que precisam ser incessantemente apagados nos planos das representações e suplantados pela ideia de uma totalidade social homogênea (ALQUATTI, 2020, p. 52).

O esforço de Tannure para ocultar o distanciamento e a contradição que há entre ela e o que prega, buscando construir a identificação com as demais mulheres, constitui um meio para que a ideologia da FD domine, prevaleça e ganhe força, o que privilegia os seus negócios. Assemelhar-se a suas seguidoras, parecer vivenciar os mesmos problemas e se colocar como mulher submissa cria empatia e confiança e procura apagar e escamotear a contradição com o real. Assim, Tannure exerce poder sobre as mulheres. E os interesses próprios, que excedem os da espiritualidade,

caminham junto com discursos que reforçam a manutenção de situações de violência contra a mulher e que as influenciam a permanecer em situações ultrajantes.

O sujeito de E7, vítima de violência de gênero, conforme explicita na SD ‘mas ele já me bateu algumas vezes e me trata muito mal’, mantém-se cativa a princípios da FD dominante e presa à relação abusiva do matrimônio. No comportamento dessa mulher, há passividade em relação à agressão que sofre. O sintagma ‘algumas vezes’ denuncia a reincidência da violência sofrida, que ela enuncia com certa naturalidade, além de apontar outros argumentos para estar nessa relação. Quanto a isso, Ferrante e Xavier (2019, p. 67) acrescentam que mulheres que sofrem violência de gênero usam, como justificativas para defender a permanência na relação, “preocupação com os filhos, preservação da família, esperança de mudança, preservação da moradia e dependência financeira”. O sujeito de E7 não foge à regra: usa o filho para justificar o fato de suportar os maus tratos e por estar em uma situação em que é desprezada.

Nesse comportamento da mulher de E7, cabe lembrar que, na FD religiosa, a mulher é considerada a “Guardiã do lar” e esse sujeito feminino age como tal, pois seu depoimento consiste em um apelo à pastora por um caminho para preservar sua família, demonstrando esperança de que a situação deplorável em que está possa ser revertida. Assim, ela se sujeita a ficar diminuída e humilhada em prol de um sonho e de uma crença. Tannure alimenta a esperança e incentiva essas mulheres a ter paciência ao dizer, por exemplo: ‘Senhor! Muda os nossos casamentos, transformas os nossos relacionamentos’, na oração citada acima em ER1.21.

Segundo, Ferrante e Xavier (2019), há fatores que excedem a ordem das justificativas consideradas respostas conscientes dos sujeitos; para elas, “é possível afirmar que há algo de uma ordem inconsciente que escapa do discurso dessas mulheres, fazendo com que se mantenham nesse tipo de relação” (FERRANTE; XAVIER, 2019, p. 67), o que, de acordo com a AD, entende-se ser a força opressora da ideologia da FD religiosa sobre essas mulheres.

A AD busca esse ‘algo que escapa’, guardado nas entranhas do intradiscurso. São discursos velados que escoam na materialidade dos enunciados, que antecedem como já-ditos e se alongam para além deles. Esse ‘algo que escapa’ encontrado, por exemplo, nas negações, não está no controle do sujeito e pode mostrar sua resistência e/ou ruptura em relação à ideologia da FD religiosa, como faz Tannure ao negar sua autonomia em relação ao marido e sua independência (E8, E9 e E10), na tentativa de se colocar como mulher submissa de acordo com a FD dominante, mas que não a

coloca na posição de mulher submissa; ‘algo que escapa’ pode mostrar resistência à FD religiosa, quando o sujeito questiona preceitos e regras da FD, denúncia abusos de homens “cristãos” e alerta para o peso da dominação masculina sobre as mulheres (E2, E3, E4, E5, E6); e esse ‘algo que escapa’ pode mostrar, ainda, a reprodução dos preceitos da FD religiosa (E7), denunciando como a ideologia dessa FD pode fazer da mulher um sujeito sem iniciativa de autodefesa devido à preponderância da dominação masculina.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No primeiro momento, ao constituir um *corpus* de depoimentos de mulheres atravessadas por discurso religioso evangélico comentando os seus relacionamentos matrimoniais e familiares, a hipótese era de que estes discursos estariam em harmonia com a forma-sujeito prevista pela FD dominante e que revelariam a aceitação da condição de submissão por entender que, do ponto de vista desses sujeitos, homem e mulher têm posições definidas. Assim, na relação homem/mulher/religião, caberia à mulher obediência e respeito ao homem, além da aceitação de ser considerada inferior a ele, sem questionamento ou confronto com os preceitos da FD religiosa, algo que significaria a compreensão da dominação masculina como algo mais que natural: divino, porque “instituído por Deus” desde a Criação (BÍBLIAON, Gênesis 2).

No entanto, a partir da compreensão do postulado de Pêcheux de que todo o ritual falha e dominação implica resistência (PÊCHEUX, 2014), a hipótese da pesquisa passou a considerar essa possibilidade quanto ao comportamento do sujeito feminino evangélico. Quanto a isso, de fato, o suposto conformismo das mulheres do *corpus* não se confirma nos enunciados desses sujeitos, mesmo quando há esforço para não contrariar a FD religiosa que domina o sujeito feminino e para mostrar aceitação das imposições colocadas. A partir de E1, E2, E3, E4, E5, E6 e E7, as seguidoras de Tannure, por exemplo, resistem, mesmo sem perceber, quando questionam preceitos da FD, como a aceitação do divórcio; denunciam comportamentos inaceitáveis de homens tidos como cristãos; apontam o uso da fé para fins lucrativos; e quando falam de dissabores vividos na vida matrimonial e familiar provocados pela dominação masculina, avalizada pela FD religiosa, que, por considerar a mulher como serva do homem, deixa-a suscetível a situações de humilhação, violência, opressão, frustração, medo e insegurança.

Sobre estas resistências, o sujeito de E1 crítica autoridades religiosas que se beneficiam financeiramente da crença de fiéis, quando, por exemplo, usa “prestações” em lugar de “pregações”, e denuncia pessoas que têm comportamentos reprováveis, como seu marido, que engana e mente, mas ocupa uma posição de líder religioso e ocupa um cargo na igreja: é diácono¹¹². O sujeito de E2 denuncia situações em que a

¹¹² “Desde o tempo dos Apóstolos a Igreja teve diáconos permanentes: Santo Estevão, mártir; São Lourenço, São Beda Venerável, doutor da Igreja, etc. Os diáconos permanentes são homens casados ou celibatários que, chamados para seguir Jesus Cristo Servidor, recebem o Sacramento da Ordem do

mulher é obrigada a abandonar o emprego para cuidar da casa e da família, mas significa essa atitude como “escolha”, pois, afetada pela ideologia que a destina a esse lugar, não percebe que os privilégios dados ao homem nessa FD a levaram ao lugar privado. Entretanto, o ritual falha e o enunciado direciona o efeito de sentido para a crítica de que a FD religiosa coloca o homem em situação cômoda, ao delegar à mulher os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos, de maneira que a sobrecarrega e lhe traz a dificuldade de assumir outros caminhos que não somente o da vida privada, sendo, por isso, anulada, ou seja, impedida de saber até onde poderia chegar, o que poderia conquistar e descobrir mais de si. Em E3, E4, E5 e E7, as mulheres denunciam casos de violência física e psicológica, ausência da igreja no combate a elas e preconceito contra o sujeito divorciado, mesmo quando o divórcio é necessário. Em E6, a mulher denuncia que a dominação masculina independe do tipo de relacionamento: o sujeito feminino pode ser vítima desse controle até mesmo na fase de namoro.

A resistência dessas mulheres ratifica o postulado de Pêcheux de que toda dominação é passível de resistência (PÊCHEUX, 1994). Os confrontos dos sujeitos femininos é um ataque à dominação da ideologia religiosa e, visto que a FD regula o que o sujeito pode ou não dizer dentro de seus limites, foi possível perceber que o ritual (devoção, engajamento, obediência e crença à FD religiosa) falha, por meio da intromissão do inconsciente, no caso, em relação à memória, aos lapsos e à negação.

A memória sobre o matrimônio idealizado, instituído por Deus e, por isso, lugar de completude, já que a mulher é parte do homem, osso de seus ossos e carne de sua carne (BÍBLIAON, Gênesis, 2), estilhaça-se, quando o sujeito se depara com o real e se vê em um relacionamento frustrante e, por vezes, abusivo, como ocorre com as mulheres de E5 e E7. Os lapsos desconsertam o previsível ao expor o recalque que resiste à ideologia dominante, como ocorre em E1 e em E2. Nesses enunciados, há mulheres desgastadas com o matrimônio, que se sentem “cansadas” da relação com homens cujo comportamento lhes desagrada e que estão sobrecarregadas no ambiente familiar, o que impossibilita realizar outras atividades e buscar conquistas para além do ambiente privado. Muitas vezes, como ocorre em E2, as mulheres

Diaconato através da imposição das mãos do Bispo. O diácono dá testemunho de vida em comunhão, de forma privilegiada, a partir de sua família e ambiente de trabalho (AQUINO, 2022, disponível em: <<https://cleofas.com.br/qual-e-a-missao-dos-diaconos-permanentes-na-igreja-quais-sao-as-disposicoes-necessarias-para-o-diaconato/>>. Acesso em: 10 nov. 2022).

procuram se convencer de que se dedicar exclusivamente ao privado é algo que as realiza, quando estão enclausuradas nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos e com o marido. A negação mostra como há mulheres oprimidas e silenciadas pela FD religiosa. Elas precisam negar posicionamentos, desejos e críticas, para evitar confrontos e se manterem identificadas com a FD; porém, o discurso outro movimenta a afirmação que o antecede, causa embates com a FD religiosa e faz despontar a contraidentificação velada dos sujeitos. Neste caso, tem-se, em E10, Tannure que, ao se referir ao marido, diz “eu não estou mais em ênfase, eu estou debaixo da liderança dele”, em que ela procura passar a imagem de submissão e de inferioridade ao sujeito masculino, algo que efetivamente não acontece.

As depoentes enunciaram diversos problemas vividos na vida matrimonial. São depoimentos que mostram o abandono de si mesmas, situações de agressão e de violência sofridas, além de frustração, medo e descontentamento. Há relatos de relacionamento que afetou a saúde emocional de algumas delas. Como o ritual falha, sem terem a pretensão, elas significam, por meio do equívoco, a posição-sujeito de esposas sofridas, desapontadas e desamparadas, mesmo dentro do relacionamento conjugal. Apesar disso, o comportamento delas aponta para a posição-sujeito de esposa, refletindo os moldes patriarcais conformes à ideologia da FD religiosa, ou seja, há resistência no que enunciam, mas suas práticas em relação aos maridos estão ainda sob a dominação masculina.

As mulheres de E1 e E2 agem conforme é determinado na história bíblica da criação, quando Deus diz: “far-lhe-ei uma ajudadora” (BÍBLIA ONLINE, Gênesis 2: 18). O sujeito de E1 procura ajudar o marido a deixar o hábito de mentir e se esforça para mudar sua maneira de ser: ‘há 12 anos que tenho tentado de todas as formas inclusive mudando meus hábitos, minha maneira de expressar minha indignação, mas infelizmente não atingi minha meta de ajuda-lo a abandonar o maldito vício de mentir’. Essa mulher se comporta de acordo com o preceito bíblico de que deve levar o marido à conversão sem usar palavras, apenas por seu santo comportamento, que consiste em ser submissa e obedecer à palavra de Deus (BÍBLIA, 1 Pedro 3). O sujeito de E2 cumpre a missão de ajudadora do homem com a atitude de preparar-lhe o jantar, de ser-lhe companhia, de cuidar dele: ‘Meu marido tem esposa pra sair, preparar o jantar, cuidar, conversar’. Nesse caso, a ajuda vai além disso, pois permite que ele mantenha sua rotina particular, um mundo além do ambiente privado, pois não há da parte dele

necessidade de renunciar a nada, uma vez que ela abraça, sozinha, as obrigações com o lar e com a saúde e educação dos filhos.

Em E2, E6 e E7, reproduz-se a memória de que a posição-sujeito de esposa está atrelada à missão de ser guardiã do lar. O sujeito de E2 abandona tudo para se voltar ao marido, aos filhos e à casa: ‘Mas meus filhos tem mãe em casa na rua na escola no pediatra [...] Minha casa tem dona’ e se coloca como sendo a responsável por organizar a família e atender às necessidades de todos. O sujeito de E6 declara que, depois que se casou, quis ser mulher ‘virtuosa’, afirmação que remete à posição-sujeito de esposa submissa, temente a Deus, dedicada ao lar e à maternidade: ‘Depois q fui mãe, eu quis ser a mulher virtuosa’. O sujeito de E7 também se coloca como guardiã, pois, mesmo traída e humilhada pelo marido, manteve-se em casa com a pretensão de lutar pelo casamento: ‘**estou nesta luta e querendo perseverar**’, a partir da qual se percebe a tentativa de reestruturar a família. A maternidade é assunto recorrente nos enunciados dessas mulheres; há menção a filhos em E2, E3, E4, E6, E7. Neles, a responsabilidade com os filhos é significada como destinada à mulher (E2 e E8) e como o único aspecto positivo da relação ruim e malsucedida (E3 e E4).

Os casos em que o comportamento feminino denega a resistência recalcada que escapa por meio da falha e do deslize mostram a força da ideologia da FD religiosa sobre o comportamento dos sujeitos. Contrariando que há casamentos e situações em que a mulher não deveria estar, revelam-se atitudes de servidão ao homem que resultam da devoção ao discurso religioso e aprisionam o sujeito, uma vez que não gostariam de viver o que estão vivendo e, por isso, resistem à FD religiosa, mas não rompem com ela (o sujeito dividido é também sujeito do conflito). A causa de não romperem é que, além de todos os discursos que direcionam o comportamento feminino para a obediência e servidão, há, na FD religiosa, a figura de um Deus poderoso, dono da eternidade, que, por amor incomparável à humanidade, ofereceu seu filho para salvar a todos, um Deus que requer adoração e obediência.

A disposição para servir a esse Deus onipotente precede o casamento frustrado e um relacionamento tóxico e as mulheres procuram cumprir os preceitos bíblicos, considerados como o mando desse Deus que não se pode contrariar. Este preceito é confirmado no enunciado da mulher de E3, a única deste *corpus* que passou por um processo de separação e que se sente desconfortável por ser divorciada, pois não quer ser rejeitada por Deus: ‘Não queria me divorciar, mas hoje sinto Deus na

minha família', mostrando arrependimento. Ela silencia o sentimento de culpa, que ela procura amenizar dizendo ser amada por Deus, quando teme não ser, sentimento que não deveria existir, visto que conseguiu se libertar de um relacionamento abusivo. Esse real do sujeito de E3, que, apesar de se sentir mal por ser divorciada, conseguiu se libertar do primeiro casamento, conturbado e infeliz, difere do real de tantas outras mulheres evangélicas que, por não conseguirem contrariar preceitos religiosos atribuídos à sua forma de agir, amargam sua existência, vivendo sob a opressão masculina amparada pela FD dominante.

A devoção a Deus é alimentada pela FD religiosa assim como o receio de não ser aprovado por Ele, levando à convivência com homens que não lhes fazem bem e que elas não admiram. Diante disso, a posição-sujeito de esposas tementes e ajudadoras direciona mais para a obrigação do que para o prazer espontâneo de servir, haja vista que, enquanto a FD religiosa significa o homem como líder e como cabeça da mulher, nos enunciados, eles são discursivizados como pessoas desonestas, mentirosas, que não respeitam cargos que ocupam dentro da igreja (E1) e que esperam ser servidos pela mulher, consumindo seu tempo e impedindo a conquista de outros espaços (E2); homens que são ameaça à índole da mulher, por representarem risco à sua castidade, fazendo que sejam obrigadas a se casar sem estar emocionalmente preparada para assumir uma relação conjugal (E3); homens opressores, agressivos, controladores, indiferentes à mulher e à família (E4, E5 e e7); homens que precisam ser considerados como liderança, quando, na verdade, não são, para não comprometerem a profissão religiosa da mulher que sobressai a ele (E8).

Enquanto as seguidoras de Tannure resistem à ideologia dominante da FD religiosa, a própria pastora, sendo porta-voz dessa FD, contraditoriamente, mostra ruptura em relação a ela: Tannure se abre para um sujeito em equívoco, à medida em que defende e divulga a ideologia da FD religiosa, significando sua posição-sujeito de esposa como um exemplo de mulher a ser seguido, mas, por outro lado, trilha um caminho oposto ao silenciar uma contraidentificação com a FD que representa, não correspondendo à posição-sujeito de esposa, mãe e dona de casa que defende em suas pregações. Há um amplo deslocamento entre a posição-sujeito da mulher defendida pela FD religiosa que determina Tannure e a mulher que, realmente, ela é.

O fato mencionado pode ser observado, primeiro, porque ela não está focada no ambiente privado, mas no mundo dos negócios, pois é uma empreendedora que

busca nichos rentáveis dentro da FD religiosa, investindo na música gospel, na mídia com cursos e ensinamentos sobre casais e sobre família e na moda para mulheres evangélicas. Além disso, embora ela se esforce por significar o marido como líder: ‘Eu só vou nos lugares que ele deixa eu ir, ele que cuida da minha agenda, onde ele fala você vai, eu venho; onde ele fala num vai, eu num vou, eu não sou doida nem nada’ (E10), visto que isso é doutrinação da FD religiosa na qual está inserida e faz parte dos ensinamentos de suas pregações, reverberados em seus produtos, o real aponta o oposto: a pastora se sobressai ao marido, que caminha à sombra dela e também se beneficia, financeiramente, dos frutos de sua imagem e de seu trabalho.

Veicula-se, assim, o pré-construído de que Tannure sabe dessa força, dessa autoridade que tem como pastora e de sua independência do marido, quando, por exemplo, enuncia que ‘sem o João Lúcio, num tem o ministério da Helena’ (E10). Essa necessidade de afirmar que depende do marido tem o intuito de velar o que para ela e para ele consiste em um problema: ela não é submissa; na verdade, sem ‘João Lúcio’, há o ministério Helena Tannure, pois tudo gira em torno dela. Nesse caso, a mulher é a liderança e não o homem. Ela tem essa percepção de seu relacionamento e, mesmo que esteja recalcada, derrapa, quando ela significa esse homem como uma pessoa fraca. É possível chegar a esta conclusão, quando a pastora reporta a fala da suposta seguidora: ‘Ah...meu marido, Helena, o meu marido é um banana!’. Não, ele não é um banana. Ele tem uma Jezabel em casa. Quando uma mulher é sábia, ela eleva esse marido, ela levanta ele’ (E9), em que dá a entender que é seu universo pessoal reprimido que está sendo explorado, visto que Tannure arrasta o marido junto a seu sucesso no meio religioso, ou seja, ela eleva o seu homem.

Os enunciados de Tannure e de suas seguidoras revelam que o homem, que para a FD é cabeça da relação matrimonial, não é, necessariamente, em condições reais, a base familiar emocional e financeira da família, pois as mulheres denunciam parceiros descomprometidos com a família, não atentos à criação dos filhos ou aos anseios e necessidades da esposa. O *corpus* mostra relacionamentos em que os homens cumprem a ordenança do matrimônio sem serem líderes ou mostrar respeito ou afetividade, contrariando preceitos bíblicos que atentam para isso: “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” (BÍBLIA ONLINE, Efésios, 5:25).

A análise aqui realizada evidencia que não é regra homens serem a base familiar, porque o *corpus* revela que há mulheres que assumem a família, devido à não-participação deles, como é possível perceber no pedido de Tannure para que as mulheres façam a oração: ‘estou abençoando, liberando o meu marido para que ele

se torne um homem segundo o teu coração, que dá a vida por mim, que dá a vida pelos filhos, que trabalha por nós, um homem que tem compromisso' (ER2.13). Nesse caso, há um não-dito, um discurso outro, movido pela pastora, que há homens que não se voltam para a mulher e para os filhos e que não trabalham para sustentá-los como espera a FD religiosa, cabendo à mulher essa função.

Nesse ponto, instaura-se, para a mulher, um problema: ela se vê obrigada a suprir a falta do "líder", mas a FD religiosa tem um discurso que a inibe e que a impede de ocupar esse lugar, já que não caberia a ela essa função. Socorrer a família em suas necessidades emocionais e financeiras e não querer ou precisar da presença do sujeito masculino, no caso do pai, parece para a FD religiosa algo inapropriado. A mulher é incentivada a "consertar" isso orando para que o esposo se (re)posicione como "líder" e se enquadre na ideologia dominante, conforme é possível perceber na orientação da pastora, pedindo às mulheres que orem: 'Se ele não tem sido o marido que o Senhor deseja que ele seja, ainda, Senhor, eu estou abençoando e liberando o meu marido pra que ele se torne um homem segundo o teu coração' (ER2.13).

Esse tipo de incentivo minimiza e até desconsidera a gravidade da violência contra o gênero feminino, já que pode levar mulheres a ficarem em relacionamentos perigosos. A pastora conta com público amplo e, portanto, atinge diferentes pessoas, de diferentes classes sociais e ela não tem controle sobre quem é o marido de sua seguidora nem sobre o tipo de relacionamento que cada uma está vivenciando. A preocupação com o bem-estar e com a integridade mental e física do sujeito feminino não é o seu foco de atenção e a mulher que se encontra, por exemplo, em situação de violência doméstica, ao invés de denunciar ou, no mínimo, afastar-se, rejeitando e protegendo-se de abusos, pode permanecer no relacionamento por um ato de fé, esperando que, pela obediência a Deus e pela oração, sua situação mude; enquanto isso, ela sofre e corre riscos.

Segundo Terassi e Tilio (2016), uma das dificuldades que a mulher encontra para romper com relacionamento abusivo e arriscado é causada pelo apagamento da violência de gênero por processos ideológicos e "para alterar esse triste cenário é preciso ocorrer alterações na estrutura de funcionamento simbólico das/nas relações entre homens e mulheres" (TERASSI; TILIO, 2016, p. 152). A ideologia que domina a FD dominante se coloca na contramão dessa proposta, pois veicula discursos que fortalecem o cenário de dominação masculina e de servidão feminina em detrimento da autonomia, da voz e da liberdade da mulher. Os discursos de Tannure às suas

seguidoras buscam mantê-las em desigualdade de gênero, que, assim como a desigualdade social, faz parte do sistema de produção capitalista, que oculta o real e a história, devido ao conflito de interesses entre os segmentos sociais (TERASSI; TILIO, 2016).

Tannure se encontra entre os dois lados de uma mesma moeda: é mulher que, interpelada pela FD religiosa e interpelada pela FD capitalista, conhece os caminhos de como fazer uso disso para se promover. Ou seja, ela usa o discurso religioso para atingir seus interesses. Em seus enunciados, por exemplo, reitera, a história de Adão e Eva, reporta o discurso patriarcal, reproduz a dominação do homem sobre a mulher, para que ela mesma pareça “submissa” em sua posição-sujeito e passe a impressão de aceitar “passivamente” a ideologia que determina esta FD religiosa. Ela sua experiência como mulher evangélica e com mulheres evangélicas para estruturar, fortalecer e manter seu capital. Cabe lembrar que a pastora, em quem muitos desses sujeitos femininos se espelham e de quem ouvem conselhos, mantém um mercado gospel que atende a esse grupo de mulheres, projetado por discursos da FD religiosa dominante, que a pastora representa. Essa atitude de Tannure doutrina o sujeito feminino e pode vir a enfraquecer a capacidade desse sujeito de confrontar a opressão da FD religiosa, e enfraquecer a resistência e/ou a ruptura desse sujeito na tentativa de mantê-lo cativo.

Desse modo, o fato de homens serem tidos como líderes torna possível agirem com autoridade, ou mesmo, com autoritarismo sobre a mulher, o que prolonga, protege e até abriga a violência doméstica, devido a discursos que orientam a mulher à resignação, ao acolhimento e ao cuidado ao homem. Discursos da FD religiosa como os que foram trazidos para o desenvolvimento desta tese sustentam e orientam a mulher a ser ajudadora, a ser coluna do relacionamento, independentemente do relacionamento conjugal que vivenciam (COLE; COLE, 2017), e tendem a fazer com que ela fira sua própria existência.

Para efeito de fechamento desta tese, cabe destacar que o olhar discursivo para os enunciados desses sujeitos adentra o universo de uma FD religiosa que sacraliza a opressão contra essas mulheres a partir do momento em que usa o nome de “Deus” e “Suas” leis para normatizar comportamentos femininos que atendam à dominação masculina. Apesar disso, o discurso de opressão da dominação masculina que parece acomodar-se no sujeito feminino se depara com o sujeito que é “ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente” (HENRY, 2013, p. 182)

e, nesse caso, instauram-se pontos de discordância entre essas mulheres evangélicas e sua própria realidade. Esta pesquisa, portanto, captura, por meio da análise, nos entremeios da linguagem, um pouco do “real” destes sujeitos evangélicos, procurando também ser resistência ao expor e denunciar a violência a que estão expostas; além disso, por ser um momento de escuta que não dá conta de compreender toda a complexidade que envolve esses sujeitos, clama por outros olhares: análises que contribuam para entender mais esse sujeito mulher que sofre “em nome de Deus”.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In. ACHARD, Pierre [et al]. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p.11-17.

ANDERSON, Allan Heaton. **Uma introdução ao Pentecostalismo** – Cristianismo Carismático Mundial. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2019.

ALQUATTI, Raquel. **Contradição**. In. Leandro-Ferreria, Maria Cristina (org.) Glossário de termos do discurso - edição ampliada. 1 ed. Campinas, SP: Pones Editores, 2020. p. 51-54.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASÍLIA: SENADO FEDERAL, COORDENAÇÃO DE EDIÇÕES TÉCNICAS EDIÇÕES TÉCNICAS. Lei Maria da Penha e normas correlatas. 2019. 95 p.

CARONE, Marilene. Um claro enigma de Freud. In. FREUD, Sigmund. **A negação**. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 8-13.

COLE, Edwin Louis; COLE, Nancy Corbett. **Mulher Única**. Sabedora e visão para maximizar sua vida. Trad. Andréia Japiassu. Pompeia: Universidade da Família: São Paulo, 2017.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

DAVALLON, Jean. In. ACHARD, Pierre [et al]. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 23-37.

DORNELES, Elizabeth Fontoura; BRESSAN, Mariele Zawierucka. **Forma-sujeito**. In Leandro-Ferreria, Maria Cristina (org.) Glossário de termos do discurso - edição ampliada. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 103-107.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão Técnica da tradução Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1987.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano** - a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e Caça às bruxas**: da idade média aos dias atuais. Trad. Heci Regina Candiani. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Sílvia. Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I** - a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **A negação**. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p.15-29.

FREUD, Sigmund. **Psicopatologia da vida cotidiana**. Trad. Dr. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966. [1901].

GARBIN, Stefany Rettore. Pré-Construído. In. Glossário de termos do discurso. Maria Cristina Leandro-Ferreira (org). Campinas: Pontes Editores, 2020.

GOUVEIA, Delmiro. **Herdeiras da Inquisição**. Uma análise da violência contra a mulher, no desenvolvimento do capitalismo. Universidade Federal de alagoas, 2018.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

hooks, bell. Teoria feminista: da margem ao centro. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTIMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.). **Memória e História na/da análise de discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2013.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACÊDO, Goiacira nascimento segurado. A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional. Dissertação. Universidade Católica de Goiás. UCG, Goiás, 2003.

MAIA, Maria Cláudia Gonçalves. O lapso de escrita como refúgio. In. MARIANI, Bethania (org.). **A escrita e os escritos**: reflexões em análise do discurso e em psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006, p.31-44.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. São Paulo: Pontes, 1997.

MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso** - história e práticas. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** - (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARANDIN, Jean-Marie. Sintaxe, discurso: do ponto de vista da análise do discurso. In. Gestos de Leitura: da história no discurso/ Eni P. Orlandi (org). Campinas: Editora Unicamp, 2014.

MEDEIROS, Vanise; SILVA, Dela Silmara; Alexandre S. Ferrari Soares; MARIANI, Bethania (Orgs.). Discurso, resistência e... Cascavel: EDUNUOESTE, 2015.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no Terceiro Milênio**. Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística 2** – Domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, Antônia Camila de Oliveira. A influência da ideologia patriarcal na definição dos brinquedos infantis. In. **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 14, 2015, n. 37, 2016, p. 296-318.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicampi, 2007.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. **Análise do discurso** - princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. **Discurso em Análise** - sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais** - origens e começo. São Paulo: Paulinas, Coleção Temas de Ensino Religioso, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [et al]. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49 - 57.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso** - estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Pontes, 2015a.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**. (Org.) Eni Pulccinelli Orlandi. São Paulo: Pontes, 2015b.

PEREIRA, Fernanda. Feminilidade e feminismo: resistência ao controle patriarcal. (org) BIZIAK, Jacob dos Santos; CATTELAN, João Carlos; TARINI, Ana Maria de Fátima Leme In: **Poder, dizer, resistir**: ensaios em análise de discurso. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. p. 69-82.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

PRUINELLI, Andréia Maria. **Formação Discursiva**. In Leandro-Ferreria, Maria Cristina (org.) Glossário de termos do discurso - edição ampliada. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 115-119.

RAMOS, Thaís Valim. **Outro/outro**. In Leandro-Ferreria, Maria Cristina (org.) Glossário de termos do discurso - edição ampliada. 1 ed. 2020 Campinas, SP: Pontes Editores, 2020a. p. 221-224.

SAFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção polêmica).

SAFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Trabalho feminino e capitalismo**. In. Perspectivas. Ano 1. Vol. 1. N. 1. 1976.

SAFLATE, Vladimir. Aquele que diz “não”: sobre um modo peculiar de falar de si. In: FREUD, Sigmund. **A negação**. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 35-53.

SILVA, Silmara Dela. **Discurso, resistência e escrita: por uma análise discursiva dos espaços para os sujeitos na mídia**. (In). SOARES, Alexandre S. Ferrari Soares; MARIANI, Bethania; SILVA, Silmara Dela; MEDEIROS, Vanise (org). **Discurso, Resistência e...** Cascavel: Edunioeste, 2015. p. 207 a 227.

SOUZA, Alexandre carneiro. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?** - um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa: ultimato, 2004.

TARINI, Ana Maria de Fátima Leme. Sujeito, interpelação ideológica e resistência. In: poder, dizer, resistir: ensaios em análise de discurso, p. 13-25.

TEIXEIRA, Cíntia Maria. **As Mulheres no Mundo do Trabalho: Ação das Mulheres, no Setor Fabril, para a Ocupação e Democratização dos Espaços Público e Privado**. (in) Psicologia: Teoria e Pesquisa Abr-Jun 2009, Vol. 25 n. 2, pp. 237-244.

VILHENA, Valéria Cristina (Org.). **Evangélicas: por sua voz e participação**. Gênero em discussão. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

REFERÊNCIAS COM LINKS

ALBANO, Fernando. **O Espírito no mundo: pneumatologia pentecostal em diálogo com Paul Tillichsh**. 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/txljejs>. Acesso em: 27 jan. 2021.

AL'HAZRED, *Laphroaig*. **Malleus Maleficarum**: O Martelo das Feiticeiras. 2017.. Disponível em: <<https://penumbraLivros.com.br/2017/03/malleus-maleficarum-martelo-feiticeiras/>> Acesso em: 23 de mai 2022.

ALMEIDA, Lorrana Laila Silva de; BORGES, Alex Fernando; BORGES Jacqueline Florindo; ENOQUE, Alessandro Gomes. **Empreendedorismo Religioso**: Um Estudo sobre Empresas que Exploram o Nicho da Religiosidade. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rac/a/dPFHMXqS7LLq57DYmyjXV4t/>>. Acesso em: 23 out. 2022.

BARBOSA, Bruno Rafael Nogueiral; SILVA, Laionel Vieira. **“Os cães do inferno se alimentam de blasfêmia”**: religião e transfobia no ciberespaço. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 18, n.24, p.110-133, jan-jul. 2016. Disponível em: <<https://bityli.com/O12e6>>. Acesso em: 18 maio 2020.

BECK, Maurício; ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. **O sujeito e seus modos** - identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. 2012. Disponível em: <https://bityli.com/4bsrY>. Acesso em: 03 fev. 2022.

BIANCHETTI, Thiago Angelin Lemos. Exu, Protetor ou Demônio? Uma abordagem etnográfica dos rituais Afro-Brasileiros e das sessões de descarrego da IURD. Disponível em: <https://cutt.ly/WxlygT6>. Acesso em: 07 fev. 2021.

BONARDI, Juliana de Souza; MACHADO JUNIOR, Luiz Bosco Sardinha, **Patriarcado, capitalismo e revolução industrial**: a inserção da mulher no mercado de trabalho. 2018. Disponível em: <cic.unifio.edu.br/anaisCIC/anais2018/pdf/14_05.pdf>. Acesso em: 09 de abr. 2022.

CASA DOS DADOS. República das saias: e-commerce. Disponível em: <https://casadosdados.com.br/solucao/cnpj/republica-das-saias-ltda-29708942000100>. Acesso em: 22 maio 2021.

CATTELAN, João Carlos. Do ato falho: elucidação para quem? 2020. Disponível em: <https://url.gratis/aYhDv>. Acesso em: 13 abr. 2021.

CATTELAN, João Carlos. Negação e Resistência: #elenão. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/7457>. Acesso em: 13 abr. 2021.

CATTELAN, João Carlos. O interdiscurso entre-discursos. *Trama*, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 168–190, 2017. DOI: 10.48075/rt.v13i30.15823. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/15823>. Acesso em: 21 out. 2021

CEPADNEWS. *Ciro Sanches Zibordi*. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/cirozibordi/apologetica-crista/134/por-que-mulheres-nao-podem-ser-pastoras.html>. Acesso em: 20 maio 2021.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. O papel da mulher no meio pentecostal: novíssimas relações de gênero nas Assembleias de Deus (2016) Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/6195>. Acesso em: 29 maio 2021.

COMUNHÃO. Glorify, o app para meditações e devocional diário. 2021. Disponível em: <https://comunhao.com.br/glorify-app-devocional-diario/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CONEGERO, Daniel. **Um Cristão Pode Ser Possuído Por Demônios?** Disponível em: <https://estiloadoracao.com/cristao-pode-ser-possuido-por-demonios/#googlevignette>. Acesso em: 21 out. 2021.

CONEGERO, Daniel. Quem foi Jezabel na bíblia? Disponível em: <https://estiloadoracao.com/quem-foi-jezabel/>. Acesso em: 19 set. 2021.

COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. *Policromias*, 14-35, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/4090>. Acesso em: 27 ago. 2021.

DALLA-BONA, Elisa Maria. Letramento Literário como Forma de Resistência da Escola. 2013. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/4265>. Acesso em: 23 de ago. de 2022.

DAVELA, Silvana Paglarini; KIRSCH, Selma de Albuquerque Cavalcanti. Linguagem e psicanálise 2010. Disponível em: <https://url.gratis/FTZJE>. Acesso em: 12 mar. 2021. DEFESA DO EVANGELHO SOCIEDADE MISSIONÁRIA. **Pr. Paulo Júnior**. Disponível em: <https://defesadoevangelho.com.br/sobre/pastor-paulo-junior/>. Acesso em: 27 jun. 2021.

DIANTE DO TRONO. Crianças diante do trono: Disponível em: <https://cutt.ly/SxluHTn>. Acesso em: 07 jul. 2019.

DIANTE DO TRONO. História. Disponível em: <http://diantedotrono.com/historia/>. Acesso em: 9 nov. 2020.

DICIONÁRIO ONLINE. Parafasia. Disponível em: <https://url.gratis/GONTu>. Acesso em: 12 jun. 2020.

DURAND, Michelle Kuntz. et al. Possibilidades e desafios para o empoderamento feminino: perspectivas de mulheres em vulnerabilidade social. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/KKfcDmSpk9NVBG9y3KpSTyr/>. Acesso em: 11 jul. 2022

E-BIOGRAFIA. **Edir Macedo**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/edir_macedo/. Acesso em: 23 jun. 2021.

ERNST, Aracy Graça. Cinismo e ato falho no discurso político-midiático. 2016. Disponível em: <https://url.gratis/a9qNp>. Acesso em: 05 mar. 2021.

ESBOÇANDOIDEIAS. Disponível em: <https://www.esbocandoideias.com/2012/02/o-que-significa-ministerio.html>. Acesso: 20 out. 2021.

FACHIN Melina Girardi; ROSA e Vitória Pereira. **O legado de Malala no Brasil atual: o cenário do direito à educação das meninas e mulheres a partir do constitucionalismo feminista.** 2020. Disponível em: <<https://meusitejuridico.editorajuspodivm.com.br/2020/04/03/o-legado-de-malala-no-brasil-atual-o-cenario-direito-educacao-das-meninas-e-mulheres-partir-constitucionalismo-feminista/>>. Acesso em: 04 mar. 2022

FARIAS, Morgana de Medeiro. Mulher, casamento e autoria feminina: enfoques na literatura infantil e juvenil de Marina Colasanti, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/9170/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima Fernandes. Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal. Disponível em: <https://cutt.ly/uxluXHd>. Acesso em: 01 fev. 2021.

FERRANTE, Fernanda Garbelini de e XAVIER Angélica Nepomoceno. **A mulher da violência:** por que elas permanecem nessa relação? 2019. Disponível em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/261>>. Acesso em: 11 set. 2021.

FRANÇA, Thyago Madeira. Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux. In. **Interletras**. Disponível em: < https://www.unigran.br/dourados/interletras/ed_anteriores/n22/artigos.php>. V.4, Edição número 22, de outubro/, 2015. Acesso em: 13 ago. 2020.

FRANÇA, Flávia Nethelly. In. TANNURE, Helena. Pílulas para Elas: “Submissão ... a necessidade dos homens”. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz-9-fBiGW8>. Acesso em: 03 jul. 2021.

FROTA, Maria Paula. A escrita do inconsciente no texto traduzido. Disponível em: <https://url.gratis/YV96n>. Acesso em: 05 abr. 2021.

GONÇALVES, Rafael Bruno; PEDRA, Graciele Macedo. O surgimento das denominações evangélicas no Brasil e a presença na política. In. **Diversidade Religiosa** Revista Discente do PPGCR-UFPA, João Pessoa, v. 7, n. 2, 2017, p. 69-100. Disponível em: <https://cutt.ly/oxSEJ1R>. Acesso em: 03 fev. 2021.

GOTQUESTIONS. Qual é o poder do Espírito Santo? Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/Espirito-Santo-poder.html>). Acesso em: 12 fev. 2022.

HOTMART. Anúncio online do curso femininas. Disponível em: <https://pay.hotmart.com/N7593442B?off=k5djlw6p&checkoutMode=10&bid=1616025191073>. Acesso em: 13 jun. 2021.

HOTMART MARKETPLACE. Anúncio online do curso Confraria de mulheres. Disponível em: <https://hotmart.com/product/start-now-empreendedorismo-start/Y7688365R>. Acesso em: 13 jun. 2021.

IGREJA BATISTA DA LAGOINHA Eletrônica. Letras. Disponível em: <https://cutt.ly/wxKWMJI>. Acesso em: 06 jun. 2019.

IGREJA BASTISTA DA LAGOINHA. **Revista Lagoinha Global**: Curso *Mulher Única*. Disponível em: <https://cutt.ly/DxKIGPZ>. Acesso em: 18 fev. 2021.

IGREJA BATISTA DA LAGOINHA. Sobre nós. Disponível em: <https://lagoinha.com/pagina/13059/sobre-nos>. Acesso em: 06 jul. 2019.

INFOESCOLA. **Caça às bruxas**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/caca-as-bruxas>. Acesso em: 03 fev. 2022

JUER, Ester. **O mau humor na TPM**: uma interpretação do feminino, 2007. Disponível em: < <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/8372>>. Acesso em: 20 de dez. 2021.

JÚNIOR, Paulo. **O papel das mulheres**. Youtube (29m16s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N-wpKpwzaPY>. 13 de abr. de 2021. Acesso em: 21 jun. 2021.

KRAMER Heinrich; SPRENGER Jacobus. **Malleus Maleficarum**: El martillo de los brujos. Traducción: Floreal Maza. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9QFYOHNVhElbHdvd29SNkY0bk0/view?resourcekey=0-8EvUHG4r-zS09pjrcLsPTg>. Acesso: 03 de fev. 2022.

LIMA, André. *In* TANNURE, Helena. Pílulas para Elas: “Submissão... a necessidade dos homens”. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz-9-fBiGW8>. Acesso em: 03 jul. 2021.

LIMA, Flávio Lúcio Almeida; SILVA, Elís Amanda Atanázio; PICHELLI, Ana Alayde Werba Saldanha. Amor romântico e relações afetivas: repercussões nos papéis de gênero. 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384882471_ARQUIVO_FlaviioLucioAlmeidaLima.pdf. Acesso em: 07 abr. 2021.

LIVRARIA FAMÍLIA CRISTÃ. Capa do Livro *Mulher Única*: Sabedora e visão para maximizar sua vida. Disponível em: <https://www.livrariasfamiliacrista.com.br/livro-mulher-unica.html>. Acesso em: 11 mar. 2021.

LOPES, Gisely Cristiny; SANTOS, Tainá dos. Tensão pré-menstrual (TPM): fitoterapia Baseada em evidências, 2015. Disponível em: <https://bitly.com/LTqf1>. Acesso em: 07 de ago. 2022.

MACRI, Sylvio. Os batistas e os dons espirituais. Disponível em: <https://bit.ly/3sUWEk1>. Acesso em: 06 abr. 2021.

MALUF-SOUZA, Olimpia e FERNANDES, Fernanda Surubi. **Castidade e luxúria**: uma dualidade constitutiva da imagem feminina. 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/POSTERES>.

MARÃES, Milena Araújo Marães. **A bíblia como literatura: virgindade e violação feminina.** 2019. Disponível em: < <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/1631>>. Acesso em: 11 out. 2021.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, set./nov. 2005, p. 48-67. Disponível em: <https://cutt.ly/HxK93OV>. Acesso em: 13 fev. 2021.

MIGUEL, Luís Felipe. **Voltando à discussão sobre capitalismo.** 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/gN8FXQpQLCPHrzDMqd4XWzB/>. Acesso em: 05 de fev. 2022.

MOREIRA, Raquel Ribeiro. **“Meninos do CENSE” - As Relações de estigmatização, violência e disciplinarização de adolescentes em conflito com a lei.** 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28773/000772906.pdf;sequence=1> internados. Acesso em: 9 out. 2021

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. In. **Psicologia & Sociedade**, 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006. Disponível em: <https://cutt.ly/kxSF6WD>. Acesso em: 14 fev. 2020.

NÓBREGA, Talina Bandeira Tavares da; PEREIRA, Lanna Jennifer Elias; MEDEIROS, Esly Nascimento de; LIMA, Flávio Lúcio Almeida; MENDES, Luís Augusto de Carvalho. A emancipação feminina na pós-modernidade e os relacionamentos interpessoais. 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/42053>. Acesso: 23 de set. 2022.

NUNES, Ana Clara de Arruda; Souza, Tatiana Machiavelli Carmo. **Análise das vivências de violência doméstica em mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais.** 2021. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702021000200006>. Acesso em: 03 abr. 2022.

PLAN INTERNACIONAL. **Tirando o véu** - estudo sobre casamento infantil no Brasil. 2019. Disponível em: https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Estudo-Casamento-Infantil-Brasil_final.pdf. Acesso em: 09 out. 2021.

PIMENTA, Rosângela Oliveira Cruz; SANTOS, Adriana Cavalcante dos; SANTOS, Wilton Petrus dos. **O silenciamento da mulher evangélica: palavras e contrapalavras.** 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/91>. Acesso em: 27 jun. 2021.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. **Revista Contraponto**. v. 3, n. 1, 2016. Disponível em: <https://cutt.ly/uxK959J>. Acesso em: 14 fev. 2020.

PISSURNO, Fernanda Paixão. **Caça às Bruxas.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/caca-as-bruxas/>, (sd),. Acesso em: 04 abri. 2022.

PORTAL GOSPEL. Como surgiu a Igreja Batista da Lagoinha. Disponível em: <<https://portalgospel.com.br/como-surgiu-igreja-batista-da-lagoinha/>>. Acesso em: 06 jul. 2019.

PROJETO GOSPEL. Disponível em: <https://projetogospel.com/o-que-significa-ministerio/>. Acesso em: 19 out. 2021.

RAMOS, Silvana de Souza. **Mulheres e gênese do capitalismo**: de Foucault a Federici. 2020b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339007375_Mulheres_e_genese_do_capitalismo_de_Foucault_a_Federici. Acesso em: 09 fev. 2022.

RESPOSTAS BÍBLICAS - PERGUNTAS E REPOSTAS À LUZ DA BÍBLIA. **Quem foi Acabe?** Disponível em: <<https://www.respostas.com.br/quem-foi-acabe/>>. Acesso em: 19 set. 2021.

REPÚBLICA DAS SAIAS. *Facebook*. Disponível em: https://www.facebook.com/RepublicaDasSaias/videos/?ref=page_internal. Acesso em: 13 jun. 2021.

SANTANA, Andréia. **bell hooks**: uma grande mulher em letras minúsculas. Disponível em: <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SANTOS, Adriano. Brasil, segundo país onde o mercado de aplicativos mais cresce. 2020. Disponível em: <https://bityli.com/QjKw8>. Acesso em: 22 maio 2021.

SANTOS, Odja Barros. “OUTRO GÊNERO” DE IGREJA: Um estudo sobre a prática comunitária de Leitura Popular e Feminista da Bíblia. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/e0ugM>. Acesso em: 02 jul. 2021.

SILVA, Letícia Fernanda da. **A mulher deve se vestir de modo que nenhum homem venha pecar por sua causa**. 2012. Disponível em: <http://2timoteo316.blogspot.com/2012/07/mulher-deve-se-vestir-de-modo-que.html>. Acesso em: 12 dez. 2021.

SILVA, Jaqueline Santo; JUNIOR, Martinho Luthero de Souza. Empoderamento feminino: um estudo de campo com mulheres em diversos espaços da sociedade local. Disponível em: <https://bityli.com/WPY98>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SILVEIRA, Talita Perez¹ LAZARINI, Ademir Quintilio. **O processo de educação feminina durante o período inicial da revolução industrial (1780-1850)**: qual educação? Para quem? Sd. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/talita_perez_silveira. Acesso em: 22 nov. 2021.

SILVA, Rosemeire de Souza Vieira [et al]. Em um mundo com Tantas Opções, por que Mulheres Evangélicas Optam pela Restritiva Moda Comportada?, 2020. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ocs/index.php/clav/clav2020/paper/viewPaper/7522>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SOUZA, Terezinha Martins dos Santos. Patriarcado e capitalismo: uma relação simbiótica. In *Temporalis*, Brasília (DF), ano 15, n. 30, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/10969/8406>. Acesso em: 2 fev. 2021.

SOUZA, ELANE. ADVOCACIA & CONSULTORIA JURÍDICA. “**Malleus Maleficarum**” - O Martelo das Bruxas e a perseguição aos homossexuais hoje, aqui e no mundo. Qual a semelhança? Em que se coadunam?. Disponível em: <https://bityli.com/5h2AG>. Acesso em: 02 de jun. 2022.

STRASSACAPA, Ju. **Triste, louca ou má**. Disponível em: <https://sapatista.com.br/a-historia-da-musica-triste-louca-ou-ma/>. Acesso em: 21 dez. 2021.

música Triste, louca ou má: A música foi composta por Ju Strassacapa, vocalista da banda Francisco el Hombre. Disponível em: <https://sapatista.com.br/a-historia-da-musica-triste-louca-ou-ma/>. Acesso: 21 dez. 2021.

TAVARES, Paula. A importância da legislação na erradicação do casamento infantil. 2017. Disponível em: <https://bityli.com/Jj4fd>. Acesso em: 13 out. 2021.

TERASSI, Grazielli e TILIO, Rafael de. **Ideologia, Cinismo e Interpassividade**: aportes para compreensão da violência entre parceiros íntimos. 2016. Disponível em: < <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/9300/6172>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

VALADÃO, Ana Paula. TEM DE TUDO. **Ministração sobre casamento**: Youtube (01h03m). 2017. Disponível em: <https://bityli.com/wtus4>. Acesso em: 27 jun. 2021.

VASCONCELOS, Andressa Mielke; GRIEBELER Marcelo de Carvalho. **O Efeito do Casamento Infantil Feminino sobre Atraso e Frequência Escolar**. 2020. Disponível em: <https://www.anpec.org.br/encontro/2020/submissao/files_/i12-6185f748b797d29c215eb3afb10bcded8.pdf> Acesso em: 13 out. 2021.

VIEIRA, kauê. **40% das mulheres vítimas de agressões físicas e verbais são evangélicas**. 2018. Disponível em <<https://www.hypeness.com.br/2018/03/40-das-mulheres-vitimas-de-agressoes-fisicas-e-verbais-sao-evangelicas/>> Acesso em: 03 abri. 2022.

VILHENA, Valéria Cristina. **Pela Voz das Mulheres**: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher - Casa Sofia. 2009. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jsp/ui/handle/tede/529>>. Acesso em: 14 set. 2022.

WATCH. Escola femininas. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/comunidade-premium-dra-brizia-lacerda/N7593442B>. Acesso em: 06 abr. 2021.

WILKER, L. In TANNURE, Helena. Pílulas para Elas: “Submissão... a necessidade dos homens”. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz-9-fBiGW8>. Acesso em: 03 jul. 2021.

WOLFF, Elias. Ordenação de mulheres no debate teológico no brasil: questões para a igreja “casa de todos/as”, 2017. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/863>. Acesso em: 21 mar. 2021.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Por que mulheres não podem ser pastoras?. 2021. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/blog/cirozibordi/apologetica-crista/134/por-que-mulheres-nao-podem-ser-pastoras.html>. Acesso em: 21 mai. 2021.

REFERÊNCIAS BÍBLICAS

BÍBLIA, Antigo Testamento. Gênesis. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Velho Testamento. Malaquias. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. 1 Coríntios. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. de Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. Lucas. In: ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal (revista e corrigida). Tradução de Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. Romanos. In: ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. Efésios. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. 1 Pedro. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. 2Tito. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. Atos dos Apóstolos. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. João. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. Timóteo. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. de Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Velho Testamento. II Samuel. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. de Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Velho Testamento. Salmo. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. de Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Velho Testamento. Provérbios. IN. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. de Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. Mateus. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. de Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. Lucas. In. ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo**: aplicação pessoal. Trad. de Carla Mary Ribas e Degmar Ribas Junior. Brasil: CPAD, 1995.

BÍBLIA, Novo Testamento. Atos I. Disponível em: <https://cutt.ly/5xK9POa>. Acesso em: 8 mar. 2021.

BÍBLIA Online. Gênesis 3. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>. Acesso em: 16 fev. 2021.

BÍBLIA ONLINE, Mateus 19: 6. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus_19_6-9/ Acesso em: 23 de jan. 2021

BÍBLIAON. Gênesis 2. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/2>. Acesso em: 21 fev. 2021.

BÍBLIAON, Gênesis, 2. Disponível em: <https://bityli.com/165ha>. Acesso em: 03 abr. 2022.

BÍBLIAON. Gênesis 3. Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_3/. Acesso em: 21 fev. 2021.

BÍBLIAONLINE. ATOS 5:29-32 Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/atos/5>. Acesso em: 08 maio 2022.

BÍBLIAON. Colossenses 3. Disponível em: https://www.bibliaon.com/colossenses_3/. Acesso em: 21 fev. 2021.

BÍBLIAON. Mateus 19. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/mateus_19_2-9/ Acesso em: 03 ago. 2020.

BÍBLIAON. Mateus 5. Disponível em: https://www.bibliaon.com/mateus_5/. Acesso em: 13 fev. 2021.

BÍBLIAON, Mateus 5:3-10. Disponível em: https://www.bibliaon.com/bem_aventurado/ Acesso em: 11 de abril, 2020.

BÍBLIAON. Hebreus 13. Disponível em: https://www.bibliaon.com/hebreus_13/. Acesso em: 13 fev. 2011.

BÍBLIAON. 1 Pedro 3. Disponível em: https://www.bibliaon.com/1_pedro_3/. Acesso em: 13 fev. 2011.

BÍBLIAON. 1 Pedro 3: 7. Disponível em: https://www.bibliaon.com/1_pedro_3/. Acesso em: 13 fev. 2011.

BÍBLIAON. 1 Pedro 3: 3-5. Disponível em: https://www.bibliaon.com/1_pedro_3/. Acesso em: 13 fev. 2011.

BÍBLIAON. 1 PEDRO 3. Disponível em: https://www.bibliaoncom/versiculo/1_pedro_3_3-5/. Acesso em: 13 out. 2021.

BÍBLIAON. Tiago 4. Disponível em: https://www.bibliaon.com/tiago_4/. Acesso em: 21 fev. 2021.

BÍBLIAON. 1 Coríntios. Disponível em: https://www.bibliaon.com/1_corintios_14/. Acesso em: 29 maio 2021.

BÍBLIAON. Apocalipse 22. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/apocalipse_22_15/. Acesso em: 19 out. 2021.

BÍBLIAON. I Samuel,15. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/1_samuel_15_23/. Acesso em: 21 dez. 2021

BÍBLIAON. I Samuel, 25. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1sm/25> Acesso em: 03 jan. 2022.

BÍBLIAON, Lucas, 9: 24. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/16/24-27>. Acesso em: 07 ag. 2022.

BÍBLIAON, Lucas, 6:29). Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/lucas_6_29/. Acesso em: 24 jan. 2022.

REFERÊNCIAS TANNURE

TANNURE, Helena. Construindo um casamento saudável. 2018. Vídeo (54 min). Disponível em: <https://cutt.ly/ZxK3eU8>. Acesso em: 25 mar. 2020.

TANNURE, Helena. Escola Fémininas. Disponível em: <https://pay.hotmart.com/N7593442B?off=k5djlw6p&checkoutMode=10&bid=1616025191073>. Acesso em: 06 abr. 2021.

TANNURE, Helena. *Facebook*. Disponível em: <https://url.gratis/zGBb9>. Acesso em: 6 abr. 2021.

TANNURE, Helena. *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/htannure/?hl=pt-br>. Acesso em: 06 abr. 2021.

TANNURE, Helena. O papel das mulheres nos tempos modernos. 2018. Vídeo (1h24 min). Disponível em: <https://cutt.ly/8xK3ubA>. Acesso em: 25 jan. de 2020.

TANNURE, Helena. Postagem E1 - O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EfYR_dHfVpY. Acesso em: 25 jan. 2020.

TANNURE, Helena. Postagem E2 - O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EfYR_dHfVpY. Acesso em: 25 jan. 2020.

TANNURE, Helena. Postagem E6 - O papel das mulheres nos tempos modernos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EfYR_dHfVpY. Acesso em: 25 jan. 2020.

TANNURE, Helena. Palavra para a mulher que sofre abuso do marido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zld4m9H1Ln4&t=476s>. Acesso em: 13 abr. 2020.

TANNURE, Helena. Pílulas para Elas: Submissão...a necessidade dos homens. Youtube (4min.23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cz-9-fBiGW8>. Acesso em: 03 jul. 2021.

TANNURE, Helena. Haja o que houver, perdoe. 2016. Vídeo (2min55s) Disponível em: <https://url.gratis/S8DH2> Acesso em: 28 dez. 2019.

TANNURE, Helena. Helena Tannure lança *e-commerce* da “República das Saias”, marca exclusiva para o público feminino. 2018. 1 vídeo (12m04s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5r_hOhzRKIU. Acesso em: 16 de abr. 2021.

TANNURE, Helena. Quando devo pedir o divórcio? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vnlrGokoa6w>. Acesso em: 11 fev. 2020.

TANNURE, Helena. Site Oficial. Disponível em: <http://helenatannure.com/new/>. Acesso em: 03 dez. 2019.

TANNURE, Helena. Para vencer as batalhas precisamos de Jejum e Oração! YouTube. Disponível em: <TANNURE: <https://www.youtube.com/watch?v=cGYBUivVlvM>> Acesso em: 28 dez. 2019.

TANNURE, João Lúcio. *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/joaoltannure/?hl=pt> Acesso em: 11 maio 2021.

TANNURE, Helena. Palavra na Loja Móvel da República das Saias! YouTube. 2018. Vídeo (13m06s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHagAxVJle0>. Acesso em: 04 jan. 2021.

TANNURE, Helena. Pílulas para elas. 2019. Vídeo (3m20s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1640__cH14w&list=PL_n953GDK-N_-R0XtlljY1Hrc5duuZlt2&index=4). Acesso em: 22 maio 2021.

TANNURE, Helena. Pílulas para eles. 2019. Vídeo (3m19s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nT0Y2X1xX6M&list=PL_n953GDK-N8g3DoG8HMeC6rraht0lsH&index=4). Acesso em: 22 maio 2021.

REFERÊNCIAS YOUTUBE

YOUTUBE. Edir Macedo diz que a mulher não deve estudar. Youtube (8min.23s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EZs59KInUnQ>. Acesso em: 27 jun. 2021.

YOUTUBE. Anúncio online do aplicativo “Glorify”: use bem as ferramentas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cD3dzFVkf20>. Acesso em: 29 mar. 2021.

YOUTUBE. Helena Tannure lança e commerce da “República das Saias”, marca exclusiva para o público feminino. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5r_hOhzRKIU. Acesso em: 16 abr. 2021.

YOUTUBE. Helena Tannure Oficial: *playlists*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/HelenaTannure/playlists>. Acesso em: 22 maio. 2021.

YOUTUBE. Helena Tannure Oficial. Disponível em: <https://url.gratis/m4fNz>. Acesso em: 06 abr. 2021.